ROSEMARI GLATZ





ROSEMARI GLATZ





Apoio



Patrocínio

Lei **Aldir Blanc** no Médio Vale do Itajaí





SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO



Projeto viabilizado por meio da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc (Lei nº 14.017/2020) no município de Brusque

O Voo da Águia - 150 anos de imigração polonesa no Brasil

Copyright © 2021 by Rosemari Glatz

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio ou forma, sem a prévia autorização da autora. Citações com a devida identificação da fonte são permitidas.

Design, Projeto Gráfico e editoração: Celso Deucher

Tratamento de imagens: Sérgio Deucher

Foto da autora: Marcele Catherine Frainer

Gravuras: Francine Cavalheiro Carbonera

Revisão geral: Francisco Daniel Imhof

Revisão ortográfica: Sarah Beatriz Frainer

Fotografias: Centro Universitário de Brusque UNIFEBE, Fundação José Walendowsky, Sociedade Amigos de Brusque e de Apoio ao Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim – SAB/Casa de Brusque, Rosemari Glatz

Primeira edição - janeiro de 2021

Glatz, Rosemari.

O Voo da Águia : 150 anos de imigração polonesa no Brasil /

Rosemari Glatz. - Brusque: Ed. UNIFEBE, 2021.

320 p.: il. color.

ISBN 978-65-86346-12-1

1. Imigração polonesa - Brasil. I. Título.

CDD 325.10981

Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária - CRB 14/727















Para Deus, gratidão que não cabe em palavras.

Para minha Família,
Pilares da minha existência
Com amor, reconhecimento e admiração.
Pois quando a gente ama muito, muito alguém como eu amo vocês
Quer repartir as conquistas
Como esse grande voo que é a publicação de um livro.

E também para você Lembrando que as linhas dizem, Mas que as entrelinhas sopram coisinhas secretas no coração de cada um...





O VOO DA ÁGUIA:

150 anos de imigração polonesa no Brasil

Escolher o título de um livro é tão complexo como dar nome a um filho. Além disso, precisa ser direto, claro e expressar o sentido da obra em poucas palavras. Foi com estas diretrizes em mente que escolhi o nome "O VOO DA ÁGUIA: 150 anos de imigração polonesa no Brasil" para este livro.

A escolha da primeira parte se deu em função de dois fatores: (1) a águia é usada como símbolo heráldico da Polônia desde 1295, quando uma grande águia branca, com os dizeres "Deus devolveu aos poloneses os símbolos da vitória" (Bóg przywrócił Polakom zwycięskie znaki), foi cunhada em um sinete usado na coroação do rei Przemysł II; (2) a águia é o símbolo da renovação, e a Polônia é puro exemplo de resiliência, superação e renovação.

Existe uma lenda sobre a águia que diz que quando ela chega à metade da existência, por volta dos 35-40 anos de vida, seu bico e suas unhas estão enfraquecidos e gastos, e as penas muito pesadas, dificultando o voo. Se quiser sobreviver, ela precisa encarar a dor da superação e da renovação. A águia, então, voa até uma fenda no alto de um penhasco e faz um ninho onde possa se abrigar com segurança para viver o ciclo da renovação. E inicia um verdadeiro ritual de renascimento. A águia bate o velho bico nas pedras até arrancá-lo e espera nascer um novo. Com o novo bico, a águia arranca as velhas unhas. Depois que novas unhas surgem, usa-as, juntamente com o novo bico, para arrancar as velhas penas. Durante o processo de renovação, que leva, em média, 150 dias, a águia é alimentada por outras do seu grupo. Concluído o ciclo, a águia, com as forças e capacidades reconstruídas, retoma o vitorioso voo livre da vida, o "voo da águia".

E, na minha opinião, assim também aconteceu com o povo polonês, que, com muita fé em Deus e resiliência, jamais desistiu de lutar pela liberdade da Polônia. Nem mesmo durante os 123 anos em que a Polônia desapareceu do mapa político mundial de onde ressurgiu, renovada, em 1918, o povo polonês desistiu de lutar pela sua independência. E essa resiliência, capacidade de superação e renovação também é característica dos poloneses que emigraram para o Brasil e dos seus descendentes.

A segunda parte do nome do livro esteve presente desde a sua concepção. Era o tema-chave, uma vez que o livro foi planejado para ser um marco da comemoração dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil, que começou por Brusque (SC), em 1869. E assim se explica a escolha do nome do livro: uma obra que serve como subsídio para a compreensão da história da Polônia, e também da história de Brusque e de Santa Catarina.



Sumário

	12	CONCEPÇÃO
I	14	Apresentação da obra
	23	HISTÓRIA
II	24	Síntese Histórica da Polônia
III	41	Stare Siołkowice Alta Silésia
	43	Crise econômica e a liberação da emigração polaca
	45	Resumo cronológico da história da Silésia
	49	Stare Siołkowice
IV	55	Da Polônia para o Brasil
	57	Brusque: Berço da Imigração Polonesa no Brasil
	61	Victoria: o veleiro que trouxe o primeiro grupo de imigrantes polacos
	63	A instalação dos imigrantes poloneses em Brusque
	65	O marco da chegada dos poloneses em Brusque e no Brasil
	67	A transmigração dos poloneses de Brusque para Curitiba
V	71	Tecelões poloneses em Brusque
	72	Tecelões poloneses e a transformação da Brusque
	73	colonial para a Brusque industrial
	76	Febre imigratória brasileira
	78	Os "tecelões de Łódź"
	80	Os Tecelões de Łódź na História de Brusque
	78	Alguns sobrenomes de tecelões que impulsionaram
		a indústria têxtil em Brusque
	81	A busca por um investidor e o início da indústria têxtil em Brusque
	83	Um pouco sobre os tecelões de Łódź

	84	Os primeiros teares
	85	O operário trabalhador do campo
	86	Os primeiros anos e a produção inicial de artigos têxteis
	88	A primeira indústria de fiação
	89	A importância da mulher na indústria têxtil
	90	A tinturaria vem completar o processo
	91	Gustav Schlösser: o tecelão de Łódź empregado que
		passa a ser empresário
	92	A consolidação da Brusque industrial pelas mãos
		dos tecelões de Łódź
VI	95	Arte cemiterial
	97	Arte cemiterial e representações culturais polonesas em cemitérios
	99	Cemitérios na Polônia Cracóvia: Santuário Centro João Paulo I
	100	Cracóvia: Cemitério de guerra em Łagiewniki
	102	Zakopane: Cemitério Nacional Pęksowy Brzyzek
	105	Cemitério de Tomaszów Mazowiecki
	107	Cemitério de Kulice, Pomerânia, Polônia
	110	Cemitérios catarinenses: uma pequena amostra da imigração polonesa
	111	São Bento do Sul: Cemitério de Rio Vermelho Povoado
	112	Indaial: dois cemitérios dos polacos
	113	Itaiópolis: cemitério dos polacos em Alto Paraguaçu
	114	Brusque: cemitério da Comunidade Evangélica Luterana do centro
	117	Botuverá: cemitério dos polacos em Lageado
	127	Morte vivenciada e o presente iluminando o passado



	129	LEGADOS
VII	130	Colonização polaca em Santa Catarina
	133	Blumenau - Treze de Maio Alto
	135	Canoinhas
	137	Criciúma
	153	Indaial
	157	Itaiópolis
	163	Mafra
	165	Massaranduba
	169	São Bento do Sul
VIII	177	Festejos brusquenses dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil
	182	Fundação José Walendowsky
	183	Mostra fotográfica: "Brusque, berço da imigração polonesa no Brasil"
	184	Lançamento de livros para e sobre os polacos
	185	Procissão memorial no Cemitério Parque da Saudade de Brusque
	186	Praça Imigrantes da Polônia
	190	Banda Wołosatki, da Polônia
	191	Missa em Ação de Graças
	192	Selo comemorativo dos 150 anos da imigração polonesa
	194	Coro UNIFEBE - Espetáculo Teares que cantam e encantam
	195	Homenagens nos festejos dos 150 anos da imigração polonesa
	196	Programação final dos festejos
	197	17ª edição do Natal Solidário
	198	Cantata de Natal UNIFEBE
	199	Dia estadual e municipal da imigração polonesa: 25 de agosto



	204	RELATOS E RETRATOS
IX		Lugares de origem dos antepassados
121	210	Pomerânia
	224	Luboszyce e a cidade gêmea germano-polonesa Guben/Gubin
X	246	Cidades e lugares turísticos
	249	Wadowice – terra natal do Papa João Paulo I
	255	Cracóvia Santuário Centro João Paulo I
	260	Wieliczka Mina de Sal
XI		Auschwitz
	267	A morte não tem a última palavra
	270	Minha experiência
	276	Um "parêntese"
XII	280	Costumes e Tradições
All	282	Páscoa na Polônia
	202	Tascott ha Fotoma
		111/11/11
Elita Charles		Description of the second of t
	000	
SO WHILE A		
	M. A. William	
	/ VA	
W		

	288	Natal na Polônia
	296	Szopki Krakowskie - Presépios de Cracóvia
	299	Tradição do fermento natural de pão
XIII	305	Impressões e dicas pessoais sobre a Polônia
	306	Como se comunicar
	307	Moeda: Złoty (PLN)
	308	Religiosidade
	310	A Polônia é repleta de igrejas
	312	Rota Aberta da Arquitetura de Madeira
	314	Frédéric Chopin
	315	Vodca - bebida nacional da Polônia
	316	Agradecimentos
	318	Currículo da Autora
	320	Mensagem final

Cracóvia, Polônia, 2019







I Apresentação da Obra

Prezado leitor,

Este livro foi planejado e escrito com muito carinho e dedicação. Foram anos de trabalho que envolveram pesquisas em livros, publicações diversas, entrevistas, participação em eventos, viagens à Polônia e a dezenas de cidades catarinenses. Inicialmente, "O Voo da Águia: 150 anos de imigração polonesa no Brasil", seria um livro mais modesto e se propunha a trazer os principais elementos dessa trajetória. A proposta era que estivesse pronto para ser lançado durante os festejos dos 150 anos de imigração polonesa para o Brasil, que começou por Brusque em 1869. No entanto, o livro foi "tomando corpo", e deixar o livro pronto para lançamento em agosto de 2019 se mostrou inviável.

À medida que desenvolvia as pesquisas, eu me deparava com a necessidade de pesquisar mais e mais. Não foi tarefa fácil compreender a síntese da história da Polônia e as razões que motivaram os poloneses a emigrar. E, sem compreender, me sentia incapacitada para escrever a respeito. Por isso, viajei duas vezes à Polônia e conheci alguns lugares de especial significado. Vi a sua gente, as suas cores, contemplei sua arquitetura. Saboreei a sua gastronomia, presenciei seus costumes e sua fé. Foram excelentes experiências que "abriram a minha mente" e eu super recomendo incluir uma ou mais viagens à Polônia nos seus projetos de vida. Se for, reserve vários dias, pois há muita coisa para conhecer e experimentar. Eu, pessoalmente, pretendo voltar lá muitas vezes.

A outra etapa da pesquisa se desenrolou em Santa Catarina. Meu propósito era expandir a apresentação para além de Brusque, cidade onde vivo e que conheço bem. Passei, então, a pesquisar acerca das cidades catarinenses que receberam imigrantes polacos, e são inúmeras! Visitei muitas (mas não todas) e escolhi algumas que, na minha opinião, representam uma amostra significativa o bastante para retratar a influência da imigração polonesa em Santa Catarina. As imagens que ilustram esse capítulo apresentam "o meu olhar" sobre os elementos que considero mais representativos em relação à influência polaca em cada uma das cidades apresentadas. Vale a pena conhecer todas elas. Na verdade, vale a pena conhecer todas as cidades catarinenses, pois todas são lindas e guardam as marcas das etnias que as colonizaram. E, para os que não conhecem Santa Catarina, recomendo conhecer: é um estado maravilhoso e tem a bela Florianópolis como capital, sendo um dos raros casos onde a capital não é a maior cidade. Faz divisa com os estados do Rio Grande do Sul e do Paraná, e também com a Argentina. Santa Catarina tem regiões de serra onde no inverno às vezes neva, e litoral com praias maravilhosas. Embora seja um estado pequeno, tem grande diversidade cultural e econômica, e ocupa o 3º lugar no



ranking nacional do IDHM (índice de desenvolvimento humano municipal), atrás apenas de São Paulo e do Distrito Federal.

Como a etapa de pesquisa se estendeu e eu não consegui finalizar o livro a tempo de lançá-lo para os festejos em comemoração aos 150 anos de imigração polonesa no Brasil, os próprios festejos passaram a integrar "O Voo da Águia: 150 anos de imigração polonesa no Brasil". É história fazendo história.

Concluída a etapa de pesquisas, estruturei o livro a partir de uma lógica didática, que se propõe a facilitar a leitura e compreensão. Dividi o livro em partes e em capítulos, começando pela parte histórica, baseada em diversas literaturas e finalizando com as minhas impressões e experiências pessoais na Polônia. Afinal, boas experiências devem ser compartilhadas!

A primeira parte denominei "Concepção", possuiu só um capítulo (este) e se destina à apresentação da obra e de como a pesquisa se desenvolveu.

A segunda parte denominei "História", e está dividida em cinco capítulos: Síntese histórica da Polônia; Stare Siołkowice, Alta Silésia; Da Polônia para o Brasil; Tecelões poloneses em Brusque e, por fim, Arte Cemiterial.

O capítulo dois, intitulado "Síntese histórica da Polônia", se propõe a auxiliar na compreensão da saga do povo polonês, suas lutas e superações ao longo de mais de mil anos de história. Neste sentido, uma linha do tempo resumida com datas e eventos mais importantes e que impactaram a história da Polônia encontra-se didaticamente apresentada, de forma sintética, em uma tabela. Ao final do capítulo são apresentadas algumas particularidades históricas da Polônia que merecem ser observadas para compreender as características do povo polonês.

O capítulo três, intitulado "Stare Siołkowice, Alta Silésia", remonta ao século XIX, quando a Polônia, sob o domínio dos impérios da Rússia, Prússia e Austro-Húngaro, sofria todo tipo de dificuldades provenientes da falta de independência e da exploração por parte dos opressores. Sem as reformas necessárias na área rural, com grandes latifúndios e excesso de mão de obra, graves problemas sociais começaram a surgir. Os movimentos em prol da independência provocaram mais represálias e fizeram com que muitos poloneses procurassem fugir do país. E uma das regiões de onde muitos emigraram foi a Silésia, e por isso no capítulo três é apresentado um resumo cronológico da história da Silésia. Por fim, o capítulo três aborda Stare Siołkowice, de onde emigrou o primeiro grupo de polacos para o Brasil, que chegou a Brusque em agosto de 1869, fazendo desta cidade o "Berço da Imigração Polonesa no Brasil". Esse grupo seguiu os passos do seu conterrâneo, Woś-Saporski, um "Silesiano de Opole" que, para evitar servir no exército prussiano, deixou a aldeia em 1867 e, ao longo da história, se consagrou como o "pai da imigração polonesa no Brasil".

O capítulo quatro, intitulado "Da Polônia para o Brasil", fala sobre a Colônia Itajahy-Brusque



(atual cidade de Brusque) e da chegada, em agosto de 1869, das 16 famílias polonesas que desembarcaram no porto de Itajaí, vindas de Stare Siołkowice, estimuladas por Woś-Saporski. Em cartas a familiares e parentes, Woś-Saporski encorajava seus compatriotas a sair da aldeia, descrevendo as possibilidades e os grandes benefícios da colonização no Brasil. O capítulo também apresenta dados técnicos sobre o Veleiro Vitória, que trouxe as primeiras famílias polonesas que chegaram em Brusque. O capítulo ainda mostra a correspondência datada de 31/08/1869, dirigida ao Vice-Presidente da Província de Santa Catarina, em que o Barão Friederich von Klitzing, Diretor da Colônia Itajahy-Brusque, menciona a chegada dos colonos de origem polaca em Brusque. O batizado do pequeno Estevão Sieniovski, nascido durante a viagem da Polônia para o Brasil, e o batizado da pequena Izabela Kokot, primeira polono-brasileira nascida em terras brusquenses, também são apresentados neste capítulo. E, ao final, um tópico específico sobre a transmigração dos poloneses de Brusque para Curitiba (Paraná) fecha o capítulo.

O capítulo cinco, intitulado "Tecelões poloneses em Brusque", aborda o início da história da cidade e em seguida evolui para a questão da febre imigratória brasileira, no final do século XIX, quando os poloneses realmente vieram para ficar em Brusque. Eram imigrantes especializados na indústria têxtil vindos da região de Łódź, que estavam resolvidos a exercer, também aqui, o ofício de tecelão, pois não estavam habituados ao trabalho na agricultura. Os "tecelões de Łódź", como são rememorados localmente os artesãos poloneses, foram os responsáveis pelo treinamento inicial da mão de obra em Brusque, orientada, até então, para o trabalho na lavoura. O início oficial da indústria têxtil em Brusque, capitaneado pelo industrial Carlos Renaux, data de 11 de março de 1892, quando os tecelões Franz Kreibich e Karl Gottlieb Petermann fizeram movimentar os primeiros teares. Passados trinta anos, ao final da Primeira Guerra Mundial, a transição da Brusque colonial à Brusque industrial se consolidou, marcando um tempo de grande prosperidade que segue até a atualidade.

Fechando a parte dois, o capítulo seis, intitulado "Arte Cemiterial", causou alguma estranheza para alguns, no entanto, os cemitérios são importantes fontes históricas e colaboram para a preservação da memória familiar e coletiva. Em algumas culturas, os túmulos e cemitérios são verdadeiras representações artísticas e possibilitam a compreensão de crenças religiosas, posturas políticas, revelam profissões e gostos artísticos da sociedade. E foi dentro desta perspectiva que o tema relacionado à arte cemiterial e suas representações culturais é apresentado ao leitor. Inicialmente são exibidas imagens e descrições de determinados cemitérios da Polônia, que tive a oportunidade de conhecer entre 2018 e 2019. Em seguida, apenas como uma amostra histórica, apresento alguns (poucos) cemitérios catarinenses que retratam traços da colonização polonesa e colaboram para a preservação da memória familiar e coletiva do imigrante polonês, dentre eles o cemitério da Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Brusque. E a parte final do capítulo traz um tópico descritivo sobre o lendário "Cemitério dos Polacos", localizado no município de Botuverá, desmembrado de Brusque em 1962 e onde, já em 1870, foram sepultados alguns dos primeiros colonizadores de origem polonesa que chegaram ao Brasil em 1869.

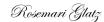


A terceira parte desta obra eu denominei "Legados", e ela possui dois capítulos: Colonização polaca em Santa Catarina e Festejos brusquenses dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil.

O capítulo sete, intitulado "Colonização polaca em Santa Catarina", apresenta, a título amostral (pois este livro não se propõe a apresentar todas as cidades de Santa Catarina que receberam imigrantes poloneses), informações de algumas cidades onde eles se instalaram: Blumenau, Canoinhas, Criciúma, Indaial, Itaiópolis, Mafra, Massaranduba e São Bento do Sul. Cumpre destacar que, para a cidade de Brusque, foi destinado o capítulo 5. Ao apresentar informações de algumas cidades onde os polacos se instalaram, tive como propósito oferecer um panorama geral do legado que a colonização polonesa imprimiu em Santa Catarina. Neste sentido, o capítulo apresenta elementos e manifestações que destacam o rico legado cultural que os imigrantes nos deixaram, tais como a culinária, a religiosidade, a arquitetura e grupos folclóricos. A título de curiosidade, são abordados costumes já em desuso, como os casamentos que duravam três dias e usos, como os carroções que foram muito utilizados pelos poloneses. O capítulo aborda, também, as dificuldades iniciais dos imigrantes em solo brasileiro e sobre as lágrimas derramadas. E, por sua relevância histórica e seus impactos funestos, a política nacionalista de Vargas e seus efeitos sobre a educação e a cultura polonesa também são abordados.

O capítulo oito, intitulado "Festejos brusquenses dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil", apresenta uma síntese da extensa programação com atrações culturais, organizados pela Fundação José Walendowsky, que aconteceram todas em Brusque. A programação teve início no dia 11 de agosto de 2019, com o lançamento da Mostra Fotográfica: "Brusque: Berço da Imigração Polonesa no Brasil". As demais festividades aconteceram entre os dias 23 e 25 de agosto, com o lançamento de livros, inauguração da Praça Imigrantes da Polônia e descerramento dos marcos dos 150 anos da Imigração Polonesa no Brasil. Também houve uma procissão memorial, que culminou com o depósito, no Cemitério Parque da Saudade, de uma coroa de flores aos pioneiros e seus descendentes falecidos. Apresentações de vários grupos folclóricos, e um show internacional com a Banda Wołosatki integraram os festejos. O capítulo também apresenta o ponto alto da programação dos festejos, que no dia 25 iniciou com uma Missa de Ação de Graças, seguido do lançamento do Selo comemorativo dos 150 anos da imigração polonesa no Brasil e diversas homenagens. O Coro do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE apresentou o espetáculo "Teares que Cantam e Encantam", preparado especialmente para o evento. Coube à UNIFEBE fechar as comemorações dos 150 anos de Imigração Polonesa no Brasil e, neste sentido, ofereceu à comunidade mais três programações alusivas à data: participação do Desfile de Natal na cidade de Guabiruba, representando a Polônia, que também foi o tema da decoração da Instituição para os festejos de Natal e, por fim, algumas canções polonesas foram apresentadas na Cantata de Natal. Tudo isso, e muito mais, está descrito e ilustrado com fotografias no capítulo oito, um verdadeiro registro histórico!

A quarta e última parte denominei "Relatos e Retratos", e nela apresento minhas impressões e experiências pessoais sobre a Polônia. Nesta parte, são apresentados temas como: Pomerânia e Luboszyce, regiões de onde emigraram alguns dos meus antepassados paternos; Wadowice, terra



natal do Papa João Paulo II; o Santuário Centro João Paulo II, em Cracóvia (lindíssimo!); a Mina de Sal de Wieliczka; Páscoa e Natal na Polônia; fermento natural de pão sobrevive por mais de 100 anos na Polônia. Nesta parte, face a sua relevância histórica para a humanidade, apresento um pouco sobre minha experiência em Auschwitz. E, por fim, algo muito particular sobre as minhas impressões e dicas pessoais, tal como se comunicar numa viagem à Polônia e a moeda polonesa, o Złoty. Em seguida, abordo questões relacionadas à religiosidade do povo polonês e avanço para a temática relacionada às lindas e inúmeras igrejas que encontramos na Polônia. Outro ponto que apresento é a Rota Aberta da Arquitetura de Madeira, oportunidade única de contemplar algumas igrejas e mansões, edificadas em madeira, cuja visitação normalmente é inacessível. E não dá para falar da Polônia sem mencionar o polaco Frédéric Chopin, considerado um dos melhores e mais reconhecido pianista da história da música e orgulho dos poloneses. E, para concluir, uma breve referência à Vodca, bebida nacional da Polônia que, na minha opinião, é quase como o cafezinho preto no Brasil.

Tudo isso e muito mais você encontra neste livro, ricamente ilustrado com mapas, imagens, gravuras e fotografias. Espero que você aprecie a leitura e também "a viagem"!

Rosemari Glatz Autora









II Síntese histórica da Polônia



Na Polônia, papoulas vermelhas representam batalhas e militarismo

Para os poloneses, o ano mais importante em sua história foi 966, considerado como o início do Estado, o batismo da Polônia, o marco da formação da comunidade que hoje é uma nação. Foi neste ano que Mieszko I, governante de então, foi batizado e se converteu ao cristianismo. Apesar da importância do

ano 966, o Reino da Polônia foi fundado oficialmente apenas em 1025.

Em relação à origem do nome do país, de acordo com o Consulado Geral da Polônia em Curitiba, o nome da Polônia é originário da tribo dos Polanos (Polanie), e significa "pessoas que cultivam a terra".

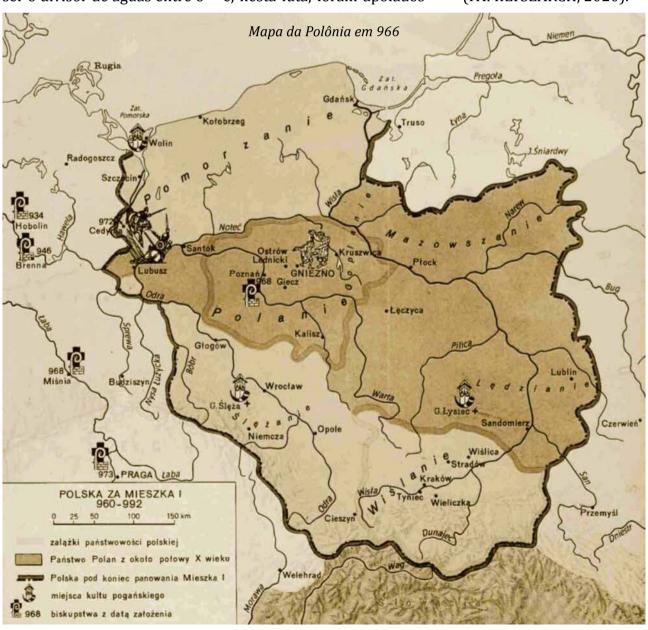
Ao longo da sua história, encontramos a influência de dois povos que, com mundos culturais, étnicos e religiosos distintos, influenciaram a modelagem da Polônia nos últimos séculos: o germano e o eslavo. Ao oeste e ao norte da Polônia, território das antigas tribos germânicas, encontravam-se os prussianos,

os saxões e os suecos de fé luterana; ao sul, os austríacos católicos. Ao leste, habitavam os russos de fé cristã ortodoxa. Para agravar sua delicada posição estratégica, a partir do século XVI, ao sul, avolumou-se a presença do Império Turco Otomano.

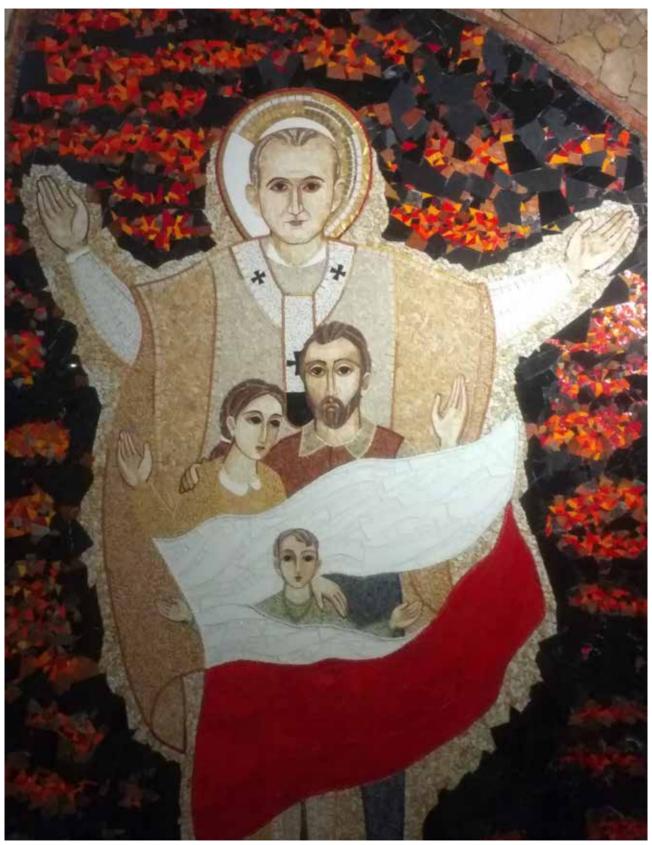
O fato de a Polônia se situar a meio caminho entre o oeste e o leste, sentindo-se ameaçada por ambos, e de também ser o divisor de águas entre o Sacro Império Romano-Germano ao Ocidente, do Czarado de Moscou ao Oriente, tendo ainda por perto a presença do Sultão de Istambul nos seus limites meridionais, é uma explicação plausível ao fiel abraço dos poloneses à sua fé na religião cristã e à sua lealdade a Roma. Os polacos desenvolveram a habilidade de auto-organização na esfera política e educacional e, nesta luta, foram apoiados

por vários sacerdotes, consolidando o papel especial da Igreja Católica na história da Polônia. Os poloneses, convertidos ao cristianismo no século X, firmaram-se entre os mais ardorosos seguidores do catolicismo do Leste Europeu, situação que, com o tempo, provocou a simbiose entre a nacionalidade e a religião: um verdadeiro polonês tinha de ser católico.

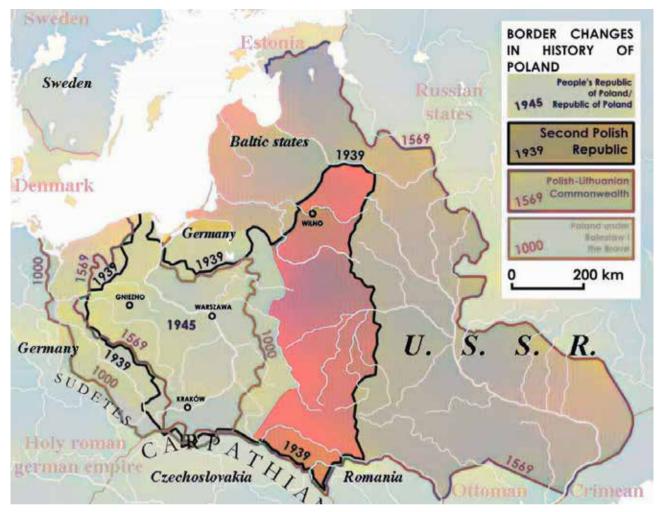
(FAMILYSEARCH, 2020).







A Igreja Católica teve papel especial na consolidação da Polônia



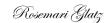
Mapa representando as três partilhas da Polônia

Desde a sua constituição, em 966, os poloneses vivenciaram muitas mudanças políticas e territoriais. A situação geográfica da Polônia, fragilizada por ser um país de extensas planícies e destituída de proteções naturais, modelou a vida e a história do país nos últimos séculos. Quando seus vizinhos estavam em paz entre si, tendiam a partilhar o território polonês entre eles; quando estavam em guerra, faziam a guerra sobre as ter-

ras polonesas.

As constantes disputas que envolveram o país durante séculos fizeram com que, em 1795, a Polônia desaparecesse do mapa político da Europa. Todo o território polaco permaneceu dividido entre os Impérios Austro-Húngaro, da Prússia e da Rússia durante 123 anos. Ao longo destes anos, houve várias tentativas militares e políticas dos poloneses para romper com a opressão. Mesmo destituídos

de seu país e divididos entre seus invasores, os poloneses conseguiram manter as suas tradições, laços de cultura, identidade e valores que os guiaram por centenas de anos e continuam a guiá-los ainda hoje. E a resiliência do povo polonês moldou a sua essência cidadã e foi efetiva para a preservação da identidade da nação e essencial para a recuperação da independência da Polônia em 11 de novembro de 1918.



Para auxiliar na compreensão da saga do povo polonês, suas lutas e superações ao longo de mais de mil anos de história, uma linha do tempo resumida com datas e eventos mais importantes e que impactaram a sua história encontra-se sintetizada na tabela a seguir. O conteúdo não

é exaustivo e foi desenvolvido com base nas publicações apresentadas nas referências bibliográficas listadas ao final deste capítulo.

Ano Fatos de destaque na linha do tempo

500: Tribos eslavas se instalam na região que hoje é a Polônia.

966: Mieszko I (Mieczyslau I), da dinastia Piast e chefe dos polônios aceita o cristianismo, é batizado, e o ano de 966 passa a ser considerado o marco da formação da nação polonesa a partir da união de várias tribos descendentes de Lech. A Polônia tornou-se um Reino e passa a integrar o sistema político da Europa Central. Mieszko I passa a ter a mesma igualdade dos demais regentes europeus.

1025: Bolesław I, "o Bravo" (Bolesław Chrobry), foi coroado como o primeiro rei da Polônia. Ele era filho de Mieszko I.

1038: Casimiro I, "o Renovador" fez Cracóvia ser a capital da Polônia, condição que permaneceu entre 1038 a 1596, quando Sigismundo III Vasa fez de Varsóvia a nova capital.

1100: O rei Bolesław III divide a Polônia entre seus filhos: Vładisłau II, o Exilado; Bolesław IV, o Crespo; Mieszko III, o Velho, e Henrique de Sandomierz. Ao filho Casimiro II, o Justo, não foi atribuída nenhuma província. No século XII a Polônia se fragmentou em diversos Estados menores que posteriormente, em anos sucessivos, foram devastados pelos exércitos mongóis, em 1241, 1259 e 1287.

1253: Stanislav Kostka, "o Mártir", é o primeiro santo polonês a ser canonizado.

1291: Os polacos escolheram para o trono Venceslau da Boêmia, que se proclamou rei da Polônia em 1300. A Cracóvia, capital da Polônia, passou a depender da dinastia checa.

1320: A Polônia é reunificada quando Ladislau I tornou-se rei da Polônia. Seu filho, Kazimierz Wielki, mais conhecido como "Casimiro III, o Grande", é lembrado como um dos maiores reis polacos da história.

1333: Inicia o reinado de "Casimiro III, o Grande". Ele é considerado o verdadeiro unificador da Polônia e foi o último soberano polonês da antiga dinastia dos Piast. Em seus 37 anos de reinado, ele mais que duplicou o território do país. Iniciou importantes reformas administra-



tivas, judiciais e legislativas e incorporou a Galícia. Fundou várias cidades e concedeu autonomia aos governos locais. Construiu mais de cinquenta castelos e ajudou a edificar diversas igrejas. Morreu em um acidente de caça e, após sua morte, foi cognominado "o Grande".

1364: "Casimiro III, o Grande" funda a Universidade Jaguelônica. Localizada em Cracóvia, Polônia, está classificada dentre as universidades de elite da Europa. Foi fundada como Akademia Krakowska e desde então está entre as mais antigas universidades da Europa e do mundo, a segunda mais antiga da Europa Central.

1385: A Rainha Jadwiga (em português, Edviges), do Reino da Polônia se casa com o Grão-Duque Jagiełło, do Principado da Lituânia. Com o casamento, Polônia e Lituânia se aliam, e, mais tarde, esta união resulta na formação da República das Duas Nações. Entre 1386 e 1572, a dinastia Jaguelônica ocupou o poder e é considerada a dinastia mais importante da história da Polônia.

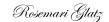
1410: Numa das maiores batalhas medievais, em Grunwald, o exército da União Polono-Lituana derrotou os Cavaleiros Teutônicos, que tentavam expandir seu poderio na região.

1493: Formou-se o parlamento geral para ambos os estados: Polônia e Lituânia. Na área política, a nobreza da Polônia, muito mais numerosa do que nos países da Europa Ocidental, se orgulhava de suas liberdades e de seu sistema político tipicamente polonês – a república nobiliária.

A Polônia expandiu ainda mais o seu vasto território e tornou-se o maior país da Europa e, naquele tempo, diferenciou-se de outros países pela sua tolerância religiosa. O fato de ter se tornado uma grande potência na Europa, levou a Polônia a várias guerras com a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos.

1543: O astrônomo polonês Nicolau Copérnico (Mikolaj Kopernik) escreveu a tese revolucionária sobre os movimentos dos corpos celestes, provando que é a Terra que gira em torno do Sol e não o contrário, como se acreditava na época.

1569: A União de Lublin foi um ato político, assinado em 1º de julho de 1569, em Lublin, Polônia, e transformou o Reino da Polônia e o Grão-Ducado da Lituânia em um único estado, a República das Duas Nações. A União de Lublin substituiu a união pessoal da Coroa do Reino da Polônia e do Grão-Ducado da Lituânia por uma união real e uma monarquia eletiva. A União é considerada um estágio evolutivo da aliança polaco-lituana, necessária devido à perigosa posição da Lituânia nas guerras com a Rússia. O território prosperou militar e economicamente, e o século XVI ficou conhecido como o "Século de Ouro". Entre 1569 e 1795, a República das Duas Nações foi governada por um único monarca eleito que continuou com as funções de



Rei polonês e Grão-duque da Lituânia governando juntamente com o Senado e o parlamento.

1582: O Reino da Polônia adotou o calendário gregoriano.

1596: O poder econômico polonês foi se deslocando, aos poucos, para Poznan, no norte do país, na busca de uma saída ao mar Báltico pela Pomerânia. Em 1596, o rei Sigismundo III Vasa transferiu a capital da Polônia, que até então era em Cracóvia, mais para o centro do país. Varsóvia passa a ser a capital da Polônia.

1648: Eclode a grande revolta dos Cossacos contra o poder polaco. Surgiram as revoltas pela distribuição de terras e poder, as chamadas "guerras cossacas". Bogdan Khmelnitski, um nobre polaco, derrotou e expulsou a dinastia Vasa. Com a queda da dinastia, o vazio de poder foi aproveitado pelos russos, que ocuparam o país.

1655 - 1660: Após a revolta dos Cossacos, foram os suecos que chegaram a ocupar toda a Polônia. Depois das guerras cossacas, a Polônia perdeu sua supremacia europeia e ficou arruinada. A Rússia anexou a Ucrânia, que até então era polaca. Houve uma pequena reação nacional polaca e nomearam João III rei do país, que passaria à história por vencer os turcos que sitiavam Viena. A recuperação da nação durou pouco. Alguns anos depois, começaria a divisão da Polônia.

1683: Viena foi libertada após estar sitiada por dois meses por tropas do exército do Império Otomano. A batalha foi vencida pelas forças polaco-austro-alemãs lideradas pelo rei polonês Jan III Sobieski, salvando a Europa das mãos do Império Otomano.

1772: O começo do século XVIII foi o período da mais profunda decadência do país, enfraquecido pelas guerras e disputas internas pelo poder. Com o passar dos anos, a nobreza polonesa, por meio de seu parlamento, passou a legislar em favor dos próprios interesses e retirar o poder do rei. Ocorreram cada vez mais divergências entre poloneses e lituanos, o que desestabilizou e enfraqueceu a República das Duas Nações. Em virtude de decisões equivocadas da nobreza e dos conflitos armados, o território da Polônia foi, aos poucos, partilhado entre os impérios da Prússia, Austro-Húngaro e da Rússia. Por esta partilha, a primeira das três partilhas que tirariam a Polônia do mapa político durante 123 anos, a República das Duas Nações (Polônia-Lituânia) perdeu cerca de 1/3 de seu território.

1791: Em 3 de maio de 1791 é proclamada a primeira Constituição da Polônia, a primeira constituição da Europa e a segunda do mundo. Foi considerado um significativo passo para a democracia e modernidade, provocando a oposição da Rússia.



1792: Os russos invadem Cracóvia e criam a Confederação de Targowica.

1793: Segunda Partilha da Polônia. A Polônia é invadida e a guerra resulta na segunda partilha, da qual a Áustria não participou. A Prússia anexou a Grã-Polônia, a Kuyavia, Torun e Gdansk. 42% do território polonês passaram para a Rússia (Livonia e Moldávia). Cracóvia passou às mãos russas até o ano de 1794.

1794: Tadeusz Kościuszko inicia uma rebelião fracassada de independência da Polônia. O "Levante de Kościuszko" uniu todas as classes sociais polonesas; pela primeira vez, houve o engajamento dos camponeses numa insurreição contra o Império Russo. O Levante obteve vitórias iniciais, mas, em seguida, teve de recuar diante da vantagem dos exércitos russo e prussiano. A insurreição foi suplantada no mesmo ano.

1795: Terceira Partilha da Polônia. A resistência polonesa foi esmagada e todo o território polaco foi dividido entre Rússia, Áustria e Prússia. À Rússia coube a área de 120.000 km² e 1,2 milhão de pessoas incluindo Vilnius, aos prussianos a área de 55.000 km² e 1 milhão de pessoas incluindo Varsóvia, aos austríacos 47.000 km² com 1,2 milhão de habitantes mais Lublin e Cracóvia. O Reino da Polônia deixou de existir. A terceira partição apagou a Polônia do mapa político da Europa até o final da Primeira Guerra Mundial. Durante os 123 anos de opressão, os poloneses empreenderam várias tentativas de recuperação da independência.

1797: Na Itália foram criadas as legiões polonesas, com a intenção de libertar a Polônia ao lado de Napoleão. No mesmo ano, o oficial destas Legiões, Józef Wybicky escreveu o hino polonês.

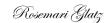
1806-1813: Era napoleônica. Em 1807, depois de derrotar a Prússia, Napoleão criou O Grande Ducado de Varsóvia, a partir de territórios anteriormente dominados pela Prússia e pela Áustria, ao qual Cracóvia se incorporou em 1809.

A Constituição do Ducado de Varsóvia, expressão do Código Napoleônico, estabeleceu:

- a) a igualdade de todos os cidadãos perante a lei;
- b) a abolição dos privilégios da nobreza;
- c) a abolição da servidão; e
- d) extensão dos direitos políticos aos nobres e aos burgueses.

1810: Nasce o pianista e compositor polonês Frederic Chopin (Fryderyk Franciszek Chopin). Ele se tornou conhecido como um dos maiores compositores para piano e um dos pianistas mais importantes da história.

1813: Os exércitos de Napoleão foram derrotados na Batalha de Waterloo, pondo fim ao Im-



pério Francês. O sonho de uma restauração da liberdade polonesa naufragou.

Depois da derrota de Napoleão, o Principado de Varsóvia deixou de existir, uma parte dele foi entregue à Prússia e do resto foi criado o Reino Polonês, sem soberania, vinculado à Rússia.

1815: O Congresso de Viena estabeleceu de novo a divisão da Polônia entre os austríacos, prussianos e russos.

Apenas Cracóvia se livrou da divisão e as potências europeias a reconheceram como "Cidade Livre de Cracóvia", que era um pequeno território e, formalmente, foi uma república independente até 1846.

1830: Em Varsóvia, eclodiu outra grande, mas fracassada insurreição pela independência. Outra insurreição aconteceu em 1863, mas também caiu.

1846: Uma insurreição na Cidade Livre de Cracóvia foi aproveitada pela Áustria para acabar com a pequena república e anexá-la de novo ao seu domínio. A Áustria incorpora a cidade de Cracóvia à província da Galícia.

1863-1865: A mais longa revolta polonesa contra a Rússia começou em janeiro de 1863, os últimos insurgentes foram capturados apenas em 1865 e a insurreição ficou conhecida, na história, como "Levante de Janeiro". Depois do fracasso da revolta, seguiram-se severas represálias. Pessoas foram executadas e milhares foram exilados na Sibéria. Ao todo, cerca de 70.000 pessoas, homens e mulheres, foram aprisionados e, posteriormente, enviados para fora da Polônia: para o interior da Rússia, para o Cáucaso, Urais e outras regiões. O governo confiscou todas as propriedades e fundos da igreja, fechou monastérios e conventos. Com exceção das instruções religiosas, todos os outros estudos nas escolas eram feitos no idioma russo. O russo se tornou a língua oficial do país, obrigatoriamente usado em todos os cargos do governo local e geral. Os vestígios da antiga autonomia polonesa foram removidos e o reinado foi dividido em dez províncias, cada uma com um governador militar russo designado e todas sob o completo controle do Governador-Geral de Varsóvia. Os antigos funcionários do governo foram destituídos de suas posições. O fracasso da insurreição pela independência resultou na maciça emigração dos perseguidos e oprimidos cidadãos poloneses: França, Estados Unidos e Brasil foram os principais destinos. Data desta época o início da emigração polonesa para o Brasil.

1869: Em agosto de 1869, Brusque (Santa Catarina) recebe o primeiro grupo organizado de imigrantes poloneses, o que faz de Brusque o "Berço da Imigração Polonesa no Brasil".

1890-1891: Emigração maciça de poloneses para o Brasil. O movimento ficou conhecido como "febre emigratória brasileira" e foi causado, principalmente, pela crescente superpopu-

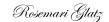


lação do campo e pelo agravamento dos problemas sociais e econômicos na Polônia. A maioria dos poloneses que emigraram eram originários dos territórios que, após as Partilhas da Polônia, couberam aos Impérios Russo e Austro-Húngaros e envolveu principalmente a população rural, com famílias e até aldeias inteiras emigrando.

1911: Marie Curie (Marie Skłodowska Curie), cientista polonesa, ganha o Prêmio Nobel de Química. Ela conduziu pesquisas pioneiras em todo o mundo no ramo da radioatividade e foi a primeira mulher a ser laureada com um Prêmio Nobel e a primeira pessoa e única mulher a ganhar o prêmio duas vezes.

1918: Durante a Primeira Guerra Mundial, os Aliados firmaram um acordo que favorecia a Polônia. As Legiões Polonesas, comandadas por Jósef Piłsudski, aliadas a ações diplomáticas, finalmente recuperaram a independência da Polônia em 11 de novembro de 1918, pouco depois do armistício alemão, e após 123 anos de domínio estrangeiro. O fim da Primeira Guerra Mundial finalmente trouxe a libertação da Polônia. Começou a fase histórica conhecida como Segunda República Polaca. Józef Piłsudski assumiu o poder e oficializou a independência. A jovem soberania fica ameaçada já um ano depois, quando a Rússia Soviética invade a Ucrânia e a Bielorrússia querendo exportar o comunismo para toda a Europa. Começa uma sangrenta guerra. Numa manobra militar do exército polonês, comandado por Józef Piłsudski, na batalha chamada de "O milagre do Vístula", o poderoso exército Vermelho foi desbaratado em 28 de agosto de 1920. Ainda ocorreu, porém, uma série de conflitos, em especial a Guerra Polaco-Soviética (1919-1921). A constituição de 1921 criou um sistema parlamentarista de gabinete. A República foi uma das poucas nações europeias que, já em 1918, concedeu totais direitos eleitorais às mulheres. Apesar das dificuldades, a recuperação do país foi boa no cenário pós-guerra e, depois do período da hiperinflação, foi possível criar uma moeda polonesa forte. Houve também um crescimento da população, que passou de 27 milhões em 1921 para 35 milhões em 1939. A Polônia tornou-se o maior país entre os países restabelecidos ou criados após a Primeira Guerra Mundial. Entretanto, apenas 69% da população era polonesa e as numerosas minorias nacionais se tornaram um dos problemas da República. Em maior número entre as minorias, estavam os ucranianos, que viviam nas voivodia do Sudeste, e os judeus, estes espalhados por toda a Polônia. Havia percentuais de bielorrussos e alemães. Durante todo o período entre as guerras, não foi possível desenvolver uma política estável em relação às minorias.

1919: O Tratado de Versalhes transformou Gdańsk, cuja população era predominantemente alemã, na "Cidade Livre de Gdańsk", independente da Alemanha e da Polônia, ficando sob o controle da Liga das Nações. Tinha como finalidade possibilitar à Polônia um acesso ao Mar Báltico pelo porto de Gdańsk e existiu entre 1920 a 1939, quando tem início a Segunda Guerra Mundial.



1933: Adolf Hitler assume o poder na Alemanha com explícitos planos expansionistas, o que implicava o reclamo dos territórios alemães cedidos à Polônia pelo Tratado de Versalhes.

1935: É promulgada a nova Constituição da República da Polônia, atribuindo ao Presidente da República o papel mais importante do governo. Quanto à política externa, a Polônia teve que lidar, sobretudo, com a vizinhança de dois grandes países: a União Soviética e a Alemanha.

A nação assumiu o princípio de distância equilibrada em relação às duas potências. Entendia que, pelas disparidades populacionais, econômicas e, finalmente, também militares - nos anos 1930 -, uma união mais próxima significaria perder sua soberania. Com ambas as nações - União Soviética e a Alemanha -, a Polônia firmou pacto de não agressão. Apesar de suas limitações econômicas, a nação polonesa, então, possuía um dos exércitos europeus mais resistentes. Mesmo assim, suas tropas eram numericamente bem inferiores às alemãs.

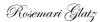
1939: Ocupação alemã. A invasão da Polônia pelos nazistas, no dia primeiro de setembro de 1939, marcou o início da Segunda Guerra Mundial. Abandonada pelos aliados, lutando novamente contra dois poderosos agressores (em 17 de setembro a União Soviética ataca a Polônia pelo leste), o país não resiste. Um acordo alemão-soviético divide o seu território. Durante o transcorrer da guerra, milhares de poloneses morreram. Uns, lutando nos exércitos aliados em diferentes frentes de guerra (na Noruega, na França, na Inglaterra, na África, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS, e na Itália), outros nos movimentos armados de resistência na Polônia. Milhões, a grande maioria judeus, mas também ciganos e outras minorias, foram exterminados em campos de concentração nazistas (Auschwitz-Birkenau, Treblinka, Sobibor, etc.). Milhares de militares poloneses foram aprisionados e assassinados pelos soviéticos, civis foram deportados para os campos de trabalho forçado tanto na Alemanha como na URSS.

Deu-se, paralelamente, um planejado massacre da elite polonesa, exterminando políticos, intelectuais, acadêmicos, professores, padres, oficiais superiores, líderes sindicais, etc., fazendo com que a Polônia, principal cenário da guerra, fosse uma das nações que, proporcionalmente, mais perdesse habitantes civis durante a Segunda Guerra Mundial.

1943: Judeus poloneses protagonizam um movimento armado de resistência na Polônia, denominado o Levante do Gueto de Varsóvia.

1944: Os soviéticos instalam no poder o partido comunista com um governo provisório na Polônia. Uma sangrenta ditadura começa e continua até a morte do líder soviético Stalin, em 1953.

1945: Depois da guerra, a Polônia cedeu seus territórios orientais para a União Soviética e



suas fronteiras ocidentais foram demarcadas pela Linha Oder-Neisse. Inicialmente, ela seguia os rios Oder e Neisse, mas desviou-se para oeste na sua parte norte, para que, deste modo, a Polônia obtivesse as cidades de Świnoujście e Stettin, estabelecendo, assim, suas fronteiras atuais. As novas fronteiras da Polônia abrigavam 11 milhões de cidadãos a menos, seu número havia diminuído de 35 milhões para 23,9 milhões. Grandes perdas foram sofridas especialmente pelas elites polonesas: 39% dos médicos, 30% dos cientistas e 28% do clero perderam a vida.

1947: O Partido Comunista ganha controle total do governo polonês em eleições controladas pelo Estado. A Polônia se tornou um Estado Satélite da União Soviética.

1952: A Polônia se torna uma república popular, segundo o modelo soviético. Os comunistas controlavam todas as esferas da vida da sociedade, baseando sua autoridade no terror e na propaganda. Muitas vezes os poloneses se revoltaram contra a ditadura. Nos anos seguintes, graças a maciços protestos de operários, intelectuais e estudantes ocorridos em 1956, 1968, 1970 e 1976, alguns direitos e mais soberania são conseguidos pelo povo.

1974: O polonês-americano Bobby Vinton, de "My Melody of Love", lidera as paradas de música pop.

1978: O cardeal polonês Karol Józef Wojtyła é eleito Pontífice pela Igreja Católica e assume como Papa João Paulo II. Wojtyła tornou-se o 264 º papa de acordo com a ordem cronológica da lista dos Papas e o primeiro papa não italiano em 455 anos.

1980: É criado o sindicato Solidariedade (Solidarnosc), uma federação sindical polaca fundada nos Estaleiros Lenin, em Gdańsk, com 10 milhões de membros, com Lech Wałęsa na liderança.

1981: O governo comunista chefiado por Wojciech Witold Jaruzelski decreta a lei marcial oprimindo o Solidarnosc.

1983: Lech Wałęsa recebe o Prêmio Nobel da Paz.

1989: Terceira República da Polônia. Chega-se às conversações da Mesa Redonda entre o governo e a oposição. Eram-lhe favoráveis a conjuntura internacional, a Perestroika na URSS e o apoio dos países ocidentais para as reformas na Polônia. O governo comunista polonês foi derrubado, é recuperada a liberdade política e a Polônia estabelece a democracia.

1990: O líder do Sindicato "Solidariedade", Lech Wałęsa, é eleito e empossado Presidente da



Polônia, na primeira eleição livre realizada do país. A chamada "cortina de ferro" era derrubada e surgiu então o primeiro governo não comunista nos países do bloco soviético. A Polônia tornava-se um país democrático.

1997: Referendo da Constituição da Polônia que havia sido proclamada em 1791. Elaborada com base na tese de Montesquieu, a Constituição polaca é tripartite, com a separação dos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário.

1999: Divisão político-administrativa na Polônia. A Polônia é dividida em 16 províncias, baseadas, essencialmente, nas regiões históricas do país.

2004: A Polônia entra na União Europeia.

Fontes: CONSULADO GERAL DA POLÔNIA EM CURITIBA (S/D); FAMILYSEARCH (2020); KAMINSKI E KORKUK (2017); PIEKAS (2018); POLÔNIA (2020); SILVA (1998); SZAREK (2017).



Retrato do astrônomo polonês Nicolau Copérnico que escreveu a tese revolucionária sobre os movimentos dos corpos celestes, provando que é a Terra que gira em torno do Sol

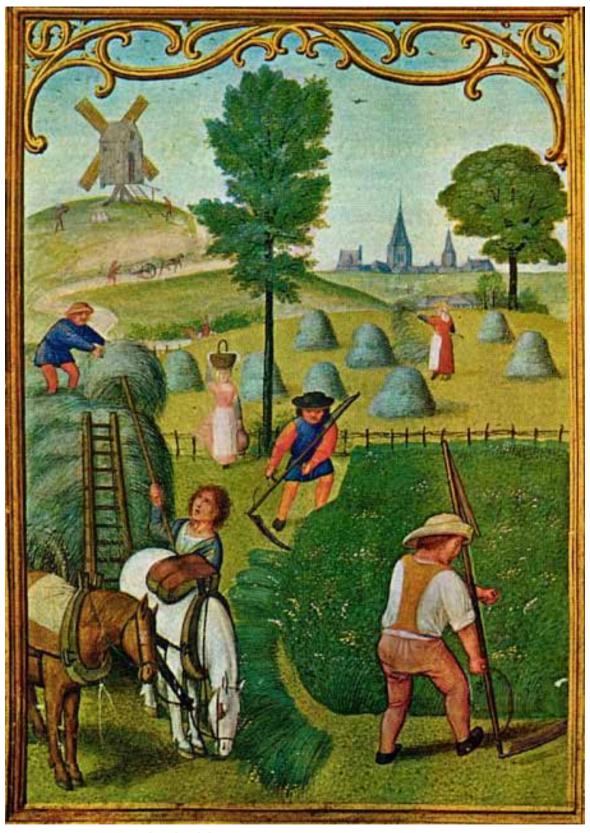


Mapa da Polônia atual

Apresentados os principais eventos históricos que impactaram na história polonesa, podemos avançar para a compreensão das questões que motivaram os poloneses a deixar o Continente Europeu em busca de melhores condições de vida e liberdade.

Esse processo de emigração ocorreu principalmente a partir da segunda metade do século XIX, quando a Polônia já não existia no mapa político da Europa, pois estava sob o domínio dos impérios da Rússia, da Prússia e Austro -Húngaro.





Servidão da gleba. Os camponeses pagavam suas prestações ao senhorio quase que exclusivamente com mão de obra.



A agricultura predominava na economia da Polônia

Algumas características históricas da Polônia merecem ser observadas para compreender as características do povo polonês (FAMILYSEARCH, 2020):

- Havia um predomínio absoluto da agricultura na economia do país;
- Somente os nobres é que podiam ter a propriedade da terra;
- A força de produção estava repartida entre a aldeia e a reserva senhorial;
- Havia barreiras institucionais que limitavam a mobilidade social e geográfica, conhecido como a servidão da gleba;
- Os camponeses pagavam suas prestações ao senhorio quase que exclusivamente com mão de obra;
- A atividade artesanal e industrial desenvolveu-se no âmbito da grande propriedade e sob o controle das corporações;
- Não havia nenhum limite jurídico às decisões tomadas pelos nobres no campo econômico;
- Havia forte propensão da nobreza ao consumo de luxo;
- Existiam regiões mais avançadas e mais acessíveis aos meios de transporte da época; e
- O Estado não intervinha no campo econômico.





Polônia 2019. Café cultural dentro de um shopping

REFERÊNCIAS

CONSULADO GERAL DA POLÔNIA EM CURITIBA. História: Polônia. S/D.

COPÉRNICO - https://muzeumslaskie.pl/pl/work/mikolaj-kopernik-mskpln285/

FAMILYSEARCH. Polônia, História. Disponível em: <:https://www.familysearch.org/wiki/pt/Pol%C3%B4nia,_Hist%C3%B3ria. Acesso em 15 de set. 2020.

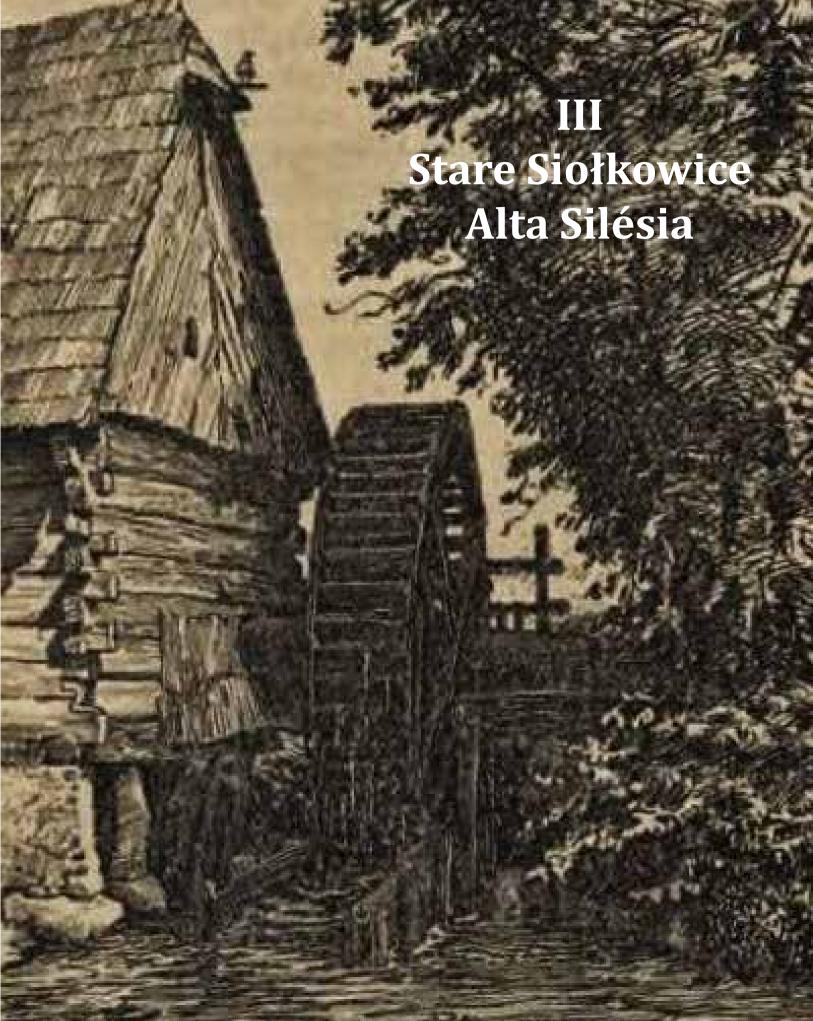
KAMINSKI, Łukasz. KORKUC, Maciej. Guia pela história da Polônia. Resenha crítica Prof. Ph.D. Wojciech Roszkowski Tradução Frederico Pawlowski. Varsóvia, Polônia, 2017.

PIEKAS, Mari Ines. Sebastião Edmundo Woś-Saporski - Pai da Imigração Polonesa no Brasil. VII Seminário Temático do Programa História e Memória Regional 150 Anos de Imigração Polonesa no Brasil. Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. Brusque, 24 de agosto de 2018.

POLÔNIA. https://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%B3nia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%B3nia. Acesso em 15 set. 2020.

SZAREK, Jarosław. Guia pela história da Polônia. Tradução Frederico Pawlowski. Centrum Poligrafii. Warszaw (Varsóvia), 2017.

SILVA, José Ferreira da. Blumenau em Cadernos, Tomo XXXIX, 1998.





Levante de Janeiro 1863-1864

Óleo sobre tela do artista Jan Matejko. Museu Nacional de Cracóvia, Polônia. O quadro retrata o momento após o malsucedido Levante, onde os poloneses aguardam transporte para a Sibéria. Oficiais e soldados russos supervisionam um ferreiro colocando algemas em uma mulher, que representa a Polônia. A jovem loira ao lado da mulher representa a Lituânia. **Fonte:** https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/91/Rok_1863_Polonia.IPG

No século XIX, a Polônia, sob o domínio dos impérios da Rússia, Prússia e Austro-Húngaro, sofria todo tipo de dificuldades provenientes da falta de independência e da exploração por parte dos opressores. Sem as reformas necessárias na área rural, com grandes latifúndios e excesso de mão de obra, graves

problemas sociais começaram a surgir. Os movimentos em prol da independência provocaram mais represálias e fizeram com que muitos poloneses procurassem fugir do país.

Piekas (2018) informa que o sangrento e malsucedido "Levante de Janeiro", que ocorreu nos anos 1863-1864, foi a mais longa insurreição polonesa contra a ocupação russa. Combatentes italianos, húngaros e franceses se aliaram aos revoltosos poloneses e até mesmo religiosos entraram para a resistência, mas dois anos depois o levante sucumbiu e foi seguido de severas represálias. Centenas de revoltosos foram executados,



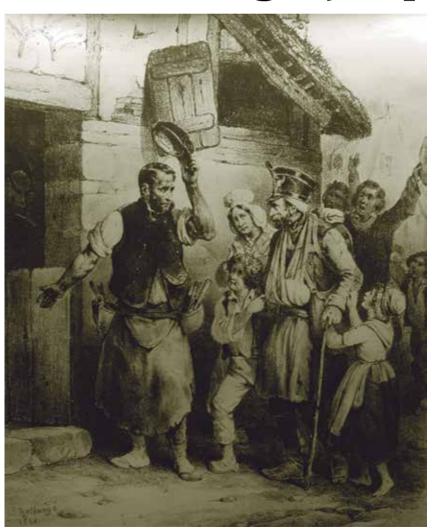
e milhares foram condenados e enviados para a Sibéria, na Rússia, para trabalhar em regime de escravidão.

Além disso, os impostos aumentaram, propriedades foram confiscadas, conventos e monastérios foram fechados. A região polaca ocupada pelo Império da Prússia também foi atingida por forte repressão.

Nas duas regiões ocupadas, a língua polonesa foi proibida nas escolas e na administração pública. O serviço militar tinha que ser cumprido nas forças armadas dos países ocupantes. A miséria, a fome e a falta de quaisquer

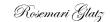
esperanças de mudança na vida dos mais pobres também foram fatores decisivos para a procura de uma nova "terra prometida". E, ao final do século XIX, a crise econômica generalizada na Europa, agravada pela Guerra da Crimeia, forçou os ocupantes a liberar a emigração de poloneses.

Crise econômica e a liberação da emigração polaca



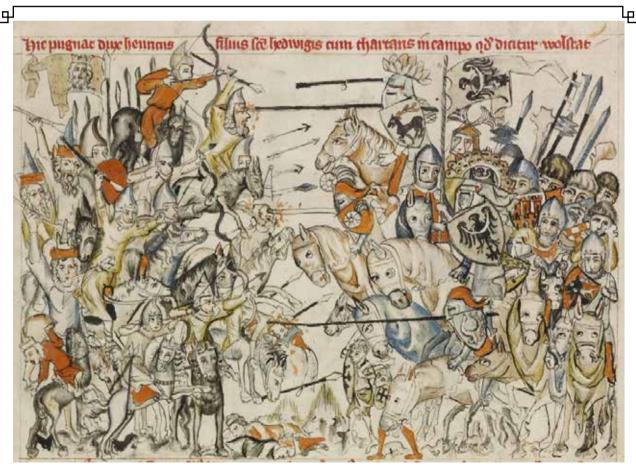
Nas últimas décadas do século XIX, a emigração ocorreu de forma massiva na região de Opole, apesar de as autoridades tentarem contê-la. Opole é a capital histórica da Alta Silésia, na Polônia e, no século XIX, estava ocupada pelo Império da Prússia. Muitos poloneses formalizaram o pedido de liberação da cidadania prussiana, justificando o pedido com a intenção de deixar a Prússia e se estabelecer no Brasil.

Depois de alguns dias, eles recebiam o chamado "Entlassungsschein" - que significa "passe livre" - para emigrarem para a América sonhada. No entanto, há notícias de que muitos também emigraram ilegalmente (SIOLKOWICE, 2019).



Ao mesmo tempo em que se desenrolava a crise econômica na Europa, o Brasil procurava colonizar suas enormes áreas de terra e estabelecer uma agricultura variada e relativamente moderna. Os imigrantes poloneses eram em sua maioria agricultores de caráter trabalhador e se encaixaram muito bem nas necessidades do país. E assim, em 1869, Brusque recebeu o primeiro grupo de polacos. Eles eram originários de Stare Siołkowice, localizada na Alta Silésia, sudeste da Silésia.

Silésia: a região de onde vieram os primeiros polacos que emigraram para Brusque



Representação da Batalha de Legnica onde morreu Henrique II

Henrique II foi morto na Batalha de Legnica quando seu exército de cavaleiros poloneses e alemães interrompeu uma invasão de mongóis que haviam devastado o país.



A Silésia (Śląsk, em polonês; Schlesien, em alemão) localiza-se no sudoeste da Polônia e ocupa uma grande parte da bacia do alto e do médio

Rio Oder, que flui de sudeste para noroeste.

A região é delimitada a sudoeste pelas montanhas Sudeten, ao sul pela região de Beskid, e a nordeste pelo platô de Cracóvia-Wielum. As principais cidades da região da Silésia são Wrocław e Katowice.

Resumo cronológico da história da Silésia

Até o século IX, a Silésia foi habitada esclusivamente por povos eslavos: Dziadoszanie e Bobrzanie no Norte, e Ślezanie (de quem recebeu o nome), Opolanie e Golensicowie no Sul. No século X, a dinastia tcheca dos Přemyslids e a dinastia polonesa dos Piasts contestaram o território. Entre 989 e 992, Mieszko I, príncipe da Polônia, conseguiu adquirir a região, suplantando Boleslaw, príncipe da Boêmia. Boleslaw I, "o Bravo", filho de Mieszko I, foi coroado como o primeiro rei da Polônia e consolidou essa posse ao fundar um bispado em 1000, com sede em Smogorzów e depois em Wrocław.

Em 1138, após a morte do rei polonês Boleslaw III, surgiu uma disputa sucessória que, em 1163, resultou na divisão da região. A parte noroeste passou a ser conhecida como Silésia, e a parte sudeste como Alta Silésia, cada uma governada por um príncipe Piast. E Stare Siołkowice,

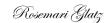
região de onde, séculos depois, emigrou o primeiro grupo de polacos para o Brasil - especificamente para Brusque -, fica na Alta Silésia.

Um terceiro principado da Silésia foi criado em 1203. Os príncipes subsequentes da Silésia (parte noroeste), Henrique I e seu filho Henrique II, tentaram reunir o território da Silésia, sem sucesso. Em 1241, Henrique II foi morto na Batalha de Legnica (Liegnitz), quando seu exército de cavaleiros poloneses e alemães interrompeu uma invasão de mongóis que haviam devastado o país. E, em 1335, a Silésia, que era originalmente uma provincia polonesa, se tornou possessão da coroa da Boêmia. E em 1526, mais uma mudança significativa e a Silésia passou a pertencer aos Habsburgos austríacos.

Durante o período em que a dinastia Piast governou a Silésia - até 1675 -, a vinda de alemães foi incentivada, uma vez que

eles aumentavam a produtividade agrícola, desenvolviam a mineração de carvão e a tecelagem de têxteis, além de povoarem novas cidades. Aos poucos, a população da Silésia assumiu um caráter cada vez mais alemão; a situação foi se desenvolvendo de modo que, no século XVIII, as florescentes indústrias de mineração e têxteis tornaram a Silésia a mais rica província austríaca dos Habsburgos.

Ouando veio a Reforma Protestante - um movimento reformista cristão do século XVI liderado por Martin Lutero, simbolizado pela publicação de suas 95 Teses em 31 de outubro de 1517 na porta da Igreja do Castelo de Württemberg, Alemanha -, quase toda a Silésia se converteu ao protestantismo. E, na Guerra dos Trinta Anos - que aconteceu entre 1618 e 1648 e marcou a transição do feudalismo para a Idade Moderna -, a Silésia se alinhou à Boêmia protestante e à Saxônia em rebelião contra os



Habsburgos.

Em 1742, a Silésia foi tomada pela Prússia. Foi a riqueza da região que motivou Frederico II, o Grande, a dominar uma parte da Silésia, que estava sob o domínio da Imperatriz Maria Theresa, da Áustria. A conquista ocorreu durante a Guerra da Sucessão Austríaca (1740-1748). Os alemães protestantes da Silésia receberam com agrado o domínio prussiano, que trouxe uma administração mais eficiente e grande atenção ao desenvolvimento econômico da região. A



Imperatriz Maria Theresa, da Áustria

expansão econômica decorrente da extração de carvão, minério de ferro, chumbo e zinco fizeram da Silésia a segunda área industrial mais importante da Alemanha.

Após o Tratado de Paz em Breslau, que ocorreu em junho de 1742, a Áustria manteve apenas o ducado da Silésia austríaca, que consistia nos distritos Opava (Troppau) e Cieszyn (Teschen), localizados no extremo sul-sudeste da Silésia. Esses distritos uniram-se à Morávia, e essa união perdurou até 1849; depois, formaram um território separado da coroa do Império Austríaco.

Spisila (2019) informa que, segundo um censo de 1905, naquele ano ¾ da população da Silésia era alemã e apenas 1/4 era polonesa. Já na região conhecida como Alta Silésia, a população era mista e uma parcela considerável falava o idioma polonês e pertencia à religião católica romana. Em questão espacial, os alemães estavam concentrados nas cidades; os poloneses, nas áreas agrícolas, além de constituírem uma grande proporção dos mineiros e dos trabalhadores industriais não qualificados.

Em 1918, depois de longos 123 anos, a Polônia recuperou sua independência e reapareceu no mapa político da Europa. Mas, apesar dessa conquista, as



coisas ainda não estavam pacificadas na Silésia e, entre 1919 e 1921, ocorreram três revoltas.

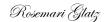
Após a derrota da Alemanha e da Áustria-Hungria na Primeira Guerra Mundial, os antigos distritos austríacos de Cieszyn e Opava foram divididos entre a Polônia e a Tchecoslováquia. Com isso, a questão das reivindicações conflitantes entre a Alemanha e a Polônia ficou concentrada ao território da Alta Silésia. O Tratado de Versalhes (1919) envolveu a questão e exigiu que a população da Alta Silésia decidisse e declarasse, por plebiscito, se desejava pertencer à Alemanha ou à Polônia.

A população votou e as po-

tências aliadas endossaram: a parte sudeste da Alta Silésia foi incluída ao território da Polônia que recém havia readquirido a sua independência. A Alta Silésia era a parte do território que possuía três quartos da produção de carvão da Silésia e quase dois terços de sua usina siderúrgica. A parte baixa da Silésia, denomi-



Mapa da Silésia



nada apenas como Silésia, ficou para a Alemanha.

Em 1939, com a conquista da Polônia, a Alemanha nazista reintegrou temporariamente a Alta Silésia e a Silésia.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães mataram ou deportaram muitos poloneses da região da Alta Silésia, ocupando a área com colonos alemães.

Mas, no início de 1945, a Silésia unificada - ainda controlada pela Alemanha -, foi invadida pelo Exército Vermelho Soviético.

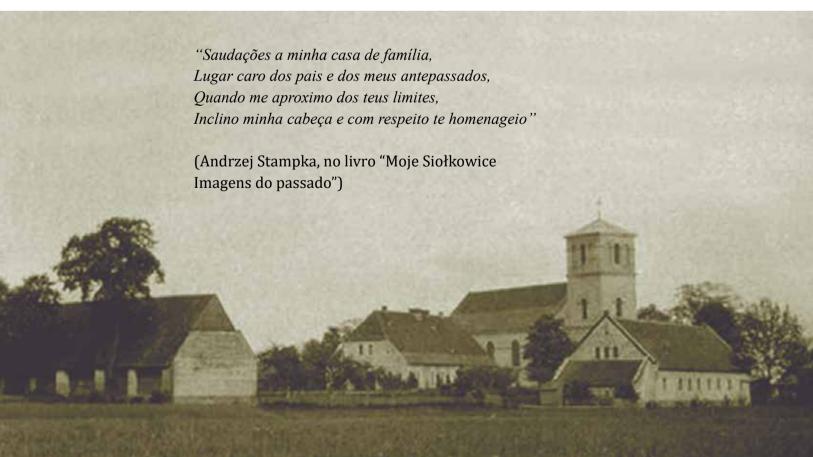
Em agosto daquele mesmo ano, as potências aliadas concordaram em devolver quase toda a Silésia à Polônia e a população alemã foi expulsa da região. O Há, no Brasil, uma discussão curiosa em relação à dinastia dos Habsburgos. Segundo o historiador e escritor Paulo Rezzutti, biógrafo das principais figuras da monarquia brasileira, o verde da bandeira do Brasil seria uma alusão à Casa de Bragança, família nobre portuguesa à qual pertenceu Dom Pedro 1º. Já o amarelo remeteria à Casa de Habsburgo, uma vez que a primeira esposa de Dom Pedro 1º, Leopoldina, era da dinastia austríaca Habsburg (BBC, 2020).

Exército Vermelho e os poloneses expulsaram os alemães para o oeste. Mais de três milhões de alemães deixaram a Silésia e a área foi repovoada por poloneses do leste e norte.

Após a Segunda Guerra Mundial, a indústria foi reconstruída. Nos dias atuais, a Silésia possui a concentração industrial mais importante da Polônia, sendo uma área muita rica em carvão

mineral, com grande número de indústrias siderúrgicas, químicas e de máquinas.

Desde 1945, a maior parte da Silésia faz parte da Polônia. Uma pequena parte da região histórica da Silésia integra os estados alemães de Brandemburgo e Saxônia, e a parte da região Morávia da Silésia pertence à República Tcheca (SILÉSIA, 2020).





Stare Siołkowice



Escultura em homenagem Jakub Kania - Stare Siołkowice

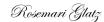
Jakub Kania foi um poeta, escritor folclórico e ativista nacional. Durante a Primeira Guerra Mundial ele lutou na frente ocidental. Após a guerra, ele participou da III Revolta da Silésia. Nasceu e morreu em Stare Siołkowice, onde escolas e ruas levam o seu nome. Fonte: https://live.staticflickr.com/65535/50381886478_89abfc2c68_k.jpg

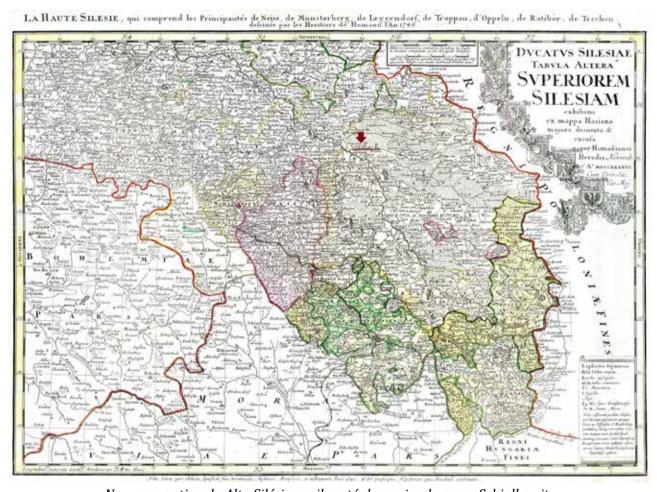
Stare Siołkowice (em alemão: Alt Schalkowitz), região de onde emigrou o primeiro grupo de polacos para o Brasil - especificamente para Brusque -, se localiza na Alta Silésia, no Sudeste da Polônia, entre os rios Oder e Vístula. É a aldeia mais antiga da comuna de Poppelau, da qual está localizada a cerca de dois quilômetros a sudoeste.

Poppelau fica 20 quilômetros a noroeste de Opole - que é a capital histórica da Alta Silésia -. Uma das primeiras notícias sobre Stare Siołkowice encontrase em um documento de 1223, em que ela é mencionada como uma das aldeias pertencentes ao mosteiro de Czarnowąsy. Portanto, já no final do século XIII, Siołkowice era uma vila

organizada, com lotes de terra claramente demarcados.

Nos mapas antigos da Silésia ou do Ducado de Opole de meados do século XVIII, o nome de Siołkowice era frequentemente distorcido ou pelo menos escrito de maneiras diferentes, que naquela época não tinham o adjetivo Stare no nome, que foi adicionado após o estabelecimento





No mapa antigo da Alta Silésia, a vila está denominada como Schiolkowitz

de Kolonia Schalkowitz (Nowe Siołkowice) em 1788. E assim, na ordem dos mapas apresentados, o nome era: Schlotkowiz, Schiołkowitz, Schiolkowitz e Sulkowitz.

A aldeia de Stare Siołkowice era habitada por agricultores e Teresa Smolinska (2012), em seu artigo intitulado "A atual aldeia silesiana e a sua tradição cultural no século XIX", escreveu que Stare Siołkowice surgiu em uma ampla área de alagamento do rio Oder, acima do seu curso natural, formado

por dunas pouco férteis.

A aldeia de Stare Siołkowice era uma das propriedades do duque de Opole, o que não mudou após a incorporação da Silésia à Prússia no século XVIII.

Apesar de ter havido uma boa industrialização na Alta Silésia no século XIX, os habitantes nativos de Stare Siołkowice se empregavam na lavoura há muitos séculos, e continuaram a trabalhar na agricultura mesmo quando a industrialização se expandiu durante o domínio prussiano. No entanto, a agricultura

era uma atividade desvalorizada em face às outras, pois eram trabalhadores "sem terras" e trabalhava-se como assalariado para os grandes fazendeiros locais, além de realizar pesca, caça e trabalhos sazonais na floresta.

Outra opção de subsistência era trabalhar como pequeno artesão.

Segundo Staresiolkowice (2019), os artesãos realizavam trabalhos encomendados pelos moradores da aldeia ou para um mercado mais amplo. Eram principalmente sapateiros, al-



Stare Siolkowice, região de Opole. Fonte: staresiolkowice.pl (CULTUREAVE, 2019)

faiates, carpinteiros, moleiros e ferreiros.

Sufocados por estrangeiros, submissos aos grandes fazendeiros e normalmente vivendo em condições precárias, os polacos de Stare Siołkowice não vislumbravam perspectivas de dias melhores.

Essa era a dura realidade dos imigrantes polacos que vieram para Brusque em 1869, o que ajuda a compreender, em parte, as suas motivações particulares para emigrarem, que se somaram às motivações comuns para a emigração europeia no século XIX.

As causas da emigração de Stare Siołkowice

Smolinska (2012) conta que alguns estudos destacam a migração sazonal da região já em meados do século XIX, quando artesãos domésticos, pequenos proprietários e até filhos dos camponeses ricos começaram a emigrar de Stare Siołkowice em busca de fontes de renda adicionais. Apontam-se viagens sazonais ou permanentes para "países agrícolas genuinamente ale-

mães".

No início, a migração ocorreu principalmente na classe dos trabalhadores da agricultura; uma boa parcela foi para a Saxônia. Depois, à medida que se desenvolvia a indústria, passaram a ir para outras áreas do Reich Alemão. As migrações econômicas sazonais para o oeste tiveram início por volta de 1870, assumido um caráter maciço no final do

Rosemari Glatz

século.

No que se refere à emigração para as Américas ocorrida antes de 1891, Smolinska (2012) informa que envolveu cerca de 400 famílias de Stare Siołkowice. Apesar de citar os proprietários de minifúndios como o grupo predominante, a autora afirma que o processo envolveu diversas classes da aldeia. Cronologicamente, os primeiros teriam sido os camponeses, que emigraram em busca de melhorias materiais e de independência. Depois, emigraram os donos de pequenas propriedades e os artesãos domésticos, que eram grupos sociais mais favorecidos economicamente uma vez que o próprio custo da viagem exigia significativo investimento.

Nesse contexto, a emigração de Stare Siołkowice para o Brasil, mais especificamente para Brusque, Santa Catarina, começou em meados de 1869, fazendo de Brusque o berço da imigração polonesa no Brasil.

Os polacos que emigraram seguiram os passos do seu conterrâneo, Woś-Saporski. Ele foi um "Silesiano de Opole" que, para evitar servir no exército prussiano, deixou a aldeia em 1867. Pouco tempo depois de sua partida, cerca de 200 pessoas o seguiram; emigraram até famílias inteiras, todas vindo para o Brasil (Staresiolkowice, 2019).







A foto mostra Michał, a parte mais antiga de Stare Siołkowice e onde, nos tempos da fundação da aldeia na Idade Média, os camponeses encontraram o solo mais fértil e se estabeleceram em fazendas, sob a lei alemã. Fonte: staresiolkowice.pl ((CULTUREAVE, 2019)

Michał: a parte mais antiga de Stare Siołkowice

Até o início do século XIX, em Stare Siołkowice as construções eram de madeira com paredes coronárias. Os edifícios e a organização das fazendas, preservadas até hoje, são do século XIX, com traços classicistas modestos. Os terrenos têm a forma de retângulo alongado e contornam o lado mais curto da estrada

alargada. O traçado típico e regular é característico desta parte da aldeia. No fundo do terreno, na fronteira com a área agrícola do proprietário, costumava haver um celeiro. O espaço entre o edifício residencial e o celeiro era ocupado por um jardim. Casas residenciais e para a pecuária eram feitas de pedra, reboca-

das com uma empena decorativa, do lado da estrada, com um telhado de duas águas e coberto de telhas.

Esta região original, com edifícios construídos no século XIX, tem o maior valor cultural e possui uma das mais belas organizações espaciais da aldeia.

(STARE SIOLCOWICE, 2019)





Acima, placa de chegada e abaixo placa de saída da cidade de Stare Siołkowice



REFERÊNCIAS

BBC. Dia da Bandeira. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46255976 >. Acesso em 25 jul. 2020.

CULTUREAVE. Disponível em: https://www.cultureave.com/sebastian-wos-ojciec-kolonizacji-polskiej-w-brazylii/>. Acesso em 15 ago. 2019.

PIEKAS, Mari Ines. Notícia

fornecida na palestra Sebastião Edmundo Woś-Saporski - Pai da Imigração Polonesa no Brasil. VII Seminário Temático do Programa História e Memória Regional 150 Anos de Imigração Polonesa no Brasil. Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. Brusque, 24 de agosto de 2018.

SILESIA. Historical region.

Europe. Britannic. Disponível em:https://www.britannica.com/place/Silesia. Acesso em 25 jul. 2020.

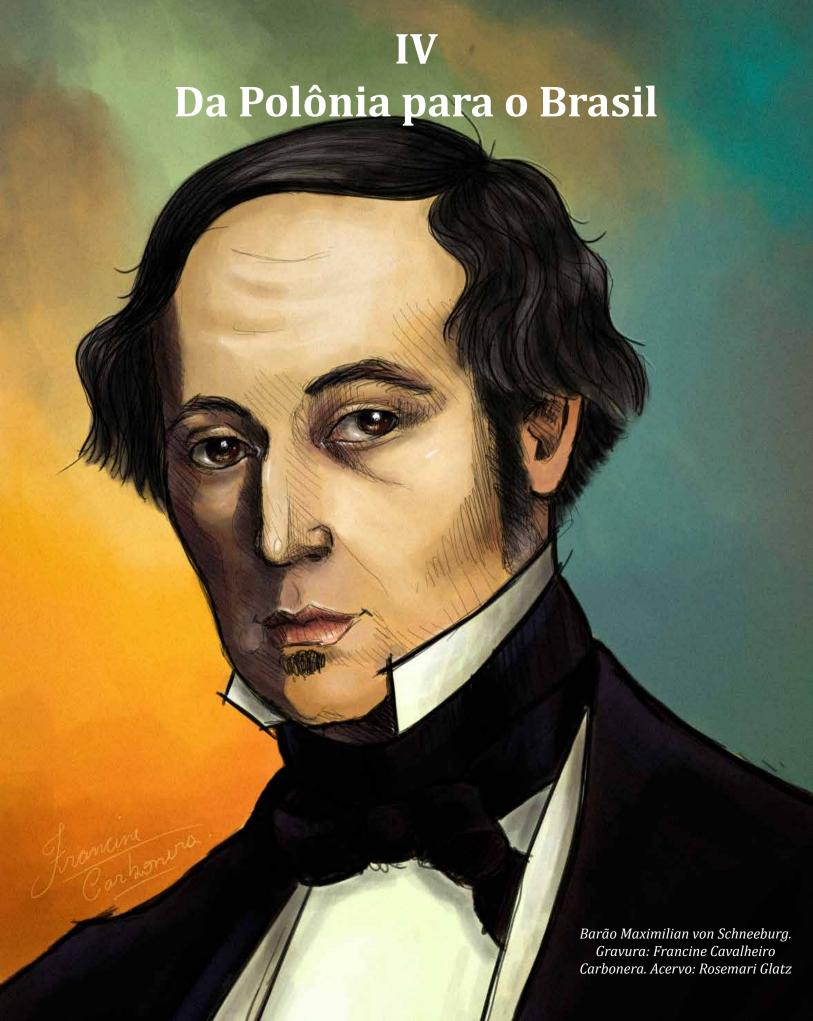
SIOLKOWICE, a História de. Disponível em: <: HTTP://STARESIOLKOWICE.PL/HISTORIA/>. Acesso em 17 jul. 2019.

SMOLIŃSKA, Teresa. Artigo: A atual aldeia silesiana e a sua tradição cultural no século XIX. In: Polonicus: revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil -Ano 3, n. 6 (jul/dez. 2012) – Curitiba/PR. Disponível em: <: http://www.polonicus.com.br/arquivos/pdf-pt-2012-12-11%2021-09-22. pdf>. Acesso em 21 jul. 2019.

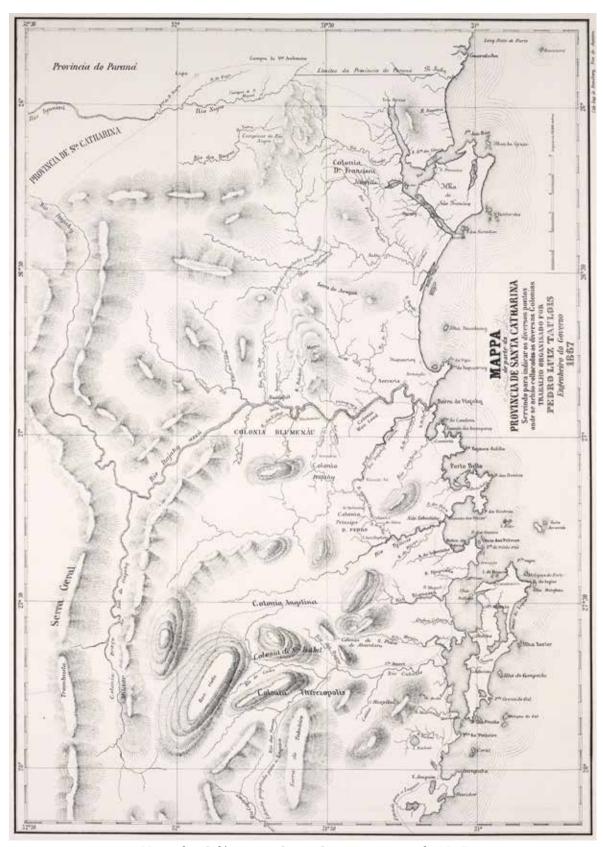
SPISILA, Marcos. Imigração e Desenvolvimento da Família Spisla. Disponível em: <:http://www.danusia.com.br/arquivos/ATT00039.pdf.>. Acesso em 11 ago. 2019.

STARE SIOLCOWICE. Famosos e Desconhecidos habitantes de Siolkowice – Sebastian Edmund Woś-Saporski (1844 – 1934). 150 anos de emigração para o Brasil. Disponível em: https://staresiolkowice.pl/znani-i-nieznani-siolkowiczanie-sebastian-edmund-wossaporski-1844-1934-150-lecie-emigracji-do-brazylii/>. Acesso em 11 ago. 2019.

STARE SIOLCOWICE. Layout dos edifícios na ul. Michał com a capela. Disponível em: <:http://popielow.pl/342/4-uklad-zabudowy-na-ul-michala-wraz-z-kapliczka. html Acesso em 11 ago. 2019.







Mapa das Colônias em Santa Catarina no ano de 1867



Brusque: Berço da Imigração Polonesa no Brasil

Na primeira metade do século XIX, a ocupação do território catarinense por imigrantes europeus foi pouco expressiva.

O processo começou em 1822, mas se efetivou apenas em fins de 1828, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães. Estes fundaram, em 1829, São Pedro de Alcântara, considerada a primeira colônia alemã em Santa Catarina.

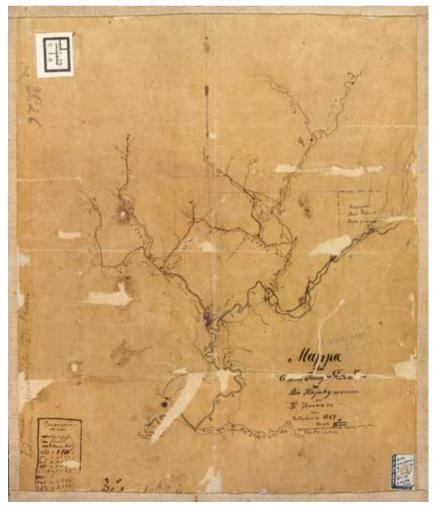
É apenas a partir de 1850, porém, que há um aumento considerável no número de imigrantes. Esse dado se relaciona com os desajustes sociais que ocorriam no continente europeu. As guerras, as lutas políticas, o excessivo crescimento populacional, os altos impostos e as terras concentradas nas mãos de poucos: tudo isso deixava os camponeses em uma situação difícil.

Além dos alemães, imigrantes de outras etnias chegaram em menor quantidade entre 1828 e 1869. Os poloneses vieram de forma esparsa, ocultos sob a nacionalidade de seus opressores, e se instalaram nas colônias junto com

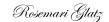
os outros imigrantes. Mas foi em Brusque que teve início a imigração polonesa organizada no Brasil.

Brusque foi fundada em 4 de agosto de 1860, quando a primeira leva organizada de colonizadores alemães chegou à Colônia Itajahy (atual Brusque). O grupo era com-

posto por 54 pessoas, veio sob o comando do Barão Maxmilian von Schneeburg, primeiro diretor da Colônia, e chegaram acompanhados pelo Presidente da Província de Santa Catarina, Dr. Francisco de Araújo Brusque. Nos primeiros anos, a cidade foi colonizada essencialmente



Mapa colônia Príncipe Dom Pedro, Brusque



por imigrantes alemães e, somente em 1869, é que começam a chegar os imigrantes de etnia polonesa.

Em agosto de 1869, 16 famílias polonesas desembarcaram no porto de Itajaí, estado de Santa Catarina, Brasil. O grupo veio da vila de Stare Siołkowice, localizada na voivodia de Opole, no município de Popielów, Alta Silésia, Polônia - região que se encontrava sob o domínio prussiano.

Eles foram instalados na Colônia Príncipe Dom Pedro, a qual, ainda no mesmo ano, foi anexada à Colônia Itajahy -Brusque. Tal acontecimento concedeu a Brusque o título de "Berço da Imigração Polonesa no Brasil".

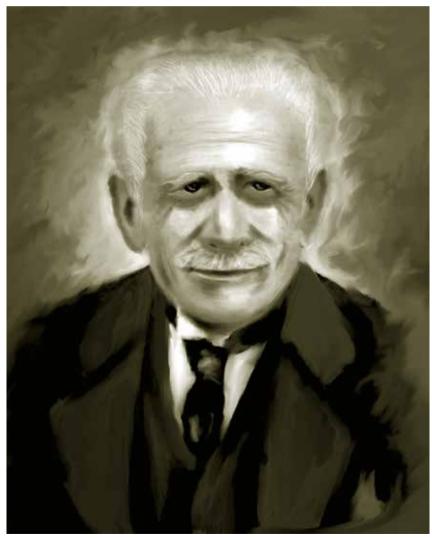
A partir da chegada do primeiro grupo em Brusque, o movimento emigratório de poloneses para o Brasil se intensificou, estendendo-se até o século XX. Um dos nomes mais importantes deste processo é Edmundo Sebastian Woś-Saporski, que é considerado, por alguns, o pai da imigração polonesa no Brasil.

A maior parte dos imigrantes de etnia polonesa se estabeleceu nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Outros grupos, menores, se instalaram nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás.

Os poloneses participaram também da colonização do estado do Espírito Santo, para aonde, em 1873, deslocaramse cerca de 60 famílias - à época, entraram como cidadãos alemães, vindos da Prússia, da Pomerânia e da Silésia. Estas famílias, juntamente com os alemães, estabeleceram-se principalmente em Santa Le-

opoldina e em Santa Teresa (MALCZEWSKI, 2019).

Estima-se que atualmente existam cerca de 1,5 milhão de descendentes de polacos no Brasil, sendo a terceira maior população de ascendência polonesa no mundo, depois dos Estados Unidos e da Alemanha (MFA, 2019). Na América Latina, o Brasil é o país que concentra mais descendentes dessa etnia.



Edmundo Sebastian Woś-Saporski. Imagem: Francine Cavalheiro Carbonera. Acervo: Rosemari Glatz



De Sebastian Woś, em Stare Siołkowice, na Polônia, Para Edmund Sebastian Woś-Saporski, no Brasil

Edmundo Sebastian Woś-Saporski, como ficou conhecido no Brasil, nasceu em Stare Siołkowice no dia 19 de janeiro de 1844 e se chamava simplesmente "Sebastian Woś". Filho de Szymon Woś, que pertencia à camada mais rica de agricultores, e de sua esposa Jadwiga Kamp.

Ao escrever sobre o assunto, Franciszek Sośnik (2019) afirma que Sebastian Woś era um homem corajoso, que não tinha medo de enfrentar os desafios que o destino lhe impusera. Ainda segundo o autor, ele se formou na escola primária de sua cidade e depois frequentou o ginásio em Opole. Pretendia estudar na Universidade de Wroclaw, mas foi ameaçado de recrutamento para o exército prussiano, o que ele não queria. Então, secretamente, Sebastian escapou da Polônia e, para cobrir seus rastros, mudou seu nome para Edmundo Sebastian Woś-Saporski (Sośnik, 2019).

Na Silésia, os poloneses compunham apenas cerca de 30% da população. Woś-Saporski era um jovem que, em sua terra natal sufocada por estrangeiros, não vislum-

brava qualquer perspectiva. Assim, aos 23 anos, resolveu tentar a vida em outras paragens e deixou a Polônia. Decidiu ir para a Inglaterra e daí para a América do Sul. Em junho de 1867, alcançou terras brasileiras.

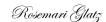
Woś-Saporski viajou a bordo do veleiro "Emma", que atracou no porto de Paranaguá, no litoral do Paraná. Mas ele não desceu nessa parada e seguiu viagem no navio, que rumava ao Uruguai. Em Montevidéu, ele conheceu um alemão que estava vindo para o Brasil e que o convidou para conhecer Santa Catarina. Woś-Saporski aceitou o convite e foi para a Colônia Blumenau, onde, por alguns meses, atuou como professor (Piekas, 2018).

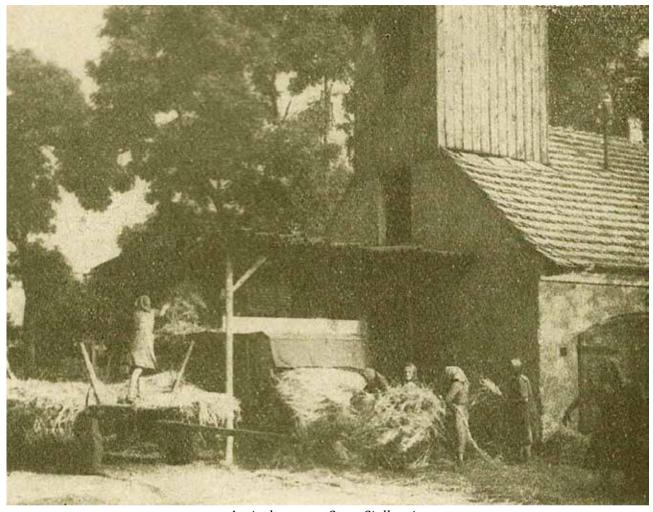
O início das tratativas para a vinda dos imigrantes poloneses

Woś-Saporski percebeu que em Santa Catarina as condições de assentamento de colonização eram favoráveis, em especial para os imigrantes alemães. De acordo com Sośnik (2019), ele deve ter lembrado das duras condições de vida que existiam em sua terra natal, Stare Siołkowice, principalmente a dos estratos sociais mais baixos - nos quais uma parcela frequentemente morria de fome no período pré-colheita. Ele, então, decidiu mudar o destino dos seus conterrâneos, trazendo-os para o Brasil.

No período em que morou em Blumenau, Woś-Saporski conheceu um padre polonês, Antônio Zielinski, que trabalhava na cidade vizinha, Gaspar. Zielinski havia substituído o Padre Alberto Francisco Maximiliano Gattone quando este foi transferido para Brusque, em 1867.

Assim como Woś-Saporski, o padre Zielinski também tinha intenções de trazer para o Brasil famílias de patrícios seus. Além disso, ele conhecia o Imperador do Brasil, Dom Pedro II, e gozava da amizade do seu genro, o Conde d'Eu, conseguida pelo padre Zielinski graças ao Bispo do Rio de Janeiro. Nessas condições, Woś-Saporski convenceu o amigo a tentar junto à corte uma concessão para a





Agricultores em Stare Siołkowice

colonização de terrenos brasileiros por imigrantes poloneses. (POLONIABRASIL, 2019)

Zielinski e Woś-Saporski foram grandes aliados no processo de imigração dos poloneses. Juntos, eles decidiram requerer ao Ministro da Agricultura um pedaço de terra que deveria ser obrigatoriamente povoada por colonos etnicamente poloneses. Conforme descrito por Sośnik (2019), Woś-Saporski e

o padre Zielinski pediram ao imperador Dom Pedro II permissão para trazer colonos da Silésia, em uma carta datada de 4 de abril de 1869.

Em 11 de maio do mesmo ano, receberam resposta positiva e lhes foi perguntado que terras desejavam colonizar. Pensavam em Santa Catarina, mas quase todo o vasto território da Bacia do Itajaí já fora destinado à colônia do Dr. Blumenau, e a maior parte das terras litorâneas, como

Brusque, havia sido atribuída a colônias oficiais ou concedidas às colônias particulares. Além disso, Woś-Saporski e o padre Zielinski descobriram que o solo e o clima do Paraná seriam mais adequados aos colonos poloneses. Pediram, então, terras no Paraná.

Em cartas a familiares e parentes, Woś-Saporski encorajava seus compatriotas a sair da aldeia, descrevendo as possibilidades e os grandes benefícios da colonização no



Brasil. Com isso, muitas famílias expressaram o desejo de emigrar em busca de pão e felicidade. Entre 1869-1870, 32 famílias - aproximadamente 200 pessoas - deixaram Stare Siołkowice em duas ondas de emigração. (STARE

SIOLCOWICE, 2019)

Woś-Saporski informou aos siołkowianos que havia recebido permissão governamental para que eles viessem para o Brasil. As primeiras famílias vieram ainda no mesmo ano, em 1869. Eles vende-

ram todos os seus pertences e compraram bilhetes de trem para Hamburgo ou para Bremen. De lá, navegaram para o Brasil, e os custos associados às viagens marítimas foram pagos pelo governo brasileiro, informa Sośnik (2019).

Victoria: o veleiro que trouxe o primeiro grupo de imigrantes polacos

Em meados de agosto de 1869, o navio Victoria atracou no Porto de Itajaí, trazendo o primeiro grupo de imigrantes poloneses originários da aldeia de Stare Siołkowice, Alta Silésia - região ocupada pelo Império da Prússia.

O Victoria era um veleiro do tipo barca, que tinha como destino Dona Francisca (atual cidade de Joinville) e Blumenau - ambas colônias de Santa Catarina.

O Victoria foi conduzido pelo Capitão Redlich e trazia, a bordo, 173 pessoas. Dados oficiais indicam que 60 destes imigrantes ficaram na Colônia Dona Francisca, onde foram recepcionados no dia 12 de agosto. Os demais seguiram viagem para o porto de Itajaí, com destino a Blumenau e Brusque.

Algumas notas encontradas no jornal alemão Allgemeine Auswanderungs Zeitung anunciam a partida do Victoria. E uma única nota publicada do Kolonie Zeitung, de Blumenau, na edição do dia 14/8/1869, comunicou a chegada da barca ao porto de São Francisco do Sul. Não foram encontradas referências de quando o Victoria teria seguido viagem, nem de quando o veleiro atracou em Itajaí. Esta é uma barreira que muitos pesquisadores encontram ao investigar desembarques ocorridos em Itajaí, devido à inexistência de um controle alfandegário ali, na época (MATHIAS, 2018).

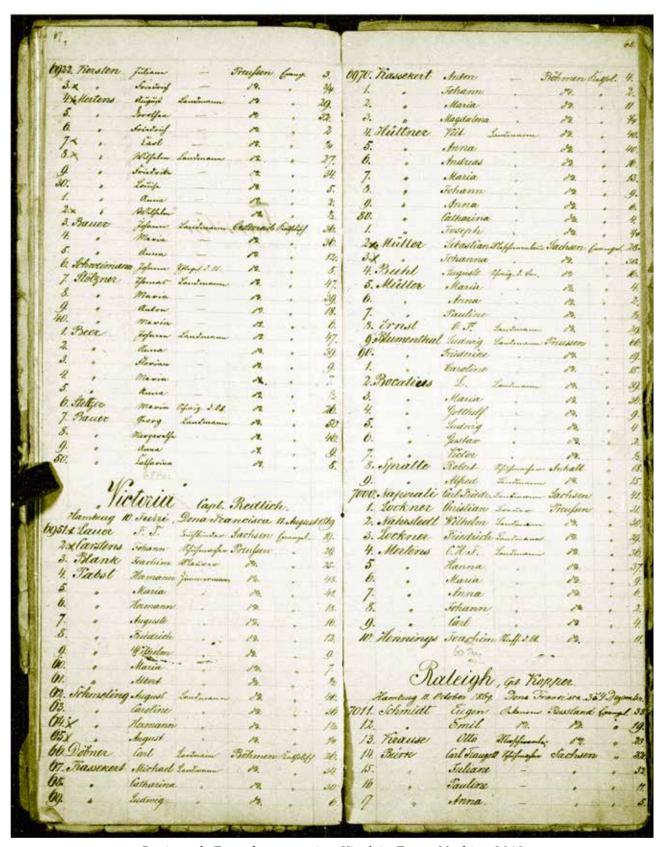
Conforme a lista de passageiros original, emitida em Hamburgo, a maioria das famílias polacas que foram instaladas em Brusque declarou ser originária da aldeia de Schalkowitz – nome germanizado de Stare Siołkowice -, a mesma aldeia de onde Woś-Saporski havia emigrado em 1867.

Eram as famílias Wosch, Purkott, Kania, Prodlo, Szjnowski, Gbur, Pollack e Pampuch. Apenas uma se declarou originária de Poppelau (a família Kania), e duas de Chrosczütz (as famílias Stempka e Otto), todas elas localizadas na província de Opole, Alta Silésia, no sudoeste da Polônia. Apenas a família Weber se declarou originária da aldeia de Neuhamer.

Dados técnicos sobre a viagem do Veleiro Victoria

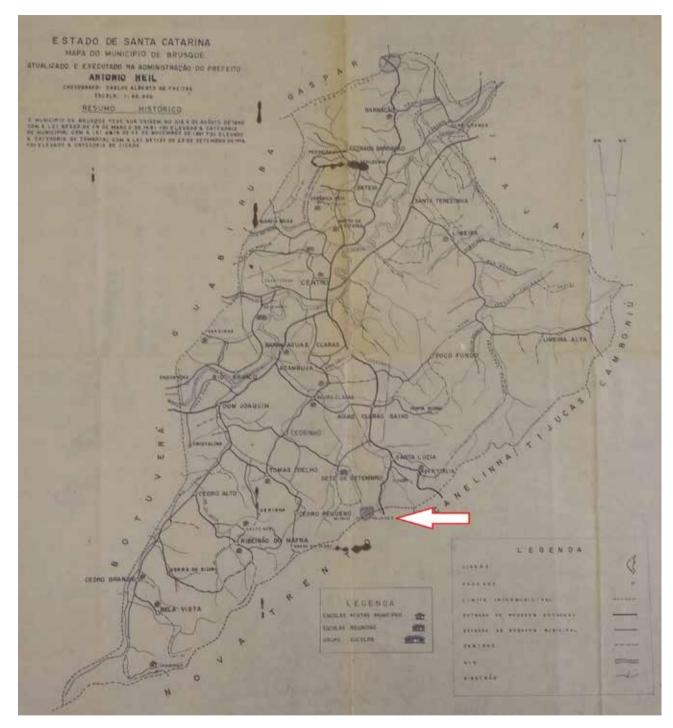
- Embarque dos passageiros em Hamburgo: dia 10 de junho de 1869.
- Partida de Hamburgo: dia 11 de junho de 1869.
- Foi para o mar em: 13 de junho de 1869.
- Chegada ao Porto Dona Francisca: anoitecer do dia 11 de agosto de 1869.
- Tempo de viagem até o Porto de Dona Francisca (São Francisco do Sul): 58 dias.





Registro de Entrada passageiros Victória. Fonte: Mathias, 2018



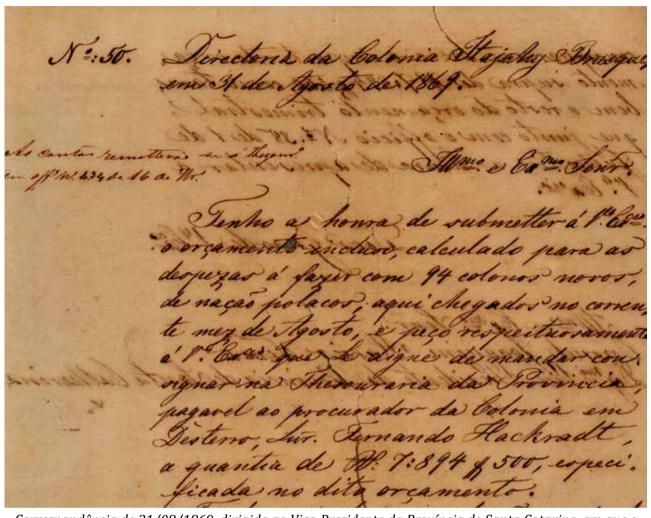


A instalação dos imigrantes poloneses em Brusque

Sośnik (2019) conta que, ao chegarem a Itajaí, os polacos foram surpreendidos com uma notícia pouco agradável. Como eles eram colonos emi-

grados de uma região dominada pelo Império da Prússia, as autoridades brasileiras acharam que os siołkowianos eram etnicamente alemães e, por isso, eles tinham sido enviados para o estado de Santa Catarina, onde a colonização alemã havia sido organizada. Os siołkowianos não queriam





Correspondência de 31/08/1869, dirigida ao Vice-Presidente da Província de Santa Catarina, em que o Barão Friederich von Klitzing, Diretor da Colônia, menciona a chegada dos colonos polacos em Brusque. Fonte: SAB/Casa de Brusque.

isso, quanto mais nesse estado, com clima quase tropical, para o qual não eram absolutamente adaptados.

As autoridades do Departamento de Imigração encaminharam o grupo para a Colônia Imperial Príncipe Dom Pedro, onde havia muitos lotes de terra livres. Essa disponibilidade era resultado da reimigração de ingleses e irlandeses para os Estados

Unidos; eles haviam sido assentados naquela área, mas não eram muito afeitos ao trabalho no campo e haviam ido embora, liberando as terras.

Em 6 de dezembro de 1869, pouco tempo depois da chegada dos poloneses, a Colônia Imperial Príncipe Dom Pedro foi extinta. O seu território e negócios foram incorporados à Diretoria da Colônia Itajahy-Brusque, atu-

al cidade de Brusque.

Além do primeiro grupo que aportou em Itajaí a bordo do navio Victoria, ainda em agosto de 1869 chegaram mais algumas famílias polonesas à Colônia. O historiador brusquense Kons (2019) informa que os poloneses foram estabelecidos na linha intermediária de Sixteen Lots, na região do Ribeirão Cedro Grande (Brusque/SC) e Ribei-



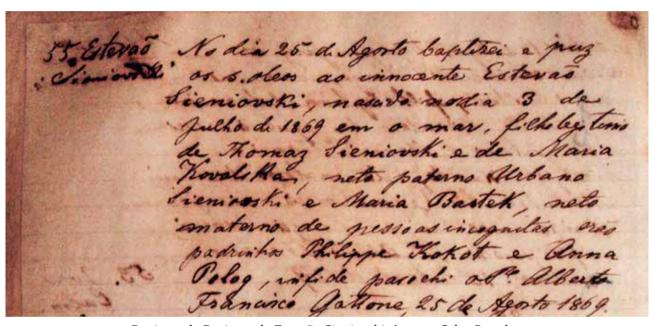
rão do Ouro (Botuverá/SC). No primeiro ano da colonização polonesa, foram assentados 146 poloneses nessa região.

Ainda segundo Kons (2019), para instalar os pioneiros poloneses no Brasil, o Barão Friederich von

Klitzing, Diretor da Colônia, solicitou à Província de Santa Catarina recursos da ordem de 7:894\$500. Tal assertiva é confirmada pela correspondência emitida em 31/08/1869 por Klitzing, que foi dirigida ao Vice-Presidente da Província de Santa

Catarina, o Coronel Joaquim Xavier Neves.

No documento, o Diretor Klitzing submete o orçamento à Tesouraria da Província "para as despesas a fazer com 94 colonos novos, de nação polacos, aqui chegados no corrente mês de agosto".



Registro de Batismo de Estevão Sieniovski. Acervo: Celso Deucher

O marco da chegada dos poloneses em Brusque e no Brasil

Devido à inexistência, na época, de um controle alfandegário dos desembarques ocorridos em Itajaí, um registro de batismo resgatado pelo pesquisador e escritor Celso Deucher (2008) é utilizado como o marco oficial da chegada do primeiro grupo de poloneses em Brusque - e também na América Portuguesa.

Deucher (2008) diz que

esse grupo era composto por 78 pessoas, que, em sua maioria, eram agricultores. Entre eles, vinha o pequeno Estevão, nascido durante a viagem. O documento de seu batismo foi assinado pelo pároco de Brusque, Pe. Alberto Francisco Gattone, em 25 de agosto de 1869.

"No dia 25 de agosto de 1869, batizei e puz os santos óleos ao inocente Estevão Sieniovski, nascido no dia 3 de julho de 1869, em mar, filho legítimo de Thomaz Sieniovski e de Maria Kovalska, neto paterno de Albano Sieniovski e Maria Bastek, neto materno de pessoas imigrantes".

Kons (2019), informa que entre agosto de 1869 e setembro de 1871, seis crianças polaco-brasileiras foram batizadas pelo padre Alberto Francisco Gattone.





Primeiras moradias: barracos feitos com troncos de palmito juçara, cobertos de folhas de palmeiras trançadas



Brusque - área ocupada pelos imigrantes poloneses

Após chegarem, os colonos enfrentaram condições difíceis. Eles não estavam acostumados ao cenário, tanto pelo clima ser tropical quanto pelo próprio assentamento, que ficava nas profundezas da mata. Woś-Saporski,

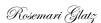
então, veio para auxiliar os seus conterrâneos (STARE SIOLCOWICE, 2019).

Nos primórdios da colônia, as moradias eram simples barracos, feitos com troncos de palmito juçara, cobertos de folhas de palmeiras trançaIzabela Kokot foi a primeira polono-brasileira nascida em terras brusquenses. O batizado dela foi assim registrado pelo padre Gattone, no Livro dos Batizados:

Certidão de Nascimento

"No dia 14 de novembro de 1869 batizei e puz os santos óleos à inocente Izabela Kokot nascida no dia 12 de novembro de 1869 na Colônia Príncipe Dom Pedro, filha legítima de Philippe Kokot e de Izabella Gbur, neto paterno de Jacob Kokot e de Agnes Kania, neta materna de Johann Gbur e de Francisca Pampuch, serão padrinhos Thomas Sieniovski e Justina Prodlo, in fide parochio. Pe. Alberto Francisco Gattone, 14 de novembro de 1869" (In livro dos Batizados: Brusque 1869/1876 - registro número 55, página 11).

das, e chão batido. Em alguns casos, as frestas das paredes eram fechadas com barro. Foram tempos difíceis, e só com muita fé em Deus e união é que as famílias conseguiram suportar aqueles primeiros tempos em terras brasileiras.



A transmigração dos poloneses de Brusque para Curitiba

Ao se manifestar sobre o assunto, Silva (1998) escreveu que, entre o exercício do magistério e a ideia fixa de trazer os poloneses de Brusque para o Paraná, Woś-Saporski continuou as negociações junto ao governo.

Woś-Saporski era agrimensor e conhecia as condições geográficas da região onde os poloneses haviam sido assentados em Brusque. Havia pouca terra de vargem apta ao plantio e muitas montanhas cobertas com mata densa. Certamente, era uma região bem diferente daquela com a qual estavam acostumados na Alta Silésia.

Somado aos fatores geográficos, havia a pressão exercida por outras correntes imigratórias; afinal, na Polônia eles já estavam sob o jugo dos prussianos. É possível que não quisessem continuar sob a administração dos alemães também aqui no Brasil, e Brusque era uma colônia alemã.

Os polacos instalados em Brusque também passaram a manifestar seu desejo de mudar de Brusque para outro ponto do país, o que reivindicaram junto à direção da Colônia.

Mesmo contra a sua vontade, porém, os siołkowianos tiveram que lutar por sua sobrevivência em solo catarinense por dois



Os colonizadores poloneses começam a abandonar a Colônia Imperial Príncipe Dom Pedro – Brusque, com destino a Curitiba, Paraná

anos. Sośnik (2019) conta que Woś-Saporski, que estava em Curitiba desde 1870, se sentia responsável pelo destino dessas pessoas. Ele fez contato com o Padre Agostinho Lima, vigário de Curitiba, que levou suas intenções ao Vice-Presidente do Estado, Ermelino de Leão. Por fim, as demandas de Woś-Saporski tiveram êxito, pois o próprio Presidente da Província do Paraná, Venâncio de Lisboa, mostrou interesse na proposta (Piekas, 2018).

Foram cedidas terras nos arredores de Curitiba, onde o clima era mais ameno do que em Santa Catarina. Com essa conquista, Woś-Saporski planejou reassentar os siołkowianos que estavam em Brusque. Porém, não era uma tarefa fácil: só o próprio imperador podia autorizar a transferência de imigrantes de uma colônia para outra.

Woś-Saporski não desistiu e foi pessoalmente à Corte para advogar pela causa dos seus patrícios. Inicialmente, nada conseguiu. Ele teve que regressar ao Paraná, onde fundou um colégio na atual rua 15 de novembro, no centro de Curitiba.

Então, depois de superar entraves de toda sorte, ele finalmente conseguiu a almejada transferência. Além dessa permissão, o governo





Chegada dos poloneses em Curitiba, Paraná. Imagem ilustrativa

paranaense se prontificou a cobrir as despesas advindas do transporte das famílias de Itajaí para Curitiba.

Os poloneses começaram a abandonar a Colônia Imperial Príncipe Dom Pedro que, desde dezembro de 1869, havia sido incorporada à Colônia Itajahy-Brusque, atual cidade de Brusque. A grande debandada ocorreu em julho de 1871, quando os pioneiros poloneses transmigraram para Curitiba (KONS, 2019).

Apesar dessa vitória, as coisas se complicaram, conta Silva (1998). Os carroções que transportaram os polo-

neses de Antonina até Curitiba deixaram os imigrantes à porta do Colégio de Woś-Saporski, alegando que o seu compromisso era levar os colonos só até ali. Nem um metro adiante.

Woś-Saporski conseguiu alojá-los em casas particulares e em algumas chácaras nas proximidades. Mas os colonos vinham sem vintém, desprovidos de tudo. O governo da Província tirava o corpo fora e ia adiando, dia a dia, a acomodação dos pobres poloneses, que não tinham outro recurso senão se amontoar às portas do Colégio de Woś-

Saporski ou vadiarem pelas ruas da capital.

A Câmara Municipal resolveu interceder em favor dos imigrantes. Curitiba tinha um vasto patrimônio de terras ao redor da cidade que até então não eram aproveitadas, servindo mais para o atraso do desenvolvimento urbano do que para o seu progresso. A edilidade curitibana resolveu, por isso, instalar os poloneses na Colônia Pilarzinho/Mercês.

Woś-Saporski participou da divisão e demarcação dos lotes e da sua distribuição. As primeiras cartas de transmis-



Túmulo de Woś-Saporski, pai da emigração polonesa para o Brasil

são dos lotes de terra passaram pela Câmara em 28 de novembro de 1871; ainda nesse mesmo ano, os siołkowianos fundaram o primeiro assentamento colonial de Pilarzinho.

Iniciou-se, assim, a colonização do rocio de Curitiba – Rocio significa orvalho e simboliza as constantes e ininterruptas bênçãos e favores que o povo paranaense recebe continuamente da Virgem Mãe.

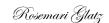
Nos anos seguintes, milhares de outros colonizadores chegaram, iniciando uma era de extraordinário desenvolvimento no estado.

Entre eles, estavam os grupos subsequentes que vieram de Stare Siołkowice e arredores.

No final do século XIX, hou-

ve uma onda de emigração na Polônia. No total, mais de cinquenta mil pessoas emigraram.

Os novos colonos se beneficiaram da ajuda e experiência de seus antecessores da Silésia, os quais Woś-Saporski continuou a ajudar e, em gratidão a ele, começaram a chamá-lo de: "Pai da emigração polonesa para o Brasil", afirma Sośnik (2019).



Polônia condecora Woś-Saporski

Muito tem sido escrito sobre Sebastian Edmund Woś-Saporski (1844 - 1934), um tributo ao pai da imigração polonesa no Brasil (STARE SIOLCOWICE, 2019). Mas, como curiosidade, vale acrescentar que em 1924, a pedido do Cônsul polonês em Curitiba, Zbigniew Miszke, o então Presidente da Segunda República Polaca - Stanislaw Wojciechowski, homenageou Woś-Saporski com a Cruz de Cavaleiro da Ordem de Polônia Restituta (Polônia Restituta). Essa é a segunda condecoração mais importante depois da Ordem Militar Virtuti. Assim, Woś-Saporski passou a ser o único cidadão de Stare Siołkowice condecorado com esta honrosa e histórica ordem da Segunda República Polaca, que lhe foi dada enquanto ele estava no Brasil.

REFERÊNCIAS

CULTUREAVE. Disponível em: https://www.culturea-ve.com/sebastian-wos-ojcie-c-kolonizacji-polskiej-w-brazylii/. Acesso em 15 ago. 2019.

DEUCHER. Celso. Brusque Polonesa. S&T Editores, 2008.

KONS, Paulo Vendelino. Colônias que foram transmudadas em nossa Brusque. O Município. Edição nº. 6.818, de 2 agosto 2019, p. 24 e 25.

MALCZEWSKI SChr. Zdzisław. Os Poloneses e seus Descendentes no Brasil: Esboço histórico e situação atual da colônia polonesa no Brasil. Polonicus: revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil. Disponível em: http://www.polonicus.com.br/site/historia.php. Acesso em 24 jul. 2019.

MATHIAS, Airton. Infor-

mações concedidas a Rosemari Glatz, por e-mail, em 17 de abril de 2018.

MFA. Ministry of Polosch Affairs. Vice-presidente do Brasil visita polaco MFA. Em 17 de setembro de 2015. Disponível em: <: http://www.mfa.gov.pl/en/news/brazil_s_vice_president_visits_polish_mfa>. Acesso em 24 jul. 2019.

PIEKAS, Mari Ines. Palestra Sebastião Edmundo Woś-Saporski - Pai da Imigração Polonesa no Brasil. VII Seminário Temático do Programa História e Memória Regional 150 Anos de Imigração Polonesa no Brasil. Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. Brusque, 24 de agosto de 2018.

POLONIABRASIL. Disponível em: http://poloniabrasil.org.br/wp-content/uploads/2019/06/

PAIN%C3%89IS_EXPO-SI%C3%87%C3%830-SA-PORSKI-2019.pdf>. Acesso em 18 ago. 2019.

SILVA, José Ferreira da. Blumenau em Cadernos, Tomo XXXIX. 1998.

STARE SIOLCOWICE. Famosos e Desconhecidos habitantes de Siolkowice – Sebastian Edmund Woś-Saporski (1844 – 1934). 150 anos de emigração para o Brasil. Disponível em: https://staresiolkowice.pl/znani-i-nieznani-siolkowiczanie-sebastian-edmund-wos-saporski-1844-1934-150-lecie-emigracji-do-brazylii/>. Acesso em 11 ago. 2019.

SOSNIK. Franciszek. Disponível em: https://www.cultureave.com/se-bastian-wos-ojciec-koloni-zacji-polskiej-w-brazylii/. Acesso 15 em ago. 2019.

V Tecelões poloneses em Brusque







Parte de uma antiga fábrica têxtil convertida num grande centro cultural, comercial e gastronômico de Lodz, conhecido como Manufaktura

Tecelões poloneses e a transformação da Brusque colonial para a Brusque industrial

Na história de Brusque, houve dois períodos decisivos e verdadeiramente extraordinários.

O primeiro começou com a instalação da Colônia Itajahy-Brusque pelo Barão Maximilian von Schneeburg (Maximiliano von Schneeburg, em português) em 4 de agosto de 1860. Durou até o final da sua administração, em 1867. Nesse período, Schneeburg conduziu a colônia de forma honrada, dando-lhe tudo o que um homem digno pode dar de si, especialmente organização, planejamento, carinho e dedicação.

O segundo período tem como marco a chegada dos tecelões de Łódź (cidade localizada na região central da Polônia), que ocorreu entre 1889 a 1896.

Esses tecelões foram responsáveis por modificar o curso da história de Brusque, criando as bases necessárias para que a cidade se transformasse em um fecundo parque industrial têxtil (GEVAERD, 1963).

Assim, foi só nos dois últimos decênios do século XIX, com a nova onda imigratória polonesa, que a economia de Brusque atingiu o grau de adiantamento necessário para que fosse criada uma indústria. Era chegado o tempo da virada, tempo de transformar a Brusque colonial na Brusque industrial, conforme veremos neste capítulo.



Febre imigratória brasileira

A chegada do primeiro grupo de imigrantes polacos no Brasil, mais especificamente em Brusque, ocorreu em 1869. Destes, a maioria transmigrou para o estado vizinho, Paraná, conforme visto no capítulo intitulado "Da Polônia para o Brasil", deste livro.

Anos mais tarde, já no final do século XIX - especialmente após a Proclamação da República do Brasil -, Brusque recebe novamente imigrantes poloneses. Esse fluxo fez parte do movimento conheci-

do como a "febre imigratória brasileira".

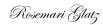
Por aquele tempo, houve uma queda no preço dos cereais na Polônia, o que levou agricultores a se endividarem e muitos a venderem as suas terras.

Além disso, o governo brasileiro fazia uma campanha, especialmente através de agências de navegação, para atrair imigrantes. O agravamento dos problemas sociais e econômicos na Polônia, combinado com essa propaganda feita em torno do Brasil ser uma "terra de oportunidades", impulsionou a emigração maciça de poloneses para o Brasil.

Em Brusque, porém, os agricultores foram uma minoria. A maior parcela dos imigrantes poloneses que chegou no final do século XIX veio de importantes centros têxteis, como Lódz, e tinha formação técnica. Conhecedores do ofício da tecelagem, eles contribuíram decisivamente para que a cidade se tornasse o "Berço da Fiação Catarinense".



Família polonesa de agricultores na região de Brusque. Acervo: Unifebe/Villa Renaux





Escola Técnica de Formação de Tecelões, Alemanha, 1911. Acervo: Unifebe/Villa Renaux



Nesta segunda onda imigratória, os poloneses vieram para ficar.

Sua experiência na indústria têxtil foi bem acolhida, graças ao capital de empre-

endedores visionários como Carlos Renaux. Essa união fez com que a economia de Brusque deixasse de ser calcada na agricultura para ser baseada na indústria. Uma experi-

ência bem-sucedida. E, assim, dia após dia, passados 150 anos (1869 – 2019), a saga de um povo passou da condição de oprimido para a de bem-sucedido.

Parque Internacional das Esculturas em Mármore Ilse Teske

Inaugurado em 24 de abril de 2014, o Parque Internacional das Esculturas em Mármore está localizado em uma área de 23 mil m² onde estão expostas, ao ar livre e em meio à natureza, 40 esculturas em mármore. O local reúne parte do acervo deixado por artistas renomados das edições do Simpósio Internacional de Esculturas de Brusque, que ocorreram de 2001 a 2007, como a obra da artista japonesa Tomie Ohtake, reconhecida internacionalmente, e raridades, como uma das últimas peças produzidas por Gio Pomodoro, que faleceu pouco depois de participar de um dos simpósios.

O Parque congrega obras como a única feita em mármore pelo artista Amílcar de Castro, e a peça Tortura Nunca Mais, desenhada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, e que faz alusão ao período da ditadura vivida no Brasil. Os visitantes também podem encontrar obras de Francisco Brennand, com a escultura Hália, e de Juarez Machado, com a escultura Fille de La Pluie (A Filha da Chuva) cuja temática está baseada numa figura feminina sofisticada, sensual e poética.

O local é considerado o maior acervo de esculturas em mármore da América Latina e, tal qual um "espelho universal", o parque oferece imagens da consciência coletiva que estimulam o observador a reconstruir e reencontrar o seu lugar no universo.

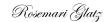
Implantado às margens da Rodovia Antonio Heil, o Parque das Esculturas Ilse Teske está aberto para visitação todos os dias e é um dos principais atrativos turísticos da cidade.

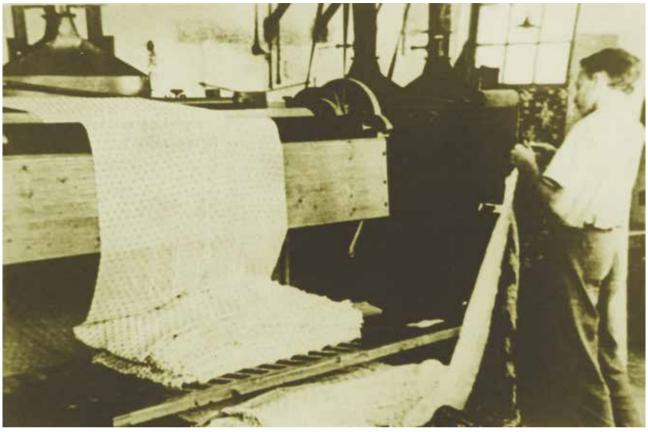


Escultura Amizade

A escultura representa a amizade, mas a reprodução das tramas que se entrelaçam também conceitua o tempo da virada da pequena Brusque colonial para a pujante e sólida Brusque industrial. Obra da artista Genia Gendelman, de Israel. Técnica: mármore esculpido. Dimensão 3,5m x 2,00m x 0,78m. Data: 2007. Acervo: 7º Simpósio Internacional de Escultura do Brasil.

Localização: Parque das Esculturas – Brusque.





Tecelões de Łódź em Brusque. Acervo: Unifebe/Villa Renaux

Os "tecelões de Łódź"

O início da atividade fabril em Brusque se deve a um grupo de imigrantes que aportou na cidade a partir de 1889. Eram tecelões vindos da região de Łódź, na Polônia, que estavam resolvidos a exercer, também aqui, o ofício de tecelão, pois não estavam habituados ao trabalho na agricultura. Os "tecelões de Łódź". como são rememorados localmente os artesãos poloneses, foram os responsáveis pelo treinamento inicial da mão de obra em Brusque, orientada,

até então, para o trabalho na lavoura.

Esses imigrantes, geograficamente provenientes de uma parte da Polônia que naquele tempo estava sob o domínio da Rússia, eram, na verdade, tecelões germânicos originários da Silésia e da Saxônia, ali radicados desde o século XVIII, atraídos pelo governo russo para iniciar a atividade têxtil na região de Lodz. Em decorrência disso, em Lodz, Ozorkow, Zgierz e adjacências, a indústria têxtil

do algodão desenvolveu-se acentuadamente.

Com a adaptação dos teares manuais para engrenagens mecânicas, depois de 1853, os tecidos de Łódź entravam cada vez mais em concorrência com a produção de Moscou. Isto motivou um movimento oposicionista contra as minorias alemãs a partir de 1875. O pan-eslavismo, que foi um movimento político e sociocultural do século XIX, estava em alta naquele tempo; o que era de origem



alemã era olhado de esguelha, no império dos czares. As autoridades russas, por si impotentes contra a minoria alemã que era laboriosa e industrialmente ativa, conceberam o plano de contrapor-lhes os judeus, processo que surtiu o efeito desejado. Com as manobras da praxe comercial, recomendada por Aschkenasim, a situação dos alemães da região de Łódź foi piorando continuamente, levando-as a emigrar a partir da década de 1880.

Łódź é conhecida como "a cidade das quatro culturas" (polonesa, judaica, alemã e russa) e dos cineastas. A cidade teve grande desenvolvimento industrial na virada dos séculos XIX e XX, com significativos investimentos e trabalho duro de alemães, judeus, poloneses e russos, tornando-se o principal polo têxtil da Europa. Ao lado das fábricas ergueram-se os palácios dos donos das indústrias, formando a rua Piotrkowska, a mais famosa rua comercial de Łódź. Com atmosfera única, a rua abriga bancos, comércios, butiques, clubes, pubs e monumentos de famosos artistas poloneses. A Praça da Liberdade está localizada numa das extremidades da rua Piotrkowska e é ali que acontece o famoso "Festiwal Łódź Czterech Kultur" - Festival das Quatro Culturas de Łódź-, evento que apresenta um verdadeiro mosaico de nacionalidades, línguas e religiões da antiga Łódź. Dentre os mais importantes eventos relacionados à indústria cinematográfica destaca-se o Festival das Escolas de Filmagem e Televisão.



Em Łódź, obra do muralista Eduardo Kobra, um dos mais conhecidos artistas de rua do Brasil, representando Arthur Rubinstein, um pianista clássico nascido em Łódź, considerado um dos maiores do século XX



Vista do centro de Brusque em 1900. Em destaque o palacete do industrial Carlos Renaux. Gravura: Francine Cavalheiro Carbonera. Acervo: Rosemari Glatz

Os Tecelões de Łódź na História de Brusque

Em 1963, Ayres Gevaerd escreveu sobre a chegada dos primeiros tecelões de origem polonesa a Brusque. Na oportunidade, ele informou que existe um parêntesis na sequência histórica de Brusque, que vai de 1890 a 1900, mais ou menos, em que a carência de documentos e a falta de jornais que registrassem os

acontecimentos têm dificultado as pesquisas dos estudiosos.

De acordo com Gevaerd, em 1881, ano da criação do Município, a colonização de Brusque já estava praticamente finalizada. Em 1876, milhares de imigrantes italianos, lombardos e tiroleses haviam sido introduzidos na

região e as terras boas já haviam sido totalmente aproveitadas.

Mesmo assim, incompreensivelmente, o órgão encarregado da colonização do Vale do Itajaí continuou introduzindo novas correntes imigratórias e locando-as em terras inadequadas.

E foi assim que, a partir de



1889, comecaram a chegar a Brusque novas levas de colonos de origem polonesa. Os polacos chegados a partir de 1889 foram instalados no caminho para Nova Trento, Ribeirão do Ouro e Lageado do Porto Franco (atual Botuverá) e Guabiruba Alta (localidades depois conhecidas por Sibéria e Russland, em Guabiruba). Como era de se esperar, esses imigrantes não se adaptaram às novas terras, por serem montanhosas e de difícil aproveitamento agrícola.

Apesar da assistência temporária do Governo, as dificuldades não se fizeram esperar. Nas localidades de Sibéria e Russland (Guabiruba) declarou-se uma epidemia disentérica que roubou a vida de elevado número de crianças. No Lageado (Botuverá), o tifo, também de caráter epidêmico, ceifou a vida de muitos membros dessa infeliz colonização.

Existem lá, ainda hoje, vestígios de um cemitério conhecido como "Cemitério dos Polacos", sobre o qual tratamos no capítulo intitulado "Arte Cemiterial", deste livro.

Pelas razões apontadas, logo se iniciou o abandono quase total das terras, em demanda de Nova Trento e outras regiões. Gevaerd (1963) informa que no Ribeirão do Ouro e Lageado (Botuverá), as famílias polacas que ficaram tiveram que se adaptar ao trabalho e costumes dos imigrantes de origem italiana que já estavam assentados.



Segunda geração dos Tecelões de Łódź. Acervo: Unifebe/Villa Renaux





Tecelão Gottlieb Tietzmann e família. Acervo: SAB/Casa de Brusque

Alguns sobrenomes de tecelões que impulsionaram a indústria têxtil em Brusque

Não se adaptando à agricultura, os tecelões originários de Łódź que permaneceram procuraram aplicar na vila de Brusque, a sua verdadeira e natural aptidão profissional. Segundo registros existentes na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Brusque e no arquivo do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, mais conhecido como Casa de Brusque, os tece-

lões que impulsionaram a indústria têxtil chegaram entre 1890 a 1896 e são os seguintes: Karl Gottlieb Petermann com sua esposa Berta e três filhos menores; Gottlieb Tietzmann e família; Julius Haacke; Franz Kreibich e família; Alvin Schaffel; Wilhelm Jackowsky e família; e Eduardo Franz.

Os Schlösser chegaram em 1896 e já vieram contratados para trabalhar na Fábrica Renaux (GEVAERD, 1963).

Os sobrenomes Hartke, Kreibich, Wilke e Jescke também são referenciados nos anais da história como mestres na arte da tecelagem. Eram imigrantes alemães que estavam estabelecidos em território polonês e é possível que a relação feita não esteja completa, pela já citada escassez documental.



A busca por um investidor e o início da indústria têxtil em Brusque

Marceneiros locais, entre eles os irmãos Bepi e Francisco Pruner, fabricaram os primeiros teares manuais de madeira, que serviram para uso particular.

A origem da indústria da tecelagem em Brusque foi, portanto, doméstica, informa Gevaerd (1963). Discreta e modestamente iniciava-se, na então vila de Brusque, uma

nova era, que aos poucos ia tomando proporções extraordinárias e lançando as bases da economia brusquense.

A primeira tentativa de produção de tecidos no município foi uma iniciativa do alemão João Bauer, que havia se estabelecido com a família na região de Guabiruba, que pertencia à Colônia Brusque. Comerciante e industrial

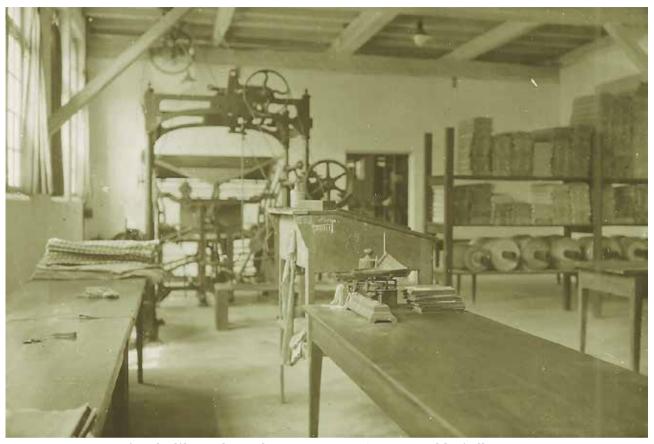
bem-sucedido era dono de muitos empreendimentos, e foi pessoa atuante na comunidade e na política. Em 1890, Bauer fez a primeira experiência de indústria de fiação e tecelagem em Brusque, mas o empreendimento têxtil não teve vida longa.

Segundo Buggenhagen (1941), embora os tecelões de Łódź tenham exposto a uma



Carlos Renaux, esposa Selma e filhos. Acervo: SAB/Casa de Brusque





Início da fábrica de tecidos em Brusque. Acervo: Unifebe/Villa Renaux

ou outra pessoa do lugar o seu projeto de fundar uma fábrica de tecidos, quem estava disposto a ir ao encontro de suas propostas foi o alemão Carlos Renaux, estabelecido na modesta vila de Brusque desde 1884.

Carlos Renaux, então, já se fazia conhecer pelo seu dinamismo e capacidade para amplas realizações. Ele compreendeu logo o alcance que a arte dos tecelões poderia alcançar e foi de encontro aos imigrantes de Łódź, que ansiavam encontrar um guia sob cuja direção confiariam

seus conhecimentos.

Em suas atividades comerciais, o jovem negociante Carlos Renaux adotou e fez adotar, nas vendas da pequena praça de Brusque, princípios até então desconhecidos. Acabou com o sistema de troca entre colonos e vendeiros, único então em uso, adotando para grande parte de suas transações a base da moeda corrente.

A venda de Carlos Renaux foi aumentando cada vez mais a afluência da freguesia, de sorte que, em menos de dez anos, conseguira os meios que o habilitariam a estudar a proposta dos "tecelões de Łódź".

Se a casa de comércio por si não dispunha de bastante capital, em compensação seu proprietário gozava do crédito pessoal que tinha com negociantes ricos. Assim, em 1892, Renaux instalou, sob sua firma individual, uma pequena fábrica de tecidos. Eram seus sócios Paul Hoepcke, irmão de Karl Hoepcke - fundador de conhecida firma comercial -, e August Klapoth. Um e outro se retiraram, mais tarde, da empresa.



Um pouco sobre os tecelões de Łódź

Gevaerd (1963) informa que Franz Kreibich e Karl Gottlieb Petermann foram os primeiros técnicos de Carlos Renaux. Petermann encontrava-se ainda morando com seus familiares na Guabiruba Alta quando foi chamado para impulsionar os primeiros teares.

Jescke, Rutsch, Tietzmann e possivelmente outros, possuindo teares em casa, recebiam de Carlos Renaux o material necessário e, com os seus familiares, fabricavam o tecido, colaborando assim, indiretamente, com a indústria que se iniciava.

Schäffel, Franz e Rutsch são sobrenomes quase desconhecidos hoje e tudo faz crer que, por motivos ignorados, se retiraram de Brusque. Wilhelm Jankowsky, por sua vez, não colaborou com Carlos Renaux; fornecia o produto de seu trabalho ao comerciante João Bauer.

Segundo registro existente na Casa de Brusque, em princípios de 1896 chegava a Brusque Gustavo Schlösser, diretamente para a fábrica de tecidos de Carlos Renaux, acompanhado da esposa e filhos. Dotado de extraordinários conhecimentos de sua



arte, o polonês étnico-alemão orientava a fabricação de teares de madeira, alguns dos quais funcionam ainda hoje. É de justiça salientar que em muitas ocasiões difíceis na nova indústria, principalmente no setor técnico, Gustavo

Schlösser conseguia contornar e resolver as situações. Em 1911, com seus filhos, fundou a Companhia Industrial Schlösser.

Rudolfo, filho de Gottlieb Tietzmann, por volta de 1897 montava sua indústria de ma-





Primeiros teares manuais de madeira. Tear em exposição no Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, Casa de Brusque

lharia e tricotagem, adquirindo, inicialmente, os teares de Wilhelm Jankowsky.

Outros tecelões chegaram depois de 1896, os quais, junto com os primeiros, transmitiram seus conhecimentos a seus filhos e a tantos operários que se sucederam na indústria de Brusque.

Os primeiros teares

Os primeiros teares manuais de madeira foram construídos por marceneiros locais e serviram, especialmente, para uso particular. Mas também para o início da indústria têxtil em Brusque. Para fins de instalar sua fábrica, Carlos Renaux adquiriu um terreno na estrada dos Pomeranos, atual Avenida Primeiro de Maio, Brusque, no mesmo lugar onde ainda hoje se encontra edificada



a antiga fábrica. Mas, como a conclusão das instalações demorasse, e como Renaux queria inaugurar a fábrica no dia 11 de março de 1892, ocasião em que completaria 30 anos de idade, os tecelões Franz Kreibich e Karl Gottlieb Petermann providenciaram, a título precário, o movimento de alguns teares domésticos.

Porém, não demorou para que Carlos Renaux comprasse

30 teares usados e antiquados, na Inglaterra, metrópole da indústria têxtil, os quais foram embarcados num vapor para serem transportados para o Brasil. A princípio, tudo parecia falhar. A chegada das máquinas a Itajaí coincidiu com a revolta contra Floriano Peixoto, ficando paralisada toda a vida econômica e os serviços de transportes do país. Os teares que, justamen-

te se achavam no caminho de Itajaí para Brusque, ficaram algum tempo abandonados no campo, ao ar livre, expostos às inclemências da chuva e do sol. Mal estavam montadas as máquinas, as dificuldades do início surgiram com maior evidência. Não eram somente os problemas puramente técnicos que criavam dificuldades. Em Brusque, faltavam operários práticos.

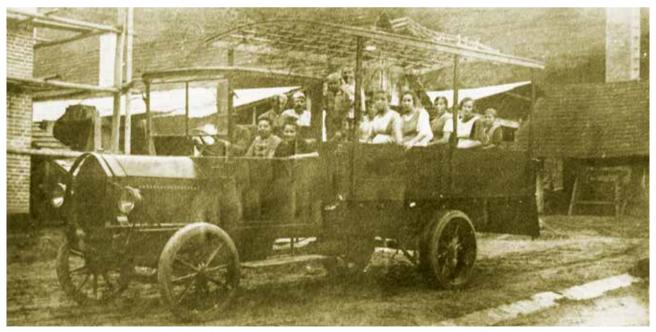
O operário trabalhador do campo

Os tecelões de Łódź não eram em número suficiente para o trabalho da indústria têxtil, e tiveram que fazer um esforço especial para ensinar o trabalho da tecelagem aos homens acostumados ao trabalho na lavoura; como

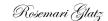
artífices especializados, os tecelões de Łódź tiveram papel importante como orientadores dos agricultores.

A falta de mão de obra especializada se somava ao maquinário incompleto, onde certos processos maquinais

tinham que ser substituídos de maneira primitiva, por operações manuais. Os fios vinham tingidos da Europa e a importação, por si, já representava um ônus bastante gravoso para o custo dos produtos.



Trabalhadores da lavoura e da indústria. Acervo: Unifebe/Villa Renaux



Os primeiros anos e a produção inicial de artigos têxteis

No princípio, a Fábrica Renaux produzia somente artigos simples, de acordo com as instalações imperfeitas das indústrias locais. Eram os chamados "suíços", que compreendiam o algodão xadrez vermelho e branco e os riscados para camisas e calcas para homens, destinados ao consumo da região de Brusque. Essa espécie de fabricados também era, talvez, a única que poderia ser vendida, na região, com alguma probabilidade de êxito. Os colonos não podiam deixar de comprá-la, e, em comparação à concorrência estrangeira, o artigo fabricado na praça levava vantagem tanto pelo gosto do comprador, como pela utilidade prática do tecido, particularidades estas que os fabricantes do lugar conheciam melhor do que os do estrangeiro.

Como, porém, os produtos têxteis produzidos em Brusque não podiam concorrer com os preços baixos dos produtos importados, Renaux muitas vezes precisou mandar vender seus tecidos nas áreas rurais. Eram man-



Trabalhador da Indústria Têxtil Renaux na ante fiação. Acervo: Unifebe/Villa Renaux

dados empregados que iam com suas carroças de casa em casa, oferecendo os produtos por preços compensadores aos colonos que desconheciam os preços do mercado.

Devido às dificuldades de venda, frequentemente a fábrica ficava parada, e às vezes, durante semanas. Essa circunstância se fazia sentir desagradavelmente na problemática de manter uma turma de operários experientes. Ainda segundo Buggenhagen (1941), o fato de achar-se a colônia em pleno florescimento, foi o que criou condições de vencer os embaraços criados pela falta dos salários.

Superada a inicial falta de mão de obra especializada, o maior empecilho para o desenvolvimento da empresa passou a ser a falta de capital. A soma empatada na montagem da fábrica foi muito além

do orçamento, de sorte que parecia impossível cobrir regularmente as despesas de movimento. A venda Renaux não produzia os lucros necessários para suprir a escassez financeira da fábrica e para mantê-la em movimento; era preciso recorrer a empréstimos temporários, feitos por amigos, e aos créditos concedidos pelos fornecedores de fios.

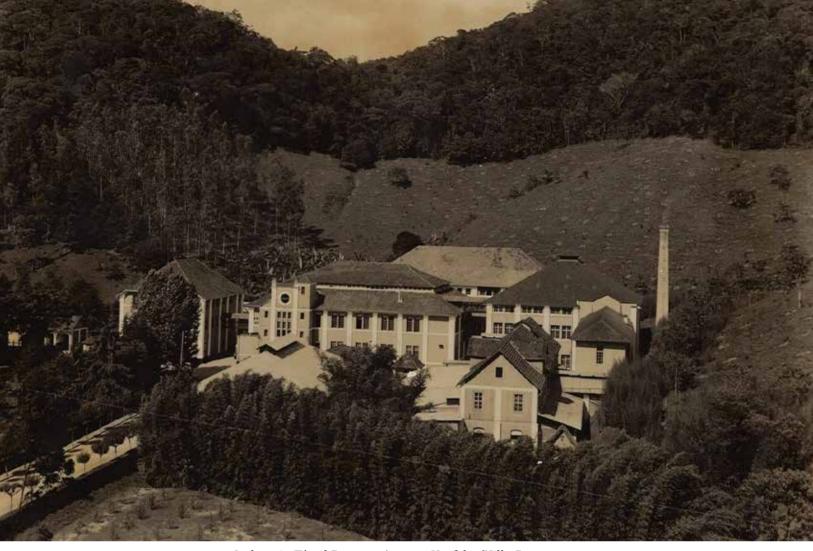
De 1892 até 1900, a fábrica tinha um quê de grotesco e rudimentar. Não fosse a extraordinária tenacidade de

seu fundador, ela teria fechado as portas, logo no princípio, diante da força das circunstâncias aniquiladoras. Renaux resistiu até o extremo sem esmorecer, conseguindo acomodar, paulatinamente, tudo às circunstâncias e adquirir a prática de que carecia no início.

A fábrica, tal como se apresentava em 1900, não era uma empresa robusta; resistira, apenas, às perigosas moléstias da primeira idade e prometia, para o futuro, alguma esperança de melhoras.



Tecelão. Acervo: Unifebe/Villa Renaux



Industria Têxtil Renaux. Acervo: Unifebe/Villa Renaux

A primeira indústria de fiação

O ano de 1900 marca uma nova etapa no desenvolvimento da firma. Sob vários aspectos, a situação começou a melhorar, embora perdurassem ainda por muito tempo certas dificuldades. Coube a Renaux, primeiramente, a tarefa de assegurar, com o acréscimo de seu capital, as bases de sua empresa.

Convencera-se ele que, numa praça como a de Brusque, não poderia vingar a fábrica de tecelagem sem possuir a sua própria fiação. Por essa razão, e como Renaux não tinha os recursos financeiros necessários para o investimento, propôs à firma A. O. de Freitas, de Hamburgo, a montagem de uma fábrica de fiação. Aprovado esse plano, a firma Freitas fez um pedido de algumas máquinas de fiação com um total de 1.000 fusos à firma Platt Bros & Co, de Oldham, Inglaterra. Renaux

conseguiu montar a fábrica de fiação graças ao dinheiro que tomou emprestado da firma A. O. de Freitas. Em 1900, montada a fábrica, não tardaram a surgir as mesmas dificuldades que se haviam verificado nos primeiros tempos da fábrica de tecidos.

A experimentação indispensável das máquinas, funcionando ainda sem o material de fabricação, levou pouco tempo, mas depois foi



preciso iniciar a produção de fios com homens que nunca tinham visto uma máquina de fiação e menos ainda haviam manejado. Além disso, havia as questões climáticas, ora muito úmido, ora muito seco. A preparação inicial do algodão para a fiação tinha que

ser feita à mão, por falta das máquinas apropriadas. O algodão era pesado em pequenas balanças. Só aos poucos que tudo foi se acomodando e os operários foram se habituando ao manejo das máquinas.

A fábrica de fiação de Re-

naux foi a primeira instalada em Santa Catarina. Prestarase um serviço extraordinário com essa instalação, pois se dera, assim, uma base segura à fiação. Esta pode, então, substituir os fios importados, os quais tinham preço muito mais elevado.

A importância da mulher na indústria têxtil

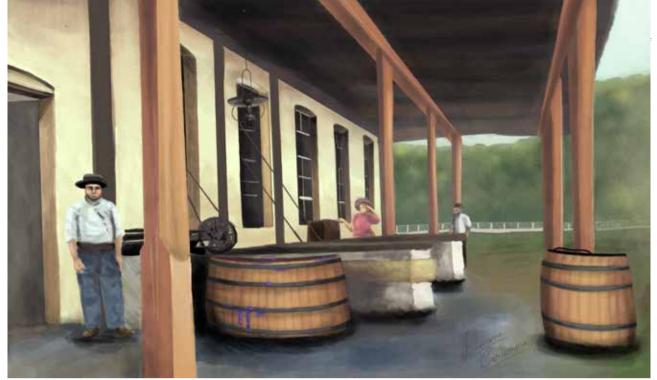
Emilie Abe Haacke, conhecida como "Mutter Haacke", compunha o grupo de imigrantes aqui conhecidos como "tecelões de Łódź" e foi um elemento muito importante nos primórdios da industrialização brusquense.

Emilie era viúva de um Hartke e casada com Julius Haacke. Quando Emilie e sua família emigraram de Tomaszów Mazowiecki, próximo a Łódź, Polônia, para o Brasil, não vieram diretamente para Brusque. Inicialmente, por um curto período, a família se instalou na cidade de Benedito Novo (SC) e algum tempo depois veio definitivamente para Brusque.

"Mutter Haacke", além de

contribuir com seu próprio trabalho, treinava as novas funcionárias no mecanismo da fiação. Foi a primeira fiandeira da cidade. Devido à sua importância dentro da indústria, Emilie tinha o privilégio de amamentar seus filhos nas dependências do emprego, coisa incomum naquele tempo (RENAUX, 1995).





Sessão de tinturaria da Renaux. Gravura: Francine Cavalheiro Carbonera. Acervo: Rosemari Glatz

A tinturaria vem completar o processo

Alguns anos depois de a Renaux montar sua fiação própria, anexou-se a ela uma seção de tinturaria, completando-se organicamente a instalação. O tingimento processava-se de uma forma primitiva. Tingiam-se em cubas os fios torcidos em cordões e as opções de cores eram poucas.

Nascera, porém, nova dificuldade: a de conseguir o algodão apropriado. Buggenhagen conta que antes de 1914 ainda não se produzia algodão no estado de São Paulo, sendo plantado apenas no norte do Brasil. Esta tinha as fibras bastante heterogê-

neas, de sorte que se fazia mister uma segunda preparação na fiação. Ficou, assim, muito prejudicada a capacidade produtora da fábrica. Acrescia-se a isso o algodão ser fornecido em estado sujo e coberto de areia, resultando numa percentagem relativamente alta de resíduos. O comércio de algodão ainda se achava nos começos e, na prática, não merecia confiança.

Renaux comprava a matéria-prima, de preferência, por intermédio da Usslaender, que tinha seus agentes compradores no norte do Brasil. Durante a Primeira Guerra Mundial ele comprou par-

te do algodão necessário na América do Norte.

Na expansão do mercado, tudo dependia da qualidade dos produtos. Os da fábrica Renaux não podiam rivalizar com a mercadoria estrangeira em padrões e apresentação. Distinguiam-se, porém, entre os produtos nacionais, pelos preços módicos e a qualidade superior, e, sobretudo, pela boa coloração fixa, que nas cores vermelha e preta criou a fama dos tecidos Renaux.

A freguesia do artigo compunha-se, até então, principalmente de caboclos e colonos que trabalhavam no campo.

Gustav Schlösser: o tecelão de Łódź empregado que passa a ser empresário

Gustav Schlösser, um tecelão de Łódź, foi o fundador da empresa Gustav Schlösser & Filhos, terceira grande empresa têxtil a iniciar operações em Brusque e se consolidar no mercado. A primeira foi a Renaux, seguida pela Büettner. Schlösser estudou. em 1890, no grupo especial da tecelagem da Escola Estadual da Indústria na Monarquia Austro-Húngara em Bielsko (Bielitz) - escola técnica têxtil, no Sul da Polônia, que então estava sob o domínio da Áustria. Lá, ele se formou técnico no ano de 1891. Por intermédio de um agente que contratava pessoas especializadas como técnicos e tecelões, Schlösser decidiu emigrar para o Brasil, buscando o desenvolvimento da indústria têxtil no Vale do Itajaí-Mirim.

Assim, no final do ano de 1895, Gustav Schlösser, um alemão étnico cuja família vivia há muitos anos na Polônia, embarcou no porto de Hamburgo, na Alemanha, com destino a Brusque, acompanhado da esposa e dos filhos. Em 1896, eles aportaram no Brasil. Ele já chegou contratado como técnico têxtil na Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, onde iria trabalhar durante cerca de 15 anos, até abrir a sua própria empresa, em 1911. Os filhos Hugo e Adolph Schlösser também viriam a trabalhar como tecelões na fábrica de Renaux.

Segundo Renaux (2010), entre fevereiro e agosto de 1908, Hugo e Adolph estiveram no Rio de Janeiro trabalhando no mesmo ramo, para uma firma de nome Prinz & Cia. Voltando a Brusque, ainda em 1908 Hugo Schlösser começou a tecer em casa, em tear manual adquirido do tecelão Tietzmann, que o trouxera de Łódź.

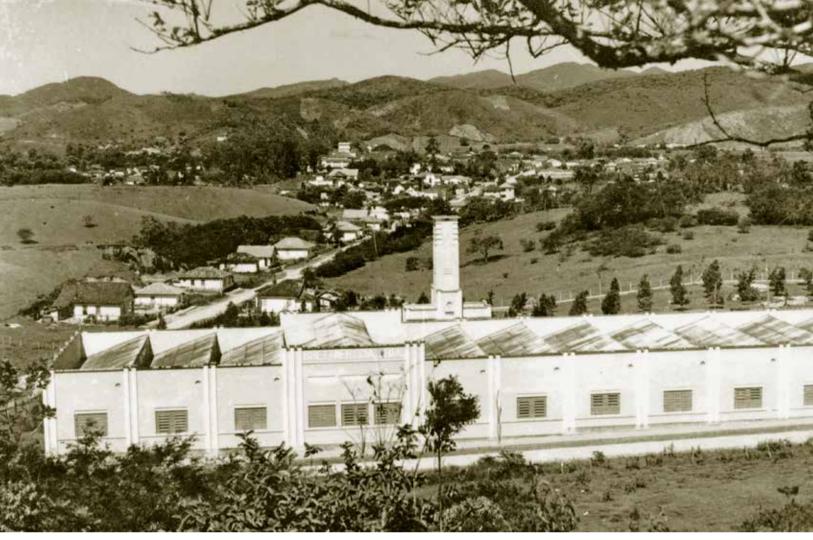
Com a fundação da firma

Schlösser, em 1911, Gustav Schlösser e os filhos Hugo e Adolph voltaram a trabalhar juntos em Brusque, desta vez por conta própria.

Então, a firma era uma pequena tecelagem com a denominação de "Gustavo Schlösser & Filhos". O negócio iniciou com apenas dois teares manuais, um deles provavelmente aquele utilizado por Hugo na fabricação doméstica, e o outro, um tear jacquard, adquirido com o crédito concedido por Carlos Renaux, que se encarregou, também, do fornecimento de fio e da distribuição do produto em sua "venda".

Em 1914, antes do início da Primeira Guerra Mundial e quando em Brusque já havia energia elétrica – fornecida pela hidrelétrica de João Bauer, a fábrica Schlösser se expandiu, inaugurando uma fase de crescimento.





Büettner e Cia Ltda. Acervo: SAB/Casa de Brusque

A consolidação da Brusque industrial pelas mãos dos tecelões de Łódź

Depois de 1918, a indústria têxtil do Brasil entrou em sua fase decisiva. O governo começou a taxar os tecidos estrangeiros, em escala ascendente, com direitos de importação, o que veio proporcionar ótimas condições de desenvolvimento à indústria nacional. Essa medida favoreceu as empresas que já se haviam adaptado e, efetivamente, estavam em condições de

satisfazerem a parte que lhes cabia no grande consumo do país. É o que se deu em relação às indústrias têxteis de Brusque. Os anais da história registram que Brusque teve três grandes indústrias têxteis fundadas e consolidadas entre o final do século XIX e início do século XX: a Renaux, a Schlösser e a Büettner. Destas, as duas primeiras foram diretamente impactadas pela

capacidade técnica dos tecelões poloneses.

Passados trinta anos, num ciclo que se iniciou com a chegada dos tecelões de Łódź a partir de 1889 - mão de obra polonesa especializada na arte de tecer, a indústria têxtil consolida a transição da Brusque colonial à Brusque industrial, marcando um tempo de grande prosperidade que segue até a atualidade.

Ponte Estaiada Irineu Bornhausen

A Ponte Irineu Bornhausen, mais conhecida como "Ponte Estaiada", foi construída entre os anos de 2002 e 2004, e inaugurada em 20 de abril de 2004.

A ponte se destaca pela materialidade, o concreto branco, sendo considerada a primeira ponte estaiada construída com este material no Brasil.

A escolha do material se deu pelo aspecto estético do mesmo, que permite um concreto aparente com uma característica diferente da convencional. Tem 90 metros de comprimento, e 36 metros de altura. O pilar central tem formato em A, de onde saem quatro grupos de dois estais cada, num total de 512 cabos, que correspondem a 4,6 mil toneladas de força.

O projeto arquitetônico é de autoria de Mário de Miranda, inspirado em uma ponte que leva ao aeroporto de Malpensa, na Itália, e projeto estrutural foi assinado por Osvaldemar Marchetti. A opção da técnica construtiva de estaiamento se deu por um

aspecto técnico evidenciado num estudo da Universidade Federal do Paraná – UFPR, que atribuía parte da responsabilidade das enchentes à antiga ponte existente, que havia sido construída na década de 1980 e possuía apenas 20 metros de vão, causando um estrangulamento do canal do rio e a retenção de resíduos sólidos nos pilares da ponte.

A edificação é um importante patrimônio histórico de Brusque, e um dos principais cartões postais da cidade.





REFERÊNCIAS

BUGGENHAGEN, E. A. von. História Econômica no Município de Brusque e a obra do Cônsul Carlos Renaux. [SI]. Brusque, 1941. Não publicado.

GEVAERD, Ayres. Os Tecelões de Łódź na História de Brusque. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo V, março de 1963. Nº 3.

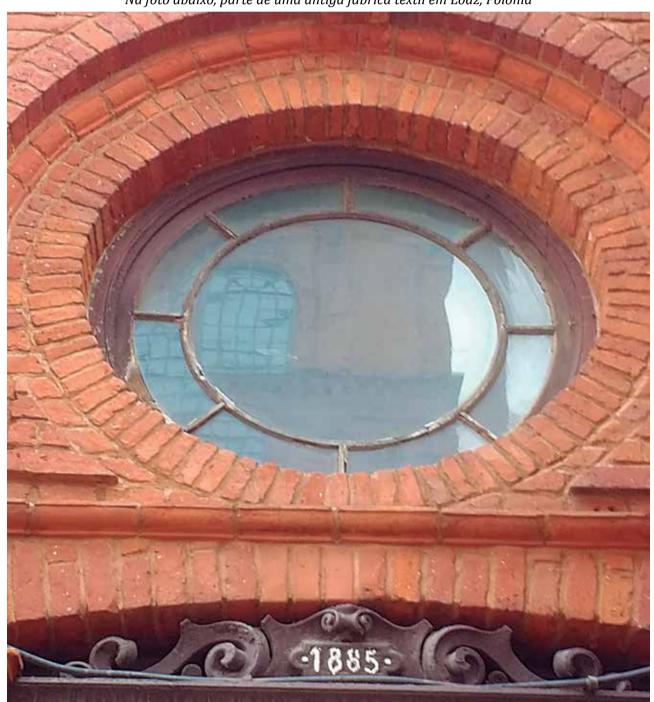
Disponível em: http:// hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/ blumenau%20em%20cadernos/1962/BLU1962003_mar. pdf>. Acesso em 14 set. 2019.

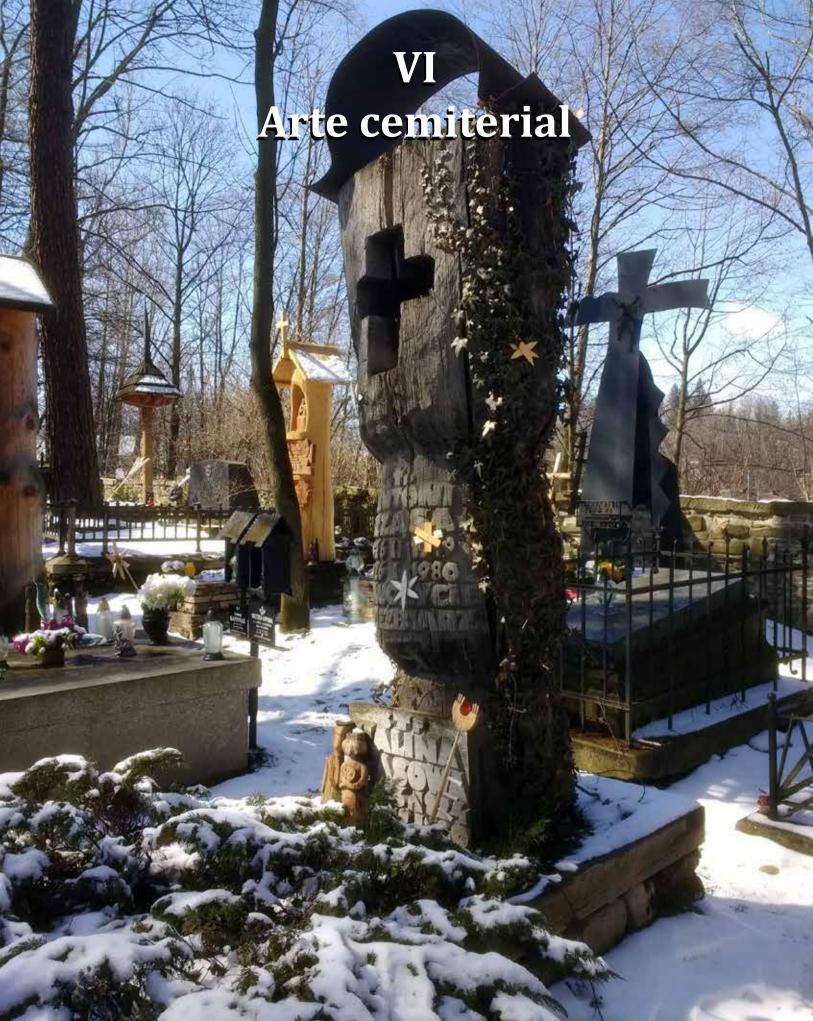
RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel

da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Blumenau. Editora da Furb, 1995.

RENAUX, Maria Luiza. Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: O Modelo Catarinense de Desenvolvimento. 2ª ed. Florianópolis: Instituto Carl Hoepcke, 2010.

Na foto abaixo, parte de uma antiga fábrica têxtil em Łódź, Polônia









Arte cemiterial e representações culturais polonesas em cemitérios

A morte é o derradeiro rito de passagem concretizado na cotidianidade, local por excelência de concentração de significados e valores de uma determinada cultura. Todos os homens morrem. mas não a mesma morte. Os rituais fúnebres e a morte tiveram seu espaço reservado no cotidiano dos imigrantes poloneses - a morte como o fim de um ciclo de vida, como o destino do homem. Thais Janaina Wenczenovicz, In: Luto e Silêncio

Desde os primórdios da humanidade, encontram-se referências materiais de sepultamentos e do local designado para enterrar os mortos. Desde que o homem começou a se ocupar do cadáver, havia a necessidade de identificar o cemitério como espaço de depósito final para o corpo morto.

A palavra "cemitério" surgiu no início do cristianismo, originária do grego koimetérion, de kio'ão, significando "eu durmo", e do latim coemeterium, lugar onde se dormia. O local do cemitério passou a ter um sentido próprio: campo de descanso após a morte,

no qual se espera a ressurreição quando soar a hora do juízo final. A ideia de ressurreição, incentivada pelo catolicismo, impulsionou a necessidade de conservação do corpo em local de singular importância, como é o cemitério (WENCZENOVICZ, 2019).

Os cemitérios são importantes fontes históricas e colaboram para a preservação da memória familiar e coletiva. Em algumas culturas, os túmulos e cemitérios são verdadeiras representações artísticas e possibilitam a compreensão de crenças religiosas, posturas políticas, revelam profissões e gostos



artísticos da sociedade. Oportunizam o conhecimento da formação étnica de uma comunidade, a expectativa de vida da população e contribuem para estudos genealógicos. Neste livro, a abordagem do tema tem como propósito propiciar, através de imagens e textos, reflexões acerca da história dos imigrantes poloneses que se instalaram em Santa Catarina, mas também apresenta alguns cemitérios da Polônia.

E, neste escopo, este ca-

pítulo é destinado a abordar especialmente a arte cemiterial e representações culturais polonesas em cemitérios. Inicialmente são apresentadas imagens e descrições de determinados cemitérios da Polônia, que tive a oportunidade de conhecer entre 2018 e 2019. Em seguida, apenas como uma amostra histórica, apresento alguns (poucos) cemitérios catarinenses que retratam traços da colonização polonesa e colaboram para a preservação da memó-

ria familiar e coletiva do imigrante polonês, dentre eles o cemitério central da Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Brusque.

A parte final deste capítulo traz um tópico descritivo sobre o lendário "Cemitério dos Polacos", localizado no município de Botuverá, desmembrado de Brusque em 1962 e onde, já em 1870, foram sepultados alguns dos primeiros colonizadores de origem polonesa que chegaram ao Brasil em 1869.



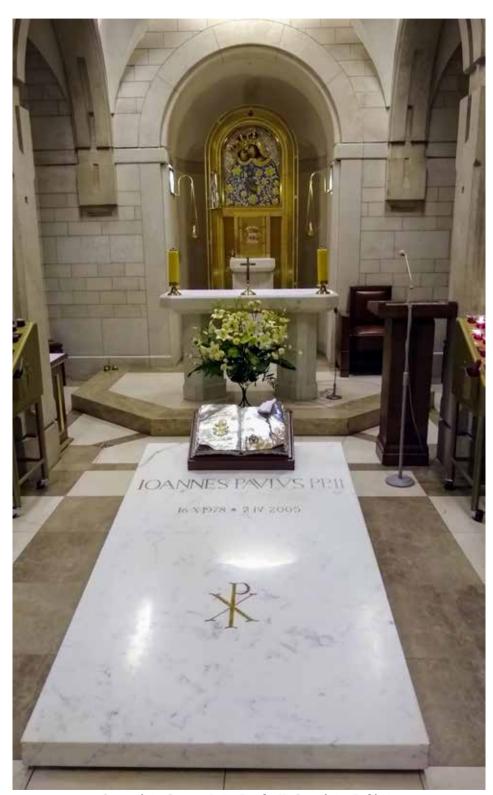


Cemitérios na Polônia

Cracóvia: Santuário Centro João Paulo II

Na capela sacerdotal localizada no subsolo do Santuário Centro João Paulo II, em Cracóvia, Polônia, construída em homenagem ao saudoso papa e santo polonês, encontra-se a pedra que cobria o túmulo do Santo Padre. primeiro túmulo onde ele foi enterrado e, sobre essa pedra, encontra-se um relicário, em forma de livro, que também contém uma ampola com o sangue de São João Paulo II (Karol Wojtyla).

O Santuário foi construído no mesmo terreno onde funcionava uma fábrica onde Karol Wojtyla trabalhou durante a Segunda Guerra Mundial para fugir da deportação para a Alemanha.



Santuário Centro João Paulo II, Cracóvia, Polônia



Cracóvia: Cemitério de guerra em Łagiewniki

O Cemitério de Guerra nº 384 foi criado durante a Primeira Guerra Mundial, em Łagiewniki, Cracóvia e chegou a ser o maior cemitério de guerra estabelecido em separado da Fortaleza de Cracóvia.

Sua localização é especial, pois está implantado ao lado do Santuário da Divina Misericórdia, que anualmente é visitado por centenas de milhares de turistas e peregrinos de todo o mundo.

O Santuário da Divina Misericórdia consiste em uma basílica situada junto ao convento da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia fundado em 1891 pelo príncipe Aleksander Lubomirski. Entre 1999 e 2002, foi construído um novo templo, consagrado no dia 17 de agosto de 2002 pelo Papa João Paulo II, que, desde 1966, abriga o túmulo de Santa Faustina (Kowalska).

Também há no local uma torre independente, uma capela de adoração ao Santíssimo Sacramento, um anfiteatro, uma Casa Pastoral com hotel e restaurante, uma zona de comércio, estradas de acesso e estacionamento. En-

tre outras obras em andamento, está sendo construída uma via sacra.

O cemitério de guerra em Łagiewniki é uma das 400 necrópoles deste tipo em Małopolska, e a única na cidade de Cracóvia. No princípio, era apenas um cemitério hospitalar, porém, em 1914, durante a Primeira Guerra Mundial, os edificios agrícolas do mosteiro, uma casa de ensino e um convento foram transformados em um hospital de guerra com cerca de 800 a 1.000 leitos.

Entre 1914-1918, o hospital foi administrado pelas Irmãs do Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade de Łagiewniki, e pessoas de várias nacionalidades e religiões foram ali tratadas. O hospital acolheu os feridos de todos os setores da frente de guerra do Reino da Galícia (também conhecido como Polônia Austríaca) e Lodoméria e do Grão-Ducado de Cracóvia, e também pessoas de várias nacionalidades e religiões, com doenças infecciosas como tifo, cólera, disenteria, tuberculose, escarlatina, varíola e peste, foram tratadas ali.

Aqueles que não puderam ser

salvos foram sepultados ao lado do hospital de guerra. Havia 266 sepulturas individuais, mas também houve seputalmentos em valas comuns. As cruzes nas sepulturas eram quase todas de madeira.

O portão de entrada do cemitério era de tijolo, com um topo de empena com uma cruz maltesa estilizada e com a inscrição: "Aqui estão enterrados 266 soldados de várias nacionalidades, que morreram durante a Primeira Guerra Mundial no hospital de guerra austro-húngaro localizado nos edifícios agrícolas do Mosteiro das Irmãs de Nossa Senhora da Piedade." Ou seja, o cemitério de Łagiewniki não está conectado apenas pela memória da guerra, mas também pela comunidade das nações, onde 266 soldados - poloneses, romenos, sérvios, russos, lituanos, austríacos, alemães, húngaros, rutênios, tchecos, croatas, estonianos, dentre outros -, independentemente do lado da frente em que lutaram, ali estão enterrados.

O cemitério permaneceu abandonado e esquecido e, com o passar dos anos, o portão passou a ser o único sinal visível do cemitério existente em Łagiewniki há mais cem anos. Tudo foi se deteriorando lentamente. A existência do cemitério ficou embaçada na memória dos habitantes e, aos poucos, foi passando despercebido por transeuntes - turistas e peregrinos.

Abandonado durante décadas, o local das sepulturas estava coberto de grama, onde restos de lápides afundadas apareciam aqui e ali, até que se decidiu por reconstruir a cerca, o layout dos caminhos e túmulos de acordo com o projeto original do arquiteto austríaco Hans Mayr, que estava preservado nos Arquivos do Estado em Cracóvia.

A vegetação também foi revitalizada. Os custos de renovação foram cobertos pelo Escritório Provincial de Małopolska e pela Cruz Negra austríaca (uma organização que lida com a lembrança de túmulos de guerra). O consulado húngaro financiou

dois painéis com informações, com os nomes de todos os soldados enterrados no cemitério. Após a reforma, o cemitério foi reinaugurado em 24 de outubro de 2017.

Hoje, os transeuntes não têm dúvidas de que estão passando pelo cemitério. O respeito pelos mortos foi restaurado, assim como a memória histórica desta necrópole da Primeira Guerra Mundial.

(CEMENTARZ-WOJENNY, 2020)



Cemitério de guerra em Łagiewniki, Cracóvia



Zakopane: Cemitério Nacional Pęksowy Brzyzek

Zakopane é conhecida como a capital de inverno da Polônia. Fica na base das Montanhas Tatra, ponto de partida popular para a prática de desportos de inverno e de escalada e caminhada no verão. A cidade, muito turística, também é conhecida pelos chalés de madeira da virada do século XX, símbolos da arquitetura ao estilo de Zakopane.

E lá encontramos o cemitério antigo de Zakopane, construído ao lado da igreja de madeira mais antiga de Zakopane, por volta de 1850. É um dos três cemitérios mais importantes da Polônia, tendo recebido o título de Cemitério Nacional. Inspirado na arquitetura da própria cidade, a arquitetura do Cemitério de Zakopane é obra de um artista muito famoso chamado Stanislaw Witkiewicz. Ele, inclusive, também está sepultado nesse cemitério, que virou ponto turístico histórico.

Originalmente, o cemitério foi criado para enterrar cidadãos locais, mas acabou ficando famoso porque pessoas de renome foram enterradas ali e suas tumbas foram feitas no estilo Zakopane. Lá quase todos os túmulos

têm um motivo artístico, num verdadeiro culto dos vivos aos mortos. Existem 500 túmulos no Cemitério antigo de Zakopane, e metade deles são de poloneses

bem conhecidos na Polônia, por isso também é popularmente chamado de Cemitério das Estrelas (Stary Cmentarz ou Cemetery on Pęksowy Brzyzek)



Lápide do túmulo de Kornel Makuszyński, um famoso escritor polonês de literatura infantil e juvenil

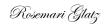
O cemitério de Zakopane é um verdadeiro exemplo da história e cultura da região. Entre as pessoas que lá estão sepultadas, encontramos artistas, poetas, arquitetos, atletas ou resgatistas de montanhas. Dentre as sepulturas que chamam a atenção, encontramos o túmulo de Kornel Makuszyński, um famoso escritor polonês de literatura infantil e juvenil e membro da prestigiosa Academia Polonesa de Literatura na Polônia. Makuszvński é o autor do livro infantil sobre as aventuras da Cabra Matołek Koziołek, que influenciou muitas gerações de poloneses e que mais tarde foi transformado em desenho animado infantil.

Outras sepulturas que chamam a atenção são a de um saltador de esqui olímpico que atuou na busca e resgate de homens mortos em uma missão, e as sepulturas de artistas e de músicos, como a do luthier Franciszek Marduła.

O médico que incentivou o turismo a Zakopane na década de 1850 também está sepultado lá. O cemitério está repleto de belas lápides de arte folclórica e parece até sair de um conto das florestas, com tumbas ornadas em madeira e adornos em muitas cores.



Lápide do túmulo de Franciszek Marduła. Premiado internacionalmente, Marduła era um Luthier fabricante de violino autodidata. Construiu seu primeiro violino em 1928 e, ao longo da vida, construiu mais de trezentos instrumentos.





Algumas das sepulturas têm estátuas únicas esculpidas em madeira. Mas o que torna cada sepultura verdadeiramente única são as lembranças colocadas sobre elas.

No túmulo de Kornel Makuszyński, por exemplo, é recorrente encontrar corações e anjos deixados por seus admiradores. Nos túmulos dos membros de busca e salvamento, por sua vez, existem equipamentos de alpinismo sobre a lápide.

No contexto da morte vivenciada e do presente iluminando o passado, assim como milhares de turistas, é comum os alunos das escolas polonesas visitarem o antigo cemitério de Zakopane e render homenagens às pessoas que admiram. Afinal, o Cemitério Nacional Pęksowy Brzyzek é uma maravilhosa exposição de arte, cultura e fé, enquadrado no cenário das Montanhas Tatra, o que torna o cemitério mais especial.



Cemitério de Tomaszów Mazowiecki

Tomaszów Mazowiecki é a cidade de origem de alguns poloneses que se instalaram em Brusque durante o segundo movimento migratório dos poloneses para o Brasil, nos anos de 1890 e 1891, período conhecido como a "febre imigratória brasileira", tais como as famílias Kowalski, Walendowsky, Haacke e Hartke.

Distante 70 km de Łódź, em 1793, como resultado da Segunda Partição da Polônia, Tomaszów Mazowiecki passou ao domínio do Império da Prússia e, a partir de 1815, o território passou a ser ocupado pelo Reino da Rússia. Não havia mais educação em língua polonesa, e o alfabeto cirílico foi adotado.

No século XIX, Tomaszów Mazowiecki passou a ter a indústria têxtil como um dos pilares centrais da sua economia. Os primeiros tecelões chegaram a Tomaszów Mazowiecki vindos de Zgorzelec (cidade da parte da Silésia que entre 1815 e 1919 integrava o Império da Prússia) e, em 1823, a primeira igreja de confissão luterana foi estabelecida. Em 1825, a cidade recebeu a primeira igreja católica. A população judaica se estabeleceu



em 1831 sendo que, em 1931, já representava cerca de 30% da população da cidade.

Ao visitar o antigo cemitério de Tomaszów Mazowiecki, vale a pena prestar atenção às suas belas e antigas lápides. Ainda é possível encontrar alguns monumentos do século XIX e um ponto que chama a atenção são os vestígios da antiga multinacionalidade.

Entre as inscrições nas lápi-

des, textos em alemão gótico, cirílico (língua muito usada pelos russos), e sepulturas de famosos moradores e pessoas de mérito, como a do proprietário de importantes indústrias têxteis, Moritz Pietsch.

Para os que têm interesse em visitar Tomaszów Mazowiecki fica a dica: a melhor época do ano para realizar atividades turísticas gerais ao ar livre é do meio de junho ao fim de agosto.



Acervo: Fundação José Walendowsky





Cemitério de Kulice, Pomerânia, Polônia



Lápide da família Bismark, proprietária das aldeias de Konarzewo, Jarchlino e Kulice



Vista do cemitério, ao lado da igreja de Kulice

No cemitério da aldeia de Kulice encontrei várias lápides de famílias que nas décadas de 1860 e 1870, partiram da Pomerânia e ajudaram a colonizar, principalmente, a cidade de Pomerode (SC).

O antigo cemitério está implantado ao lado da igreja de Kulice e honra a memória de muitas famílias pomeranas que viviam nas aldeias da região próxima à igreja, entre elas das aldeias contíguas de Konarzewo (em alemão: Kneiphof), Jarchlino (em alemão: Jarchlin) e Kulice (em alemão: Külz) que, juntas, formavam uma fazenda. Mas não só delas.

Entre os anos de 1726 e 1945, Konarzewo, Jarchlino e Kulice pertenceram à família de Otto von Bismarck, primeiro-ministro da Prússia, primeiro chanceler do Reich e fundador do Reich alemão. Sobre esse assunto você pode consultar o capítulo 9 deste livro, no tópico intitulado "Origens familiares da Pomerânia, atualmente Polônia".



O cemitério fica ao lado da igreja de Kulice

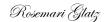


Na lápide coletiva, o sobrenome da família, e a aldeia onde viviam



Lápide da família Reinke, que emigrou na década de 1860 e se instalou em Pomerode





Cemitérios catarinenses: uma pequena amostra da imigração polonesa

Cemitérios são espaços carregados de história e memória. Muitos são extremamente simples e despidos de qualquer suntuosidade, alguns com arquitetura tumular sóbria, enriquecida apenas pela vegetação que a circunda e ornamenta seus túmulos, e outros são mais

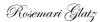
ricos no quesito arte tumular.

No entanto, embora alguns sejam muito simples do ponto de vista da riqueza arquitetônica, artística e de personalidade, os cemitérios sempre refletem um período da história de determinada comunidade.

E é dentro desta perspec-

tiva que, apenas como uma amostra histórica, neste tópico apresentamos fragmentos de alguns cemitérios de cidades de Santa Catarina que retratam traços da colonização polonesa e colaboram para a preservação da memória familiar e coletiva do imigrante polonês.





São Bento do Sul: Cemitério de Rio Vermelho Povoado



A colonização da região onde se situa o Cemitério de Rio Vermelho Povoado começou com a abertura do Caminho de Bismarck e se transformou em um núcleo colonial muito próspero na época. O Cemitério foi tombado como patrimônio histórico pela Fundação Catarinense de Cultura (Resolução de Tombamento: Decreto nº 2.980, de 25/06/1998).

O cemitério local é considerado uma das lembranças mais concretas da trajetória de vida do colonizador, eternizadas através das inscrições contidas nas lápides de seus túmulos.

Situado em local elevado, de linda paisagem, ao lado da Capela Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, o cemitério caracteriza-se pela simplicidade e sobriedade de seus túmulos, alguns dos quais possuem apenas uma cruz em metal ou uma tosca cruz de madeira, na qual se pode ler o nome póstumo entalhado na madeira, quase todos de origem polonesa.



Indaial: dois cemitérios dos polacos

Em Indaial encontramos dois cemitérios que registram, de forma mais clara, a imigração polonesa na cidade, sendo um nas imediações da Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e outro próximo à Igreja de Santo Estanislau Kostka.

O cemitério implantado nas imediações da Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada na Rua Artur Zarling, no bairro Warnow Alto, é pequeno.

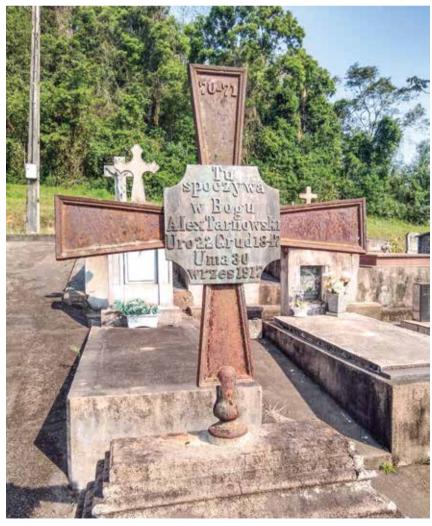
Neste cemitério estão sepultados imigrantes e descendentes de imigrantes poloneses e, em meio aos sobrenomes. encontramos: Ciesielski. Fridrichowska. Grzybovski, Koslop, Kuskowski, Ruczkowski, Stolarski, Susczynski, Velinski, Wrzesinski e Zalasik. Dentre os que ali estão sepultados,

pelo menos o casal Kuskowski é de imigrantes, visto que nasceram na década de 1830.

Mas é na Estrada das Areias que inúmeras famílias polonesas, descendentes das que chegaram em 1878, ainda residem. E é lá, nas proximidades da Igreja de Santo Estanislau Kostka - mas não no mesmo terreno - que encontramos o cemitério, datado da época em que os poloneses chegaram a Indaial, e que representa oficialmente a imigração polonesa na cidade. Assim como a Igreja Santo Estanislau Kostka e o oratório, o cemitério é destaque para visitação no Caminho das Areias (INDAIAL, 2019).

O sobrenome Tarnowski se sobressai entre os imigrantes e descendentes de imigrantes poloneses sepultados no cemitério da Estrada das Areias, pois a quantidade de túmulos com este sobrenome é relevante.

E é no cemitério da Estrada das Areias que está sepultado Alex Tarnowski, considerado um dos pioneiros poloneses que se instalaram em Indaial e os dizeres da cruz que ornamenta o seu túmulo estão escritos em polonês.





Itaiópolis: cemitério dos polacos em Alto Paraguaçu

O cemitério do núcleo urbano de Alto Paraguaçu, distrito de Itaiópolis, guarda os restos mortais de uma parcela significativa dos imigrantes poloneses da área rural dos municípios de Santa Catarina.

Itaiópolis é um dos municípios catarinenses que integram o Projeto Roteiros Nacionais de Imigração, desenvolvido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

Os primeiros habitantes chegaram a Itaiópolis por volta de 1889, e a eles se juntaram mais cinco mil imigrantes poloneses, sendo que a cidade é considerada a capital catarinense da cultura polonesa.

Os traços da colonização polonesa estão retratados no cemitério de Alto Paraguaçu, colaborando para a preservação da memória familiar e coletiva do imigrante polonês.

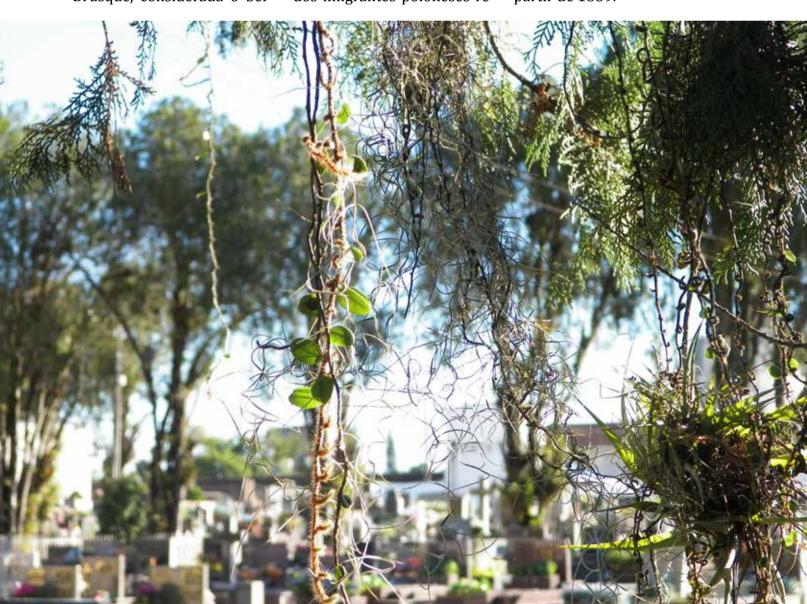
Em Alto Paraguaçu encontramos a Igreja Católica de Santo Estanislau, construída entre 1915 e 1922, considerada o maior templo católico construído por imigrantes poloneses na América Latina.





Brusque: cemitério da Comunidade Evangélica Luterana do centro

Com relevância históricosocial, uma visita ao cemitério proporciona um turismo educativo que contempla cultura, memória, identidade e arte, entre outros tantos significados da vida social. No caso de Brusque, considerada o berço da imigração polonesa no Brasil, o cemitério da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do centro, além da sua beleza estética, possui valor histórico inestimável, pois lá está sepultada grande parte dos imigrantes poloneses rememorados como "tecelões de Łódź". Eram imigrantes de etnia alemã, protestantes (hoje denominados luteranos) que estavam estabelecidos em território polonês, e que chegaram a Brusque a partir de 1889.





No cemitério central da Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Brusque encontramos sepultados desde mestres tecelões que impulsionaram a indústria têxtil. a exemplo das famílias Haacke, Hartke, Jeske e Wilke, até grandes industriais, a exemplo da família Schlösser. Iuntos, tecelões e industriais contribuiriam efetivamente para a transformação da Brusque colonial para a Brusque industrial.

Neste cemitério também estão sepultadas as famílias Renaux, Büettner e Schlösser, industriais e proprietários das três grandes indústrias têxteis fundadas e consolidadas entre o final do século XIX e início do século XX. Destas, as duas primeiras foram diretamente impactadas pela capacidade técnica dos tecelões de Łódź.

Uma das características que se observa no cemitério da Igreja Evangélica de Con-

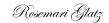
fissão Luterana do centro de Brusque, assim como em outros cemitérios protestantes em Santa Catarina, é o cuidado especial com a arborização, onde a vegetação é elemento fundamental para valorização da arquitetura tumular ajudando a criar um ambiente aprazível.

A arquitetura do Cemitério da Comunidade Evangélica Luterana de Brusque é composta por túmulos de pequeno porte, com pouca estatuária, e raros ornamentos, com destaque para os símbolos decorativos e esculturas. Há valorização da inscrição de epitáfios - a escrita de uma frase em relevo no túmulo. Há grandes áreas reservadas exclusivamente para famílias, a exemplo da família do Cônsul Carlos Renaux, grande industrial e pioneiro da indústria têxtil na região. Uma das sepulturas mais anosas do cemitério, ainda preservada, é de 1908, muito antes da aprovação do regulamento do cemitério, datado de 1932.

O Cemitério Luterano é o mais antigo do centro de Brusque que ainda está preservado, um verdadeiro registro da história e cultura da cidade. Pelos valores memoriais, materiais e imateriais que encerra, de ampla signi-



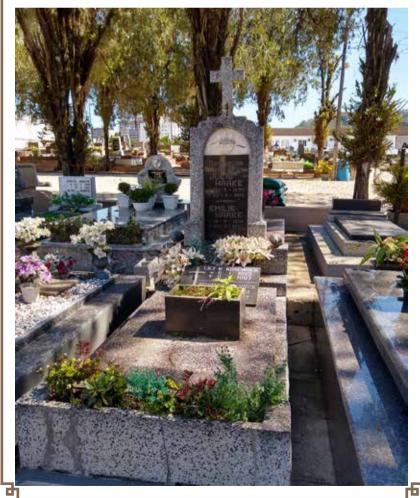
Túmulo de Selma Wagner Renaux



ficação histórica, social, ideológica, religiosa e política, uma maravilhosa exposição de arte e de fé, este cemitério pode ser considerado um dos patrimônios históricos de Brusque, inclusive com grande potencial turístico.



Entre os tecelões, um nome que merece destaque, pois muito contribuiu para o desenvolvimento da indústria têxtil, é Emilie Abe Haacke. Ela e sua família emigraram de Tomaszów Mazowiecki, próximo a Łódź, Polônia. Mais conhecida como "Mutter Haacke", ela foi uma verdadeira referência na arte da tecelagem industrial, a primeira fiandeira da cidade. Emilie era viúva de um Hartke, e casada em segundas núpcias com Julius Haacke. "Mutter Haacke", além de contribuir com seu próprio trabalho, treinava as novas funcionárias no mecanismo da fiação. Devido à sua importância dentro da indústria, Emilie tinha o privilégio de amamentar seus filhos nas dependências do emprego, coisa incomum naquele tempo. Tanto a família Haacke quanto a família Hartke estão sepultadas no cemitério da Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Brusque (BRUNS, 2020).





Botuverá: cemitério dos polacos em Lageado

Finalizando este capítulo que se destina a abordar a arte cemiterial e representações culturais polonesas em cemitérios, este tópico descreve o lendário "Cemitério dos Polacos". Localizado no município de Botuverá, que foi desmembrado de Brusque em 1962 e onde, já em 1870, foram sepultados alguns dos primeiros colonos de origem polonesa que chegaram ao Brasil em 1869.

A escrita deste tópico só foi possível graças à pesquisa

do padre Eder Cláudio Celva, intitulada "Breve histórico do cemitério dos poloneses em Lageado Botuverá – SC", publicada em 2014 no Anuário Notícias de Vicente Só, da Sociedade Amigos de Brusque – Casa de Brusque.

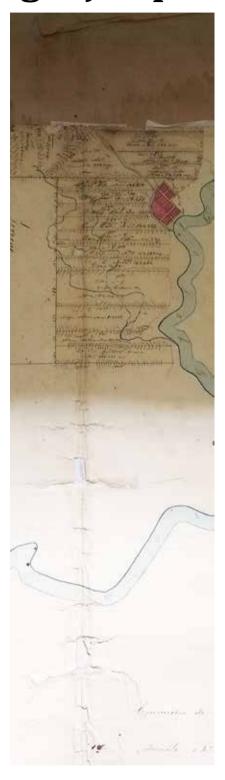




A chegada dos polacos em Brusque e a transmigração para o Paraná

A Colônia Itajahy-Brusque, atual cidade de Brusque - SC está localizada no Vale do Rio Itajaí-Mirim e foi fundada por imigrantes alemães em 4 de agosto de 1860. Poucos anos depois, em 16/01/1866, foi criada a Colônia Imperial Príncipe Dom Pedro, em território vizinho a Brusque, margem direita do rio Itajaí-Mirim. Em agosto de 1869, um grupo de 16 famílias vindo da vila de Stare Siołkowice, localizada na voivodia de Opolskie, no condado de Opole, no município de Popielów, Alta Silésia, Polônia, região que se encontrava sob o domínio prussiano, desembarcou no porto de Itajaí/SC. Este grupo foi instalado na Colônia Príncipe Dom Pedro, a qual foi extinta poucos anos depois, em 06/12/1869, e anexada à Colônia Itajahy-Brusque, concedendo a Brusque o título de "Berço da Imigração Polonesa no Brasil".

Gevaerd (1972) informa que, em agosto de 1869, apenas quatro meses antes da anexação, haviam sido instalados na Colônia Príncipe Dom Pedro os primeiros co-



lonos de origem polonesa que chegaram ao Brasil. Eram 94 polacos e, em setembro seguinte, chegaram mais 22. Os poloneses receberam lotes na linha intermediária da Linha Colonial «Sixteen Lots» (que significa 16 lotes), na região do Ribeirão Cedro Grande (atual Brusque/SC) e Ribeirão do Ouro (atual Botuverá/SC). A extensão total dessa linha compreendia Lajeado, Porto Franco e Ribeirão do Ouro; a sede ficava em Porto Franco (Botuverá) e no primeiro ano, entre 1869 e 1870, foram assentados 146 poloneses em Sixteen Lots.

Celva (2014) informa que a instalação dos poloneses na Linha Colonial "Sixteen Lots" se deu por uma situação de emergência. Eram imigrantes espontâneos, isto é, não haviam sido convidados pelo Governo Imperial e ainda enfrentariam um longo caminho, até melhor acomodação. Em que pese o território destinado aos poloneses ser rico em madeiras de lei, canela e peroba, estava situado em região montanhosa, com poucas áreas realmente boas



para lavoura.

Sobreviver em área tão inóspita não era fácil, mas os poloneses mostraram resultados satisfatórios com relação ao trabalho agrícola; mesmo não sendo seu ramo mais específico, tentaram adaptar-se. Vinham de uma Polônia que caminhava para a industrialização, e lidavam com muito mais destreza com máquinas do que com a terra. Em 1871, por intermédio de Sebastião Edmundo Woś Saporski, os poloneses instalados na Colônia Príncipe Dom Pedro foram convencidos da existência de locais mais providos de meios essenciais para se estabelecerem, em um lugar onde não era preciso sacrificar até a exaustão mortal as primeiras gerações, para que as coisas se desenvolvessem, acrescenta Celva (2014).

A transmigração dos polacos para o Paraná se deu a partir do segundo semestre de 1871, mas alguns imigrantes poloneses permaneceram por Brusque, e outros foram chegando, de forma esparsa. Celva (2014) revela que em Lageado (Botuverá) ficaram poloneses remanescentes, os quais, inclusive, estavam espalhados por toda a Colônia Itajahy-Brusque. Para atender espiritualmente os católi-

cos veio, em 26 de janeiro de 1876, um padre da mesma etnia dos imigrantes, o polonês Francisco Ciszek, também incumbido de lecionar para as crianças da escola.

Nada costumava chamar mais atenção nos imigrantes poloneses do que a possibilidade da chegada da morte, especialmente quando envolvia enfermidades ou tra-(WENCZENOVICZ, gédias 2019). Tendo como base um documento de 16 de dezembro de 1875, Cabral (1958) explana sobre a existência de colonos polacos no território da Colônia Itajahy-Brusque em 1875 e sobre uma epidemia que matou muitos colonos. Segundo Cabral (1958), "Diversos colonos de origem polonesa, estabelecidos havia cerca de um ano e meio, à vista do pouco que poderiam obter das lavouras, grandemente prejudicadas pelas geadas e a seguir pela seca, pediram trabalhos públicos a fim de poderem sustentar suas famílias, pois a situação era desesperadora. Surgiram casos de varíola e de disenterias, e noticiava-se a morte de 14 colonos desses males".

Celva (2014) conclui que os casos atingidos pela moléstia parecem ser comuns e indaga: será que a debandada

dos poloneses de Lageado foi motivada por alguma doença? Talvez as doenças tenham ajudado na tomada de decisão, mas os anais da história indicam que, efetivamente, Woś-Saporski foi o grande responsável pela migração dos polacos de Brusque para o Paraná, onde o clima é mais ameno do que em Santa Catarina e as terras são menos acidentadas. Este assunto encontra-se bem explicado no capítulo 4 deste livro.





Os imigrantes polacos que 🗾 chegaram à Colônia Brusque em 1869 eram fortemente católicos. E algo muito importante dentro da concepção cristã católica era o contato do corpo ou do caixão com a terra, pois esta, corrompendo o depósito da alma, expiava seu pecado original, era a ideia "do pó a pó". Com base no livro de registros de óbitos da igreja Católica local, o primeiro óbito entre os poloneses ocorreu em 1870 (GEVAERD, 1972). É nesse ano, portanto, que se iniciam os vínculos sentimentais com a colônia, quando os imigrantes começaram a enterrar seus entes queridos no chamado "Cemitério dos Polacos", conforme anotações do padre Alberto Gattone, em seus assentos nos livros de óbitos.

Celva (2014) indica que o Cemitério dos Polacos estava localizado na confluência do rio Braço Direito com o rio Braço Esquerdo, de Lageado, acessível a ambas as localidades. Gevaerd (1972) lista o nome dos primeiros poloneses falecidos na Colônia e sepultados no Cemitério dos Polacos:

"No dia 11 de outubro de 1870, faleceu o inocente João Otto com a idade de um ano e cinco meses e foi enterrado no dia doze, no Cemitério dos Polacos na dita Colônia. O falecido é filho de Simão Otto e Rosália Gabriel. No dia 21 de dezembro de 1870, faleceu Margarida, filha de Ignacio Millek e de sua mulher Suzana Kubis. Em 1871, no dia 2 de janeiro, faleceu Maria Anna Stempka; em 3 de janeiro, faleceu João Purkott; em 14 de janeiro, faleceu Margarida, filha de João Hileck; em 26 de fevereiro, faleceu Juliana Gbur. Todos os falecidos eram crianças com pouco mais de um ano, indicando a idade, o nascimento na próxima Colônia. Os sobrenomes Gbur, Stempka e Purkott, se identificam com participantes da leva dos imigrantes que deixou Brusque em 1871 e que primeiro chegou a Pilarzinho, em Curitiba/PR".



Imigrantes italianos não utilizam o campo santo dos polacos

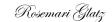
Por algum tempo, os lotes da Linha Colonial «Sixteen Lots» devem ter ficado abandonados, até que uma terceira tentativa de imigrantes fez a localidade progredir: era a vez dos italianos, que chegaram à região a partir de 1876. Provenientes de uma Itália pobre, afeitos ao trabalho duro, e sem muito contato com escolarização e técnicas desenvolvidas, puderam enfrentar com maior vantagem a situação que se impunha. Ocuparam lotes onde já havia sido realizado o desmatamento parcial e o início da prática agrícola, com outros vestígios das colonizações anteriores. Novos lotes continuaram a ser abertos, sempre mais em direção das montanhas. A expansão agrícola era difícil, mas em compensação a riqueza florestal era bastante abundante. A exploração madeireira constituiu-se progressivamente um mercado mais rentável. A proximidade de cursos de água permitiu a instalação de moinhos e máquinas rudimentares.

Os imigrantes da Itália formavam grande contingente, e



muitos foram sendo endereçados às várias localidades de Botuverá. Para Celva (2014), causa estranheza, pela grande distância e inexistência de estradas, que os imigrantes italianos de ambos os Lageados - Lageado Baixo e Lage-

ado Alto de Botuverá -, não tenham prosseguido com os sepultamentos no campo santo remanescente dos poloneses. Para sepultar seus mortos, os italianos se dirigiam à linha central Porto Franco, enfrentando mil dificuldades.



levavam o féretro até de canoa pelo rio.

Celva (2014) diz que, segundo a oralidade, os imigrantes italianos optaram por não sepultar seus mortos naquele ambiente porque, entre os descendentes dos polacos, vários teriam padecido de moléstias contagiosas; não há, porém, qualquer comprovação documental para constatar tal informação. Os italianos sepultavam no Cemitério

dos Polacos apenas crianças recém-nascidas, quando era inviável levar até o cemitério da mesma etnia.

É preciso levar em conta que, para bebês, as covas não eram muito profundas, nem se dava muita importância fúnebre, como a um adulto, a maioria das vezes nem velório havia.

A não utilização do cemitério não quer dizer desprezo por parte dos italianos. O campo santo remanescente dos poloneses era muito respeitado; isto se externalizava pela manutenção que despendiam em favor dele. Rezavam, faziam pequenas procissões, principalmente no dia de finados. O modesto Cruzeiro em meio ao cemitério tinha a importância de uma capelinha, informa Celva (2014). Eles temiam, porém, a transmissão de doenças contagiosas pelos defuntos.

O abandono do Cemitério dos Polacos

Entre 1888 e 1890, novas famílias de poloneses foram instaladas nas mais diversas localidades de Brusque, inclusive nas três comunidades do Lageado de Botuverá, ocupando áreas em meio à etnia italiana.

Celva (2014) se pergunta: "Será que estes continuaram a utilizar o cemitério de seus conterrâneos no Lageado? ". Não se sabe.

A maioria não permaneceu por muito tempo. Muitos, com a criação da indústria têxtil em Brusque, foram convidados para esse trabalho, o que, para os poloneses de Łódź, era um trabalho conhecido.

Passados dois anos, a maior parte desta nova leva de poloneses abandonou os



lotes. Algumas famílias polonesas permaneceram morando por lá e foram convivendo pacificamente com os italianos.

Segundo os costumes, cabia à comunidade a responsabilidade com os mortos abandonados. Carneiras malconservadas e sem adornos representavam a total omissão de seus descendentes, consentindo-se em fato gerador de comoção local. Também já era costume depositar flores nos túmulos, e designar alguns minutos para rezar em prol da alma do falecido.

Entretanto, com a saída da maioria dos poloneses da localidade e com a morte dos imigrantes pioneiros remanescentes, o Cemitério dos



Polacos foi ficando relegado ao desleixo, já que quem estava sepultado lá não tinha mais parentes nas proximidades. Além disso, não existiam sepulturas construídas com cimento ou tijolos nos moldes que se usam atualmente, apenas sepulturas com abaulado do chão e pequenas cruzes, desfavorecendo a manutenção do local. As plantas tomaram conta do local, e o cemitério dos polacos caiu no esquecimento e abandono.



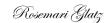
O Cemitério dos Polacos reaparece

Por volta de 1920, uma jovem lavradora, Ermínia Caresia, foi fazer uma pequena roça próximo ao local, que então estava tomado por mato bastante alto. Começou a roçar, para plantar aipim; após progredir a eito, percebeu pequenas cruzes, fincadas rasamente, algumas meio caídas e

apodrecidas. Era o Cemitério dos Polacos, informa Celva (2014). Ermínia não prosseguiu com o intento da roça, pois as sepulturas eram bastante visíveis, pelo abaulado do chão. Logo todos ficaram sabendo do acontecimento, e a revelação do local confirmou o que os velhos conta-

vam: a existência do cemitério.

Os túmulos de poloneses costumam retratar a condição social da família enlutada e constituem-se, geralmente, de uma arquitetura simples. Quando as condições financeiras permitem, são construídos em alvenaria aparente.



No entanto, em função do baixo poder aquisitivo dos pioneiros poloneses e também pela falta de acesso a materiais mais duráveis no início da colonização, os túmulos do Cemitério dos Polacos se resumiram a um abaulado de terra e uma cruz de madeira. Na ausência de vasos, as flores eram espalhadas sobre o túmulo e, às vezes, também se plantava flores sobre o túmulo.

Uma vez revelado que o local onde a lavradora Ermínia Caresia foi fazer uma pequena roça era, na verdade, o antigo cemitério, um grupo de moças realizou o trabalho

de limpar a área, capinando e refazendo com barro as sepulturas visíveis.

A comunidade novamente reuniu-se ali para rezar, como outrora, pois não tinham igreja, e para os ofícios era preciso ir até Porto Franco (Botuverá), confirma Eder Claudio Celva (2014).

A exumação dos polacos

O ato de enterrar apresenta, conjuntamente com a dor da perda, a tradição do povo polaco. A ocupação dos cemitérios varia conforme o período histórico, mas jamais sonega o caráter e a espiritualidade do meio em que ocorrem. A exumação, por sua vez, deve dar o devido respeito aos que ocupam um cemitério e ao que aquilo representa para aquele grupo social.

Isso deveria se aplicar também para iniciativas empresariais. Na década de 1940, Rolf Büettner, Paulo Fuchs, Dr. Peres e João Bianchini, motivados pelas minas de calcário e força hídrica abundante do local, idealizaram uma fábrica de "calcitre", com pedra de cal moída no terreno onde se encontrava o Cemitério dos Polacos. Para que o empreendimento ocorresse, teriam que se "livrar" das sepulturas.

Contrataram para a exumação: João Tomio, Angelim Molinari e Ernesto Molinari, que escavaram as mais visíveis, conta Celva (2014).

A oralidade dos mais velhos da região afirma que os coveiros encontraram peças de adorno de uso feminino. Em uma grande caixa foram colocados os despojos encontrados. O desinteresse levou a urna a ficar meses à espera de digno sepultamento, tanto que as correquinhas fizeram seus ninhos dentro das caveiras.

Empregados da instalação da fábrica chegaram ao extremo de colocar crânios em palanques, praticando tiro ao alvo, enxovalhando os despojos, segundo Damí Molinari. Em 1943, a urna foi levada para o cemitério paroquial localizado no centro da cidade de Botuverá, onde os descendentes de italianos lhe deram digna Sepultura. A cruz de pedra, após muitos anos abandonada, foi recolhida por Ayres Gevaerd, então presidente da SAB (Sociedade Amigos de Brusque), onde se encontra atualmente (CELVA, 2014).





Empreendimentos sobre o campo santo remanescente dos poloneses fracassam

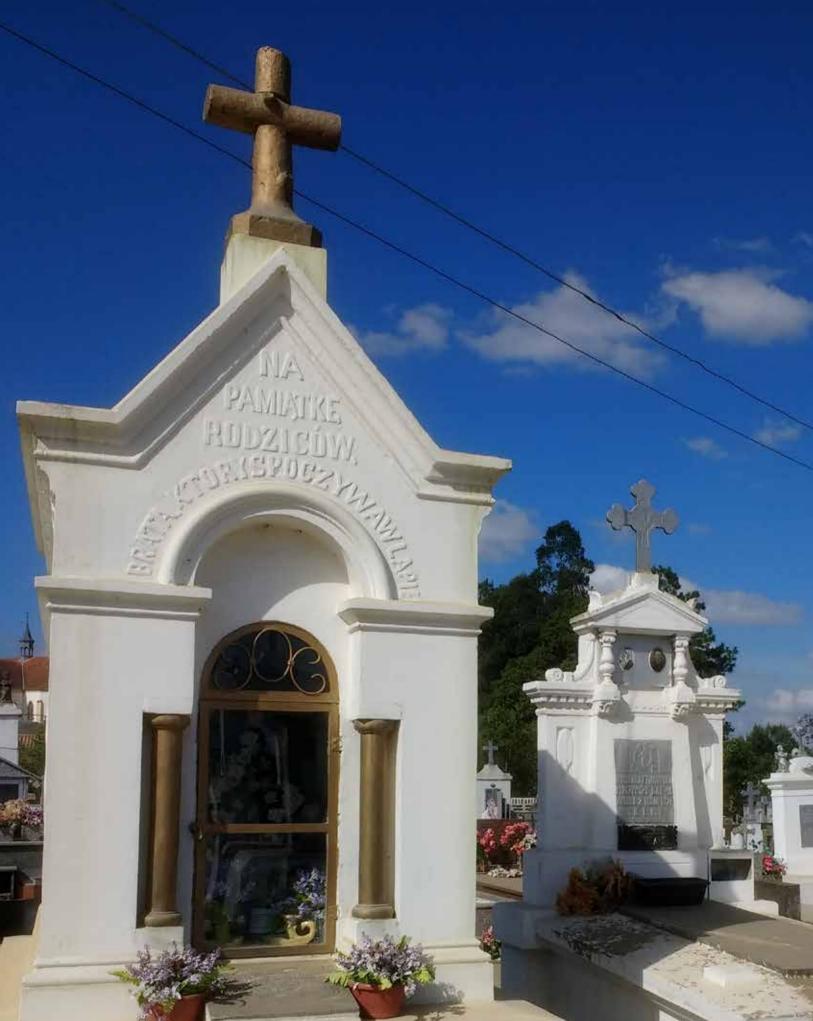
Um enorme pinheiro junto à cruz foi cortado para que o empreendimento pudesse ir avante. O local sofreu também terraplanagem, onde um galpão foi construído. Chegaram maquinários, como moinhos, dínamos, etc. Um projeto de encanamentos não foi executado, pois logo tudo se mostrou inviável. O empreendimento era muito promissor, e não faltou até uma experiência para fabricar vidro. Porém, antes de iniciar algum tipo de produção em série, a firma foi desfeita, o maquinário vendido, e há informações não documentadas de que aconteceram problemas internos na administração do negócio, escreve Celva (2014).

O empreendedor Rolf Büettner, distanciado da parceria anterior, quis aproveitar a construção já erguida e montou um engenho de farinha (tapioca), conhecida popularmente por "seruí". O período de funcionamento do engenho prolongou-se por quase dois anos. A farinha era



benfeita, saborosa, mas não encontrou mercado acolhedor. Com grande quantidade de estoque da mercadoria à espera de melhores preços, a demanda não aconteceu; então foi vendido por valor ínfimo, e encerrada sua fabricação.

Décadas mais tarde, foi dada nova destinação ao local: uma tinturaria, porém o que era para ser um grande empreendimento, não deu certo; as máquinas nem chegaram a adentrar o recinto da fábrica. Os moradores atribuem esses sucessivos fracassos ao desprezo inicial dado ao cemitério. O prédio da fábrica foi remodelado. houve tentativas de utilizá-lo para outras finalidades empresariais que também não lograram êxito, e atualmente a construção que inicialmente serviria para fabricar "calcitre" está depredada. Encosta acima, no entroncamento das estradas Lageado Baixo e Lageado Alto, foi posto por Vitório Venzon um belo cruzeiro esculpido em madeira. Em 1986, seu irmão José o remodelou. Mesmo deslocado, lembra o campo santo ladeira abaixo, na estrada que segue para o Lageado Baixo (CELVA, 2014).





Morte vivenciada e o presente iluminando o passado

Do "pó ao pó", a morte pode ser vista como o fim de um ciclo de vida. Por mais severa que fosse a condição econômica e social do imigrante polonês nos primeiros tempos na Colônia Itajahy-Brusque, a memória oral relata que a sepultura costumava ser elaborada de forma a retratar a ternura e o amor dos entes queridos em relação ao falecido.

Assim, ainda que as sepulturas do Cemitério dos Polacos se resumissem a alguns abaulados de terra e a algumas cruzes de madeira, ainda que o espaço tenha sido abandonado e desaparecido no meio do mato durante dezenas de anos, é um campo santo, um lugar onde, no passado, os polacos mortos foram depositados para o descanso eterno, e merece respeito.

Oração em culto aos mortos

Senhor Jesus Cristo, nós te agradecemos a vida eterna que tu nos ofereces.

Abre, Senhor, os nossos ouvidos para ouvirmos a tua palavra. Concede-nos, a cada dia que passa, a certeza de que a morte foi vencida pela Ressurreição de Jesus Cristo.

Dá-nos, Senhor, coragem, fé e esperança, a fim de vivermos hoje e sempre, a tua verdade.

E concede a nossos entes queridos e às almas mais esquecidas do purgatório, o descanso e a luz eterna. Amém.

REFERÊNCIAS

BRUNS, Mirna Haacke. Cemitério da Comunidade Evangélica Luterana de Brusque. [Informações concedidas a] Rosemari Glatz. Brusque, em 5 de setembro de 2020.

CABRAL, Oswaldo R. Brusque - Subsídios para a história de uma Colônia nos tempos do Império. Edição da Sociedade Amigos de Brusque. 1958.

CELVA, Eder Cláudio. Breve histórico do cemitério dos poloneses em Lageado Botuverá – SC. Notícias de Vicente Só. Sociedade Amigos de Brusque. Ano 14, nº 63. Brusque: Gráfica Mercúrio, 2014.

CEMENTARZ-WOJENNY. Disponível em:http://www.dzielnica9.krakow.pl/news/625/15/

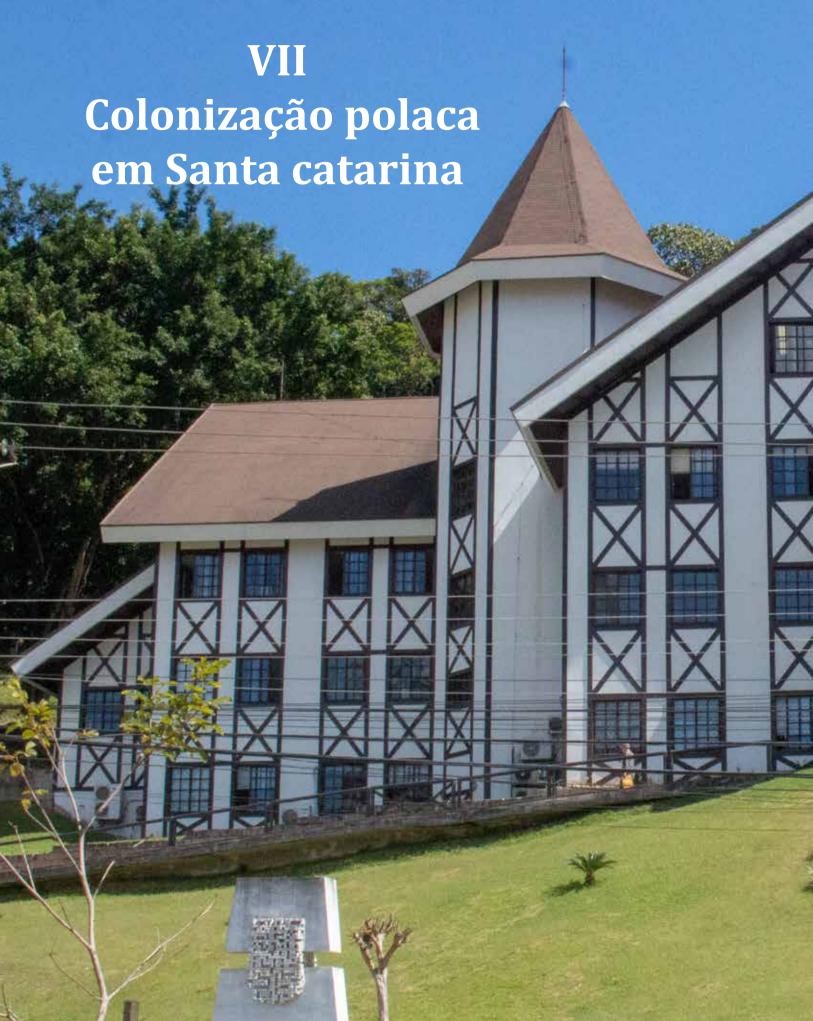
Cmentarz-wojenny-w-lagiewnikach-odzyskal-nalezyta-swietnosc.html>. Acesso em 22 set. 2020.

GEVAERD, Ayres. Os dias difíceis da Colônia Dom Pedro. Blumenau em Cadernos. Tomo XIII. Março de 1972. Nº 3. Disponível em:< http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20 cadernos/1972/BLU1972003. pdf. Acesso em 2 set. 2019.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. Luto e Silêncio: doença e morte nas áreas de colonização polonesa no Rio Grande do Sul (1910-1945). Dissertação de Mestrado. Disponível em: http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstre-am/tede/2544/1/397383.pdf>. Acesso em 9 set. 2019.











A imigração polonesa em Santa Catarina ocorreu de maneira diferente da imigração alemã e italiana.

Como não houve núcleos coloniais exclusivos de imigrantes polacos, eles foram assentados em várias partes do território catarinense, geralmente nas áreas periféricas de outras colônias e baseados em pequenas propriedades rurais.

Brusque foi exceção, pois, como muitos imigrantes eram

tecelões de Lódz, em pouco tempo uma parte significativa dos imigrantes polacos se envolveu com a indústria têxtil.

Um dos pontos de atração dos poloneses para Santa Catarina, bem como para outros estados do sul do Brasil, era a possibilidade de liberdade. Usufruir de liberdade era algo inédito para os polacos - assim considerados aqueles que nasceram no território que hoje integra a Polônia -, ainda que, de uma forma ou

de outra, devessem prestar contas como cidadãos brasileiros.

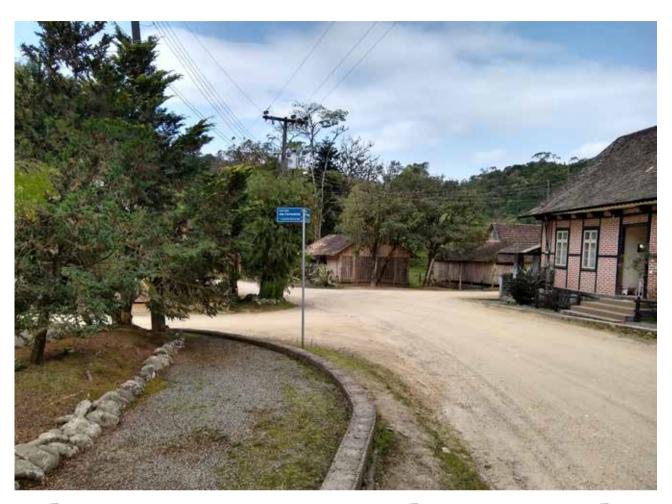
Aqui eles podiam falar livremente em seu idioma, cultuar suas tradições, religião e costumes, sem se sentirem vigiados.

Os próximos tópicos deste capítulo apresentam, a título amostral - pois este livro não se propõe a apresentar todas as cidades de Santa Catarina que receberam imigrantes poloneses -, informações de algumas cidades onde os imigrantes se instalaram: Blumenau, Canoinhas, Criciúma, Indaial, Itaiópolis, Mafra, Massaranduba e São Bento do Sul.

Para a cidade de Brusque, considerada o Berço da Imigração Polonesa no Brasil, foi destinado um capítulo próprio, o capítulo 5, intitulado "Tecelões poloneses em Brusque".

Ao apresentar informações de algumas cidades, se tem como propósito oferecer um panorama geral da colonização polaca em Santa Cataria, apresentando elementos e manifestações que ainda destacam o rico legado cultural que eles nos deixaram - como a culinária, a religiosidade, a arquitetura e os grupos folclóricos.





Blumenau - Treze de Maio Alto

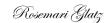
Presente no cotidiano de catarinenses de várias regiões de Santa Catarina, a cultura polonesa pode ser observada em diferentes aspectos, seja por meio de pratos gastronômicos, danças típicas ou pela língua polonesa, preservada em algumas comunidades, inclusive entre os moradores que vivem em Treze de Maio Alto, bairro Vila Itoupava, em Blumenau.

Área rural, estrada de chão batido, estreita e curvilínea, e

com algumas descidas íngremes. Cercas de arame farpado e casas com lagoa e plantações dão um ar interiorano à via. Sem calçadas e faixas de pedestres, ciclistas, carroças, veículos motorizados e pessoas dividem o mesmo espaço. Em alguns pontos é necessário trazer o veículo para o lado, para deixar o outro passar. Não há mercados, lojas, empresas e em alguns pontos a paisagem exuberante se assemelha à da Serra Catarinen-

se. Assim é Treze de Maio Alto, que tanto pode ser acessada pelo bairro Vila Itoupava, de Blumenau, ao qual pertence, como por Massaranduba.

O estilo de vida das pessoas que moram em Treze de Maio Alto ainda é semelhante ao dos seus antepassados que, há mais de um século, abandonaram a Polônia em busca de melhores condições de vida e liberdade no além-mar. Muitas famílias só conversam em polonês. Entre eles, as palavras soam de forma





natural e ritmada, mas com consoantes demais para ouvidos brasileiros. Os filhos aprenderam o português, mas as orações no altar de casa, repleto de santos e com a imagem do polonês mais célebre – papa João Paulo II – ainda são na língua tenra – o polonês. E um prato típico feito em casa até hoje é o pierogue, espécie de massa cozida recheada com queijo branco e coberta com molho branco.

Um antigo cemitério abriga os restos mortais das famílias polacas que fixaram residência na região, e ajuda a entender a participação dos imigrantes na formação do município de Blumenau. Em inventário realizado em abril de 2011, o cemitério contava com mais de cem sepulturas registradas e o sepultamento mais antigo datava de 18 de janeiro de 1926. Dentre os sobrenomes, encontramos: Bandoch, Czaplinski, Domaszak, Kaschinski, Kem-Kemsznski. pzinski, Kepczynski, Matoszewski, Novak, Orzechowicz, Orzechowski, Schaplinski, Wittkowski, Wroblewski, Zickuhr, e outros mais (VILA ITOUPAVA, 2019).

Segundo informações históricas, os poloneses são um povo muito sofrido e, por isso, se agarraram muito à religião. Em várias comunidades a primeira coisa que fizeram ao chegar aqui foi construir igrejas, que também eram locais de encontros e reuniões. Na comunidade de Treze de Maio Alto, os ministros da igreja são os responsáveis por promover cultos semanais e

estimular ações que resgatam os valores culturais dos poloneses, como a festa da Igreja Nossa Senhora das Dores que reúne os moradores. Mas é na Polski Festyn, a mais tradicional festa polonesa da região, realizada na comunidade vizinha - Nossa Senhora Auxiliadora de Benjamin Constant, em Massaranduba que todos os anos, em setembro, os poloneses da região se encontram para celebrar as raízes e encorajar as gerações atuais a manter o rico legado trazido pelos antepassados.

REFERÊNCIAS:

DC. Cultura polonesa é preservada em várias comunidades de Santa Catarina. Disponível em:< http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/12/cultura-polonesa-e-preservada-emvarias-comunidades-de-santa-catarina-4668970.html>. Acesso em 10 mar. 2018.

CLICRBS. Reencontros. Disponível em: < http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/valepolones/reencontros.html >. Acesso em 29 set. 2019.

VILA ITOUPAVA. Cemitério Treze de Maio Alto. Disponível em: https://www.vila.tur.br/cemiterio-treze-de-maio-alto. Acesso em 29 set. 2019.



Os polacos se estabeleceram em Canoinhas a partir de 1890, vindos do Paraná, primeiro porto de desembarque. Eles chegaram a partir dos municípios de Itaiópolis (então no território do Paraná), São Mateus do Sul, Antônio Olinto e União da Vitória.

Apesar de não existirem dados estatísticos que definam as etnias predominantes na região de Canoinhas, a polonesa é uma das mais frequentes. Empiricamente se deduz que a maioria dos descendentes canoinhenses pertença à etnia polonesa, ou polaca, como gosta de afirmar Fernando Tokarski, professor

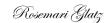
e pesquisador de História do Contestado.

Quando falamos em 'região de Canoinhas', falamos da região que compreende os municípios como Major Vieira, Bela Vista do Toldo e Três Barras, que até metade do século XX eram distritos de Canoinhas. Também é inevitável relacionar a história da colonização canoinhense à de municípios periféricos, como Irineópolis, Porto União, Mafra, Papanduva, e Monte Castelo.

Estudo de Fernando Tokarski mostra que, em 1902, quando Canoinhas tornou-se distrito de Curitibanos, ainda era irrisória a presença de polacos em seu território, que então compreendia os atuais municípios de Papanduva, Monte Castelo, Major Vieira e Bela Vista do Toldo. Porém, já em 1905, há vários registros da presença de polacos.

A historiografia traz inúmeros exemplos, a maioria contemplando polacos que traziam nos documentos procedências que os originavam da Áustria, da Galícia, da Rússia e da Alemanha.

Há o registro de Francisco Sochaczewaska, lavrador oriundo da Alemanha, e outro exemplo é Bernardo



Jarosczewski, nascido Prússia em 1872, que estava em 1898 em Itaiópolis e por volta de 1910 já se encontrava em Rio Bonito, no território de Canoinhas.

Iosé Weneroski, um viúvo de 36 anos, "natural Polônia Austríaca", vivia em Rio Bonito em janeiro de 1919. Outro conterrâneo era Gregório Galant, nascido em 1893, que solteiro residia no mesmo lugar. O carpinteiro Marcin Nowitzki, "nascido na Alemanha", morreu em Canoinhas em 31 de outubro de 1916, aos 57 anos. Antes, a primeira carta de aforamento urbano concedida em Canoinhas, foi dada ao polaco João Krozyzanoski, através de ato datado de 22 de fevereiro de 1912. Na mesma data, o polaco Julião Szraski recebeu a segunda carta acerca de um imóvel situado na mesma rua.

Um dos polacos de maior destaque nos primeiros anos de Canoinhas foi o comerciante Francisco Rekssua. Era o único polaco que integrava a lista dos jurados da recémcriada comarca. Através de ato governamental, em 7 de outubro de 1913 foi nomeado suplente de delegado de polícia.

Ainda no início do século, o polaco-germânico Esta-

nislau Schumann, fazendeiro, comerciante e farmacêutico nascido em 4 de julho de 1870, radicou-se no povoado de Bela Vista do Toldo, tornando-se, ao seu tempo, uma das mais importantes figuras políticas de Canoinhas. Em 1914, em plena Guerra do Contestado, o casal polaco Ignacio e Bronislava Bialeski eram lavradores na localidade de Pinheiros. Em 1912, nos primeiros documentos do município de Canoinhas, são encontrados os nomes dos polacos Miguel Dzewieski, João e Onofre Berezowski, Ernesto Szwaroski e Francisco Felski. Outros nomes que demonstram a importância dos polacos em Canoinhas ainda poderiam ser listados. afirma Tokarski (2007).

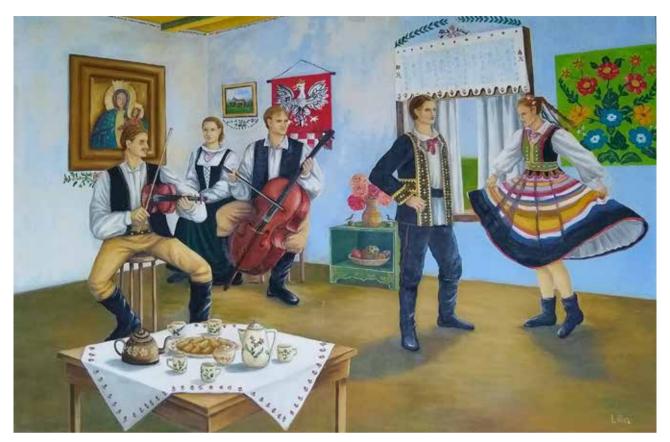
Os polacos, disseminados principalmente nas áreas rurais, deixaram nítidas marcas na cultura de Canoinhas e da região, difundidas no forte dogmatismo religioso, na arquitetura, no transporte, na culinária e nos costumes. Importantes vestígios da herança polaca em Canoinhas são o rígido catolicismo e as casas de madeira com telhado de declive acentuado, varandas enfeitadas com lambrequins (ornamentos entalhados), que ainda sobrevivem ao tempo. Os nomes como Alberto, Ana, Estefano, Ladislau, Edvirges e Estanislau, comuns entre os polacos, também são muito populares em Canoinhas.

Na culinária, pratos como pierogue (pastel cozido com requeijão e nata), kapusniak (costela de porco com repolho), aluski (arroz com carnes enrolado em repolho. popularmente conhecido por charutinho), golonka pieczona (pernil de porco assado), bigos (repolho azedo cozido com carnes nobres), salada de repolho roxo com frutas e maionese, sernik (torta de requeijão), pão de centeio, variadas sopas à base de batatinha, repolho e beterraba, além de diversos outros, ainda estão presentes na culinária.

REFERÊNCIAS:

TOKARSKI, Fernando. Os polacos na região do Contestado. Correio do Norte. Jan. 2007.

J+ Jornalismo Digital. Canoinhas, região e mais. Dia Estadual da Imigração Polonesa é comemorado em SC. 3 de maio de 2016. Disponível em:< https://www.jmais.com.br/dia-estadual-da-imigracao-polonesa-e-comemorado-em-sc/>. Acesso em 21 set. 2019.



Criciúma

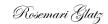
Criciúma foi fundada na segunda metade do século XIX, com a chegada das primeiras famílias de imigrantes italianos colonizadores procedentes das regiões de Veneza e Treviso, na Itália, aos quais somaram-se alemães, negros, portugueses e poloneses. Esses imigrantes desbravaram a região, enfrentando toda sorte de dificuldades.

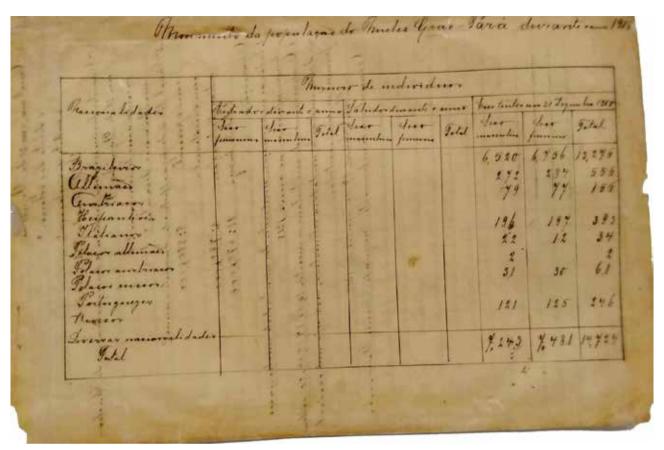
As palavras "A Polônia não morrerá enquanto nós vivermos" é parte do hino da Polônia e expressa o forte sentimento nacionalista assentado no temor a Deus e na valorização da cultura dos poloneses, sentimento este também presente nas famílias polonesas que chegaram a Criciúma a partir do ano de 1890. Embora representem uma parcela minoritária da população, a contribuição da etnia polonesa para a formação do patrimônio histórico, cultural, social e econômico de Criciúma foi expressiva. Guardadas as especificidades de cada cidade, pode-se afirmar que a história dos poloneses em Linha Batista, Criciúma, é muito semelhante à história de outros grupos de imigrantes que

desbravaram as terras catarinenses na segunda metade do século XIX.

Então, este tópico apresenta um pouco da história de heróis anônimos que, como disse o nosso entrevistado especial para a escrita deste tópico, o Senhor Maximiliano Casimiro Milak, descendente dos primeiros imigrantes poloneses que chegaram a Criciúma no final do século XIX, é: "uma história de heróis para ser escrita em livros e lida pelas gerações atuais e pelos que nos sucederão".

Vamos a ela!





Da Europa para Criciúma

Ouando os poloneses emigravam da Europa, normalmente embarcavam em portos alemães e quando chegavam ao Rio de Janeiro, então capital do Brasil, a inspeção de saúde era obrigatória. Depois os poloneses seguiam até Desterro (atual Florianópolis) em um navio brasileiro, e em seguida embarcavam em outro navio para ir até o Porto de Laguna, de onde os imigrantes seguiam viagem em barcos menores até o Pontão Jaguaruna. A partir dali o caminho era feito por terra. Os

imigrantes viajavam de carroças ou carros de boi, e passavam primeiro por Azambuja, depois pelo pequeno povoado de Pedras Grandes. O destino seguinte era Urussanga, um povoado de italianos, para então, finalmente, chegar ao seu destino final: Cocal e Criciúma.

Maximiliano Casimiro Milak (2019), mais conhecido como Max, nasceu em 9 de julho de 1939 e gentilmente nos concedeu uma entrevista em 13 de outubro de 2019. Ele é descendente de polo-

neses e vive em Linha Batista, Criciúma, localidade onde sua família se estabeleceu ao emigrar da Polônia para o Brasil. A família Milack emigrou de Kujawa, próximo a Gdansk e Toruń, na Polônia e chegou a Criciúma em maio de 1891, junto com o terceiro grupo de imigrantes. Com o passar do tempo, o sobrenome sofreu uma pequena alteração, e "Milack" passou a ser escrito simplesmente Milak. Ao ser indagado sobre a chegada dos seus antepassados à região sul de Santa Catarina, o senhor Milak contou que "muitos se instalaram em Cocal, porque deveria ser uma cidade dos poloneses. A primeira igreja construída em Cocal foi polonesa, depois a segunda foi italiana". De Cocal, vieram para esta linha (Linha Batista), onde se instalaram os nossos, inclusive minha família.

A vinda dos imigrantes poloneses a Criciúma, segundo Casimiro Tibincoski (1997) e Otília Arns (1985), citados por Schilling (2007), foi marcada por três momentos de chegada. As primeiras famílias chegaram a Criciúma em 1890 e se instalaram nas localidades de Linha Três Ribeirões, Linha Anta e Linha Batista. Eram profissionais e trabalhadores das fábricas. Schilling (2007) informa que o bairro Dembosk é considerado o local de major concentração de descendentes poloneses no município, mas que Linha Batista - segundo local de maior concentração dos descendentes poloneses de Criciúma - foi o ponto original de chegada dos imigrantes poloneses.

Os primeiros imigrantes polacos que se instalaram em Linha Batista viajaram para o Brasil a partir do porto de Bremen, segundo maior da Alemanha e chegaram a Criciúma no dia 31 de outubro de 1890. O grupo era composto por quinze famílias que exerciam uma profissão diferente da lavoura, pois eram trabalhadores de fábricas e profissionais que possuíam habilidades artesanais, tais como: sapateiros, serreiros, ferreiros e carpinteiros. No entanto, ao chegar a Criciúma, não tiveram opção e precisaram se adaptar a um novo contexto. Tiveram que começar a lidar com a agricultura, com a terra, e a plantar para ter o que comer e assim sobreviver (TIBINCOSKI, 1997).

O segundo grupo de imigrantes poloneses também



era constituído de trabalhadores de fábricas e outros profissionais. Segundo Schilling (2007), eles chegaram em janeiro de 1891 e foram instalados nas localidades de Linha Cabral, Linha Torres e Linha Espanhola.

O terceiro grupo, desta vez formado por agricultores, chegou a Criciúma em maio de 1891 e foi instalado em Linha Batista, iniciando, assim, a colonização dessa localidade com pessoas habituadas com a lida da terra. De acordo com Schilling (2007), esse grupo apresentou uma característica particular. Preocupados com as dificuldades de isolamento da terra natal e a saudade que teriam de enfrentar, instalaram-se em lotes de terra lado a lado. favorecendo, dessa forma, o relacionamento social e a construção de uma comunidade. Dentre as famílias que chegaram no terceiro grupo encontramos a família Milack (TIBINCOSKI, 1997), antepassados do nosso entrevistado, Sr. Maximiliano Milak (2019), que nos contou: "eu sei onde se instalou o meu bisavô. Ele até faleceu cedo, pois ele veio muito suado da roça, foi se refrescar numa cachoeira e deu uma pneumonia e ele faleceu não muito velho".





A família Milak fez parte do terceiro grupo de imigrantes poloneses que chegou a Criciúma. Eram agricultores e foram instalados em Linha Batista, iniciando, assim, a colonização dessa localidade com pessoas habituadas com a lida da terra. Acervo: Maximiliano Milak

As dificuldades iniciais

Qual não foi a decepção e surpresa quando, ao chegarem, os imigrantes encontraram apenas matas virgens no sul catarinense. Segundo Tibincoski (1997), os lotes de terra já estavam demarcados, mas ao invés de estradas, encontraram picadas por onde só podiam passar a pé ou a cavalo; e ao longo das quais deveriam construir suas mo-

radias. Tiveram que derrubar as matas, construir as casas e ranchos, preparar a terra para plantar. Depois construir a igreja e escola. Não havia nada. Lágrimas foram derramadas. Ouve desespero e muitos queriam voltar, no entanto isso era impossível, pois os poucos recursos que tinham logo se esgotaram e a ajuda do governo brasileiro

cessou em dois meses.

Casimiro Tibincoski, descendente de imigrantes poloneses que se instalaram em Linha Batista, escreveu sobre a chegada deles no final do século XIX e diz que, assim como os demais imigrantes, os poloneses vieram para o Brasil cheios de esperança de encontrar aqui a terra prometida anunciada pelos agentes



brasileiros.

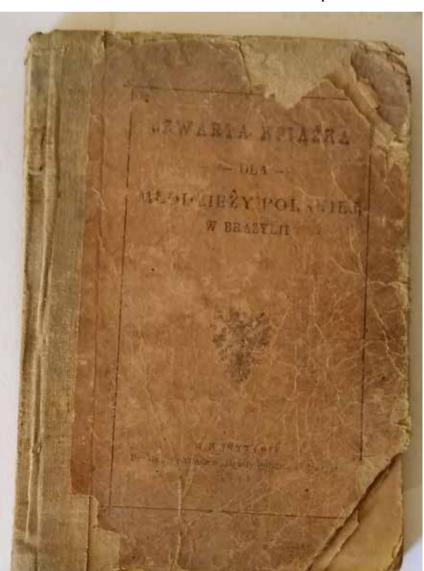
Tiveram que se acostumar com o clima, que é muito diferente da Polônia. E aqui também havia muito mosquito. Muitos poloneses queriam voltar, mas como? O pouco dinheiro que tinham logo acabou. Eles ficaram muito frustrados também com o abandono do governo, e se pudessem muitos teriam voltado. Mas eles tinham que ficar. Muitos morreram, porque, se dava uma doença, não tinha médico, não tinha nada. Não tinha recurso nenhum, agui tinha só mato. Contudo, com o passar do tempo, tiveram que se adaptar (TIBIN-COSKI, 1997).

A esse respeito, o senhor Milak (2019) descreveu como foi para a sua família: "eles vieram para cá e passaram muito trabalho... o meu bisavô e o meu avô diziam: vamos se embora daqui, porque aqui não dá para ficar. Acabou-se a roupa, acabou-se o dinheiro. Vamos se embora daqui, porque aqui não dá mais. Mas o meu bisavô dizia: vamos para onde? Se nós não temos dinheiro, não temos nada, aonde que nós vamos? Então o meu avô, com 12, 13 anos de idade, foi para a região de Tubarão ou Imbituba, eu não sei ao certo. Pegou alguns pães e uns

toucinhos e colocou na bolsa e largou-se a pé até Tubarão. E depois foi até Imbituba, e lá arrumou um serviço numa serraria. Ao cabo de 3 meses, sei que o meu bisavô foi lá ver como esse filho se encontrava. Ele estava empregado numa serraria e arrumou 3 mil réis para ele, pois já tinha ganho 3 mil réis. Deu esse dinheiro para o bisavô, aue voltou para Linha Batista. Meu avô ficou trabalhando lá por mais 2 anos e depois voltou. Pouco tempo depois se casou. A casa onde ele viveu ainda existe. Ele viveu bastante, 96 anos, mas quebrou uma perna e depois de um tempo faleceu".

Também foi difícil para os poloneses se acostumarem com a nova alimentação. Eles estavam acostumados a comer pão de centeio, batatas, carnes de animais domésticos. Até do açúcar eles sentiam falta, pois lá na Europa era feito da beterraba. Chegando aqui, nada disso existia. Aqui encontraram apenas milho, feijão, palmito, caça silvestre e pesca.

Passando o primeiro ano a





situação começou a melhorar um pouco. Os imigrantes começaram a plantar e a terra virgem produzia os alimentos. Havia caça e pesca em abundância. Difícil era o dinheiro. Por isso, feita a plantação, a família ficava cuidando da roca e o chefe da família saía para procurar trabalho onde pudesse ganhar algum dinheiro para comprar o que a terra não produzia. Os que tinham profissão encontravam trabalho em Tubarão, e os que não tinham aceitavam qualquer trabalho.

Naquela época se construíam as estradas e era comum conseguir algum trabalho abrindo estradas. Com o tempo a produção agrícola ia aumentando, mas difícil era conseguir vender a sobra de produção, era muito longe do comércio e não havia transporte.

Vencidas as primeiras dificuldades, a comunidade começou a se organizar. A meta era construir escolas, capelas. A grande maioria dos imigrantes era alfabetizada, porém na língua polonesa. Os imigrantes se preocupavam com a educação dos filhos. Enquanto não tinham construído as escolas as crianças se

reuniam em casas particulares onde recebiam as primeiras instruções. Junto com os primeiros imigrantes vieram também alguns profissionais, como ferreiros, farmacêutico e marceneiros. Mas a maioria dos que vieram para Linha Batista eram agricultores. Os desbravadores tiveram que enfrentar tudo. "Para superar era mesmo necessário ser um herói", nos disse o senhor Milak (2019). Só depois de vários anos conseguiram ter uma vida melhor com o crescimento das vilas, o aumento da população e a abertura das minas de carvão mineral.



Interior da Capela São Casemiro em Linha Batista



Igreja em Linha Batista

A igreja representa um fator de fixação e continuidade da colônia, e o elemento religioso foi de grande importância para a afirmação da polonidade em terras brasileiras. Por aquele tempo, havia imigrantes poloneses na Linha Três Ribeirões, na Linha Anta, na Linha Batista e na Linha Cabral, relativamente próximos à Linha Batista, e a igreja era uma força atrativa que unia as diversas comunidades.

A construção da capela foi o primeiro passo para a organização da colônia polonesa em Linha Batista, também conhecida como Linha 16. Schilling (2007) entrevistou Irene Galant Bialecki em 2006, e ela contou que "a primeira capela, de madeira, foi construída em 1895, mas não no mesmo lugar onde está edificada a atual igreja" de Linha Batista.

Depois de construírem a igreja, os polacos colocaram a imagem de São Casemiro, o príncipe polonês, que foi designado padroeiro. Quando a primeira igreja já estava velha, a comunidade polonesa se reuniu e construiu a nova Capela de São Casemiro num terreno localizado numa pe-

quena elevação que fica no meio da extensão da Linha Batista. A mudança do local da igreja se deu por ser uma região mais central que facilitaria o acesso também para os membros das outras localidades. Até hoje a capela existe, embora já tenha sido reformada.





Relíquia de São João Paulo II na Capela de São Casemiro



Em 2018, a Capela de São para a comu casemiro recebeu uma relíquia de São João Paulo II. Trata-se de uma gota do sangue nense de Cri na Polônia e derado um dos líderes mais influentes do século XX.

Esta relíquia foi levada

para a comunidade polonesa de Linha Batista pelo padre Wladislaw Milak, catarinense de Criciúma radicado na Polônia e irmão do nosso entrevistado senhor Maximiliano Casimiro Milak. Ele conta que quando o papa Joao Paulo II sofreu o atentado, precisou fazer transfusão
do sangue e o seu sangue foi
guardado pelo seu secretário.
Deste sangue foram feitas as
relíquias de primeiro grau. A
relíquia a partir do sangue de
Karol Wojtyła –, é classificada
como uma relíquia especial,
pois é considerada de primeiro grau, uma categoria que
abrange as partes do corpo
do próprio santo, tais como
cabelo, osso, unha ou sangue.



Relíquia (sangue) de São João Paulo II encontra-se na Capela de São Casemiro em Linha Batista



Escola em Linha Batista

Desde cedo os poloneses trataram de fundar escolas e sociedades que revelassem as características étnicas de sua procedência, edificadas por sua livre e espontânea vontade. Ao se referir ao trinômio escola-sociedade-igreja, Tokarski (2003) conta que o imigrante polônico construiu a sua história brasileira pensando no futuro das gerações. O imigrante polaco valorizava a vida comunitária e especialmente a instrução dos seus filhos e, numa terra completamente estranha, adotada como sua nova pátria, os imigrantes poloneses logo se preocuparam em ter um espaço comunitário dedicado à educação.

Ao escrever sobre a escola entre os imigrantes poloneses, Tibincoski (1997) destaca a falta de instalação apropriada para o funcionamento de uma escola e a formação precária dos primeiros educadores. Segundo o autor, como os poloneses não conseguiam construir escolas, as crianças se reuniam em casas particulares, onde recebiam as primeiras instruções. Mais tarde, pela iniciativa dos colonizadores e com recursos próprios, surgiram as primeiras escolas edificadas para essa finalidade. Em 1920. a escola de Linha Batista era uma escola de tábua serrada a braço, com madeira de mato. Só mais tarde buscaram auxílio no Consulado Polonês no Brasil, pois, como descrito no capítulo "Síntese Histórica da Polônia" deste livro, até 11 de novembro de 1918 a Polônia não existia no mapa, uma vez que estava dividida entre três potências europeias - impérios da Rússia, Prússia e Austro-Húngaro. Depois foi fundada outra escola, e a atual já é a terceira escola de Linha Batista, informa Schilling (2007).

Como entre os imigrantes poloneses não havia professores, os educadores eram escolhidos entre os colonizadores que sabiam mais, destaca Tibincoski (1997).

Em Linha Batista, assumiram a educação das crianças os senhores João Machisnki e Gabriel Bartosiak. Todas as

despesas eram pagas pelos pais dos alunos o que, naquele tempo, era bastante pesado para os poloneses, pois os recursos eram poucos, mas valeu a pena, conclui o autor.

Na opinião de Tibincoski, a educação escolar das crianças entre os colonos polacos evoluiu muito com a chegada do padre Francisco Chylinski, que fundou uma biblioteca na escola de Linha Batista. proporcionando 0 acesso a livros e revistas. O padre Chylinski permaneceu na colônia por cerca de 20 anos (entre 1910 e 1931, quando faleceu), pastoreando tanto a comunidade polonesa quanto a italiana. Entre vários outros professores que também contribuíram para o ensino e manutenção das tradições em Linha Batista, Tibincoski destaca Stanislau Gonet, um dos professores que sucedeu ao padre Chylinski. Apesar de ter ficado só um ano e meio na comunidade, o professor Stanislau é mencionado como um professor que valorizou a cultura polonesa em Linha Batista: ele ensinava polonês, fundou um coral, ensaiava contos patrióticos e folclóricos poloneses e organizou um grupo de teatro amador.



A política nacionalista de Vargas

A presença de um educador de etnia polonesa era considerada fundamental em Linha Batista, pois favorecia a preservação da língua e dos demais elementos da cultura polonesa, além de ajudar a preservar a identidade e a unidade do povo.

Até ser desencadeado o processo de nacionalização do ensino no governo de Getúlio Vargas, havia liberdade total no Brasil para esse tipo de associação e organização social.

A Campanha de Nacionalização do governo brasileiro tinha como finalidade estabelecer a imposição de uma identidade nacional sobre representações regionais e étnicas no país e até então os poloneses não representavam ameaça aos interesses do governo brasileiro. As manifestações étnicas polonesas encontravam solo fértil para seu florescimento. Entretanto, esse quadro favorável mudou e deu lugar a um período de repressão e sufocamento da identidade polonesa (SCHILLING, 2007).

As leis brasileiras mudaram repentinamente e as aulas em polonês, até então toleradas e incentivadas, foram proibidas. A esse respeito, o senhor Milak (2019) nos contou que "o polonês ficou proibido por uns anos, no tempo

do nacionalismo. As escolas foram proibidas, ficaram fechadas. Era proibido falar polonês". O professor da escola de Linha Batista, Casemiro Stachurski, admirado e respeitado pela comunidade, viu-se obrigado a retornar à sua cidade.

Tibincoski (1997) escreveu que as escolas em línguas estrangeiras foram suspensas, os professores e os demais funcionários, para se manter no emprego precisavam apresentar a quitação do serviço militar que até então não era exigido. O professor Casemiro Stachurski, por ser estrangeiro, não pode apresentar, embora fosse detentor do certificado de reservista de primeira categoria do Exército Polonês.

Segundo o autor, a Colônia polonesa perdia, não só o professor, mas também um grande líder, significando o fim do desenvolvimento da cultura polono-brasileira em Linha Batista. Para Tokarski (2003), entre outras providências drásticas, o Estado determinou o fechamento de escolas particulares, as prefeituras interditaram as escolas primárias municipais subvencionadas. demitiram o respectivo professorado e as converteram em escolas municipais. As escolas comunitárias e particulares foram fechadas e os professores não brasileiros foram proibidos de lecionar.

Com a proibição do uso da língua estrangeira, os alunos sentiam a dificuldade de assimilar os conteúdos passados na língua portuguesa, trazendo como consequência a redução na frequência escolar e nas matrículas. Os alunos sofriam ainda mais, pois em casa a língua falada era o polonês e na escola a professora ensinava o português.

Era por meio da escola que o Estado queria nacionalizar os cidadãos nascidos em solo brasileiro, tomando como medida fundamental a transformação das escolas étnicas em escolas estaduais. De acordo com Schilling, o duro golpe do regime Vargas não estava somente interditando uma língua estrangeira e promovendo o patriotismo brasileiro em sua versão nacionalista e hostil ao outro, mas estava, acima de tudo, apagando as memórias e tradições de uma comunidade pequena, entretanto digna e altiva, e marcada pela diferença. Estava negando a presença da etnia polaca em solo brasileiro.

Entre as ações da Campanha de Nacionalização nas décadas de 1930 e 1940, foram proibidos o uso da língua estrangeira, o ensino nas escolas particulares em vernáculo que não fosse o português, a veiculação de jornais e periódicos em língua estrangeira, as associações culturais e recreativas e outras formas de expressão das culturas estrangeiras consideradas inimigas da ideologia de identidade nacional.

"As missas eram muito bonitas.
Se comemorava a Páscoa, a Semana Santa, faziam-se cantorias muito bonitas, conforme era originalmente na Polônia.
Depois, foi se acabando".
Milak (2019)

Naquele tempo, muitos nem sabiam falar em português. Em várias regiões de Santa Catarina, pessoas foram perseguidas e humilhadas e expressões do tipo "Quinta

Coluna" dirigidas às pessoas que eram de pele clara, loiras e de olhos verdes ou azuis eram comuns. Havia espiões e policiamento entre a comunidade e quem fosse "flagrado" falando em outra língua era penalizado com castigos, tais como ter que tomar óleo de rícino a partir de um rifle que era enchido de óleo e colocado na garganta da pessoa, ou até mesmo a prisão. Também há registros de famílias que queimaram os seus livros que estavam escritos em língua estrangeira com medo de uma possível prisão, e de famílias que enterraram seus livros na tentativa de salvá-los.

A campanha nacionalista foi um golpe duro nas tradições étnicas não brasileiras,

principalmente no Sul do Brasil. A cultura e a educação oferecidas pelos poloneses sucumbiram diante da pena ditatorial e dos aparelhos de repressão. As escolas polonesas desapareceram, provocando um vazio que alijou do saber não apenas os imigrantes polacos e seus descendentes, mas também os demais que delas se nutriam. repercutindo em irrecuperáveis prejuízos sedimentados na ausência do conhecimento (TOKARSKI 2003).

E o que se constata em Linha Batista é o mesmo que se observa em outras comunidades onde a campanha nacionalista do Estado Novo teve maior impacto. O nacionalismo, com sua interdição da língua, não incidiu simplesmente sobre uma 'língua estrangeira', mas sobre sujeitos, sentidos e memória presentes de modo central no seio da sociedade (PAYER, 2001).

Passados muitos anos, a resistência da comunidade de Linha Batista em relação à proibição da língua e da cultura polonesa conseguiu alguns resultados positivos, pois em 1959, a escola que tivera seu nome abrasileirado para Linha Batista, foi renomeada para escola "Casemiro Stachurski", nome daquele mesmo professor polonês que havia sido obrigado a deixá-la em 1937, quando a campanha nacionalista do Estado Novo foi implantada (SCHILLING, 2007).





Primeiro centenário de Criciúma e a reinvenção da cultura polonesa

Linha Batista é o ponto de referência dos poloneses no Sul de Santa Catarina e foi uma pequena Polônia por muitos anos. "Aqui só se falava em polonês, se fazia tudo em polonês, rezava, cantava, tudo era na língua polonesa. Depois nós ficamos abandonados por algum tempo, pois havia o padre Francisco Chylinski, mas depois ele faleceu, por volta de 1930 e, em função de algumas rixas, nós fomos abandonados pelo novo padre", conta o senhor Milak (2019).

Apesar de terem sido impedidos de cultivar seus traços étnicos e forçados a um processo de aculturação durante os anos da Campanha de Nacionalização, os descendentes poloneses voltaram a resgatar os valores culturais dos antigos imigrantes. Em Linha Batista, isso ficou mais visível nos preparativos para

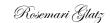
o primeiro centenário da cidade, que despertou nas etnias a preocupação em resgatar as culturas étnicas em geral, e a cultura polonesa em particular.

Nosso entrevistado, o senhor Milak (2019), explicou: "sempre estive entrosado neste negócio de polonês. Quando chegou o tempo do centenário de Criciúma, que foi comemorado em janeiro de 1980, nós nos preparamos muito bem, até com um grupo folclórico grande, até as próprias roupas típicas bem coloridas, que já eram uma fantasia. O nosso grupo fez sua primeira apresentação oficial no estádio de futebol aqui da cidade. Como isso nunca tinha sido visto em Criciúma, o pessoal achou muito bom. E nós continuamos. Temos um coral. Cantamos em polonês, e até bem".

Diante da solidificação de

um cenário favorável à etnia polonesa, Linha Batista passou a reconstituir a sua história. Em 1999, a comunidade inaugurou o Centro Cultural Octávia Burigo Gaidzinski, que busca ser referência como local de memória da etnia polonesa em Criciúma e serve para a realização dos ensaios do Grupo Folclórico Polonês Orzeł Biały, para as reuniões da comunidade, bem como para as apresentações teatrais.

A esse respeito, o senhor Milak contou que "em 1999, nós inauguramos o Centro Cultural aqui em Linha Batista, que usamos para fazer os ensaios do grupo folclórico, também para as reuniões da comunidade, e para os ensaios do coral". E complementou dizendo: "temos o grupo folclórico muito bom [Grupo Folclórico Polonês Orzeł Biały], que



até se apresentou em Brusque [no dia 25 de agosto de 2019, nos festejos de 150 anos de imigração polonesa no Brasil]. A nossa família Milak sozinha já quase formava todo o coral. Até hoje é assim. Pessoas da minha família se interessam e cantam bem. Temos ensaios semanais do coral. Eu também ajudo bastante. Mas, no começo, leva tempo para apreender bem a cantar alguma coisa em polonês".

O Grupo Folclórico Polonês Orzeł Biały (Águia Branca) de cânticos e danças, é mantido pela Sociedade Orzeł Biały. O Grupo é composto por jovens e adolescentes e se apresenta com algumas roupas vindas diretamente da Polônia (SCHILLING, 2007).

No entanto, ao indagarmos o senhor Milak (2019) acerca de se a família ainda costuma falar o polonês entre si, ele respondeu: "aqui em casa, não. Nas outras famílias também não. A minha família, eu e meus irmãos somos a última geração que ainda fala o polonês. Um ou outro sobrinho, que morou com a avó, ainda fala alguma coisa em polonês. São pessoas que estão com mais de 30 anos, mas são exceção. Mais ninguém fala. Ele diz "que mudou tudo por aqui. Esta localidade (Linha Batista) era uma pequena Polônia. Fazia-se tudo tipo polonês. Na reza, nos costumes, na Páscoa, no Natal, era tudo no costume polonês. Era uma pequena Polônia. Mas depois modificou tudo. Os poloneses queriam se miscigenar".

Falando em miscigenação, perguntamos acerca da relação entre os poloneses e os italianos. A esse respeito, o senhor Milak (2019) disse que "eles não se entendiam muito bem. Os poloneses bebiam um pouco e aprontavam. Os italianos queriam ser "acima". Se provocavam e eram dados apelidos do tipo, "polacos sem bandeira" como na verdade era, pois a Polônia não existia. Quando bebiam, havia brigas e dava até mortes".





Culinária polonesa em Linha Batista

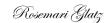
A culinária da Polônia é rica. substancial. relativamente alta em gorduras e o polonês costuma dedicar uma parte generosa de seu tempo para desfrutar suas refeições. Em Linha Batista, os descendentes de poloneses ainda preservam parte da gastronomia dos seus antepassados, pois a consideram uma importante forma de manifestação cultural e de construção identitária da comunidade. Pratos típicos poloneses (kuchnia polska) como o pão de milho; o "pierogi", que consiste numa massa cozida, com recheio de requeijão e batata, acompanhado de molho de linguica, nata e bolas de requeijão; a Czernina, que é uma sopa feita com sangue de pato; e o Chłodnik, que é uma sopa fria de beterraba para os dias quentes, embora não façam mais parte da alimentação diária dos descendentes dos poloneses, ainda são servidos em datas festivas e momentos especiais, como em festas de igreja.

Por fim, pedi ao senhor Milak (2019) para falar um pouco acerca da sua história de família: "assim como as outras, a família Milak também



passou muitas dificuldades. Até eu passei parte disso. Não havia infância. Minha família era numerosa, com 14 filhos. Sou o segundo filho, nasci em 9 de julho de 1939. Meu pai foi morar com meu avô, e quan-

do a minha irmã mais velha nasceu meus pais já estavam morando com o meu avô. Depois meu pai fez uma casinha, ainda não estava bem pronta, mas meus pais foram morar na sua casinha, e neste mesmo



dia eu nasci. Foi um filho após o outro, foi difícil. Minha mãe era culta. Estudou e lia e escrevia bem o polonês e português. Não tivemos infância, não tivemos juventude. Mas era assim. Para sair um pouco, sair de casa, era necessário andar 12 km para ir até no centro (de Criciúma) numa missa. Naquela época não existia nenhuma fábrica. Nada. Mas depois para mim deu certo, pois tinha uma mina (de carvão mineral) aqui nestas terras e eu consegui um trabalho para trabalhar nessas minas, e aí aliviou para mim. Depois a vida foi melhorando".

Em 1945, foi descoberta uma mina de carvão mineral em Linha Batista, que, somado aos efeitos da campanha nacionalista do Estado Novo, acelerou o processo de aculturação dos poloneses. Alguns moradores venderam suas terras às mineradoras. A exploração de carvão gerou muitos empregos e começaram a surgir loteamentos.

Os casamentos multiétnicos também contribuíram para a aculturação e, aos poucos, Linha Batista foi perdendo suas características de Colônia Polonesa.

Mas ainda é possível encontrar muitos descendentes dos imigrantes que chegaram a Linha Batista a partir de 1890 e que se dedicam a preservar e resgatar a cultura dos antepassados, uma cultura que hoje mescla brasilidade e multietnicidade, faz a beleza e constitui a força do nosso Brasil.



Carvão mineral em Linha Batista

REFERÊNCIAS:

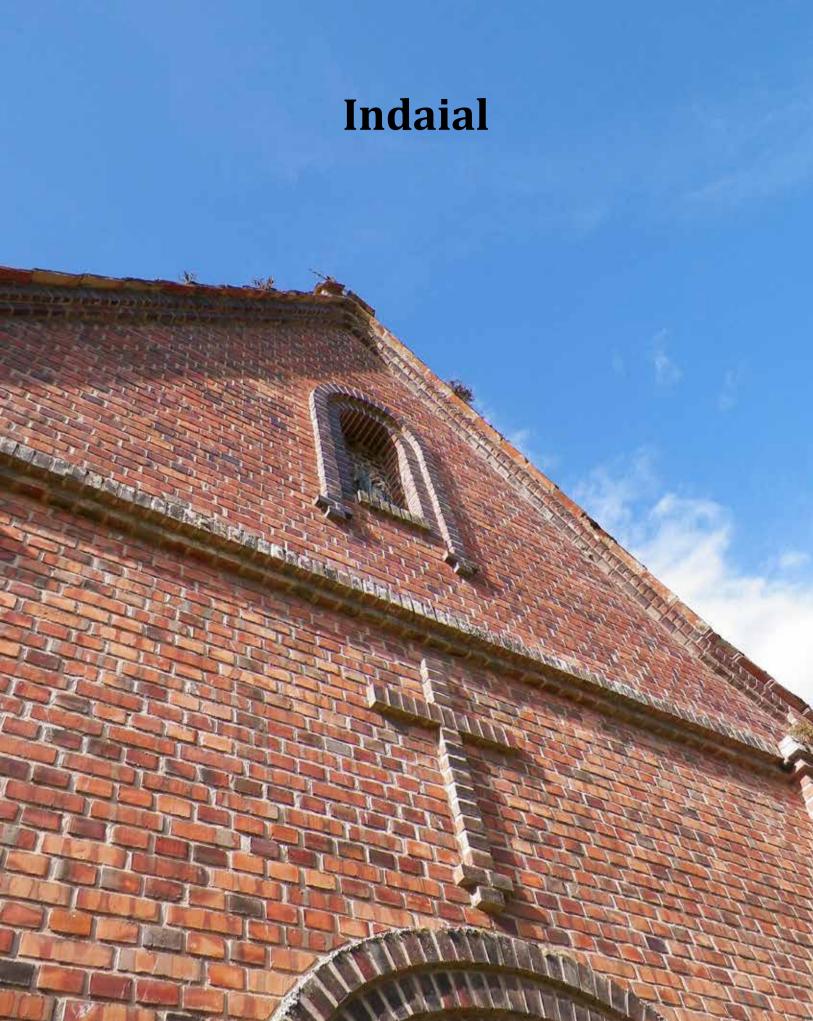
MILAK, Maximiliano Casimiro. Poloneses em Linha Batista, Criciúma. [Entrevista concedida a] Rosemari Glatz. Criciúma, em 13 de outubro de 2019.

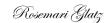
PAYER, M. O. A Interdição da Língua dos Imigrantes (Italianos) no Brasil: Condições, Modos, Consequências. In: ORLANDI, E. (Org.). História das Ideias Linguísticas: Construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHILLING, Isabel Conti. Os traços da identidade cultural polonesa nas práticas educacionais da Escola Casemiro Stachurscki. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma, 2007. Disponível em:< http://200.18.15.60:8080/pergamumweb/vinculos/000034/000034EC.12.2007.pdf>. Acesso em 20 out. 2019.

TIBINCOSKI, Casemiro. História da Colonização Polonesa – Linha Três Ribeiros – LIRI, Supergraf – Indústria Gráfica Ltda. Içara 1997.

TOKARSKI, Fernando. Andar na aula: uma salvaguarda do polonismo. In: DALLABRIDA, Norberto (org.). Mosaico de escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.





Indaial está situada no Vale do Itajaí e, durante seu processo de colonização, recebeu imigrantes alemães, poloneses e italianos.

Possuiu um bairro chamado Polaquia, em homenagem aos imigrantes poloneses que começaram a chegar em 1872, quando a cidade ainda pertencia à Colônia Blu-

menau, onde predominou a colonização alemã. Mas é na Estrada das Areias que inúmeras famílias polonesas, descendentes das que chegaram em 1878, ainda residem.

A Igreja de Santo Estanislau Kostka representa oficialmente a imigração polonesa em Indaial. Localizada no bairro Estrada das Areia. a pedra fundamental de atual igreja foi lançada em 1950 e é a terceira construída no mesmo terreno, embora não no mesmo local.

A primeira capela foi benta no dia 4 de junho de 1878 pelo padre José Maria Jacobs. O cemitério, que se localiza próximo à igreja - mas não no mesmo terreno - data da mesma época. A Igreja Santo Estanislau Kostka, o oratório e o cemitério são destaques para visitação no Caminho das Areias (INDAIAL, 2019).

Segundo dados da AFOL-POL-SC (2019), os poloneses eram minoria em Indaial.

A língua e os costumes foram se perdendo até que em 2008 foi criada a Associação Folclórica Polonesa – Santa Catarina - AFOLPOL-SC (em polonês: Stowarzyszenie Folkloru Polskiego – w Stanie Santa Catarina), representando um povo que se orgulha por ter herdado as tradições familiares ligadas a "Matka Polska", à religião, à terra e à família.

A associação tem como objetivo resgatar os costumes, preservar a história e incentivar o orgulho pelas ricas tradições da Polônia, por meio de suas melodias, alegres danças, ricos trajes, pratos típicos e sua língua eslava.





As danças polonesas são representadas pelo Grupo Folclórico Polonês PIASKOWA - Polski Zespól Ludowy Piaskowa, fundado no aniversário da colonização polonesa em Indaial, 3 de junho de 2007. Como aqueles imigran-

tes que chegaram em 1878 se instalaram na localidade Estrada das Areias, o grupo folclórico foi denominado "Piaskowa", que significa caminho das areias, e é uma homenagem a esta colônia de imigrantes poloneses.

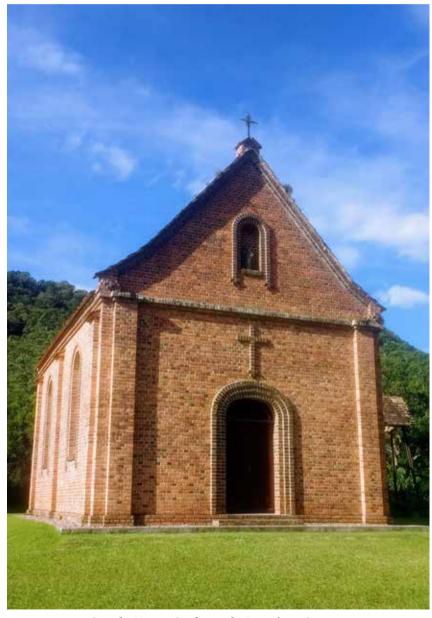
Anualmente, no mês de agosto, acontece o Festival Polonês de Indaial, reunindo grupos do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O Festival é uma iniciativa conjunta da AFOLPOL-SC e da Fundação Cultural de Indaial.

Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

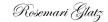
Como registro da imigração polonesa, em Indaial, encontramos um exemplar com arquitetura muito peculiar, em alvenaria de tijolos aparentes: a Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada na rua Artur Zarling, bairro Warnow.

A Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi edificada em alvenaria de tijolos aparentes. De acordo com o IPHAN (2019), nesse tipo de construção, o volume principal tem as paredes externas feitas de tijolos maciços aparentes, quase sempre feitos manualmente, em fôrmas de madeira, no próprio local ou em olarias tradicionais. São edificações que refletem a maestria dos imigrantes em construir com tijolos.

Externamente, os detalhes da amarração dos tijolos, alternando fiadas deitadas, em pé ou na diagonal, e da policromia dos tijolos claros e escuros, formando losangos



Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



e cruzes, conferem efeitos visuais decorativos às estruturas. Segundo o IPHAN, na região onde predominam os imigrantes poloneses, a Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Indaial, é um dos exemplos eloquentes.

Nas imediações da Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro também encontramos um cemitério onde estão sepultados imigrantes e descendentes de imigrantes poloneses, conforme descrito no capítulo "Arte Cemiterial e Representações Culturais Polonesas em Cemitérios", deste livro.

REFERÊNCIAS:

AFOLPOL-SC: Associação Folclórica Polonesa – Santa Catarina. Disponível em:< https://www.facebook.com/pg/Assinfolpol/about/?ref=page_internal>. Acesso em 20 out. 2019.

INDAIAL. Igreja Santo Estanislau. Disponível em:< https://turismo.indaial.sc.gov.br/equipamento/index/codEquipamento/17155>. >. Acesso em 20 out. 2019.

IPHAN. O Patrimônio do Imigrante. A Arquitetura das diversas regiões de imigração em Santa Catarina. Disponível em:http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivImi_RoteirosNacionaisImigracao_SantaCatarina_v2_m.pdf>. Acesso em 20 out. 2019.



Itaiópolis





Itaiópolis: cidade onde encontramos o maior templo católico construído por imigrantes poloneses na América Latina.

Itaiópolis é um dos municípios catarinenses integram o Projeto Roteiros Nacionais de Imigração, desenvolvido pelo IPHAN, e recebeu a chancela de Paisagem Cultural Brasileira para proteger uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores. Como em outros municípios catarinenses, Itaiópolis é considerada patrimônio cultural formado por propriedades rurais, casas, ranchos, hortas, pomares, jardins, dialetos, culinária, festividades e tradições agrícolas dos imigrantes, que vieram para o Brasil a partir do Século XIX. O núcleo urbano de Alto Paraguaçu, distrito desse município, possui uma parcela significativa do patrimônio dos imigrantes da área rural dos municípios de Santa Catarina (IPHAN, 2019).

Conforme dados da Prefeitura Municipal (2019),

os primeiros habitantes do Município de Itaiópolis chegaram por volta de 1889. A eles se juntaram mais de cinco mil imigrantes poloneses, que chegaram à localidade de Rio Negro, Paraná, por conta e proteção do Governo Federal, do qual receberam auxílio e alimentos. Permaneceram em Rio Negro durante alguns meses.

Em 1890, com mais três famílias do lugar, os imigrantes poloneses fundaram a



Colônia Federal Lucena, atual Itaiópolis. Um estudo de Fernando Tokarski (2007) mostra que os polacos assentados em Itaiópolis e em Rio Negro avançaram aos sertões da região contestada, instalando-se principalmente nos grandes vazios rurais, onde até hoje estão instalados. No ano de 1901 foi criada a Paróquia de Santo Estanislau, em Paraguaçu.

Com a vinda de outras correntes imigratórias, tais como alemães, rutênios e também poloneses, em 1903, foi criado o Distrito, mas ainda fazendo parte do Município de Rio Negro (PR). A municipalização se deu em 18 de março de 1909, e a instalação aconteceu em 1º de julho daquele mesmo ano. A sede ficou na Colônia Lucena.

Em 7 de setembro de 1917, Santa Catarina entrava na posse efetiva das terras que lhe couberam em decorrência da Guerra do Contestado. Com isso, o território do município extinto passou a integrar o município catarinense





de Mafra, criado naquela época. Logo em seguida, a Lei nº 3, de 2 de outubro de 1917 criou o distrito de Itaiópolis, instalado em novembro do mesmo ano. Um ano depois, a cidade foi definitivamente emancipada e a Lei Estadual nº 1.120, de 1918, a elevou novamente à categoria de município com a denominação de Itaiópolis, pertencendo ao estado de Santa Catarina (Prefeitura Municipal de Itaiópolis, 2019).

Segundo matéria publicada pela Gazeta de Itaiópolis em 2010, a origem do nome "Itaiópolis" pode ser explicada como sendo um hibridismo tupi-grego, no qual a última parte (polis) significa "cidade" e (Itaió) se compõe de "i" água, rio e "Taió", que procede de "Ita", pedra, e "ho" aumentativo. Há diferentes interpretações sobre o significado exato da palavra indígena "taió" ou "itaió", embora não haja dúvidas de que, na denominação do município (adotada em 1909), ela contenha evidente referência ao pico do Taió, elevação natural

cujas características físicas marcaram de modo notável o perfil topográfico do planalto, pois se destaca como um marco inconfundível na paisagem plana. Esse pico, que durante décadas esteve localizado em solo itaiopolense, por força da criação do novo município e do consequente desmembramento de sua área territorial, pertence hoje ao município de Santa Terezinha, que em 1991 foi desmembrado definitivamente de Itaiópolis, elevando-se à categoria de Município.



Igreja de Santo Estanislau

A Paróquia de Santo Estanislau foi criada em 1901 e a Igreja Católica de Santo Estanislau, localizada no bairro Alto Paraguaçu, a 7 km do centro de Itaiópolis, foi construída entre 1915 e 1922. Esta igreja é considerada o maior templo católico construído por imigrantes poloneses na América Latina. A construção localiza-se no alto da colina Paraguaçu, local de um antigo cemitério dos índios Xokleng.

Internamente, a Igreja Santo Estanislau é toda decorada com pinturas, apresentando pintura mural artística e serial por todas as paredes e forro da construção. Possui janelas com vitrais figurativos e decorativos. A igreja, de estrutura de alvenaria autoportante de tijolo, em estilo neogótico, foi inaugurada em 1922 e substituiu a igreja antiga, de madeira. A torre central, de cerca de 65 metros de altura, se destaca na paisagem do Alto Paraguaçu, sendo possível enxergá-la a quilômetros de distância.

A planta é em forma de cruz, dividida em átrio, nave central, transepto e abside, e a ela se tem acesso pelas duas sacristias, uma em cada lado.

A torre mede 54 metros









de altura, com o emblema da Águia Branca. A cobertura é em telha de barro. Não há registros de outra construção semelhante no Brasil e, segundo a tradição oral, esta é a maior igreja da América Latina construída por imigrantes poloneses.

Por sua excepcionalidade como exemplar da arquitetura religiosa de influência polonesa no Brasil, a Igreja de Santo Estanislau foi tombada como Patrimônio Histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural Nacional – IPHAN. A igreja está inserida no Núcleo Histórico de Alto Paraguaçu, também tombado pelo Iphan.

No Núcleo Histórico de Alto Paraguaçu também encontramos um cemitério onde estão sepultados imigrantes e descendentes de imigrantes poloneses, conforme descrito no capítulo "Arte Cemiterial e Representações Culturais Polonesas em Cemitérios", deste livro.

Próximo à Igreja Santo Estanislau estão as "Capelinhas do Rosário", que abrigam mosaicos onde são mostradas passagens da Via-Sacra. As Capelinhas do Rosário foram executadas por Élcio e Hélio Nilsen e apresentam mosaicos feitos por Maria Inês Asi-

nelli. O monumento é uma homenagem aos 25 anos de pontificado do Papa João Paulo II e por isso, logo no início do roteiro das capelas, foi construído um pequeno santuário dedicado a Karol Wojtyla que, como grande parte dos colonizadores de Itaiópolis, também nasceu na Polônia (ITAIÓPOLIS, Portal de Turismo, 2019).

REFERÊNCIAS:

Gazeta de Itaiópolis. Itaiópolis 92 anos de conquistas e vitórias. Publicado em 28/10/2010. Disponível em:< https://www.clickriomafra.com.br/portal/noticias/itaiopolis/?p=552>. Acesso em 9 nov. 2019.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/396/#:~:text=Itai%-C3%B3polis%2C%20no%20Estado%20de%20Santa,chancela%20de%20Paisagem%20Cultural%20Brasileira.>. Acesso em 9 nov. 2019.

ITAIÓPOLIS, Portal de Turismo. Paróquia Santo Estanislau. Disponível em:< https://turismo.itaiopolis.sc.gov.br/equipamento/index/codEquipamento/6951. Acesso em 9 nov. 2019.

ITAIÓPOLIS, Prefeitura Municipal. História do Município. Disponível em:< https://www.itaiopolis.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/18740 >. Acesso em 8 nov. 2019.

TOKARSKI, Fernando. Os polacos na região do Contestado. Correio do Norte. Jan. 2007.



Mafra é considerada cidade polo do planalto norte do estado de Santa Catarina e tem sua história unida à da cidade de Rio Negro, no Paraná, pois antes da mudança dos limites entre os dois estados, as duas cidades faziam parte de um único município. Desde a assinatura do Acordo de Limites. Mafra faz divisa entre os estados do Paraná e Santa Catarina. A questão dos limites do planalto norte catarinense com o Paraná esteve em litígio a partir de 1894. Com o término da Guerra do Contestado (1912 - 1916), e após a assinatura do Acordo de Limites, em 28 de outubro

de 1916, Mafra teve demarcados os seus limites e ficou à margem esquerda do rio Negro.

Criada pela Lei Estadual n.º 1.147, de 25 de agosto de 1917 e instalada em 8 de setembro do mesmo ano, Mafra recebeu este nome em homenagem ao jurista catarinense Conselheiro Mafra, que defendeu Santa Catarina contra o Paraná.

Antiga aldeia dos índios Botocudos, Mafra passou a ser povoada por tropeiros e trabalhadores que chegaram à região a partir do início do século XIX, para executar serviços de abertura e melhoramentos da Estrada da Mata, e lá se estabeleciam.

Há menção da chegada de imigrantes alemães na primeira metade do século XIX, mas foi no final daquele século e início do século XX que Mafra recebeu mais imigrantes europeus e, dentre eles, muitos poloneses.

As influências dos imigrantes europeus são perceptíveis até a atualidade, principalmente na cultura, arquitetura e costumes da cidade. As tradições dos povos que colonizaram Mafra são mantidas em centros culturais e em grupos folclóricos.

Um importante ponto de





atração de Mafra está relacionado a um imigrante polonês e nele está instalada a Casa da Cultura: trata-se do imóvel que pertenceu ao Dr. Mathias Piechnick, primeiro médico que atuou na cidade.

Nascido na Galícia, Polônia, em 24 de dezembro de 1866, o Dr. Mathias Piechnick formou-se em Medicina na cidade de Cracóvia e veio para o Brasil em 1897, fixando residência em Mafra, então pertencente ao Estado do Paraná. Foi casado com Amélia Martha Wagner, e teve sete filhos.

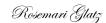
Dr. Piechnick foi nomeado Conselheiro Municipal de Mafra em 30 de agosto de 1917, pelo Governador do Estado. Durante sua trajetória como médico participou das mais diversas campanhas durante as muitas epidemias que assolaram a região, como por exemplo, a gripe espanhola. Faleceu em 31 de agosto de 1925. Com traços da arquitetura polonesa, o imóvel que pertenceu ao Dr. Piechnick já abrigou a Câmara de Vereadores e a Delegacia de Polícia de Mafra e, desde 2001, abriga a Casa da Cultura de Mafra.

Outro importante centro de atração da cidade é a ponte metálica Dr. Dinis Assis Henning sobre o rio Negro, inaugurada em 1896 e considerada maior monumento histórico da região.

REFERÊNCIA:

MAFRA. Disponível em:< https://www.mafra.sc.gov. br/cms/pagina/ver/codMapaltem/28127 >. Acesso em 21 set. 2019.

Massaranduba





Massaranduba está localizada no Vale do Itapocu, Litoral Norte catarinense. O território começou a ser ocupado por volta de 1870, e registros históricos mostram que os primeiros poloneses começaram a chegar à cidade em 1890, ocupando inicialmente a região do Braço do Norte.

Massaranduba se destaca por suas belezas naturais, vida campestre e cultura europeia, e as origens da população se revelam na música, na gastronomia e nas danças folclóricas, e se estima que cerca de 35% da população do município é de origem polonesa.

Em Massaranduba, a paisagem cultural polonesa, trazida pelos imigrantes, é retratada nos saberes transmitidos de geração em geração, na forma de ocupação dos lotes de terra, nos modos de produção familiar, nas técnicas construtivas, nas expressões culturais e na arquitetura de prédios históricos.

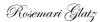
As pequenas propriedades rurais espalhadas por estradas abertas pelos imigrantes pioneiros ainda guardam, na paisagem, na arquitetura e nas tradições, as marcas da cultura de sua origem e sua interação com as terras brasileiras.

Religião

A religiosidade é um aspecto forte para as famílias

polacas. Pela história, sabe-se que os poloneses foram convertidos ao cristianismo no século X, e, depois da Reforma Luterana, firmaram-se como os mais ardorosos seguidores do catolicismo do Leste Europeu, situação que, com o tempo, provocou a simbiose entre a nacionalidade e a religião, de modo a alguns afirmarem que um verdadeiro polonês tinha de ser católico.

Além disso, poloneses são um povo historicamente so-frido, de muita luta, trabalho, opressão e superação. Quando deixaram a Polônia e vieram para o Brasil, a primeira coisa que fizeram ao chegar foi construir igrejas, que também eram locais de encontros e reuniões.

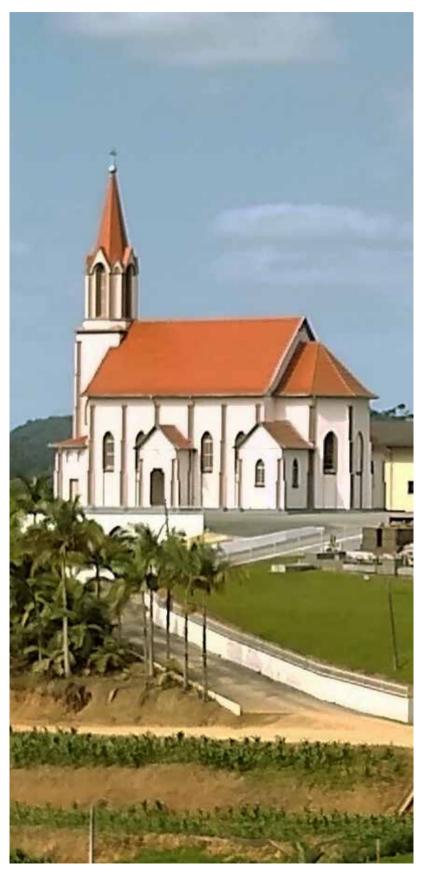


Igreja Nossa Senhora do Rosário

Localizada na comunidade do Braço do Norte, a Igreja Nossa Senhora do Rosário foi edificada em 1908 por imigrantes poloneses. É a mais antiga edificação religiosa de Massaranduba. Braço do Norte é uma localidade de colonização polonesa que preserva sua cultura sob vários aspectos, como na religiosidade, arquitetura, gastronomia e, em especial, na língua polonesa. É vizinha da comunidade onde encontramos a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora.

Igreja Nossa Senhora Auxiliadora

Localizada no bairro Benjamin Constant, a igreja é uma das mais representativas expressões da cultura polonesa em Massaranduba e, aos domingos, o terço é rezado em polonês na Capela Nossa Senhora Auxiliadora. Assim como na localidade de Braço do Norte, as famílias têm forte descendência polonesa e preservam os costumes dos antepassados na culinária, na cultura, na religiosidade e na língua polonesa.





Polski Festyn: a festa típica polonesa de Massaranduba

Anualmente, no mês de setembro, a comunidade da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, localizada no bairro Benjamin Constant, realiza a Polski Festyn, a mais tradicional festa polonesa da região. A festividade é aberta por uma missa com celebração litúrgica e cantos em polonês. Em seguida, é servido almoco com culinária típica, como pierogi, kiszka e golabki, que é um prato popular na culinária da Europa Central, feito de folhas de repolho cozido enroladas em torno de um recheio de carne de porco ou carne de gado picada, cebola picada e arroz ou cevada. Em 2014, foi lançado o "pirogão", um pierogi em tamanho maior, mas com a mesma massa e recheio tradicional, mais um exemplo de resgate cultural polonês através de um de seus mais deliciosos aspectos: a gastronomia.

Um aspecto importante na identidade e cultura polonesa é a gastronomia: os poloneses comem muita sopa e batata, de tudo que é jeito. Carne se consome em pequenas proporções, e o orégano e a manjerona são temperos muito usados. Para preservar essa cultura e ensiná-la às gerações mais jovens, um curso de gastronomia polonesa ensinou a comunidade a preparar alguns pratos típicos polacos, tais como: Devolay (rolinho de lombo de porco recheado); Daszek (doce conhecido por telhadinho); Barszcz (sopa); Kluski (nhoque de batata) e Makowa (torta papoula). O curso foi promovido pela Paróquia em parceria com a Associação Polonesa Karol Wojtyla, fundada em 2005 com o objetivo de resgatar os valores culturais.

A tradição dos imigrantes poloneses é mantida e relem-

brada por diversas atividades em Massaranduba, e aos domingos a rádio comunitária da cidade divulga a Hora Polonesa, um programa com músicas e notícias da Polônia apresentado em polonês.

REFERÊNCIAS:

DC. Cultura polonesa é preservada em várias comunidades de Santa Catarina. Disponível em:< http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/12/cultura-polonesa-e-preservada-em-varias-comunidades-desanta-catarina-4668970.html>. Acesso em 10 de mar. 2018

MASSARANDUBA. Dados Históricos. Disponível em:< https://massaranduba.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/1>. Acesso em 29 set. 2019.

NSCTOTAL. Curso de culinária polonesa resgata cultura em Massaranduba. Disponível em:https://www.nsctotal.com.br/ noticias/curso-de-culinaria-polonesa-resgata-cultura-em-massaranduba-norte-de-sc



Localizado no Norte catarinense, o município de São Bento do Sul, antiga Colônia São Bento, foi fundado em 1873, como uma colônia de extensão da sede Dona Francisca.

Quando se iniciou a medição das terras em São Bento, já havia na localidade algumas famílias de brasileiros estabelecidas com carta de posse cedida pelo governo do Paraná. Além deles, São Bento foi ocupada por imigrantes teuto-poloneses e boêmios em sua maioria, todos católicos.

A convivência deu-se entre três grupos principais: indígenas (em minoria), brasileiros (caboclos) e europeus recém-chegados no núcleo.

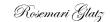
Os imigrantes poloneses, constituídos principalmente por galicianos, foram instalados nas áreas periféricas da Colônia e concentraram-se principalmente na estrada Wunderwald, no Rio Verme-

lho e no Rio Natal.

Como na época da imigração a maior parte dos colonos veio da região integrada ao Império Austro-Húngaro, eles receberam a denominação de Deutschpolen (teuto-poloneses).

A atribuição de teuto-poloneses era mais usual entre os imigrantes, objetivando reforçar que eram poloneses, mas que falavam e/ou entendiam o alemão.

A predominância da etnia



polonesa na região serrana a Leste de São Bento trouxe com ela uma aura de vigor e firmeza. Na região central, residiam apenas algumas famílias que, quando chegavam, iam adquirindo lotes de acordo com a ordem de chegada e a disponibilidade. Os polacos, assim como a maior parte dos grupos, almejavam um novo modo de sobrevivência nas novas terras. Ainda em 1873, na primeira distribuição dos lotes, os poloneses preferiram a estrada Wunderwald, onde a maior parte se estabeleceu, a ponto desta estrada ser conhecida por Estrada dos Polacos (Polenstrasse).

O Rio Vermelho - levandose em conta como núcleo de onde partiam as linhas polacas - foi aberto como um povoado mais tarde. De acordo com Vasconcellos (1991), na caminhada para leste e para as escarpas da serra, os polacos foram maioria em Rio Vermelho e Rio Natal. Além deles. embora em menor número. também havia russos, prussianos, austríacos, pomeranos e dinamarqueses. Benthien (2005) informa que a chegada de novas levas de imigrantes e o consequente aumento da colônia fez com que, com o passar do tempo, outras localidades fossem ocupadas.



Estrada Wunderwald "Polenstrasse"

A Estrada Wunderwald, mais conhecida como "Polenstrasse", foi um dos primeiros espaços do empreendimento colonial a abrigar famílias polonesas, embora nela também tenham se instalado outros grupos.

Segundo Vasconcellos (1991), o lugar recebeu este nome em homenagem a August Wunderwald que foi um dos primeiros a explorar a região para a abertura de novas "picadas". Por longos anos, a estrada foi o único acesso ao centro de São Bento. A maioria polonesa se deslocava para o centro de São Bento para assistir à missa, praticar o catecismo ou enviar crianças para a escola.

Os descendentes de poloneses nascidos e criados ao longo desta estrada aprendiam e sabiam comunicar-se tanto em seu idioma, quanto em alemão. Eles buscavam assistência religiosa no centro do núcleo, não só pela maior proximidade, mas também porque o acesso naquela época para o Rio Vermelho era dificultoso, tendo em vista a péssima qualidade da estrada

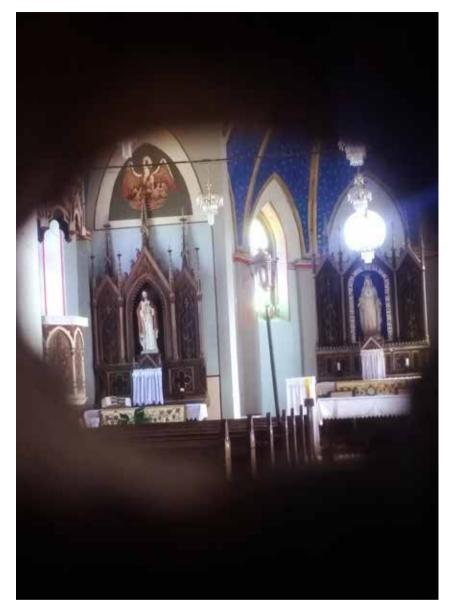


de ligação. Mas, esporadicamente, quando se realizavam as tradicionais festas polonesas, também recorriam ao Rio Vermelho.

Rio Vermelho

Rio Vermelho fica distante 20 km de São Bento. Localiza-se em uma bela baixada, entre serras altas e montanhosas. Segundo Benthien (2005), alguns autores afirmam que o Rio Vermelho, também conhecido pelo povo local como "Bechelbronn", foi aberto com a intenção de viabilizar a comunicação entre as ocupações centrais com terras de posses do Conde D'eu, no Vale do Itapocu.

Dos 91 núcleos brasileiros citados como ocupações polonesas existentes entre o período de 1871 a 1914, Rio Vermelho apareceu como povoação planejada e não como "linha" extensiva de sua parte central. Rio Vermelho era o principal caminho de acesso a Campo Alegre e nele havia um intenso movimento de comércio viabilizado pela estrada que servia para o transporte da madeira extraída na região. Depois da construção da estrada de ferro, o Rio Vermelho recebeu o nome de Rio Vermelho Povoado para ser

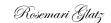


diferenciado do Rio-Vermelho-Estação. Na localidade em que se estabeleceu uma maioria polonesa, também havia alemães protestantes. Atualmente, as fronteiras são-bentenses mudaram. Em busca de outras terras, ocorreu uma "reimigração" de polacos para a atual região de Bateias, hoje distrito do Município de Campo Alegre.

Rio Natal

Fundado em 1905, e também povoado por poloneses, os moradores de Rio Natal partiam, a pé, em pequenos grupos, para assistir à missa ou enterrar seus mortos em Rio Vermelho, porque na localidade não havia capela nem cemitério.

Quase a metade dos que fo-



ram sepultados no cemitério da comunidade de Rio Vermelho viviam em Rio Natal.

Até a construção e inauguração de igreja própria na localidade, os polacos de Rio Natal deslocavam-se a Rio Vermelho. Após a inauguração da sua própria igreja, semanalmente vinham padres poloneses para rezar missa em Rio Natal. Por estarem mais afastados da cidade, os moradores levavam uma vida mais tranquila, e em meados de 1930 havia cerca de 250 famílias em Rio Natal. Posteriormente, muitas famílias se mudaram para outros locais de São Bento do Sul, como para o centro, por exemplo, e algumas famílias se mudaram para o Paraná.

Religião

A intensa busca por assistência religiosa foi responsável pela movimentação da localidade. Como Rio Vermelho era o núcleo central das linhas polonesas, em 1903 foi desmembrada da Paróquia de São Bento e, em 1911, foi elevada a Curato. Assim os fiéis tinham uma assistência religiosa mais próxima. Era uma maneira de facilitar o acesso às famílias.

Capela "Nossa Senhora da Medalha Milagrosa" - Rio Vermelho

A construção da primeira capela em Rio Vermelho Povoado data de 1881. Foi feita em madeira pelos próprios moradores católicos.

Mas essa capelinha era provisória. Com o passar dos anos não comportava mais o número crescente de fiéis. Por isso, em 1911, foi realizada uma festa para realizar o lançamento da "pedra fundamental", da nova igreja que os féis pretendiam erguer no mesmo local. Após o lança-

mento da Pedra Fundamental, organizaram uma espécie de associação para levantar fundos necessários à construção da igreja.

Inaugurada a igreja, os padres Lazaristas "polacos" de Lucena (Itaiópolis), responsáveis pelos paroquianos locais, quiseram promover a devoção a Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, e instalaram no altar a santa que a simboliza. Segundo a crença popular, a santa tem esse





nome porque havia uma pequena medalha de ouro dentro dela. Infelizmente para os fiéis, a medalha já não existe mais porque foi roubada.

De acordo com Iarochinski (2000), a padroeira da Polônia é Nossa Senhora de Czestochowa de Jasna Gora, mas a medida tomada pelos Lazaristas teve receptividade. Entretanto, persiste até hoje na Capela Nossa Senhora da Medalha Milagrosa um belo quadro da Matrona Polonesa pendurada na mesma igreja. O altar da igreja foi todo talhado em madeira por hábil artesão. Além do quadro citado, há outros objetos e ícones, que levantam evidência de distintas origens.

Entre os poloneses, os livros de catecismo também foram assiduamente utilizados. A missa era rezada em latim, mas as orações e cânticos em língua habitual de origem.

No acervo desta mesma igreja, permanecem livros escritos em alemão e polonês, que eram utilizados pelos padres, além dos párocos da comunidade que organizavam aulas de religião para os filhos.

Segundo a oralidade, era costume entre as meninas vestirem-se de branco nas missas e formarem grupos para representarem a religiosidade, servindo nas suas atitudes, como exemplo para os demais.

Um padre polonês: o desejo dos fiéis

A questão de limites territoriais, que no início do século XX resultou na Guerra do Contestado, interferiu nos aspectos sociais da comunidade.

Em certo momento, alegando-se falta de padre, a Paróquia do Rio Vermelho foi submetida aos padres de Lucena (atual cidade de Itaiópolis) e ou de Massaranduba, gerando certa apreensão.

Mais tarde, como Curitiba recebeu um número superior e mais significativo de grupos de imigrantes polacos, o desejo dos fiéis de terem um padre polonês foi suprido pela presença de vários missionários trazidos de sua terra natal.

Outrora, os fiéis de Rio Vermelho submetiam-nos aos padres missionários vindos exclusivamente da Polônia, de acordo com a disponibilidade de deslocamento destes padres (BENTHIEN, 2005).

Patrimônio Histórico Catarinense

A Igreja "Nossa Senhora da Medalha Milagrosa" ainda existe na localidade de Rio Vermelho, em São Bento do Sul. Ao lado da igreja, encontra-se o cemitério, implantado no terreno onde estava edificada a igreja anterior, que foi demolida, onde estão sepultados imigrantes e descendentes de imigrantes poloneses, conforme descrito no capítulo "Arte Cemiterial e Representações Culturais Polonesas em Cemitérios". deste livro. Tombada como patrimônio Histórico Catarinense, a Igreja "Nossa Senhora da Medalha Milagrosa" já foi restaurada na sua fachada externa. Na parte interna, um dos costumes mais fortes poloneses está caracterizado pelas flores pintadas nas paredes. Comemorar a primavera é um costume polonês muito antigo, porque a época das colheitas permitia a sobrevivência entre os camponeses, justificando, assim, a renovação e celebração da vida.





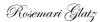
As festas de casamento que duravam três dias

Os poloneses que, em sua maioria, procediam da região da Galícia, eram menos favorecidos financeiramente, pois a Galícia era considerada uma das regiões menos desenvolvida e constituída de camponeses arrendatários. Mas, apesar de não viverem em fartura, era um povo muito festivo.

Benthien (2005) informa que na localidade de Rio Vermelho havia três salões para animar bailes. As festas de casamentos, por exemplo, eram muito alegres e fazia-se questão da abundância de alimentos para servir aos convidados.

A festa de casamento durava três dias. No primeiro dia a festa era na casa dos noivos. No segundo dia, acontecia o casamento propriamente dito, em que os noivos, padrinhos e alguns familiares par-

tiam juntos até a igreja. No terceiro dia, era muita música e dança em comemoração à união. Segundo a oralidade, os noivos já se casavam de manhã, quando vinha um padre, porque antigamente era difícil haver um padre. E, quando o padre vinha, naquele dia se realizavam todos os casamentos. Às vezes, eram celebrados dois, três casamentos juntos. E, conforme o costume antigo, usava-se um laço de fita, para destacar os noivos e os convidados.



Carroções poloneses

Nas missas dominicais em Rio Vermelho, os "carroções poloneses" teciam uma paisagem polonesa no Brasil. Eram inúmeras carroças, pertencentes a pessoas que vinham de lugares próximos para participar da missa, e que ficavam "estacionadas" no pátio da igreja. Os poloneses de todas as localidades iam às missas dominicais em Rio Vermelho, que era considerado uma espécie de "centro" daquela região.

Naquele tempo, a carroça era o meio de transporte
mais frequente entre os polacos, tanto que os carroceiros
fundaram até um sindicato.
Com o tempo, estes carroções
foram cedendo espaço aos caminhoneiros, que surgiram
como nova profissão.

Com a inauguração da estrada Dona Francisca em Rio Vermelho, lentamente se verificou uma evacuação da região, já que por ali já não passavam para trazer ou levar as suas cargas da cidade de Campo Alegre. Naquela época, Rio Vermelho era muito movimentado, com comércios, hospedaria, cervejarias, olarias, alfaiates, marcenarias, etc. Todo o transporte de madeira da região para comércio exterior era feito pela estrada que passava por Rio Vermelho para chegar à Estação ferroviária. As transformações da região foram muito significativas, informa Pfeiffer (1999).





Preservação da Cultura pela música e dança folclórica

Em meados de 1985, motivados pelo orgulho de sua descendência, um pequeno grupo de descendentes poloneses formou a Polska Orkiestra z Brazylli de São Bento do Sul (orquestra polonesa), além de uma Sociedade Polonesa, responsável pela manutenção de um grupo de dança folclórico.

REFERÊNCIAS:

BENTHIEN, Muriélle Silveira Boeira. Poloneses da Colônia São Bento (1870 – 1930). Dissertação de Mestrado em História no Curso do Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em:https://core.ac.uk/download/pdf/30383024.pdf>. Acesso em 22 set. 2019.

IAROCHINSKI, Ulisses. Saga dos Polacos: A Polônia e seus emigrantes no Brasil. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2000.

PFEIFFER, Alexandre. História da Igreja Católica de São Bento. São Bento do Sul: SL Ltda., 1999.

VASCONCELLOS, Osny; PFEI-FFER, Alexandre. São Bento, Cousas do nosso Tempo. 2ª edição. São Bento do Sul. Edição dos Autores, 1991.



VIII Festejos brusquenses dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil



Para comemorar os 150 anos da Imigração Polonesa no Brasil, a Fundação José Walendowsky preparou uma extensa programação com diversas atrações. Aconteceram todas em Brusque e foram marcadas por homenagens aos antepassados poloneses e seus descendentes. Colaboraram com a organização dos festejos o Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba e a Casa da Cultura Polônia Brasil. O evento também contou com o apoio do poder público municipal de Brusque; do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim/ Casa de Brusque; do Clube Filatélico Brusquense; do Centro Universitário de Brusque -UNIFEBE, e da Representação da Comunidade Polonesa no Brasil - BRASPOL Nacional.





Selo elaborado pelo artista visual Fagner Máximo da Silveira a partir da proposta do Clube Filatélico Brusquense em homenagem aos colonizadores poloneses. O selo oficial foi lançado no dia 25 de agosto de 2019 em Brusque





POLONÊS

DE 23 À 25 DE AGOSTO EM BRUSQUE

Evento realizado em comemoração ao dia 25 de agosto "Dia Municipal da Imigração Polonesa para Brusque e no Brasil" e pelos 150 Anos da Imigração Polonesa no Brasil

1869 - 2019





Fundação José Walendowsky

Confira nossa programação completa e venha se surpreender com a alegria de ser polaco!

Onde adquirir os ingressos:

WDCom - Edificio Luiz Albani - Fone: 47 3355-5555

Síntese da programação dos festejos brusquenses dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil

11 de agosto de 2019:

Lançamento da Mostra Fotográfica: "Brusque: Berço da Imigração Polonesa no Brasil" que abriu a programação e foi composta por 20 banners que contaram a história da imigração polonesa. As demais festividades aconteceram entre os dias 23 e 25 de agosto.

23 de agosto de 2019:

Lançamento do livro "Uma Geografia (e outras histórias) para os polacos", de autoria da escritora Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart. O lançamento aconteceu na noite de sexta-feira (23), no Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim/ Casa de Brusque.



24 de agosto de 2019:

Na manhã de sábado (24), foi inaugurada a Praça Imigrantes da Polônia, juntamente com o Marco dos 150 anos da Imigração Polonesa no Brasil. À tarde, foi realizada uma solenidade no Cemitério Parque da Saudade, oportunidade em que foi depositada uma coroa de flores aos pioneiros e seus descendentes falecidos, num pleito de reconhecimento e respeito. À noite foi realizado o show da Banda Wołosatki, da Universidade Politécnica de Kielce (Polônia), no Anfiteatro da Paróquia São Luís Gonzaga, centro de Brusque.

25 de agosto de 2019:

O ponto alto dos festejos brusquenses dos 150 anos de Imigração Polonesa no Brasil aconteceu no domingo (25), na Sociedade Beneficente e Recreativa Santos Dumont, As festividades iniciaram com uma missa em Ação de Graças e, na sequência, o público pôde conferir o lançamento do Selo Comemorativo aos 150 anos da Imigração Polonesa no Brasil. A programação contou com brinde e degustação de vodca polonesa, seguido de Show Gourmet com apresentações culturais da Banda Wołosatki de Kielce, e com o espetáculo do Coro da UNIFEBE "Teares que Cantam e Encantam". O evento também contou com apresentações de Grupos Folclóricos Poloneses: Junac, de Curitiba (PR); Wawel, da Colônia Murici, São José dos Pinhais (PR); Wisła (Paraná), e Orzeł Biały, de Linha Batista, Criciúma (SC). O trio catarinense Die Lustigen Musikanten fechou a programação.

Novembro e dezembro de 2019

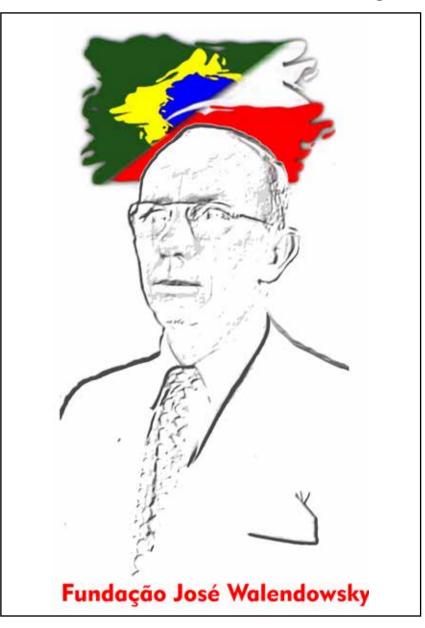
A comemoração dos 150 anos de Imigração Polonesa no Brasil fechou o ano de 2019 com três atividades do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE que buscaram homenagem os 150 anos: no Desfile de Natal de Guabiruba (30/11/2019), na 17ª edição do Natal Solidário UNIFEBE (5/12/2019) e na Cantata de Natal (12/12/2019).



Fundação José Walendowsky

A Fundação José Walendowsky foi criada em 10 de julho de 2013, a partir de uma conversa de família entre o empresário Ivan José Walendowsky, sua esposa Célia Maria Loyola Walendowsky e os filhos Ivan José, Luis Antônio e João Paulo Walendowsky. Também são instituidores da Fundação: Valdir Rubens Walendowsky, Nazareno Dalsasso Angulski e Sérgio José Jachowicz (já falecido).

Com sede no Município de Brusque e declarada entidade de utilidade pública no Município de Brusque e no Estado de Santa Catarina, a Fundação José Walendowsky tem atuado para preservar a cultura da colonização polonesa e anualmente promove o Evento Cultural Polonês para manter viva a memória dos antepassados poloneses e comemorar a contribuição deles para Brusque.



Comissão responsável pelos Festejos dos 150 anos da Imigração Polonesa no Brasil em Brusque:

Fundação José Walendowsky Presidente de honra: Ivan José Walendowsky Presidente: João Paulo Loyola Walendowsky Secretário Executivo: Nilton Jair Proença





Mostra fotográfica: "Brusque, berço da imigração polonesa no Brasil"

Fotográfica Α Mostra "Brusque: Berço da Imigração Polonesa no Brasil" abriu a programação alusiva aos 150 anos da chegada dos imigrantes poloneses ao país. O evento ocorreu no dia 11 de agosto de 2019, durante a programação da 1ª Festa Literária de Brusque (FLIB), na Fundação Cultural de Brusque. Em seguida, foi exposta no Centro Universitário de Brusque -UNIFEBE, em outras instituições e, por fim, no Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim/Casa de Brusque.

A Mostra Fotográfica foi composta por 20 banners que

contaram a história da imigração polonesa através de fotos. As temáticas abordadas na Mostra incluíram datas, navios, personagens, representando a epopeia de centenas de famílias que chegaram a Brusque, Vale do Rio Tijucas e Vale do Itajaí-Mirim, todos em Santa Catarina. A escolha das fotos e a suas descrições e legendas foi um trabalho realizado a quatro mãos pela historiadora Luciana Paza Tomasi e pelo pesquisador Celso Deucher, e o tratamento e recuperação de imagens foi feito por Sérgio Deucher.

Proposto por Ricardo José

Scharf, presidente do Museu Histórico e Geográfico do Vale do Itajaí-Mirim, de Brusque - Casa de Brusque, o projeto Mostra Fotográfica Brusque Berço da Imigração Polonesa no Brasil foi contemplado no Edital 2019 do Fundo Municipal de Apoio à Cultura de Brusque, lançado pela Prefeitura de Brusque, por intermédio da Fundação Cultural de Brusque. Outro projeto, intitulado "150 anos da Imigração Polonesa no Brasil", proposto por Célia Maria Loyola Walendowsky, foi aprovado na categoria "Patrimônio Cultural" do mesmo edital.



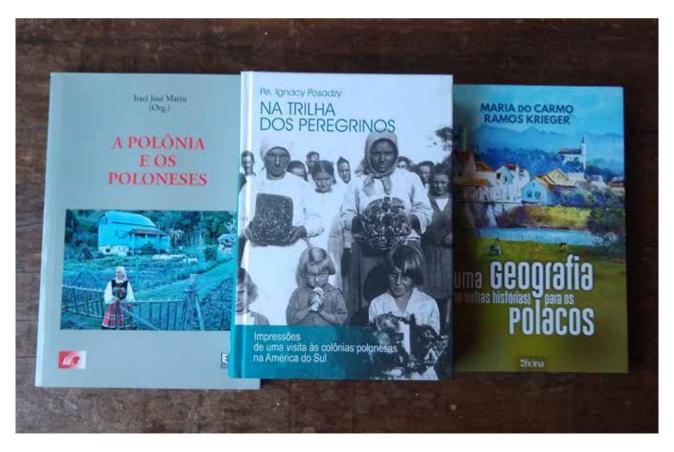
Lançamento de livros para e sobre os polacos

O lancamento do livro "Uma Geografia (e outras histórias) para os Polacos", da escritora e historiadora Maria do Carmo Ramos Krieger, integrou as comemorações dos 150 anos da Imigração Polonesa no Brasil. O evento aconteceu na noite do dia 23 de agosto de 2019, na SAB/ Casa de Brusque e contou com a presença de autoridades, escritores, historiadores, presidentes de entidades culturais, familiares e amigos da autora. Maria do Carmo possui diversas publicações sobre os poloneses em Brusque e, em reconhecimento à sua dedicação à Cultura Polonesa, recebeu uma placa em sua homenagem concedida pela Fundação José Walendowsky. "Uma Geografia (e outras histórias) para os Polacos" é uma obra que vinha sendo escrita desde 1980.

No livro, a autora utilizou recortes geográficos e históricos, relatos originais e documentos (abrigados em arquivos públicos), bem como recortes de jornais, revistas, fotos e livros. Em apenas 214

páginas, Maria do Carmo Ramos Krieger conseguiu relatar, com propriedade, uma história de luta e de superação.

Além do livro "Uma Geografia (e outras histórias) para os Polacos", as obras "A Polônia e os Poloneses" do escritor Iraci Marin, e "Na Trilha dos Peregrinos", escrito pelo padre Ignacy Posadzy, também foram lançadas no dia 25 de agosto, durante os festejos na Sociedade Beneficente e Recreativa Santos Dumont, em Brusque.





Procissão memorial no Cemitério Parque da Saudade de Brusque

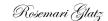
Integrando as comemorações, às 16h do dia 24 de agosto foi celebrada uma Santa Missa e Procissão Memorial no Cemitério Municipal Parque da Saudade em Brusque. A homenagem em forma de cerimônia religiosa foi uma iniciativa da BRASPOL Nacional, e contou com a presença de representantes de diversos Núcleos da BRASPOL do Paraná e de Santa Catarina.

A missa foi celebrada pelos padres Sérgio Giacomelli e Władysław Milak, catarinense radicado na Polônia, do Santuário Divina Misericórdia, da diocese de Cracóvia, Polônia. Os ensinamentos do ilustre polonês Karol Józef Wojtyla - Papa João Paulo II -, permearam a solenidade de fé, memória, gratidão e esperança.

Num pleito de respeito e reconhecimento às dificuldades vividas pelos polacos imigrantes, Rízio Wachowicz, presidente da BRASPOL Nacional – entidade que reúne descendentes de poloneses

no Brasil -, a Fundação José Walendowsky e demais pessoas que se fizeram presenhomenagearam, uma coroa de flores, os pioneiros imigrantes poloneses que aportaram em Brusque em 1869. O ato solene foi acompanhado por Ana Laura Freire Wedderhoff, da quinta geração de descendentes da família de Dominik Stempka, e representou os demais descendentes dos imigrantes poloneses que aportaram em Brusque em 1869.





Praça Imigrantes da Polônia

A inauguração do Marco dos 150 anos da Imigração Polonesa no Brasil fez parte dos festejos comemorativos à data. O Monumento é composto por duas esculturas, em granito cinza, cujo material bruto foi doado pela Prefeitura de Brusque: "O Semeador" e "O Batismo", ambas do escultor David Rodrigues.



Solenidade de entrega das duas esculturas e lançamento da "Pedra Fundamental" da construção da futura Praça Imigrantes da Polônia em 24 de agosto de 2019. Na foto, da esquerda para a direita: padre Wladislaw Milak, catarinense radicado na Polônia; Dr. Jonas Oscar Paegle, prefeito de Brusque; Sr. Ivan José Walendowsky, presidente de honra da Fundação José Walendowsky; Sra. Rosemari Glatz, Reitora do Centro Universi-

tário de Brusque – UNIFEBE e presidente da Fundação Educacional de Brusque - FEBE; Sr. João Paulo Loyola Walendowsky, presidente da Fundação José Walendowsky; Sr. Rízio Wachowicz, presidente da BRASPOL Nacional, e Sra. Danuta Lisicki de Abreu, imigrante polonesa, Coordenadora do Memorial da Imigração Polonesa no Brasil - Bosque Santo João Paulo II - Curitiba/PR e Representante da Missão Católica Polonesa no Brasil.



Benção das esculturas "O Semeador" e "O Batismo", ambas do escultor David Rodrigues, pelo padre Wladislaw Milak. Ao fundo, conduzindo o cerimonial, o jornalista Nilton Jair Proença, Secretário Executivo da Fundação José Walendowsky

A solenidade de entrega das duas esculturas à comunidade foi prestigiada por várias autoridades e descendentes de poloneses, e aconteceu às 11h do dia 24 de agosto de 2019.

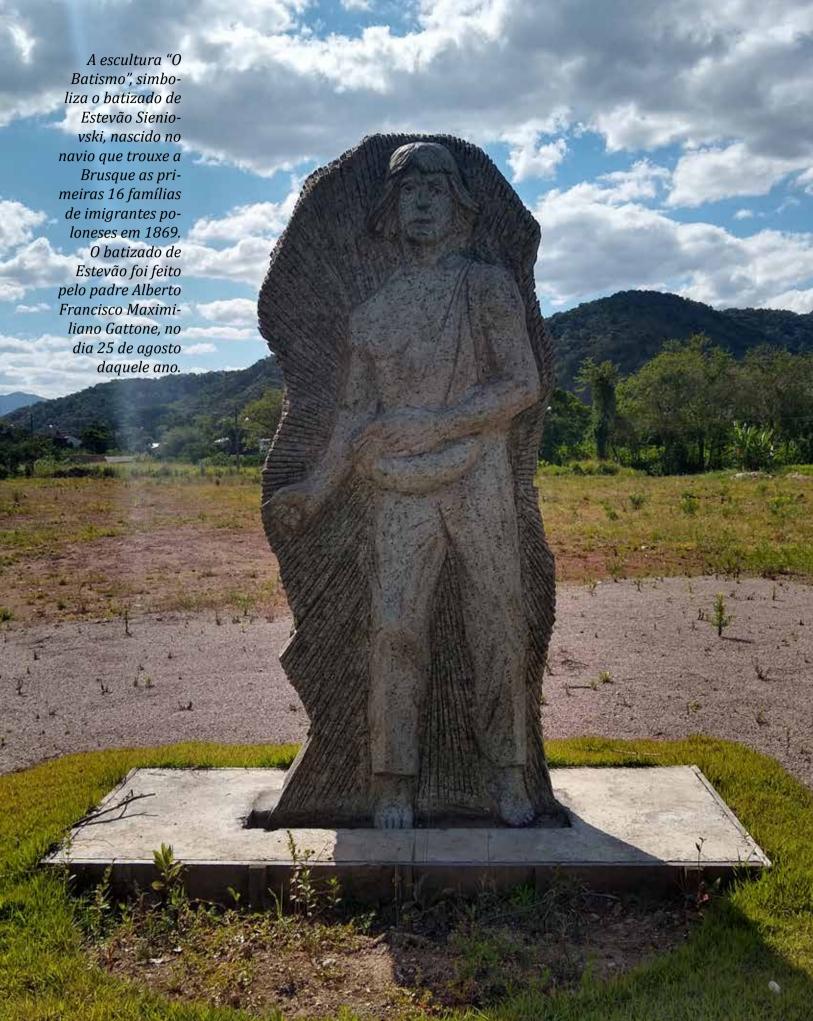
Também serviu como lan-

çamento da "Pedra Fundamental" da construção da futura Praça Imigrantes da Polônia, localizada entre as ruas Bartolomeu Prunner e Francisco Sassi, no bairro Jardim Maluche, em Brusque.

O terreno para a futura

Praça Imigrantes da Polônia foi cedido pelo poder público de Brusque à Fundação José Walendowsky, num reconhecimento da Administração Municipal pela importância de nossos ancestrais polacos, seus esforços e sua dedicação.









Banda Wołosatki, da Polônia

A Banda Wołosatki é formada por 12 jovens estudantes da Universidade Politécnica de Kielce – uma cidade do centro-sul da Polônia, e veio a Brusque especialmente para se apresentar em eventos relacionados aos festejos dos 150 anos da imigração polonesa no Brasil. A vinda do grupo foi intermediada pelo padre polonês Kazimierz Dlugoz, provincial da Congregação Sociedade de Cristo, que reside em Curitiba.

A Banda Wołosatki trouxe, em seu repertório, canções que falavam de sua pátria, das estações do ano, do amor e das montanhas polonesas e, para homenagear o Brasil, preparou a clássica música sertaneja "As Mocinhas da Cidade".

O primeiro show da Banda Wołosatki aconteceu na noite de sábado, 24 de agosto de 2019, no Anfiteatro da Paróquia São Luís Gonzaga, em Brusque. Foi um show fantástico, uma noite para ficar na história. O segundo show foi realizado no domingo, dia 25 de agosto de 2019, durante

os festejos na Sociedade Beneficente e Recreativa Santos Dumont.

A despedida da Banda Wołosatki aconteceu na residência de Ivan José e Célia Maria Walendowsky, que receberam os integrantes da Wołosatki para um café da manhã antes da viagem dos integrantes da banda para Papanduva, em Santa Catarina, onde o grupo também se apresentou. Ivan José Walendowsky é o Presidente de honra da Fundação José Walendowsky.



Missa em Ação de Graças

O ponto alto da programação dos festejos dos 150 anos de imigração foi no domingo, 25 de agosto de 2019, na Sociedade Beneficente e Recreativa Santos Dumont, em Brusque. As atividades festivas tiveram início às 10h, com uma missa em Ação de Graças.

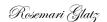
A missa foi celebrada pelo padre Wladislaw Milak, da Congregação Rogacionista, catarinense radicado em Cracóvia, na Polônia. A missa foi concelebrada pelo padre Kazimierz Dlugoz, provincial da Congregação Sociedade de Cristo, com sede em Curitiba (polonês de nascimento da cidade de Kielce) e pelo padre Cláudio Marcio Piontkewicz,

do Sagrado Coração de Jesus, na época Diretor do Colégio São Luiz. O jovem Jacub Ostrozanski, de Cracóvia, também é da Congregação Rogacionista, iniciou os seus estudos religiosos com o padre Wladislaw Milak e colaborou na celebração da missa em Ação de Graças. Atualmente Jacub está em Roma, na Itália, terminando teologia e vai ser ordenado padre em 2021.

A missa contou com a presença de muitos descendentes de poloneses, e foi aberta com uma procissão com as bandeiras do Brasil e da Polônia. Os cantos na missa foram do Grupo Jovens de Fé de Morro da Fumaça, sobrinhos do padre Wladislaw Milak.

Um dos momentos mais emocionantes da missa em Ação de Graças foi a apresentação da cruz de pedra encontrada no Cemitério dos Polacos de Botuverá, Santa Catarina, cidade vizinha a Brusque. Essa cruz ficou abandonada durante muitos anos e atualmente está sob a guarda da Sociedade Amigos de Brusque - Casa de Brusque, e foi gentilmente cedida para a missa em Ação de Graças por seu Presidente, Sr. Ricardo Scharf, que também prestigiou o evento. Mais informações sobre a cruz de pedra podem ser obtidas no tópico deste livro, intitulado "O Cemitério dos Polacos em Lageado - Botuverá - SC".





Selo comemorativo dos 150 anos da imigração polonesa

No dia 25 de agosto de 2019, foi lançado o selo comemorativo dos 150 anos da imigração polonesa no Brasil, numa parceria da Fundação José Walendowsky com o Clube Filatélico Brusquense, presidido por Jorge Paulo Krieger Filho, e com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos – Correios.

O Selo foi elaborado pelo artista visual Fagner Máximo da Silveira, de Criciúma (SC), a partir da proposta do Clube Filatélico Brusquense, e tem o intuito de homenagear os colonizadores. É apresentada a data do início da colonização, bem como as bandeiras do Brasil e da Polônia. As cores representam a vestimenta da dança Krakoviak, com suas rendas e cores marcantes.

A Krakoviak é uma dança nacional de origem popular da região sul da Polônia, conhecida em sua forma atual desde o século XV e que tomou o nome da cidade de Cracóvia, antiga capital real da Polônia. A coreografia da dança em determinado momento é interrompida pela

presença do Babadziad que, ao imitar os jovens, realiza gestos engraçados e estes, por sua vez, acompanham os seus movimentos tentando ridicularizá-la pelo fato dela carregar seu namorado nas costas. O Selo tem em seu plano o casal em movimento ao lado do mapa do Brasil, dando destaque para a cidade de Brusque, onde a imigração polaca no Brasil teve início, no ano de 1869.

Dez pessoas efetuaram a solenidade de obliteração do selo: Marta Olkowska, Encarregada de Negócios da Embaixada da República da Polônia; Dorota Bogutyn, Cônsul Geral Interina da República da Polônia em Curitiba; Dorota Ortyńska, Vice-Cônsul da República da Polônia em Curitiba; Rízio Wachowicz, Presidente da BRASPOL Nacional; João

Paulo Loyola Walendowsky, Presidente da Fundação José Walendowsky; Marco Antônio Gonçalves, Diretor-Presidente da Plasmark: Nazareno Dalsasso Angulski, coautor do livro "Da Polska à terra prometida: O legado polonês em Santa Catarina e um tributo à comunidade do Chapadão/Orleans"; Dr. Carlos Alberto Civinski, Desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina: Valdir Rubens Walendowsky, Secretário de Turismo de Balneário Camboriú; e José Ari Vegui, Vice-Prefeito de Brusque. Durante a festa dos 150 anos da Imigração Polonesa no Brasil os participantes puderam adquirir folhas com 12 selos comemorativos à data, envelopes personalizados com o selo, e o próprio selo, individualmente.

















Coro UNIFEBE - Espetáculo Teares que cantam e encantam

Integrando a programação dos festejos dos 150 anos de Imigração Polonesa para Brusque/Brasil, o Coro do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE apresentou o espetáculo "Teares que Cantam e Encantam", no domingo (25), na Sociedade Beneficente e Recreativa Santos Dumont. O espetáculo foi preparado especialmente para o evento.

Ao som de Chiquinha Gonzaga, Pixinguinha e Aldo Krieger, os integrantes do Coro da UNIFEBE representaram o maquinário têxtil, os operários e o industrial Cônsul Carlos Renaux. De forma lúdica e criativa, intercalando

e mesclando canções e apresentação teatral, o espetáculo abordou a importância dos imigrantes poloneses "tecelões de Lodz", que chegaram à região de Brusque a partir de 1889 e foram os responsáveis pelo início da indústria têxtil em Brusque. Graças à expertise desses imigrantes tecelões, associada ao espírito empreendedor de Carlos Renaux, a indústria têxtil foi a responsável por consolidar a transição da Brusque colonial para a Brusque industrial, marcando um tempo de grande prosperidade que segue até os dias atuais.

A importância dos poloneses "tecelões de Lodz" para o

desenvolvimento industrial de Brusque foi abordado no capítulo intitulado "Os Tecelões Poloneses e a Transformação da Brusque Colonial para a Brusque Industrial", deste livro.

Sob a Direção Musical e Regência da maestrina Louise Clemente, o Coro da UNIFEBE é composto por acadêmicos e egressos (ex-alunos), funcionários técnico-administrativos, professores e membros da comunidade em geral. O espetáculo musical "Teares que Cantam e Encantam" foi intercalado com apresentação teatral dos contadores de história Jaqueline da Silva e Emiliano Daniel de Souza.



Homenagens nos festejos dos 150 anos da imigração polonesa

A Fundação José Walendowsky fez uma linda homenagem a alguns personagens que estiveram presentes no 12º Evento Cultural Polonês e nos Festejos dos 150 anos da Imigração Polonesa no Brasil.

Placas foram entregues a Ana Laura Freire Wedderhoff, tataraneta de Dominik Stempka, Irene Polak Gasparim e Ivanira Panek, descendentes de Franciszek Polak e Fernando Gasparim, descendente de Bonawenture Polak.

Os Polak e os Stempka vieram no Vapor Victoria em julho de 1869 com as primeiras famílias de imigrantes poloneses.

Foram homenageados a Senhora Tereza Witkowsky e o senhor Estanislaw Milak (na foto), de 102 anos, tio do padre Władysław Milak (catarinense de Criciúma radicado na Polônia, que trabalha no Santuário Divina Misericórdia, da diocese de Cracóvia, Polônia).





Programação final dos festejos

Fechando as comemorações dos 150 anos de Imigração Polonesa no Brasil, o Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE ofereceu à comunidade três programações alusivas à data: participação do Desfile de Natal na cidade de Guabiruba; o Natal Solidário UNIFEBE e a Cantata de Natal UNIFEBE.



30 de novembro de 2019: Desfile de Natal

O Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE participou do desfile de Natal do município de Guabiruba (cidade vizinha a Brusque, e que integrou o território de Brusque até 1962, quando foi des-

membrada).

O Desfile de Natal de Guabiruba já é uma tradição na cidade e visa resgatar a cultura original da celebração.

Em 2019, o desfile buscou recriar o roteiro da tradição

natalina mundial e teve como tema "O Natal pelo Mundo" e a UNIFEBE participou do desfile representando a Polônia, em homenagem aos 150 anos de Imigração Polonesa no Brasil.





17ª edição do Natal Solidário

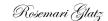
Também em comemoração aos 150 anos de Imigração Polonesa no Brasil, em 2019 o Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE empregou a temática Polônia para decorar a Instituição para os festejos de Natal.

No dia do Lançamento da 17ª edição Natal Solidário UNIFEBE, em 6 de novembro de 2019, o Coro UNIFEBE surpreendeu cantando músicas natalinas em polonês. Na decoração, foram incorporados elementos e cores da cultu-

ra polonesa e o destaque foi para as árvores de Natal de 6 metros de altura decoradas com grandes bolas coloridas e brilhantes. As crianças beneficiadas estiveram na UNI-FEBE no dia 5 de dezembro de 2019, oportunidade em que receberam os presentes dos seus "padrinhos". Foram momentos de muita alegria e emoção.

Criado em 2003 para proporcionar um Natal mais feliz e humano às crianças que realmente precisam, o Natal Solidário UNIFEBE envolve alunos, professores e colaboradores da Fundação Educacional de Brusque - FEBE, e também a comunidade regional.

O evento consiste em presentear crianças com brinquedos, principalmente crianças que estudam em escolas da rede pública de ensino, por meio de uma grande confraternização de Natal que acontece no campus do Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE.





Cantata de Natal UNIFEBE

Finalizando a programação dos festejos brusquenses aos 150 anos de Imigração Polonesa no Brasil, o clima de Natal tomou conta do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE em mais uma Cantata de Natal, que, neste ano, aconteceu no dia 12 de dezembro.

Em 2019, o Coro UNIFEBE apresentou canções polonesas com a participação especial da Orquestra de Guabiru-

ba. A temática foi escolhida pela comemoração dos 150 anos da imigração polonesa no Brasil, pois a cidade de Brusque é considerada o Berço da Imigração Polonesa no Brasil.





Dia estadual e municipal da imigração polonesa: 25 de agosto

O dia 25 de agosto foi escolhido para comemorar, anualmente, o Dia do Imigrante Polonês já que foi neste dia que se deu o registro do primeiro batizado de um polonês em terras brasileiras, especificamente na cidade de Brusque.

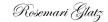
O Dia Estadual e Municipal da Imigração Polonesa foi estabelecido para homenagear e reconhecer a valorosa contribuição dos imigrantes poloneses nas suas mais variadas formas, tais como os costumes dos descendentes, as artes musicais e danças folclóricas, a gastronomia, entre outras coisas, bem como para estimular o resgate da história das famílias, relacionando-as com a região de onde vieram.

O reconhecimento da importância e contribuição da imigração polonesa para o desenvolvimento do Estado de Santa Catarina e de Brusque tem sido publicitado pelo Poder Legislativo estadual e municipal nos últimos anos. Tal fato foi comprovado quando tanto o Poder Público Municipal de Brusque quanto o Governo de Estado de San-



Dia Municipal da Imigração Polonesa em Brusque

A Lei nº 3.256/2009, que instituiu o Dia Municipal da Imigração Polonesa a ser comemorado em 25 de agosto, foi aprovada em Sessão Solene realizada pela Câmara de Vereadores de Brusque no dia 24 de setembro de 2009. Foi sancionada pelo prefeito municipal em 31 de agosto de 2009.



ta Catarina aprovaram, cada qual uma lei que define o dia 25 de agosto como o Dia da Imigração Polonesa. Ao estabelecer uma data especial para a comunidade polonesa no estado catarinense e em Brusque, o poder público de-

monstrou, de forma nítida, o quanto considera importante a preservação dos traços culturais da etnia polaca.



Dia Estadual da Imigração Polonesa em Santa Catarina

A Lei nº 17.335, de 2017, consolidou as Leis que dispõem sobre a instituição de datas e festividades alusivas do Estado de Santa Catarina. Originalmente, a Lei 14.164, de 2007, havia instituído que no Estado de Santa Catarina o Dia Estadual da Imigração Polonesa seria comemorado no dia 3 de maio, com a justificativa de que os poloneses comemoram, nesse dia, a Data Nacional da República da Polônia. Recentemente, a Lei nº 17.745, de 5 de julho de 2019, alterou o Anexo I da Lei nº 17.335, de 2017 para instituir a data de 25 de agosto como Dia Estadual da Imigração Polonesa. Com isso, tanto a cidade de Brusque, considerada o berço da imigração polonesa no Brasil, quanto todo o Estado de Santa Catarina, comemoram a data no mesmo dia.





Gratidão. Pura Gratidão

Texto publicado pelo jornalista Nilton Jair Proença e postado nas redes sociais por ocasião dos 151 anos de imigração polonesa no Brasil, comemorado em 25 de agosto de 2020.

Transcrito aqui na íntegra, com autorização do autor.

"Este é o sentimento que aflora em nossas mentes e corações nesta ocasião, em que comemoramos os 151 anos da presença dos Imigrantes Poloneses em solo brasileiro.

Foi aqui na então Colônia Príncipe Dom Pedro, em 1869, hoje Brusque, que aportaram as primeiras 16 famílias de Imigrantes oriundos da Polônia. Cansados pela ocupação de sua Pátria, ousaram acreditar num sonho, que desde o princípio sabiam ser difícil. Deixaram para trás familiares, amigos e até mesmo algum patrimônio, para buscar num longínquo Brasil, um futuro melhor para si e suas futuras gerações.

Enfrentaram as mais diversas adversidades, entre as quais, a língua, a topografia e a falta de estrutura. Mas imbuídos de muita fé e tenacidade, venceram e nos deixaram um legado que muito nos orgulha. Somos, pois, gratos ao trabalho, à cultura, à religiosidade e às tradições de nossos antepassados.

Neste 25 de agosto de 2020, Dia Municipal e Dia Estadual da Imigração Polonesa para o Brasil, queremos prestar nossa singela homenagem às famílias de Francisco Pollok, Nicolau Woś, Boaventura Pollok, Thomasz Szymanski, Simon Purkot Felippe Kokot, Miguel Prudlo, Simon Otto, Domin Stempka, Gaspar Gbur, Balcer Gbur, Walentin Weber, Antonio Kania, Franscisco Kania, André Pampuch, Josepho Purkott, Juliana Wos/Julia, Stefan Kachel e Francisco Motzko.

Eles foram os precursores de uma história de sucesso, que contribuiu em muito com o desenvolvimento deste País, dos Estados do Sul e, principalmente Brusque.

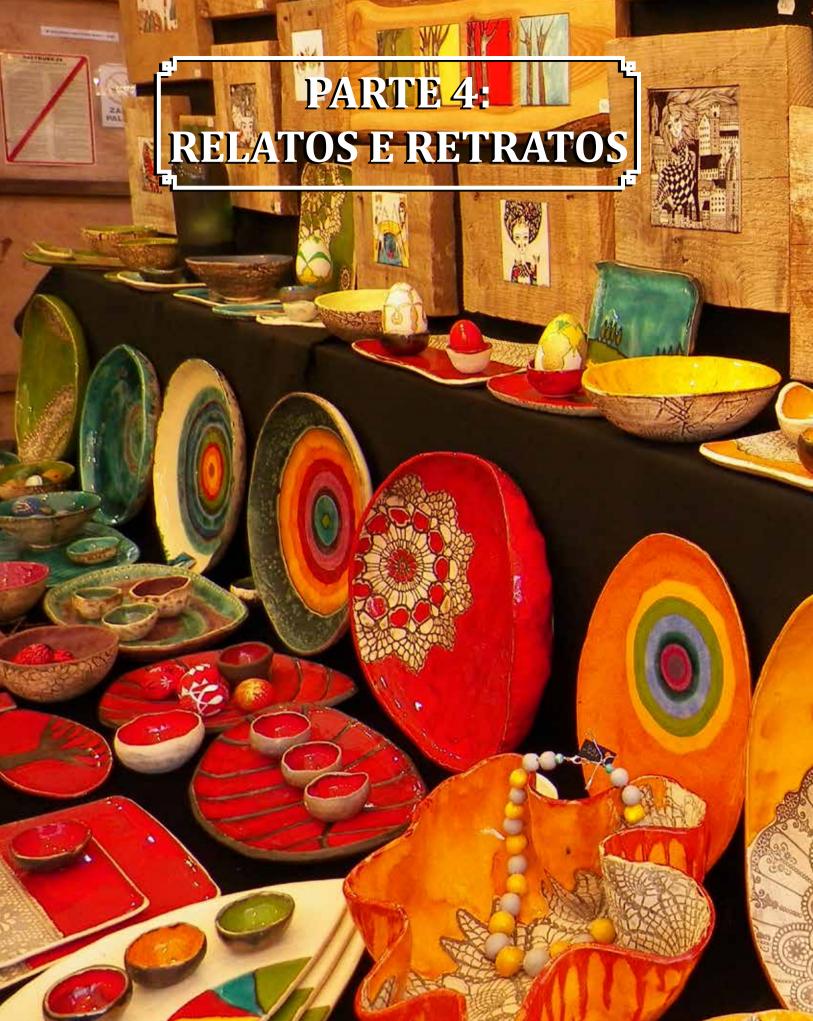
Neste dia só podemos dizer: Dziekuje Bardzo".

"Enfrentaram as mais diversas adversidades, entre as quais, a língua, a topografia e a falta de estrutura. Mas imbuídos de muita fé e tenacidade, venceram e nos deixaram um legado que muito nos orgulha. Somos, pois, gratos ao trabalho, à cultura, à religiosidade e às tradições de nossos antepassados".

Nilton Jair Proença













Eu descendo de famílias que emigraram de diversos países europeus, desde a Alemanha, França, Romênia, Suécia, e também de territórios que, desde 1945, integram o território Polonês.

Uma dessas regiões é a Pomerânia, de partes que, desde o final da Segunda Guerra Mundial (1945), passaram a integrar o território da Polônia, de onde emigraram, juntos, os meus antepassados de origem alemã Radünz e Reinke.

O ramo dos meus antepassados da família Hoffmann, de origem alemã, emigrou de Gęsin, Zakrzewo, Pomerânia-Kujawsko no final do século XIX, durante o movimento conhecido como a "febre imigratória brasileira".

Já os meus antepassados da família Glatz, também de origem alemã, emigraram de Luboszyce (em alemão: Liebesitz) para o Brasil no final de 1864, quando a cidade se chamava Guben, e o território pertencia ao Reino da Prússia, atual Alemanha.

Todos os meus antepassados do lado paterno, ou seja, das famílias Glatz, Hoffmann, Radünz e Reinke, ao chegarem ao Brasil se instalaram na cidade de Pomerode, que, naquele tempo, integrava a cidade de Blumenau, em Santa Catarina.

E, por isso, os planos da viagem que fizemos à Polônia em junho de 2019 incluíram uma visita à Pomerânia Ocidental, cuja capital é Estetino (em alemão: Stettin, em polonês Szczecin), mais especificamente para a região de Jarchlino (em alemão: Jarchlin), Konarzewo (em alemão: Kneiphof) e Kulice (em alemão: Külz), aldeias de onde, nas décadas de 1860 e 1870, partiram meus antepassados pomeranos Radünz e Reinke. No tempo em que eles emigraram, todas as suas vilas de origem pertenciam à família de Otto von Bismarck. Também visitamos Luboszyce, uma vila pequenininha, com somente 130 habitantes, localizada na fronteira da Polônia com a Alemanha.

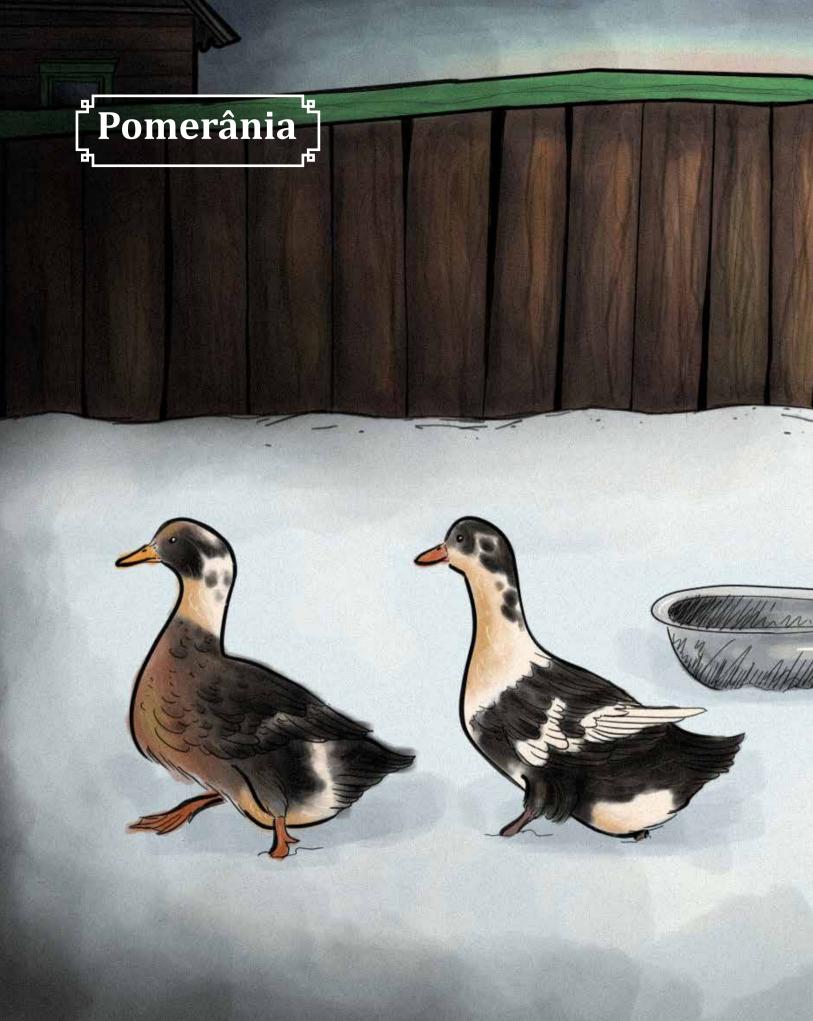
Depois de conhecer os lugares de origem dos antepassados, fomos conhecer outras cidades na Polônia. Dentre elas, Wadowice – onde nasceu o Papa João Paulo II; o Santuário Centro João Paulo II, em Cracóvia; as Minas de Sal de Wieliczka; Auschwitz, Varsóvia e a turística cidade de Zakopane. Ao visitar essas cidades e lugares, alguns aspectos chamaram minha atenção, entre eles a religiosidade do povo polonês, as lindas igrejas, os costumes da Páscoa, a tradição de um fermento natural de pão que sobrevive por mais de 100 anos na Polônia; a admiração por seu mais famoso pianista, Frédéric Chopin e o consumo da Vodca, a bebida nacional da Polônia.

É dentro da perspectiva do meu olhar e da minha experiência, que compartilho com você, caro leitor, algumas curiosidades, impressões e dicas pessoais sobre a Polônia, como a questão da comunicação e da moeda. Tudo isso é apresentado por relatos e retratos, mas sempre sob uma ótica pessoal.

E, aos que tiverem oportunidade, eu super recomendo uma viagem até a Polônia, um país lindo, muito organizado, culto, e exemplo concreto de superação, resiliência e progresso.











A história da região da Pomerânia é rica e variada em função de ela ter permanecido sob o domínio de diferentes potências ao longo dos séculos. De 1186 a 1806, esteve principalmente sob o domínio do Sacro Império Romano-Germânico. Com a dissolução deste império, em 1806, por Napoleão Bonaparte, a Pomerânia tornou-se parte do Reino da Prússia. A partir de 1871, a Pomerânia passou a integrar o Império Alemão. E, a partir daquela época, mais de 330 mil pomeranos emigraram e muitos para o Brasil, especialmente para a cidade de Pomerode, em Santa Catarina.

Depois da derrota alemã na Segunda Guerra Mundial, toda a Pomerânia ficou sob controle militar soviético e a fronteira polonesa-alemã foi deslocada para oeste. Com isso, a Pomerânia ficou dividida na linha Oder-Neisse, entre a Polônia e a zona alemã sob administração soviética – que se tornou mais tarde a república comunista da Alemanha Oriental. A população alemã dos territórios a leste da nova linha de fronteira foi quase completamente expulsa, e a área foi repovoada principalmente com poloneses, russos e ucranianos de ascendência polonesa.

Do lado polonês, atualmente a Pomerânia é dividida em três voivodias (províncias): Pomerânia Ocidental (em polonês Zachodniopomorskie, ZP), cuja capital é Estetino (em alemão: Stettin, em polonês Szczecin); Pomerânia (Pomorskie, PM) com a capital Gdańsk (Danzig em alemão); e Pomerânia-Kujawsko (em

Kujawsko-Pomorpolonês skie, KP), com duas capitais: Bydgoszcz (sede do gabinete do governador) e Toruń (sede da administração local). Meus antepassados de sobrenome Reinke emigraram da Pomerânia Ocidental nas décadas de 1860-1870, que à época da emigração pertencia ao Império da Prússia. E os de sobrenome Hoffmann emigraram da Pomerânia-Kujawsko nas décadas de 1880-1890, que à época da emigração pertencia ao Império da Rússia. Eram todos de ascendência alemã e integravam a igreja evangélica protestante da Pomerânia, que foi a igreja oficial da Pomerânia por séculos, é até hoje a igreja predominante na Pomerânia Ocidental. Tanto os Reinke quanto Hoffmann se instalaram na cidade de Pomerode (SC).

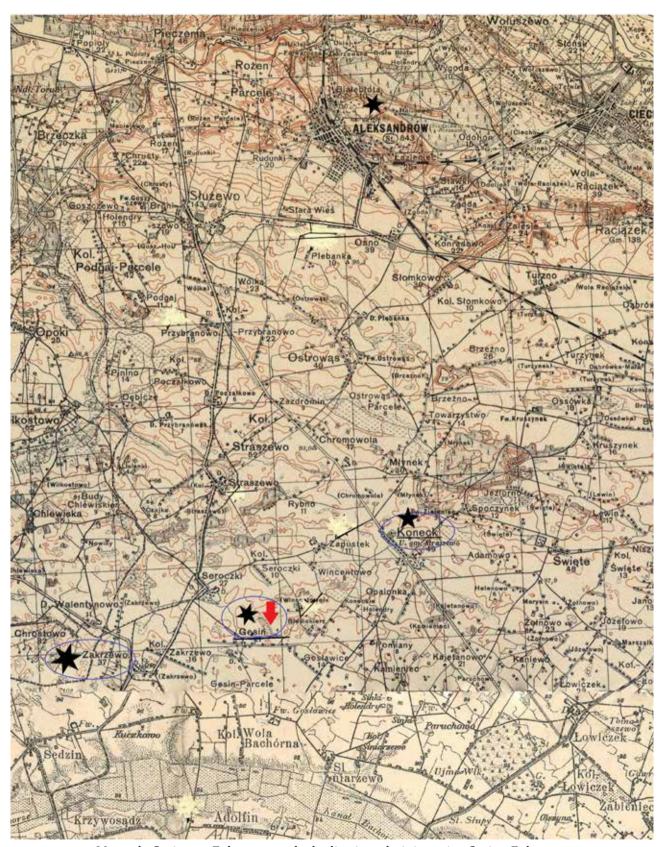


Em 1866, onze (11) famílias originárias das vilas de Kulice (Külz), Jarchlino (Jarchlin) e Konarzewo (Kniephof), deixaram a região ao mesmo tempo. As famílias Grützmacher; Güths; Hein; Hoge; Hornburg; Konell; Lümke; Massa; Radünz; Reinke e Siewert emigraram juntas. As terras onde estes imigrantes pomeranos trabalhavam pertenciam à família Bismarck. Eles chegaram em Santa Catarina no dia 03/09/1866 e foram destinadas a Pomerode que, naquele tempo, pertencia à Colônia Blumenau. Além destas famílias, vieram muitas outras em momentos diferentes, e também se instalaram em Pomerode

Santa Catarina

Muitos pomeranos emigraram para o Brasil durante o século XIX, e hoje seus descendentes são parcela considerável da gente catarinense, em especial na cidade de Pomerode, onde lutam para preservar sua cultura e a língua pomerana. E, segundo consta, há mais falantes da língua pomerana em Santa Catarina do que na Europa. Em 2000, uma réplica do portão de tijolos do porto marítimo de Estetino (em alemão: Stettin, em polonês Szczecin) foi edificada em Pomerode, como um símbolo de memória da região Pomerânia e sua capital Estetino que, depois da Segunda Guerra Mundial, passou a integrar o território da Polônia.





Mapa de Gęsin, em Zakrzewo, sede do distrito administrativo Gmina Zakrzewo



Igreja de São José, em Zakrzewo, Condado de Aleksandrów, Polônia, construída em 1746

Gęsin – Zakrzewo – Aleksandrów Kujawski

Minha bisavó Katarzyna Hoffmann, étnica alemã, nasceu em Gęsin, uma pequena aldeia que pertence ao distrito administrativo de Zakrzewo.

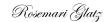
Num verdadeiro ato de coragem, Katarzyna Hoffmann emigrou no final do século XIX (por volta do ano de 1890) com menos de 30 anos, sem a família e apenas na companhia de duas amigas,

durante o movimento que na Polônia é conhecido como a "febre imigratória brasileira" (a esse respeito, consultar o capítulo 5 deste livro, intitulado Tecelões Poloneses). Quando Katarzyna Hoffmann emigrou, no final do século XIX, a região de Gęsin estava sob a ocupação do Império da Rússia e era conhecida, no Brasil, como Polônia Russa. Ela se instalou em Pomerode,

Santa Catarina que, naquele tempo, integrava a cidade de Blumenau.

Os pais (Jan Hoffmann, produtor rural de Gęsin, e Szarlotta Henryetta Rutter Hoffmann, natural de Koneck) e os irmãos (Karolina e Daniel Hoffmann) permaneceram na Pomerânia.

Gęsin fica em Zakrzewo, sede do distrito administrativo Gmina Zakrzewo, no





Trinta quilômetros separam a aldeia Gęsin da cidade de Toruń, uma das cidades mais antigas da Polônia. Toruń deslumbra os visitantes com seus traços medievais e suas inúmeras construções antigas de tijolos e é a terra natal do astrônomo e matemático Nicolau Copérnico. A teoria do Heliocentrismo de Copérnico colocou o Sol como o centro do Sistema Solar, e constituiu o ponto de partida da astronomia, sendo considerada uma das mais importantes hipóteses científicas de todos os tempos

Condado de Aleksandrów, Voivodia (província) da Kuyavian-Pomeranian, centronorte da Polônia. Durante a Segunda Guerra Mundial, a região de Zakrzewo, que inclui Gęsin, esteve próxima da linha de frente e durante a ocupação nazista grandes perdas foram registradas, tanto entre a população quanto na agricultura. Algumas das fazendas foram tomadas pelos alemães.

Zakrzewo foi libertada em 19 de janeiro de 1945. Depois da Segunda Guerra Mundial, como resultado da reforma agrária, as terras em Zakrzewo foram parceladas e entregues a pequenos proprietários e camponeses semterra, numa forma de agricultura coletiva que foi adotada em toda a República Popular da Polônia (ZAKRZEWO, 2020).

Em 2020, Gęsin é uma fa-

zenda com menos de 200 habitantes.

Fica a aproximadamente 4 quilômetros a leste de Zakrzewo (a qual integra), a 12 km ao sul de Aleksandrów Kujawski, a 30 km ao sul de Toruń e a aproximadamente 170 km de Varsóvia. A região de Gęsin é bastante conhecida pelo agroturismo e muitas vezes mencionada em conjunto com as Montanhas Gęsińskie.



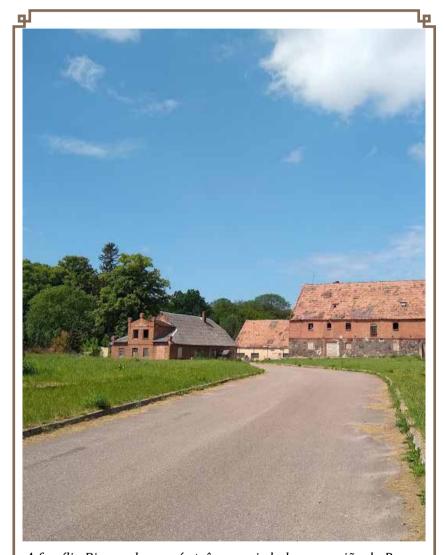
Konarzewo, Jarchlino e Kulice e a família von Bismarck

Conforme mencionado anteriormente, os planos da viagem que fizemos à Polônia em junho de 2019 incluíram uma visita à Pomerânia Ocidental, mais especificamente para as aldeias de onde partiram nossos antepassados pomeranos das famílias Radünz e Reinke que, assim como minha bisavó Hoffmann e meu bisavô Glatz, se instalaram em Pomerode, Santa Catarina.

A título de curiosidade, vamos nos aprofundar um pouco na relação da família von Bismarck com as aldeias de Konarzewo, Jarchlino e Kulice.

No século XV, Konarzewo, Jarchlino e Kulice eram uma possessão do nobre clã alemão da família Dewitz, de Mecklemburg e Pomerânia. Depois de 400 anos, em 1726, a propriedade passou para o major prussiano August Friedrich von Bismarck-Schönhausen. Em 1780, a propriedade incluía uma casa senhorial e quatro residências familiares.

Konarzewo esteve sob a posse da família Bismarck en-

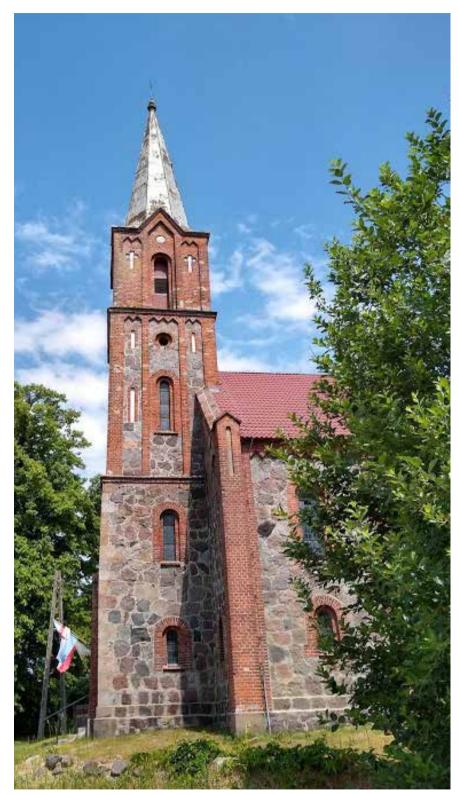


A família Bismarck possuía três propriedades na região da Pomerânia até 1945, que integravam uma única fazenda. Na Primavera europeia de 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial, as fronteiras foram alteradas. As aldeias de Jarchlino (em alemão: Jarchlin), Konarzewo (em alemão: Kneiphof) e Kulice (em alemão: Külz) foram ocupadas pelo exército soviético. A região passou a pertencer à Polônia. Os nomes das aldeias foram mudados para uma versão em polonês, poloneses ocuparam a região, e os pomeranos que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial foram expropriados e expulsos.

Rosemari Glatz

tre os anos de 1726 e 1945. O major prussiano August Friedrich von Bismarck, de Altmark Schönhausen, serviu na cidade de Goleniów da Pomerânia, no regimento de Ausbach-Bayreuth. E, graças ao casamento e herança, ele se tornou o proprietário de Konarzewo, Jarchlino e Kulice. No entanto, ele não conseguiu desfrutar da propriedade por muito tempo, porque morreu em batalha sob o governo de Czaslau, em 1742. Seu filho, Karl Alexander, herdou Schönhausen, e seu segundo filho herdou propriedades da Pomerânia. Karl Alexander Schönhausen era o avô de Otto von Bismarck.

Em 1816, Karl Wilhelm Ferdinand von **Bismarck** (1771-1845), e sua esposa Luise Wilhelmine nee cken, pais do futuro chanceler Otto von Bismarck herdam as propriedades da Pomerânia de seu primo, e se mudam da propriedade da família em Schönhausen para Konarzewo (Kniephof em alemão), Condado de Nowogard. Naquela época, a casa da família era uma modesta construção na técnica enxaimel, com paredes de madeira pontilhada de tijolos, comumente habitada pelas famílias da Pomerânia e Altmark.



Ao lado da igreja de Kulice (em alemão: Külz) existe um cemitério que honra a memória de muitas famílias pomeranas que viviam na região. Na lápide coletiva, o sobrenome da Família, e a aldeia onde viviam. A esse respeito, consultar o capítulo 6 Arte Cemiterial, deste livro.



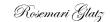
Pequena aldeia com população de 250 pessoas. A família Falk que, no Brasil, se instalou em Pomerode (SC) emigrou de Jarchlino (em alemão: Jarchlin).

Karl Wilhelm Ferdinand von Bismarck passou a administrar a propriedade em torno de Konarzewo, Jarchlino e Kulice (Kniephof, Jarchlin, Külz), com uma área total estimada em alguns milhares de hectares de terras agrárias, e Otto von Bismarck, primeiroministro da Prússia, primeiro chanceler do Reich e funda-

dor do Reich alemão, passou a sua infância em Konarzewo. O desejo da mãe é que os filhos estudassem e ingressassem no serviço público.

Aos 7 anos, Otto von Bismarck foi enviado a Berlim para um internato elitista. Ele terminou os estudos e foi aprovado no exame estadual em 1835. Aos 19 anos, se candidatou a conselheiro jurídico no Tribunal na cidade de Berlim.

Logo ele desiste da carreira jurídica e começa a exercer a administração estadual em Aachen. Em 1838, ele abandona seus deveres e é convocado para servir um ano no exército. Em 1839, sua mãe morre. O pai, Karl



Wilhelm Ferdinand von Bismarck, decide voltar para Schönhausen, levando a filha Malvina com ele. Aos 24 anos, Otto retornou a Konarzewo para administrar a propriedade (1839 e 1846), primeiro com seu irmão Bernard, e depois sozinho.

Após a morte do pai em 1845, Bernard herda Kulice. e Otto herda Konarzewo e Jarchlino. Além disso, Otto assume a administração da propriedade da família em Schönhausen. Em 1846, Otto von Bismarck alugou Konarzewo e começou a fazer política ativamente. Em 1847, casa- se com Joanna von Puttkamer. Em 1868, Otto vendeu para seu sobrinho Philipp, filho mais velho de Bernard, a propriedade que havia herdado de seu pai: Konarzewo e Jarchlino.

A propriedade permaneceu na família von Bismarck até 1945. Os últimos proprietários foram os irmãos Klaus von Bismarck (1912-1997) e Philipp von Bismarck (1913-2006), filhos de Gottfried von Bismarck (1881-1928). Após a morte prematura do pai, Klaus herdou Konarzewo e Jarchlino e Philipp herdou Kulice. Klaus pretendia (depois de passar nos exames do ensino médio) obter edu-

cação agrícola e, como filho mais velho, assumir a administração da fazenda da família (Konarzewo, Jarchlino e Kulice). No entanto, primeiro ele teve que servir no exército. Poucos meses depois, o Terceiro Reich invadiu a Po-

lônia, dando início à Segunda Guerra Mundial. Klaus, como oficial mobilizado, serviu durante toda a guerra na 32ª Divisão de Infantaria em Wermacht. A sorte de Philipp era semelhante, mas, como oficial do Estado-Maior, ele estava



A família Reinke, da qual eu descendo por parte de pai, emigrou da aldeia Konarzewo (em alemão: Kneiphof)



Vista frontal da Casa Senhorial de Konarzewo (2019). O chanceler alemão do século XIX, Otto von Bismarck viveu em Konarzewo quando criança, e sua irmã Malvina nasceu lá em 1827. Entre 1839-1845, Otto von Bismarck e seu irmão Bernhard dirigiram Jarchlino, Konarzewo e Kulice em conjunto.

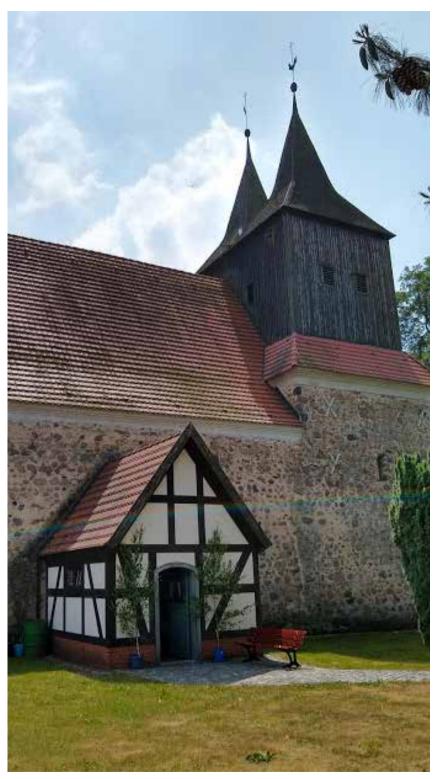
perto do general Henning von Tresckow e se juntou a um grupo de oficiais que conspiravam contra Hitler.

No fim da guerra, os irmãos Klaus von Bismarck e Philipp von Bismarck estavam na zona de ocupação ocidental, onde permaneceram para sempre. Por iniciativa da Rússia Soviética (aceita pelos EUA e Reino Unido), as terras onde se localizavam as propriedades de suas famílias – Konarzewo, Jarchlino e Kulice –, foram doadas à Polônia, em troca de território polonês no Leste. As áreas que perten-

ciam aos von Bismarck foram gradualmente povoadas por migrantes poloneses.

Os nomes das aldeias foram mudados para uma versão em polonês, e os pomeranos que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial foram expropriados e expulsos.





Jarchlino (em alemão: Jarchlin), Konarzewo (em alemão: Kneiphof) e Kulice (em alemão: Külz) integravam a fazenda da família Bismarck. Geograficamente, ficam na região da Pomerânia Ocidental, distrito de Gmina Nowogard, Condado de Goleniów, e, desde 1945, fazem parte da Polônia

REFERÊNCIAS

COPÉRNICO, Nicolau. Imagem disponível em:

<https://static.natgeo.pt/
files/styles/image_3200/public/copernicus-dead-celebrities.jpg?w=1190&h=794>.
Acesso em 27 out. 2020.

KONARZEWO. Na posse de Bismarcks 1726-1945. Disponível em: http://www.kniephof-konarzewo.pl/historiaXIX_en.html. Acesso em 22 set. 2020.

POMERÂNIA, Mapa. Foto disponível em: https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=2394098>, Acesso em 26 out. 2020.

ZAKRZEWO. Igreja de São José. Foto disponível em:

<https://commons.
wikimedia.org/wiki/File:Zakrzewo,_Gmina_
Zakrzewo,_Aleksandr%C3%B3w_County,_Poland.
jpg>. Acesso em 26 out. 2020.

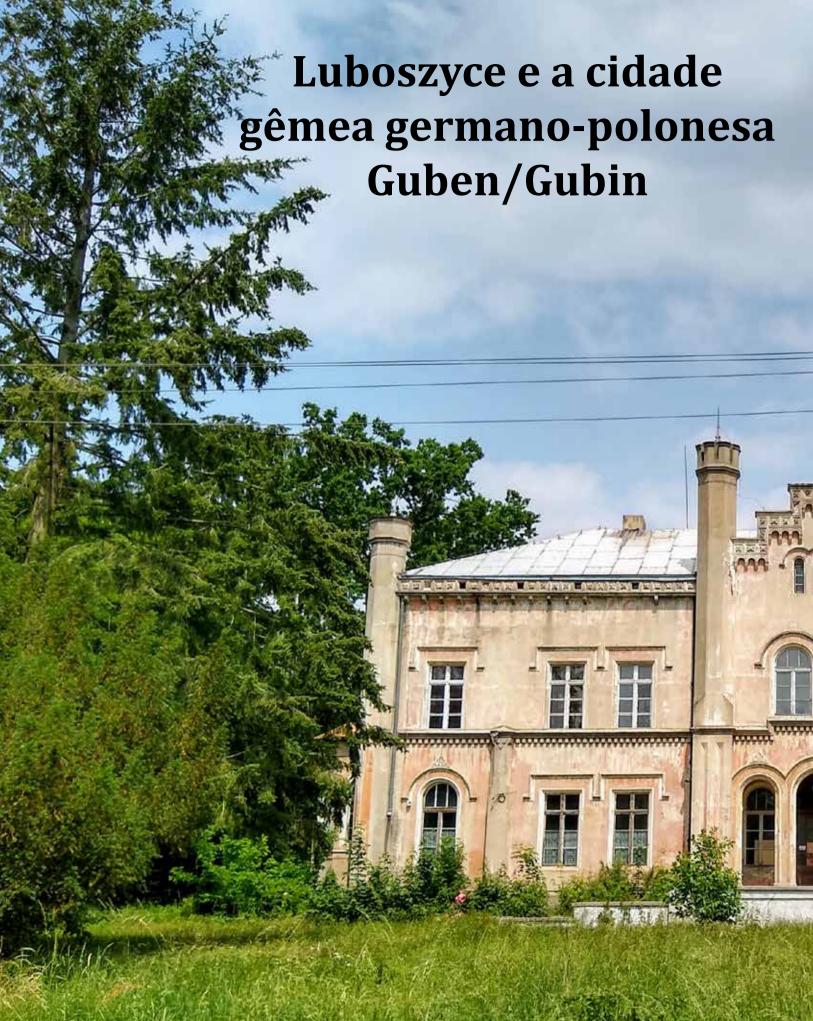
ZAKRZEWO, Comuna. Disponível em:

<http://www.zakrzewo.
com.pl/cms/23753/historia>. Acesso em 26 out. 2020.

ZAKRZEWO. Gmina Zakrzewo. Disponível em:

<https://en.wikipedia.
org/wiki/Zakrzewo,_Gmina_Zakrzewo>. Acesso em 26
out. 2020.













Luboszyce: sítios arqueológicos e culturas

A vila de onde os Glatz emigraram no final de 1864 fica localizada na cidade de Gubin, na fronteira com a Alemanha, e é uma das mais ricas em monumentos arqueológicos da Polônia. Apenas algumas áreas no país podem se orgulhar de tanta diversidade de traços de assentamentos pré-históricos. A vila também possui um importante sítio arqueológico, e por isso recebeu o nome Luboszyce. Mas, antes de chegar ao momento histórico da Cultura Luboszyce, a região viveu outros momentos de presença humana, os quais abordaremos brevemente a partir do próximo tópico, pois também guardam relação com Luboszyce.

Idade da Pedra Lascada

Os vestígios mais remotos da presença humana na região de Gubin são do final do período mais antigo da história da humanidade paleolítica, também conhecido como Idade da Pedra Lascada, que remonta a cerca de 10.000 anos antes de Cristo (a.C.). A esse respeito, foram encontrados cemitérios que contêm urnas com restos mortais cremados e em algumas sepulturas foram encontrados vasos com os quais os falecidos foram presenteados, os chamados "presentes para túmulos". Também foram encontrados elementos de metal. Um dos cemitérios mais conhecidos está localizado na vila Luboszyce.

Cultura Lusaciana

A cultura Lusaciana existiu no final da Idade do Bronze (3.000 a.C. – 1.200 a.C.) e início da Idade do Ferro (1.300 a.C. – 500 a.C.) na maior parte da atual Polônia e também em partes da República Tcheca, Eslováquia, Alemanha Oriental e Ucrânia Ocidental. Já em meados da Idade do Bronze, a cultura Lusaciana estava se espalhando nas áreas entre os rios Elba e Bug, e na região de Gubin foram encontrados vestígios da presença da cultura Lusaciana. No entanto, por volta do ano 500 a.C., uma invasão de nômades vindos do Mar Negro causou a destruição dos assentamentos e um despovoamento significativo de Gubin e regiões adjacentes. Houve o declínio gradual da cultura Lusaciana e, aos poucos, a população germânica da cultura Jastorf começou a ocupar a área.

Cultura Jastorf

A cultura Jastorf consiste numa cultura material da Idade do Ferro localizada na região meridional do Norte da atual Alemanha e data do século VI a.C. ao século I a.C. Na virada dos séculos III e II a.C., com Gubin despovoada, a população germânica da cultura



Jastorf, chamada pelos arqueólogos de grupo Gubin, veio para as áreas desertas e instalou-se na região. Elementos dessa cultura foram descobertos em cemitérios, inclusive na vila Luboszyce. Foram desvendados ali restos mortais das pessoas cremadas, colocados em urnas cobertas com tigelas. Junto com os restos mortais, foram encontradas partes do traje do morto, como fechos, fivelas de cintos, colares, pulseiras, e muitas eram de ferro. Entre os sedimentos arqueológicos descobertos em Luboszyce e em outras vilas na região de Gubin, foram encontrados vestígios de edifícios e fornos de fundição da Idade do Ferro.

Cultura Luboszyce

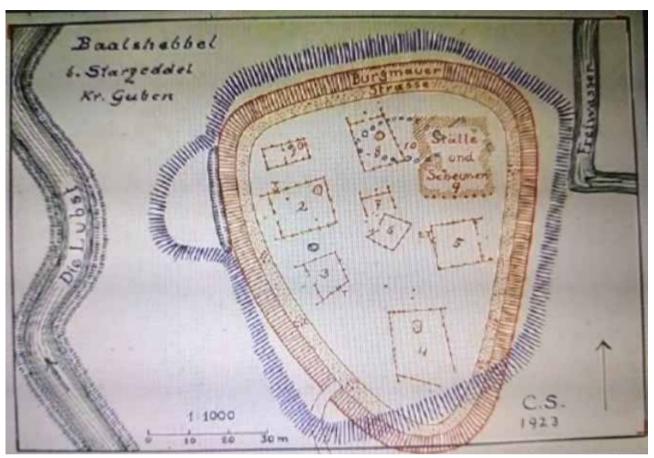
A Cultura Luboszyce é uma cultura da tribo germânica oriental dos borgonheses, desenvolvida originalmente nas áreas entre os rios Oder e Elba na Europa Central. As posições desta cultura datam do final do período de influência romana, ou seja, do século II ao século V depois de Cristo (d.C.).

Originalmente, a população da Cultura Luboszyce se estabeleceu na área da atual Lusácia polonesa (Łużyce, sudoeste da Polônia) e da alemã Lausitz (região do leste da Alemanha) e gradualmente estendeu seu alcance para a parte noroeste da Baixa Silésia, sul de Brandemburgo, Lubusz Land (que é uma região histórica e paisagem cultural na Polônia e na Alemanha, em ambos os lados do rio Oder) e também na Saxônia. A cultura Luboszyce desapareceu na virada dos séculos IV e V.

O início do povoamento eslavo só começou após uma pausa de aproximadamente 100 anos, e desenvolveu-se com ligeiras perturbações até os tempos modernos. Em meados do século II, pequenos grupos de novos colonos da Cultura Luboszyce começam a chegar a Guben-Gubin, vindos do norte da Grande Polônia, de Brandemburgo e da Silésia. Eles também se instalaram na vila Luboszyce, em cujas adjacências existe um importante sítio arqueológico da Cultura Luboszyce datado dos séculos II a IV, bem como vestígios de uma aldeia e de um cemitério e, assim, a vila recebeu o nome de Luboszyce.







Nas adjacências de Luboszyce existe um importante sítio arqueológico da Cultura Luboszyce dos séculos II a IV, bem como vestígios de uma aldeia e de um cemitério e, por isso, a vila recebeu o nome Luboszyce

Guben-Gubin e Luboszyce e sua relação com a história da Polônia

Para os poloneses, o ano mais importante em sua história foi o ano de 966, considerado como o início do Estado, o batismo da Polônia, o marco da formação da comunidade que hoje é uma nação. Foi neste ano que Mieszko I, governante de então, foi batizado e se converteu ao cristianismo. Apesar da importância do ano 966, o Reino da Polô-

nia foi fundado oficialmente apenas em 1025. Para obter mais detalhes, consulte o capítulo 2 deste livro, intitulado "Síntese Histórica da Polônia".

Logo no início do século XI, por um curto período de tempo, Gubin tornou-se parte do Reino da Polônia, sob o governo de Boleslaw I, o Bravo. Logo o príncipe polonês Mieszko II (990-1034), filho

de Bravo, perdeu a região para a Alemanha. Guben-Gubin começou a se desenvolver por volta de 1200 como um comércio e mercado nas estradas entre Leipzig e Poznań e entre Görlitz e Frankfurt Oder.

No século XIII, Guben-Gubin se transformou num centro de confecção de tecidos e comércio de vinho. Naquele tempo, fazia parte do Ducado da Silésia, dentro da fragmentada Polônia governada pela dinastia Piast, e foi mencionada pela primeira vez sob o nome de Gubin em um documento do duque Henrique, o Barbudo, em 1211. Para mais informações sobre a Silésia, consultar o tópico "Resumo cronológico da história da Silésia", capítulo 3 deste livro.

Em 1224, a Polônia perdeu o território de Guben-Gubin novamente e o nome do lugar foi germanizado para Guben. Em 1235, Guben obteve os direitos de cidade e no século XIV, foi construída a Prefeitura. Em 1362, o território voltou ao domínio da dinastia dos Piasts da Silésia. A partir de 1368, passou a fazer parte do Reino da Boêmia. Em 1469, passou ao domínio húngaro. Em 1490 voltou a integrar o Reino da Boêmia, então governada pela dinastia Jaguelônica.

A partir de 1526 Guben-Gubin passou a pertencer aos Habsburgos austríacos. Em 1635, com a assinatura do Acordo de Paz de Praga, passou a fazer parte da Saxônia. A partir de 1697, em função da união pessoal polacosaxônica, a cidade foi visitada pelo rei Augusto II o Forte, da Polônia. Em 1751, Augusto

III, rei da Polônia e da Saxônia, estabeleceu uma casa da moeda na cidade, onde eram produzidas moedas de cobre polonesas.

Em 1815, após o Congresso de Viena, o Reino da Saxônia cedeu Guben-Gubin para o Reino da Prússia. O nome foi novamente germanizado para Guben (Gubin, em polonês, e Guben, em alemão, significam a mesma coisa). A cidade se tornou a capital de um distrito da província de

Brandemburgo.

Entre 1815 e 1945, Guben-Gubin ficou sob o domínio alemão e, à medida que aumentava a população alemã, a população nativa foi reduzindo proporcionalmente. A língua alemã começou a ser introduzida, o que gerou resistência das pessoas nativas, uma vez que a maioria dos naturais não conhecia a língua alemã e por isso tinham dificuldades para resolver as questões oficiais.



Cidades gêmeas germano-polonesa Guben-Gubin

Em fevereiro de 1945, a Segunda Guerra Mundial chegou a Guben-Gubin. Soldados do Exército Vermelho encontraram-se nos arredores da cidade. Forças alemãs organizadas a defenderam energicamente, mas capitularam em abril, recuando e atravessando o rio Oder. A parte oriental da cidade, incluindo o centro histórico, chegou ao final da guerra seriamente danificada. A histórica prefeitura e

a igreja foram queimadas. A cidade foi capturada e ali começou definitivamente a sua relação com a Polônia.

Anos depois, a prefeitura, datada do século XIV foi restaurada, mas, em 2020, a igreja paroquial em estilo gótico tardio continua em ruínas.

As cidades gêmeas germano-polonesas (Guben-Gubin) eram uma única cidade. Após o término da Segunda Guerra Mundial, com a assinatura do Acordo de Potsdam, em 20 de junho de 1945, a linha Oder-Neisse foi escolhida como a nova fronteira entre a Alemanha Oriental e a Polônia. O rio Oder foi o delimitador quando Guben-Gubin foi dividida (é como se Brusque fosse dividida em duas cidades, e a linha divisória fosse o rio Itajaí-Mirim). Uma parte da cidade continuou a integrar a Alemanha e permaneceu se chamando Guben.



A parte histórica da cidade, onde estavam a prefeitura e a igreja – passou a se chamar Gubin e a pertencer à Polônia.

Após o Acordo de Potsdam, praticamente toda a população alemã do pré-guerra fugiu ou foi expulsa da parte da cidade Guben-Gubin que ficou para a Polônia. Com a saída dos alemães, Gubin foi repovoada por colonos poloneses de territórios que deixaram de pertencer à Polônia, pois foram anexados à União Soviética.

Entre os anos de 1951 a 2002, uma grande guarnição do exército da Polônia esteve baseada na cidade polonesa Gubin, até que foi fechada, em 2002. Em 21 de dezembro de 2007, quando o Acordo de Schengen entrou em vigor, os controles nas fronteiras entre Gubin (Polônia) e Guben (Alemanha) foram abolidos. As duas cidades (Gubin e Guben) continuam conectadas pelos cruzamentos ferroviários e fronteiriços da estrada alemã -polonesa.

Os brasões de armas das cidades de Guben e Gubin são quase idênticos, o que enfatiza ainda mais sua história compartilhada como uma única cidade. As armas originais de Guben apresentam o brasão de armas saxão, o Leão



da Boêmia e a Águia Prussiana, enquanto o brasão de Gubin, depois que passou a integrar a Polônia, abandonou os escudos saxões e prussianos, e substituiu o Leão de cauda dupla da Boêmia no centro pela Águia Polonesa.

Passados 75 (setenta e cinco) anos, o que a guerra quis dividir ainda está unido. Guben-Gubin são consideradas cidades gêmeas germano-polonesas, e as pessoas lá costumam dizer que é uma cidade de dois países. No final de

2018, Guben possuía 17.149 habitantes, enquanto em Gubin havia 16.277 habitantes. Guben-Gubin estão próximas das autoestradas A2 / A12 (50 km) e A15 (40 km) e a uma curta distância das cidades alemãs Berlim (100 km) e Dresden (160 km) e das polonesas Poznań (180 km) e Wrocław (210 km). Devido à localização geopolítica as cidades de Guben-Gubin estão ganhando cada vez mais importância em termos de economia e turismo.



História do nome Luboszyce

Luboszyce (em alemão: Liebesitz) é uma vila pequena (com cerca de 130 habitantes), que pertence à cidade de Gubin, condado de Krosno Odrzańskie, Voivodia (província) da Lubúsquia, no oeste da Polônia, perto da fronteira alemã. Situa-se na parte polonesa da região histórica da Baixa Lusácia. 61% do território de Gubin é utilizado para fins agrícolas e 5% para usos florestais. Quando os meus antepassados da família Glatz emigraram, em 1864, toda a região das cidades gêmeas germano-polonesas (Guben-Gubin) pertencia ao Reino da Prússia.

Como a vila Luboszyce fica do lado do rio que passou a ser a cidade Gubin, Polônia, o nome da aldeia, que tem raízes lusacianas, foi polonizado. Em fontes escritas, o nome da aldeia foi referenciado pela primeira vez em 1452 sob o nome alemão Lubusy. Ao longo da história, apareceu como Lubesis, Lubesitz, Lubschütz e depois, até 1945, como Liebesitz. Finalmente, em 1945, a aldeia teve o seu nome alemão alterado de Liebesitz para Luboszyce (em polonês).



Atrativos de Luboszyce

Entre os pontos de atração de Luboszyce estão um importante sítio arqueológico da cultura Luboszyce do século II ao IV, um castelo neogótico do século XIX, e um complexo de edifícios agrícolas.

Palácio neogótico em Luboszyce

família Consta que a Dalwitz foi a primeira proprietária de Luboszyce. Entre os proprietários subsequentes são mencionadas as famílias von Heide, Grünberg e Löbenów, von Strachwitz, von Auritz, Tschander e von Maxen. De 1764 a 1945 a propriedade pertenceu à família von Seydel. Entre os anos de 1846 a 1860, Eugeniusz Gustaw Edmund Seydel construiu em Luboszyce um palácio neogótico. A localização da antiga residência da família von Sevdel é desconhecida.

No entorno do palácio existe um parque paisagístico dos séculos XVIII e XIX, e os carvalhos ingleses, tílias e



O local onde está implantado o palácio de Luboszyce conta com um pátio com edifícios agrícolas construídos no século XVIII e meados do século XIX, um anexo da virada dos séculos XIX e XX, uma destilaria da última década do século XIX, um celeiro, um estábulo, uma segunda casa senhorial e um portão de entrada

castanheiros que conduzem a oeste em direção ao segundo pátio senhorial chamam a atenção. Mas, quando estivemos visitando o lugar, em junho de 2019, não foi possível caminhar pelo parque e tampouco adentrar as construções, pois tudo estava muito abandonado.

Arquitetura do Palácio

De planta retangular, o palácio neogótico de Luboszyce é um edifício de dois andares, com três vanguardas, uma torre e uma abside poligonal.

O corpo principal foi coberto com um telhado de quatro águas.

A saliência com a entrada principal foi colocada entre os três eixos centrais da fachada. Encimado por empena escalonada, o portal situado no eixo central é precedido por três arcadas. Nos cantos da fachada oposta (jardim), foram colocadas as outras duas projeções. Eles eram encimados por frontões escalonados e cobertos por dois telhados separados. Entre as vanguardas, encontra-se uma parte inferior coberta por te-

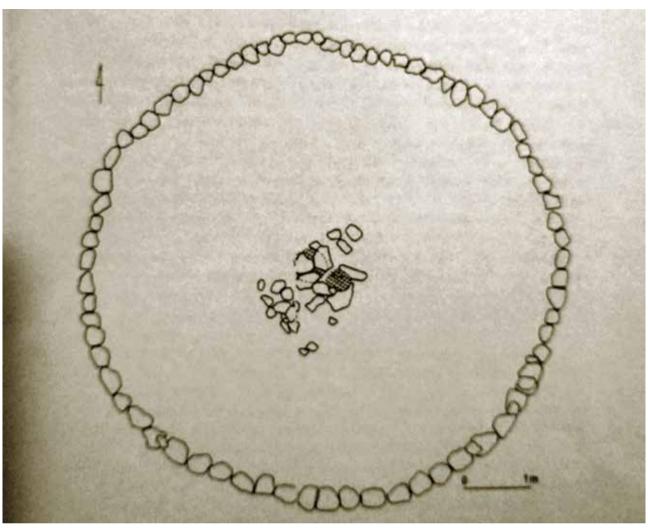
lheiro em alpendre, realçada por três vãos de janela semicirculares, ao meio das quais está a entrada do jardim.

Uma torre de cinco andares com ameias fica ao lado da elevação lateral oriental, e uma abside poligonal foi adicionada à elevação lateral oposta.

Os detalhes arquitetônicos da fachada incluem um pedestal, uma cornija quebrada entre andares e uma cornija com motivos florais.

A fachada vertical é decorada com torres poligonais ladeando o corpo de vanguarda e os cantos da fachada.





Luboszyce, Gubin. Círculo de pedra em sitio arqueológico. Túmulos de mais de 200 pessoas foram registrados na superfície do cemitério da aldeia Luboszyce e é possível que alguns deles guardem os restos mortais dos líderes dos grupos dominantes, pois se distinguem dos demais por se constituírem de montículos com círculos de pedra sobre os túmulos, uma espécie de "grinalda de pedras"

Cemitério e sítio arqueológico

A família von Seydel – proprietária de Luboszyce de 1764 a 1945 – escolheu a encosta norte do topo de Luboszyce para sepultar seus mortos. Na encosta da colina "Czarna Góra", ainda se pode encontrar túmulos e lajes de membros da família de

Seydel, enterrados ali no século XIX e início do século XX e que sobrevivem ao tempo e ao abandono.

A cultura Luboszyce representa a cultura da tribo germânica oriental dos borgonheses, desenvolvida originalmente na Europa Central, e datam do final do período de influência romana. Os cemitérios da cultura Luboszyce estão entre os mais estudados e são assim denominados em função da cultura arqueológica que cobre a área do sudoeste da Polônia.

O povo Luboszyce queima-

va os seus mortos, e as suas cinzas eram acondicionadas em sacos de pano ou couro, em vasos de madeira ou em casca de árvore, e depois enterradas. A mobília das tumbas incluía itens feitos de prata, bronze, ferro, vidro feito no local ou trazido do estado romano. O maior cemitério desta cultura, contendo 451 túmulos, foi localizado na aldeia Grabice, perto da fronteira alemã e que também faz parte da cidade polonesa Gubin.

Perto da vila Luboszyce existe um cemitério e sítio arqueológico da cultura Luboszyce do século II ao IV. Está localizado no sopé oriental da mesma montanha em que está implantado o cemitério da família von Seydel, a colina "Czarna Góra", que, com seus 103 metros acima do nível do mar. domina a vista de Luboszyce. Túmulos de mais de 200 pessoas foram registrados na superfície do cemitério da aldeia Luboszyce e é possível que alguns deles guardem os restos mortais dos líderes dos grupos dominantes, pois se distinguem dos demais por se constituírem de montículos com círculos de pedra sobre os túmulos, uma espécie de "grinalda de pedras".



No sítio arqueológico de Luboszyce foram encontrados sedimentos de objetos usados pelos habitantes, tais como fragmentos de cerâmica, utensílios de trabalho, elementos de armamento, enfeites de roupas feitos de metais preciosos, contas de vidro e de esmalte e vasos de vidro. Também foram encon-

trados pentes de osso, objetos de barro, ferro, fragmentos de caixões de madeira e outros itens.

Suas características apresentam os vestígios do passado da sociedade conhecida como a "Cultura Luboszyce" que viveu ali há cerca de 1500-1700 anos, e tem grande relevância histórica.





Celeiro em Luboszyce que foi quartel durante a Segunda Guerra Mundial

No centro da vila encontramos um antigo celeiro de estrutura do século XVIII que chamou minha atenção. Só mais tarde, quando aprofundei minhas pesquisas sobre Luboszyce, é que fiquei sabendo que o antigo celeiro foi transformado em quartel para trabalhos forçados durante a Segunda Guerra Mundial.

Luboszyce é convertida em Fazenda Agrícola Estatal

Na primavera europeia de 1945, Luboszyce foi ocupada pelo Exército Vermelho. Entre 12 de junho e 18 de setembro de 1945, foi instalado um quartel-general militar na vila. Luboszyce, que desde 1764 era uma propriedade da família von Seydel, foi tomada pelo governo polonês.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, o complexo do palácio, parque e toda a área da fazenda Luboszyce foram assumidos pela PGR



(em polonês: Państwowe Gospodarstwo Rolne), que era uma Fazenda Agrícola Estatal, uma forma de agricultura coletiva na República Popular da Polônia.

As Fazendas Agrícolas Estatais foram criadas pelo governo em 1949 como uma forma de propriedade socialista de terras agrícolas e foram formadas principalmente nos "Territórios Recuperados" –

terras que integravam a Alemanha e que passaram para a Polônia – mas existiram em toda a Polônia.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, a população alemã do pré-guerra fugiu ou foi expulsa de lá. Com a saída dos alemães, Luboszyce foi repovoada por colonos poloneses de territórios que deixaram de pertencer à Polônia, pois foram anexados à União

Soviética.

A família von Seydel deixou de ser a proprietária da aldeia. Transformada em uma Fazenda Agrícola Estatal, as terras continuaram a ter a finalidade original, ou seja, usadas para plantar cereais e outros alimentos, enquanto no palácio Luboszyce foram instalados escritórios e um jardim de infância. Em 1969, o edifício foi remodelado.



Fronteira da Alemanha com a Polônia



A minha emoção na chegada

Quando visitamos Luboszyce, em junho de 2019, eu não fazia a mínima ideia do que encontraria lá.

Meu bisavô, Carl Wilhelm Glatz, nasceu nessa vila em 1863 e, um ano e meio depois, no final de 1864, a família Glatz (origem alemã) emigrou para o Brasil e se instalou em Pomerode, Santa Catarina. Ao longo do tempo, qualquer tipo de contato entre os que vieram para o Brasil e os que ficaram na Europa desapareceu. Aqui, não consegui informações orais e tampouco escritas.

Passados 155 anos e nada de informação, eu tinha curiosidade e queria muito saber como era o último lugar onde viveram meus antepassados antes de emigrar.

Como Luboszyce é uma vila muito pequena, em 2020 tem cerca de 130 habitantes, as informações disponíveis na internet são raras. Tudo o que eu sabia é que lá existe um cemitério e um sítio arqueológico da cultura Luboszyce. E tinha conseguido uma fotografia do palácio. Então, era preciso arriscar.

Desembarcamos no aeroporto internacional de Frankfurt, na Alemanha, onde alugamos um carro e cruzamos a fronteira (abandonada) entre a Alemanha e a Polônia.

Luboszyce fica a poucos quilômetros da fronteira, mas não é servida de transporte público e o único jeito de chegar até a vila é de carro. A estrada é asfaltada, mas não está bem conservada. Neste sentido, é preciso lembrar que, desde 1944, a Polônia esteve sob o regime comunista, e isso só mudou após a queda do Muro de Berlim em 1989, ou seja, 30 anos antes da nossa visita.

Desde então, e principalmente depois que a Polônia passou a integrar a União Europeia, em 1º de maio de 2004, muitos investimentos em infraestrutura têm sido feitos, mas, em junho de 2019, a estrada até Luboszyce ainda estava precária. No entanto, isso não foi empecilho e tampouco tem importância. O tempo estava seco, e o GPS nos conduziu até o nosso destino com facilidade.

Não consigo expressar nestas linhas qual foi o meu sentimento, a minha emoção na chegada. Acho que é o tipo de coisa que só quem já viveu algo semelhante consegue compreender. Era Primavera na Europa, fazia sol, a temperatura estava agradável. As terras são planas, e as plantações de cereais se estendem no horizonte até onde os olhos conseguem alcançar.

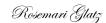
Havia muitas flores silvestres à beira da estrada.

Paramos para tirar a primeira fotografia (de muitas), ao lado da placa que indicava que havíamos chegado a Luboszyce.

Depois, seguimos, lentamente.

O coração batia forte à medida que adentrávamos a pequena aldeia.

Não sei se a casa onde moravam os meus antepassados da família Glatz ainda existe.





Gubin - ruínas igreja

Alguns dos edifícios mais imponentes de Gubin são, sem dúvida, as ruínas da antiga cidade de Guben e da igreja principal. A igreja da cidade foi mencionada pela primeira vez em um documento em 1294. De 1508 a 1557, o edifício gótico tardio recebeu sua aparência externa final, e em 1594 o interior foi concluído. No final da Segunda Guerra Mundial, a igreja foi gravemente danificada por incêndios criminosos e combates.

Na década de 1970, a estrutura de 60 metros de comprimento e 30 metros de altura foi garantida como ruína permanente e ao mesmo tempo como memorial contra a guerra e a destruição. Hoje, uma fundação estabelecida no lado polonês e uma associação alemã para a reconstrução da antiga cidade de Guben e da igreja principal como um centro de encontro germano-polonês estão tentando promover e fortalecer as relações interculturais. A torre foi reformada e oferece a todos aqueles que desejam se esforçar para escalar uma vista incomparável de Guben e Gubin nos meses de verão (GUBEN-GUBIN.EU).

No final da Segunda Guerra Mundial, a cidade, especialmente a região central, sofreu graves danos. Com a divisão de Guben, dois terços do território, incluindo o centro histórico da cidade, ficaram para Polônia e se chama Gubin. A parte que continuou com a Alemanha continua se chamando Guben.

Depois das décadas difíceis que se seguiram ao término da Segunda Guerra Mundial, os visitantes que chegam à cidade ficam surpresos com as inúmeras mudanças no coração das cidades gêmeas Guben-Gubin.

Em Gubin, a antiga prefeitura, as ruínas da cidade e da igreja principal, e os restos das fortificações hoje contam a história agitada das cidades gêmeas.

Emocionantes experiências fronteiricas aguardam o visitante no extremo leste da Alemanha: a cidade gêmea alemão-polonesa Guben-Gubin constrói pontes entre países e pessoas, entre o passado e o presente. Durante décadas, a linha dos rios Oder-Neisse marcou a fronteira. Hoje, o rio é a faixa azul em cujas margens Guben-Gubin estão se aproximando novamente.

Um importante atrativo às margens da linha Oder-Neisse é uma rede bem desenvolvida de ciclovias na região de Guben-Gubin que leva a muitos pontos turísticos das cidades, incluindo o antigo porto de Guben. Completamente redesenhado, o antigo porto convida a permanecer diretamente na ciclovia Oder-

Neisse.

O próprio rio também pode ser navegado, sendo que existem molhes e rampas em ambos os lados do rio Oder-Neisse para o lançamento de barcos.

São cerca de 400 km de ciclovias ao longo dos quais áreas de descanso e restaurantes com comida típica local convidam a ficar. As ciclovias propiciam o pedalar tranquilo por florestas e prados e conduzem por longas estradas rurais que permitem desfrutar a originalidade da área e o encanto especial das paisagens naturais e a arquitetura histórica.

As margens dos rios também são muito atraentes e bem cuidadas, um verdadeiro convite à contemplação e ao lazer (GUBEN-GUBIN.EU).





O rio Oder nasce nos montes de Hrubý Jeseník, na República Tcheca. Depois de atravessar a escarpada região da Morávia, o Oder flui para noroeste e atravessa um largo vale. O Neisse tem sua nascente na Boêmia, e desagua no Oder perto de Gubin. Em seu curso médio, o rio Oder forma, ao longo de 162 km, a fronteira natural entre a Polônia e a Alemanha, até as imediações da cidade polonesa de Estetino (em alemão: Stettin, em polonês Szczecin). Nesse trecho, o rio divide-se em dois braços, antes de desembocar no mar Báltico, através do lago de Estetino

REFERÊNCIAS

GUBEN-GUBIN.EU. Disponível em: < https://www.guben-gubin.eu/de/eurostadt-guben-gubin/gemeinsame-projekte-guben-gubin/grosse-infrastrukturprojekte/item/91-wiederaufbau-der-stadt-und-hauptkirche-in-gubin.html>. Acesso em 27 out. 2020.

GUBIN, Polônia. Disponível em:< https://en.wikipedia.org/wiki/Gubin,_Poland >. Acesso em 24 set. 2020.

http://www.polskiezabytki.pl/m/obiekt/2580/Luboszyce/. Acesso em 23 set. 2020.

https://pl.wikipedia.org/wiki/Luboszyce_(wojew%-C3%B3dztwo_lubuskie). Acesso

em 25 set. 2020.

https://polskie-cmentarze.pl/index.php/Ciekawe-miejs-ca/Wojewodztwo-Lubuskie/Powiat-krosnienski/Gmina-Gubin/Luboszyce/Cmentarz-wars-twowy-w-Luboszycach. Acesso em 25 set. 2020.

https://docplayer.pl/67739996-Gubin-i-okolice-biuletyn-spzg-1-gubin-i-okolice-biuletyn-stowarzyszenia-przyjacio-ziemi-gubinskiej.html. Acesso em 25 set. 2020.

Região de Gubin na pré-história e na Idade Média. Disponível em: < http://gminagubin.pl/ herb-i-flaga-gminy.html> Acesso em 24 set. 2020.

h t t p s : / / d o c p l a y e r. pl/11294256-Gubin-i-okolice-biuletyn-spzg-1-gubin-i-okolice-biuletyn-stowarzyszenia-przyjacio-ziemi-gubinskiej.html. Acesso em 25 set. 2020.

GUBEN-GUBIN. Linha divisória. Fonte da imagem:

https://www.research-gate.net/profile/Hans-Jo-achim_Buerkner/publication/226872846/figure/fig1/AS:360096799444992@1462865175044/The-German-Polish-border-area-and-the-twin-city-of-Guben-Gubin.png. Acesso em 5 out. 2020.

Marcos de um tempo e de uma história

Encontramos, em Luboszyce, um mix de antigo e de novo. E o que é antigo infelizmente está muito abandonado. Sabemos que o patrimônio histórico cultural une um povo, pois expressa, de forma concreta, a relação que existe entre o patrimônio e a identidade de um povo. No entanto, as pessoas que vivem em Luboszyce talvez não guardem relação identitária com aquelas edificações antigas.

Conforme já descrevi neste tópico, entre 1815 e 1945, Luboszyce esteve sob o domínio alemão e, terminada a Segunda Guerra Mundial, a população alemã fugiu ou foi expulsa de lá, e Luboszyce foi repovoada por colonos poloneses. Talvez a população atual, ao conviver com as edificações que foram construídas pela família von Seydel, senhores feudais proprietários de Luboszyce de 1764 a 1945, não consigam "se ver nelas".

Eu consegui encontrar muitas respostas às minhas indagações pessoais naquelas antigas edificações de Luboszyce. E, ao encontrá-las, consegui, também, compreender algumas das motivações que levaram tantos europeus a emigrar para Santa Catarina em busca de liberdade e de terra no século XIX. A esse respeito, você pode consultar o capítulo 3 deste livro.

Os carvalhos ingleses pedunculados, plantados no parque do palácio, sobrevivem ao tempo apesar do abandono do lugar. Eles chamam a atenção pela sua beleza e imponência e emolduram, com propriedade, o palácio que é marco de um tempo e de uma história de um lugar que guarda estreita relação com a minha própria história de família. Ao contemplá-los, eu me perguntei o quanto eles vivenciaram a história dos nossos antepassados... A resposta???



X Cidades e lugares turísticos



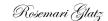




Wadowice – terra natal do Papa João Paulo II

A igreja onde o Papa João Paulo II foi batizado e a casa onde nasceu e viveu até os 18 anos ficam na praça central de Wadowice. Entre a Igreja e o Museu Casa da Família de João Paulo II foi colocada uma estátua em sua homenagem





Para os que têm interesse em compreender um pouco mais a devoção do povo polonês ao Papa João Paulo II, recomendo incluir no roteiro uma parada em Wadowice, sul da Polônia, distante 50 km de Cracóvia. É uma pequena cidade com cerca de 20 mil habitantes, e mundialmente conhecida por ser a terra natal de João Paulo II.

Karol Józef Wojtyła (Papa João Paulo II) nasceu a 18 de maio de 1920 em Wadowice, onde viveu até 1938. Era o caçula dos três filhos de Karol Wojtyla, um suboficial no Exército da Polônia, e de Emília Kaczorowska. Sua irmã, Olga, morreu antes de seu nascimento. Sua mãe faleceu quando ele tinha 9 anos.

Quando Karol tinha 12 anos, faleceu seu irmão Edmund, médico. Com 18 anos, em meados de 1938, Karol Józef Wojtyła e seu pai deixaram Wadowice e se mudaram para Cracóvia, onde ele se matriculou na faculdade de filosofia da Universidade.

Em 1939, as forças de ocupação da Alemanha Nazista fecharam a Universidade Jaguelônica após a invasão da Polônia no início da Segunda Guerra Mundial. Todos os homens capazes foram obrigados a trabalhar e, as-

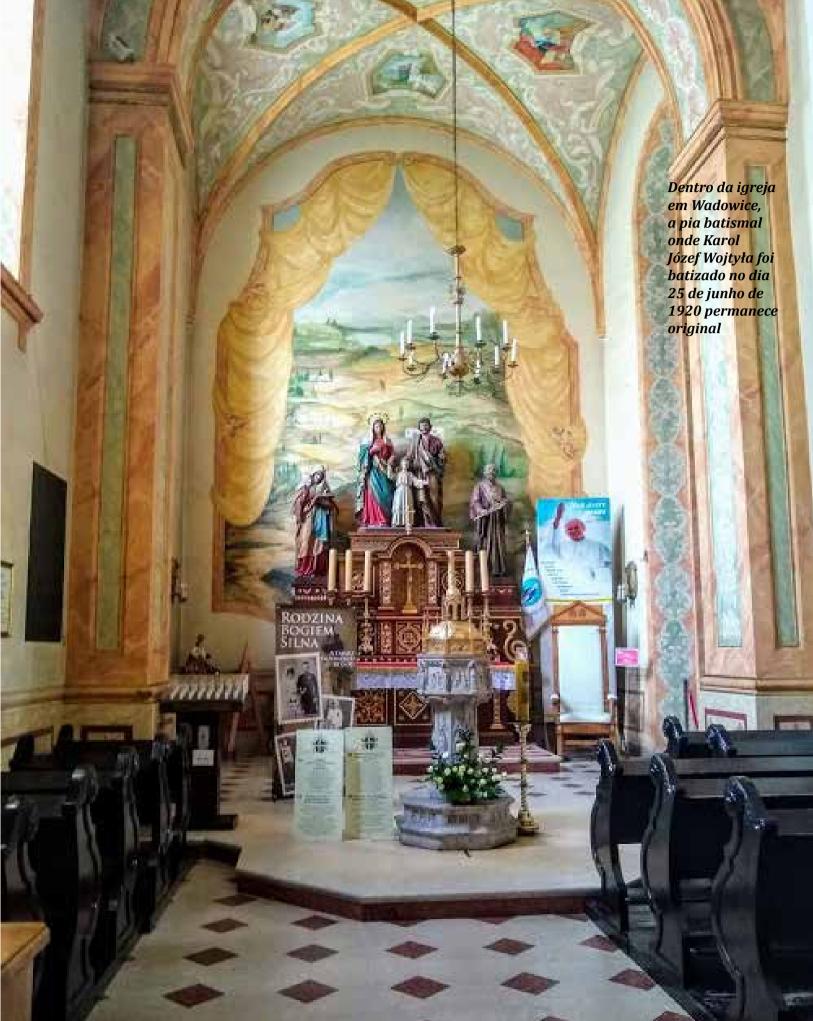


Karol Józef Wojtyła (Papa João Paulo II) ainda bebê

sim, de 1940 até 1944, Karol trabalhou em empregos tão diversos como mensageiro num restaurante e como operário numa mina de calcário. Também trabalhou na indústria química belga Solvay (no local onde estava edificada a Solvay, foi construído, a partir de 2008, o Santuário do Papa João Paulo II. A esse respeito, você pode consultar o título Centro João Paulo II, neste ca-

pítulo), tudo isso para se sustentar e para não ser deportado para a Alemanha.

Seu pai morreu de ataque cardíaco em 1941, deixando Karol como o último sobrevivente de seu grupo familiar imediato e sozinho no mundo. Apesar de tantas dores e dificuldades enfrentadas desde sua infância, a fé em Deus, que aprendeu a ter desde pequeno, nunca faltou. Foi após





a morte de seu pai, que ele começou a pensar seriamente na ideia do sacerdócio.

Em outubro de 1942, aos 22 anos, Karol Józef Wojtyła procurou o palácio arcebispal da Cracóvia e logo começou a ter aulas em um seminário clandestino comandado pelo arcebispo da Cracóvia. No dia 1º de novembro de 1946 foi ordenado sacerdote. Era o início de sua vida religiosa que atingiria o ápice com o

papado.

Em sua memória, a casa onde o Papa João Paulo II nasceu foi transformada no Museu Casa da Família de João Paulo II em Wadowice. É um museu muito bonito e interativo, que conecta as melhores tecnologias com elementos históricos originais. Lá é possível visualizar, de forma digital, muitos documentos históricos do Papa, inclusive o seu registro de nascimen-

to, fotografias, um caderno de poemas dele, o certificado de quando se tornou Papa e muitos outros.

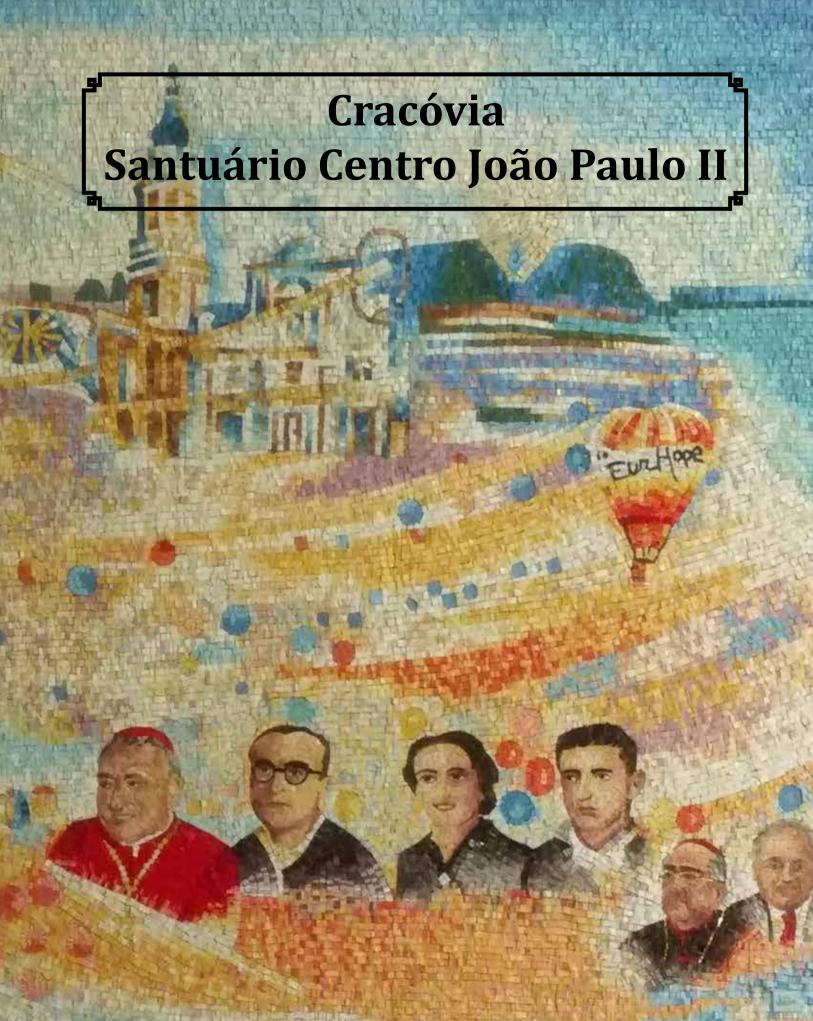
A arma com a qual ele foi atingido está destacada no piso do Museu. Alguns itens que chamaram a minha atenção no museu: o traje de soldado do Papa; a Bíblia que acompanhou o Papa durante toda a sua vida e a roupa que os religiosos usaram no funeral dele.



Uma parte do museu guarda e expõe terra trazida por fiéis de várias partes do mundo, inclusive do Brasil









Um dos lugares que gostei de conhecer e que indico, na Polônia, é o Santuário do Papa João Paulo II, que integra o Centro João Paulo II, localizado na cidade de Cracóvia.

A iniciativa da construção do Centro João Paulo II é atribuída ao Arcebispo de Cracóvia, Stanislaw Dziwisz, e data de 2006. No outono de 2008, o arquiteto Andrzej Mikulski começou o projeto do Centro.

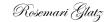
O local escolhido para a implantação foi o terreno onde, no passado, estava edificada a antiga fábrica que pertencia à empresa química belga "Solvay", um lugar simbolicamente associado à juventude de Karol Wojtyla, pois ele trabalhou nessa fábrica durante a Segunda Guerra Mundial para se livrar da deportação para a Alemanha. A esse respeito, consultar o tópico Wadowice – onde nasceu o Papa, neste capítulo.

A construção do Santuário Centro João Paulo II teve início ainda em 2008 e, três anos depois, em 2011, a igreja inferior estava pronta, e é lá que se pode encontrar as relíquias de João Paulo II e várias capelas. As paredes trazem mosaicos como decoração, que também utiliza pedras e concreto arquitetô-



Portas de bronze onde o Papa João Paulo II é retratado junto com os santos e beatos elevados aos altares por ele

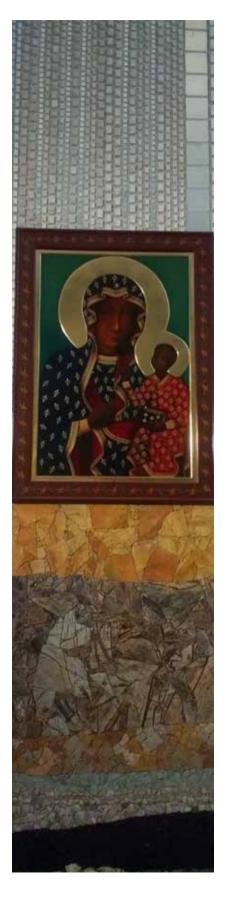




nico. O minucioso trabalho reflete o legado deixado por João Paulo II. Na parte inferior, uma capela, em especial, chamou minha atenção. Nela, encontramos uma réplica do túmulo do Papa João Paulo II, cuja lápide é de mármore branco. No detalhe da Bíblia, um relicário indica que ali fica um pouco do sangue de João Paulo II (para maiores informações, consulte o capítulo 6 - Arte Cemiterial, tópico Santuário Centro Papa João Paulo II. deste livro).

Em 2013, dois anos depois que as relíquias de João Paulo II foram colocadas na igreja inferior, a parte superior da igreja ficou pronta. E, naquele mesmo ano, em 23 de junho de 2013, a igreja foi oficialmente consagrada. Depois foram construídos o Instituto João Paulo II e Centro de Voluntariado.

O Centro João Paulo II fica em meio a uma grande praça onde se destaca uma estátua do Papa João Paulo II. Logo na entrada da parte superior da igreja é possível admirar as portas de bronze onde o Papa João Paulo II é retratado junto com os santos e beatos elevados aos altares por ele. No lado de dentro da igreja, perfeição e muita riqueza de detalhes. O local tem uma



beleza de encher os olhos, e, assim como na igreja inferior, a decoração é dominada por pedras e concreto arquitetônico.

O altar-mor e as paredes adiacentes são decoradas com lindos mosaicos que permitem uma aproximação ainda maior com a história do Papa. Os mosaicos são obras de arte de Marco Ivan Rupnik, um renomado artista esloveno e autor de mosaicos que, por exemplo, podem ser encontrados na cripta da nova igreja em San Giovanni Rotondo, na Itália, e apresentam momentos importantes da vida de João Paulo II, e passagens bíblicas que guardam relação com a história do pontífice.

O Santuário transpira a João Paulo II e ali estão expostas as vestes originais (batina) que ele vestia quando sofreu o atentado a tiros, e que contém o sangue dele.

REFERÊNCIA

PAIETERNO. Um Santuário dedicado a São João Paulo II. Disponível em:< https://www.paieterno.com.br/2018/10/26/um-santuario-dedicado-a-sao-joao-paulo-ii/ >. Acesso em 14 nov. 2019.









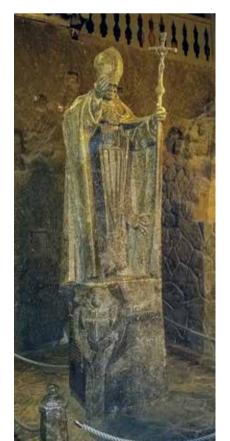
Mais um local que vale a pena conhecer na Polônia é a Mina de Sal de Wieliczka, no sul da Polônia, bem próximo a Cracóvia. Considerada uma das minas de sal mais antigas do mundo, é um monumento histórico polonês oficial e, em 1978, passou a figurar na lista do patrimônio da humanidade pela Unesco. Para esta eleição contribuiu a capela de Santa Kunegunda, chamada de Catedral de Sal por turistas e pela população local.

Desde o período Neolítico. o "sal de mesa" era produzido a partir da salmoura de ressurgência (água salgada que brotava do solo). Só mais tarde o sal começou a ser extraído do mar. A Mina de Sal de Wieliczka vinha sendo escavada desde o século XIII. atinge uma profundidade de 327 metros e se estende através de passagens horizontais e câmaras por mais de 287 km. O sal-gema é naturalmente de vários tons de cinza, lembrando granito não polido, em vez da substância cristalina branca que poderia ser esperada. A mina produziu sal de mesa continuamente até 2007, mas a mineração de sal comercial foi descontinuada em 1996 devido à queda nos preços do sal e às inundações das minas.

Atualmente, a Mina de Sal

de Wieliczka é explorada apenas para fins turísticos, recebendo cerca de 1.700.000 mil turistas por ano. A mina é famosa por ter uma longa tradição de visitas turísticas e já foi visitada por diversas figuras culturais proeminentes, tais como Nicolau Copérnico, Goethe, Alexander von Humboldt, Dmitri Ivanovic Mendeleev. Robert Baden -Powell, Karol Wojtyła (Papa João Paulo II) e Bill Clinton.

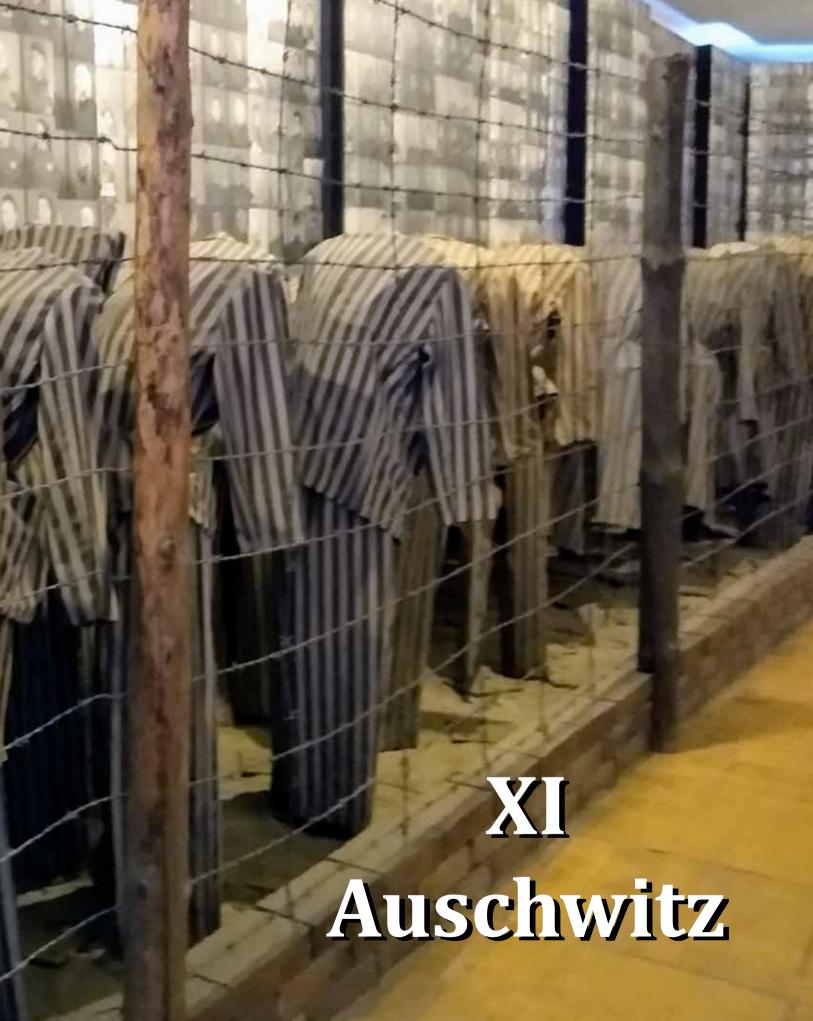
Suas atrações incluem os poços e passagens labirínticas, exibições de tecnologia histórica de mineração de sal, um lago subterrâneo, quatro capelas e inúmeras estátuas esculpidas por mineiros do sal-gema e esculturas mais recentes de artistas contem-



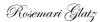
porâneos. Um dos lagos dentro da mina chamou minha atenção e, segundo os guias, a salinidade da água ali se assemelha à salinidade do Mar Morto.

Um dos destaques da Mina de Sal de Wieliczka é a capela dedicada a Santa Kunegunda, padroeira dos mineradores locais, considerada a maior capela subterrânea do mundo. As relíquias da santa foram depositadas num nicho sob o altar superior em 1994. Localizada a uma profundidade de 101 metros, 54 metros de comprimento, 12 metros de altura e 18 metros de largura, a capela é toda iluminada por elaborados lustres feitos de cristais de sal. Entre outras obras de arte, chama atenção a beleza da cena da Natividade e a cruz papal, feita de quatro tipos de sal para simbolizar as minas de sal históricas da Polônia (Wieliczka Bochnia, Sieroszowice e Kłodawa). Em 1999, uma estátua do Papa João Paulo II foi instalada na capela. Esculpida por Stanisław Anioł, a figura é o único monumento do sagrado papa feito a partir do sal. Aos domingos, e em datas festivas são celebradas missas na capela. A mina toda é linda, muito artística e vale a pena a visita.







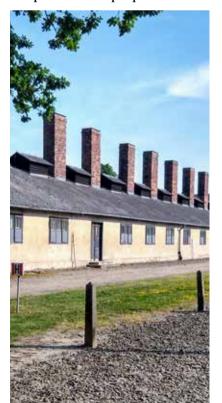


A morte não tem a última palavra

É assim que inicio a escrita de uma das experiências mais marcantes das minhas viagens à Alemanha e à Polônia. Sim, minha primeira vivência em relação ao tema foi na Alemanha, onde não haver a lembrança do Holocausto hoje é inconcebível e os horrores de Auschwitz são publicamente expostos e discutidos. Mas a experiência mais marcante em relação ao Holocausto eu tive na Polônia. Imagens que nunca sairão da minha mente.

Sugiro a quem for à Polônia que dedique um dia para conhecer o Museu e o Memorial Auschwitz-Birkenau. maior campo de concentração estabelecido pelos nazistas na Polônia durante a Segunda Guerra Mundial. Eu já estive lá duas vezes, e pretendo ir novamente, pois, por mais difícil que seja encarar o que se encontra no Museu de Auschwitz, há muito o que aprender. E, ciente de que, em poucas páginas, é difícil traduzir o significado de Auschwitz para a humanidade, dividi este tópico em duas partes. A primeira parte escrevi a partir de um artigo intitulado " Holocausto: dez fatos sobre o campo de concentração de Auschwitz", publicado pela Deutsche Welle em 27 de janeiro de 2020, data em que se completaram 75 anos da libertação dos prisioneiros do local pelo Exército soviético. A segunda parte escrevi a partir da minha experiência pessoal.

De acordo com DW (2020), mais de 25 milhões de pessoas já visitaram o memorial no antigo campo de concentração de Auschwitz, no sul da Polônia, desde a sua abertura, em 1947. A cada ano, o lugar recebe mais de 2 milhões de visitantes vindos de todas as partes do mundo. O enorme complexo nazista fica a 50 quilômetros de Cracóvia, às portas da pequena cida-



de de Oświęcim (nome de Auschwitz em polonês). Auschwitz-Birkenau está na lista de Patrimônios Mundiais da Unesco desde 1979.

Muito antes de o nome se tornar conhecido através do campo de concentração alemão. Auschwitz era uma cidade pequena com uma história agitada. Chegou a fazer parte do território austríaco, como Ducado de Auschwitz. Pertenceu ao reino da Boêmia. foi parte da Prússia e, mais tarde, novamente da Polônia. Ouando Oświecim tornou-se ponto de parada para a ferrovia, em 1900, a cidade prosperou economicamente. Foram construídos alojamentos para os muitos trabalhadores sazonais e migrantes para as áreas industriais vizinhas da Alta Silésia e Boêmia. Mais tarde, os prédios formariam a base do campo de concentração nazista de Auschwitz.

Logo após o início da Segunda Guerra, em setembro de 1939, Oświęcim foi tomada por tropas nazistas e anexada ao Império Alemão. A cidade de Oświęcim estava localizada num cruzamento ferroviário no leste, de interesse estratégico dos nazistas: ali as



linhas ferroviárias do sul. de Praga e Viena, cruzavam com as de Berlim, Varsóvia e das áreas industriais do norte, da Silésia. A área nos arredores da pequena cidade polonesa de Oświęcim foi planejada como um local para acampamentos de vários tamanhos: além do campo principal (Auschwitz I), o enorme campo de extermínio de Birkenau (Auschwitz II), onde estavam localizados os crematórios, e de campos externos menores. havia os campos de trabalho de Buna e Monowitz. Depois de Dachau, Sachsenhausen, Buchenwald. Flossenbürg, Mauthausen e Ravensbrück, Auschwitz foi o sétimo campo de concentração estabelecido pelos nazistas e, de longe, o maior. Até 1945, funcionava ali um sistema de extermínio em massa de dimensões inimagináveis. Para se ter uma ideia, somente o museu no campo principal de Auschwitz e o extenso Memorial de Auschwitz-Birkenau ocupam 191 hectares.

Ainda segundo DW (2020), após as decisões da Conferência de Wannsee, o campo de concentração de Auschwitz passou a ser ampliado a partir da primavera europeia de 1942 para se tornar uma máquina de extermínio sistemático e de assassinatos de proporções inimagináveis. Na primavera europeia de 1943, entraram em operação novos fornos no crematório do então já ampliado campo de Auschwitz-Birkenau. A funcionalidade foi testada em um transporte de prisioneiros: 1.100 homens, mulheres e crianças foram cremados após a morte agonizante pelo gás letal Zyklon B. Suas cinzas - e mais tarde também as dos prisioneiros e deportados mortos no campo de concentração - foram espalhadas pelos lagos ao redor.

Para acelerar a seleção na chegada dos transportes, foi construída em Birkenau uma rampa ferroviária de três vias, que ainda pode ser vista em Auschwitz-Birkenau. O número exato de vítimas do Holocausto que morreram em Auschwitz não pode ser determinado. A cada ano, são descobertos novos detalhes em arquivos históricos.

Após a chegada em Auschwitz, só eram tatuados com um número de prisioneiro os que haviam sobrevivido à seleção na chamada "rampa de judeus". Eles eram registrados e usados para trabalhar nos próprios campos de concen-



tração. Segundo o memorial, mais de 1,1 milhão de pesso-as morreram em Auschwitz-Birkenau. Noventa por cento das vítimas eram judeus - principalmente da Hungria, Polônia, Itália, Bélgica, França, Holanda, Grécia, Croácia, Rússia, Áustria e Alemanha.

Finalmente, no início de 1946, as autoridades de ocupação soviética entregaram o antigo campo ao Estado polonês. A partir de uma iniciativa de ex-prisioneiros e por decisão do Parlamento polonês, foi fundado em 1947 o memorial Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau. Hoje, além do memorial, o local abriga um museu.

O memorial inclui as insta-

lações preservadas, prédios e barracas do campo de concentração de Auschwitz I (campo principal) e a área quase vazia do campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau (Auschwitz II), bem como a área onde ficam os museus hoje.

Já no primeiro ano de existência, o local foi visitado por 170 mil pessoas. Em 2019, foram mais de 2 milhões de visitantes de todo o mundo que visitaram o museu e os locais onde aconteceram os crimes nazistas (DW, 2020).





Minha experiência

Estive em Oświęcim, Polônia, visitando o Museu e o Memorial Auschwitz (campo principal) em 2018 e 2019. Não cheguei a adentrar a área quase vazia do campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau (Auschwitz II), apenas conheci por fora. Cerca de 2 km separam Auschwitz I (campo principal) e Aus-

chwitz-Birkenau (Auschwitz II), e meu interesse maior estava em Auschwitz I. Para meu aprendizado e compreensão, a visita ao antigo campo de concentração era parte indispensável, quase como algo que é obrigatório no currículo escolar.

Auschwitz I é um grande museu e, antes de entrar, você passa por um sistema de segurança. Logo em seguida, o famoso portão com o letreiro: "Arbeit macht frei" ("O trabalho liberta"), frase que os nazistas colocaram nos portões de vários campos de concentração. As cercas duplas de arame farpado também dão mostras do que foi aquele lugar. Para quem ainda não teve

wash		Clapinska	Aniela Stanisław	12629				_						
	K	10700	tanina	30438						_				
mw.	9422 K	and the last of th	an	23581	1.0	Geczkowski j								
. 4	16189 KI		Valerian	193638		Smerkerwaks.	lerzy	196756	10000000			K		
			ona	24215		Sleczkowski li	-WESTERNAMEN -	196759	Klemp		Meliniery as	28730		
-	20976 Kla 54568 Kla		oleslaw	32518		Geczyński	Mestaw Zygmunt	196757	Klemp	ent.	lakub	18927		
net -	MANUFACTURE CONTRACTOR OF THE PARTY OF THE P	-	dia	35097 8588		CHECK!	Józef	194864	Mierre		Abus	18928		
	The second second	Contract of the Contract of th	toni	12226		Centr .	Stefan	18707	Klenc	THAT	Kamwery	7804		
	Committee of the Commit		nan	12227			Wolt	22252		trwski	Andrzes	19687	200	
1 1	STORY STATE		dysław	17679	W N	Unio	Tadeusz	966	1,000,000,000	erwski.	Jozef	19360		THE STATE OF
	9353 Klass		the state of the s	2745		Clein	Abraham	2186	S. Contract	iewski recki	Marian	1968	177	
	1371 Klatca	Joan		40480		Klein	Celina	8514	5 Klee	packi	August	1936		
69	538 Klatt	12.7		17292			Gustaw Herman	1090		packi	Hierori		798	
18	453 Klauza		MINN	1124		Klein	Jerzy	79/200	1690	packi	Konsta	-	27.54	
1968		No. of the latest and		miles and the state of		Klein	Samuel	240	KIN KIN	PDBC2	Stanie	-	4828	
	Klawen			91597		Klein	Samul	243	05 KI	epalsk)		HEROCO.	7650	
3417				34471		Klein (Klejn)	Stanisław	111	41 K	epcarz	Jan	Jacan.	11744	
914	3 Klawend	fer Jerzy	19	1598		Kleiner	Simon	200	66 K	Jepek .	Zofu		19415	
375	19.494	Edwa	d 19	4861		Kleinhaus	Szyja	24	destand 197	Geszcz	Anti		48324	
428	18.00	Antoni	1	8708	CARLES NO.	Kleinlerer	Dawid		579	Ceszcz		ena	17310	
181	Klebasz	Maria	21	8029		Kleinmann	Artur		810	Kleszcz		czepan	45859	
	Klebeko	Maria	70	and the same of		Kleinmann	Mordka		361	Kleszczew		zet		
886				570		Kleinschnidt			שרט	Kleszczyń	nki k	arol	6489	
71	Kleca	Józef		3570		Kleist	Wanda		6645	Kleszko		stanisław	194863	
77	Klech	Mariani	CONT. CONTROL	503		Klejborowska	Michał	19	8274	Kleszkow			13957	
2	Klecha	Feliks		669		Klejna	Anastaz	zja 5	4235	Klewicki		Nacław	19838	200
2	Klecha	Jan	- 1	917			Henryk	a +	3868			Teofil	1962	73
9	PARTICIPATE TO SERVICE	05.0000	-	338		Klejne	Antoni	11	8363	Klewin		Jan	1216	386
	Klecha	Jan	2.555	0000000		Klejnowski	Stefan		96780	Klewin		Jerzy	121	687
	Klechniewsk	Stanisłav	v 215	590		Klek	Bolesta		PER PROPERTY AND ADDRESS OF	Klewin		Jözef	-	1989
	Klechniowski	Jerzy	1976	000		Klekowska	Zofia	aw	13826	Klewsk	ŭ.	Zygmu	-	2405
	Klechniowski	Leszek	1975			Klekowski			64414	Klich		Weron	Mary and the latest of the lat	Military and a second
- 4		The second second	A COMMITTEE				Wacła		15890	Klich			HELDON .	4810
Klechniowski Piotr		1277	56	_	Klem	Maksy	ymilia	197645	100000000000000000000000000000000000000		Włady		19034	
1	Cleczek	Aniela	4044	44		Klemczak	Maria		13168	Klicha		Maria	1	
V	leczewski	Józef	2253	CANAL PROPERTY.		Klemens	Tade	Marie 10 70 10 10 10 10 10 10 10 10 10 10 10 10 10		Klige	1	Israe	H	24102
3000		A STATE OF THE PARTY OF THE PAR	100000000000000000000000000000000000000	and the same of th		Klementowicz	The second secon		1552	Klige	1	Jakı		20283
KI	leczewski	Kazimierz	1525	4			- Tricalate		162146	Kligi		loek		THE REAL PROPERTY.
KI	eczewski	Stanisław	1525	5		Klementowsk	ki Barti	omiei	22693	in the second				20967
Service:			A CONTRACTOR OF THE PERSON NAMED IN			Klemiński		dysław	13769	Nilla	ingwicz	Wil	ktoria	54984
200	eczko	Władysław	19576	6		Klemm			The second	TAIK	5	Ja	n	8985
Kle	czkowski	Jan	63789	9		Klemm	Alfre		12775	7 Kill		36	bzet	1572
		10000				(w ob. Klimska	Stet	ania		K	kick)	P	ronisław	0.000
			20.	02		Stanisława)					Klikowska			-
						Otalistawa)				N	KOWSKE		Adela	435

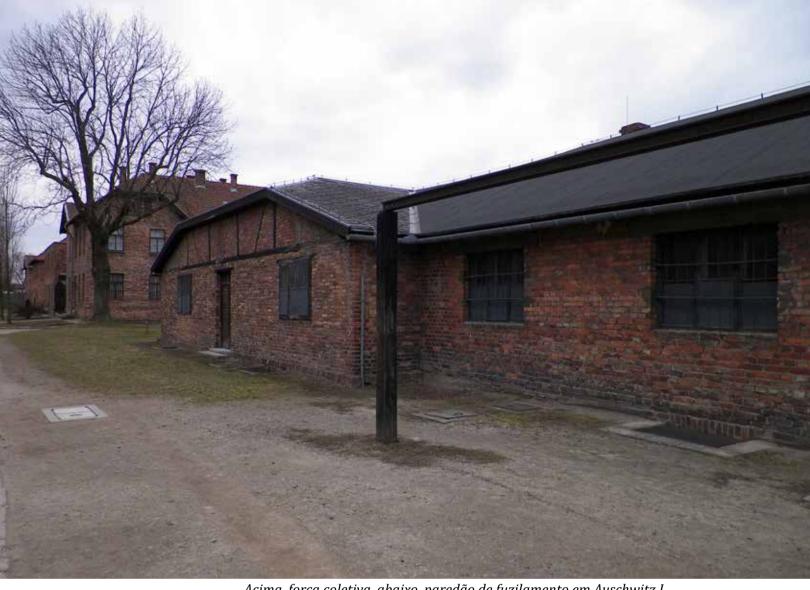
oportunidade de conhecer Auschwitz (e também para quem já conhece), recomendo os filmes "O Menino do Pijama Listrado", lançado em 2008, "O pianista", lançado em 2003 e "A lista de Schindler", lançado em 1993. Estes três filmes conseguem mostrar, com propriedade, um pouco do que foi a Segunda Guerra Mundial e os campos de concentração.

Entre várias coisas que me impressionaram, vou des-

tacar só algumas: as pilhas enormes de cabelos humanos que, depois, eram transformados em tecido e as pilhas de objetos dos prisioneiros dos campos de concentração, desde próteses, utensílios domésticos até malas. A propósito, foi muito duro quando localizei, entre as pilhas de malas, uma que trazia o sobrenome da minha mãe: Klein.

Outro local que impressiona muito e choca em Aus-





Acima, forca coletiva, abaixo, paredão de fuzilamento em Auschwitz I

chwitz I são as câmaras de gás e os fornos onde os prisioneiros eram cremados.

É algo que fica gravado, para sempre, na sua alma e, nem relatos e fotos conseguem traduzir o que eu senti lá. Também é chocante saber que os próprios prisioneiros judeus precisavam trabalhar levando cadáveres das câmaras de gás para os fornos. Quem tiver interesse em saber mais sobre esse trabalho, sugiro pesquisar sobre os "Sonderkommandos", que consistia em prisioneiros judeus deportados para Auschwitz de 16 países diferentes, cujo trabalho alimentava a





Câmara de gás em Auschwitz I

máquina assassina, tentando embaçar a linha que separa criminosos e vítimas.

Quando pesquisamos um pouco sobre o 27 de janeiro de 1945, às vezes aparecem imagens de soldados do Exército Vermelho retirando pessoas do campo de concentração de Auschwitz. 75 anos se passaram desde que a Segunda Guerra Mundial terminou. Restam poucas testemunhas que sobreviveram aos horrores dos diversos campos de concentração, que atuaram

no front de guerra, ou que viveram a guerra onde moravam e que ainda podem contar as histórias vividas.

Há um ditado popular que diz que "história é contada pelos vencedores", e muito se conta sobre os horrores do Holocausto. Mas há, também, outros ditados que dizem: "que a moeda tem dois lados", ou "a história tem duas versões mesmo entre aqueles que viveram a mesma experiência simultaneamente: a minha e a sua versão". Tra-

go este assunto "à tona" para instigá-lo a pesquisar e refletir um pouco sobre os "dois lados da história da Segunda Guerra Mundial e dos anos que se seguiram" e, também, a conhecer um pouco sobre o que se passou com os "perdedores" depois que a guerra terminou. E, para ilustrar, vou compartilhar com você uma pouco da minha história de família nos longos e duros anos do pós-guerra. E, para isso, precisamos voltar mais de 250 anos na história.





Um "parêntese"

"Tudo começou em 1767...

Conforme mencionei acima, o sobrenome de solteira da minha mãe era Klein. E a minha família Klein fez parte de um grupo de 202 famílias de colonos alemães suábios que, em 1767, deixou seu torrão natal, desceu pelo rio Danúbio e fundou a aldeia Czatad (Schadat, em alemão), no Banat, Hungria. Atualmente, a aldeia se chama Lenauheim, e fica na parte ocidental do Timis, Romênia. Aquela região, para onde a família Klein se mudou, integrava o Império Austro-húngaro, então governado pela Imperatriz Maria Teresa Valburga Amália Cristina da Áustria, dinastia dos Habsburgo. Ela chefiou um dos estados mais importantes de seu tempo, governando grande parte da Europa Central.

No começo da Primeira Guerra Mundial, a Áustria-Hungria ainda era um império com uma imensa área territorial: do Lago de Constança à Transilvânia, da Boêmia à Bósnia. Mais de 52 milhões de pessoas viviam no país multiétnico, cuja capital era Viena. No final da guerra, restou um pequeno Estado alpino, uma república com seis milhões de habitantes.

Na Primeira Guerra Mundial os alemães étnicos do Banat foram convocados. Meu avô materno participou da Primeira Guerra como integrante da Cruz Vermelha, pois em 1880, uma filial do Comitê Internacional da Cruz Vermelha havia sido instalada em Czatad. Terminada a guerra, Czatad lamentou 64 vítimas da guerra, mas meu avô voltou para casa.

No final da Primeira Guerra Mundial, o Estado criado pela dinastia dos Habsburgo no sudeste da Europa desintegrou-se. Em 3 de novembro de 1918 foi assinado o acordo de cessar-fogo, selando o fim do Império Austro-húngaro. Com ele ficou selada a desagregação definitiva do tradicional Império do Danúbio. Em 1920, foi assinado o Tratado de Trianon e o Reino da Hungria que estava conectado à Áustria foi dividido em três: uma parte passou para a Sérvia, uma pequena parte permaneceu na Hungria e a maior parte passou para a Romênia. A região onde viviam meus antepassados Klein deixou de pertencer à Hungria e passou a pertencer à Romênia.

Quando meu avô Klein voltou da Primeira Guerra Mundial, a primeira coisa que ele e minha avó decidiram é que iriam embora. Meu avô não queria participar de outra guerra, e prometeu a si mesmo que nunca mais passaria fome. Eles emigraram em 1924, deixando sua terra natal, amigos, pais e irmãos. Se instalaram em Santa Catarina, e nunca mais viram os e o que deixaram para trás.

Em 1926 Czatad passou a se chamar Lenauheim. Naquela época a aldeia tinha 2.588 habitantes, sendo que destes, 97% eram alemães étnicos. Em 1940, a população era de 2.400 habitantes, dos quais 95% eram alemães étnicos. A maioria dessas famílias viveu ali até o final da Segunda Guerra Mundial, sem ter abandonado suas raízes germânicas, conservando suas tradições, costumes e o idioma (suábio = Schwäbisch).

Em 12 de maio de 1943, em plena Guerra Mundial, Ion Antonescu, presidente da Romênia entre os anos de 1940 e 1944, firmou o acordo Waffen-SS (unidades militares de voluntários estrangeiros) e se aliou ao Terceiro Reich (Alemanha de Hitler). A população étnico-alemã que vivia na Romênia foi convocada para o exército alemão. Em 1943, Lenauheim viu 283 dos seus homens nascidos entre os anos de 1908 e 1926 serem convocados para a guerra. Destes, 93 (33%) foram dados como mortos ou desaparecidos. Dentre os mortos está um tio-avô meu.

O ano de 1944 foi duro. Naquele ano, Lenauheim tinha uma população de 2.586 habitantes, sendo 2.422 alemães étnicos, muitos dos quais foram perseguidos e expulsos, tendo que abandonar suas propriedades. Para não serem deportadas para a Rússia, 884 pessoas fugiram de Lenauheim em setembro de 1944. Dentre os que fugiram estava minha tia-avó e seus dois filhos. Eles permaneceram em fuga durante 10 meses. Em julho de 1945, a maioria destas pessoas retornou, sendo que 182 pessoas permaneceram em terra estrangeira (Alemanha ou Áustria).

Em 14 de janeiro de 1945, ainda antes do término da Segunda Guerra Mundial, 141 pessoas (mulheres de etnia alemã com idade entre 18 e 30 anos e homens com idades entre 16 e 45 anos) foram deportadas para a Rússia para trabalho forçado. Destes, 82 eram homens e 59 mulheres. Dez homens e uma mulher morreram durante a deportação. Dentre as pessoas que foram deportadas para a Rússia, estava um tio-avô meu, então com 42 anos de idade. Ele retornou para Lenauheim anos mais tarde. Depois da Segunda Guerra, com a implantação do regime comunista na região e perseguição da população étnico-alemã, a proporção de alemães caiu para 50% em Lenauheim.

Em 1951, a injustiça contra o povo étnico-alemão foi ainda maior. A população que estava ao longo da fronteira romeno-jugoslava foi classificada, pelo governo, como sendo de risco para a segurança. Em 18 de junho de 1951, 496 pessoas de Lenauheim, incluindo 394 adultos e 102 crianças de até 15 anos foram deportados para Baragan, com o suposto objetivo de quebrar o aparecimento de resistência à coletivização iminente da agricultura. A maioria voltou para casa em 1956, muitos receberam de volta as casas que haviam sido desapropriadas em 1945, mas a posse do campo foi coletivizada.

Em 1989 caiu o Muro de Berlim e outras barreiras migratórias. Milhares de alemães orientais entraram na Alemanha Ocidental. Ambas as Alemanhas realizaram a união econômica e monetária em julho de 1990. Nos anos seguintes, 2.280 alemães étnicos emigraram de Lenauheim para a República Federal Alemã. Os estados federados de Baden-Württemberg e Bavaria foram os destinos preferidos. Meus familiares que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial e à deportação, também emigraram de Lenauheim e se estabeleceram na Alemanhã".



Caro leitor, compartilhei minha história pessoal por uma razão muito simples: às vezes, os horrores da guerra estão mais próximos do que parecem. E não se resumem apenas às histórias mais conhecidas ou divulgadas pela mídia.

As atrocidades da Segunda Guerra Mundial não se resumem ao pouco que conhecemos sobre os campos de concentração de Auschwitz I ou sobre o campo de extermínio de Birkenau (Auschwitz II). Ou sobre o que conhecemos dos campos de concentração de Dachau, Sachsenhausen, Flossenbürg, Buchenwald, Mauthausen e Ravensbrück. E, tampouco, sobre o que conhecemos a respeito dos campos de trabalho de Buna e Monowitz.

Desapropriações e deportações pela ocupação soviética em diversos países continuaram a acontecer durante os longos e duros anos do pós-guerra. Foi a isso que me referi quando escrevi que "história é contada pelos vencedores", e que "a moeda tem dois lados".

Das pessoas que viveram a Segunda Guerra Mundial e o duro período que se seguiu a ela, poucas ainda estão vivas. Elas estão indo embora. Em



Fornos utilizados na cremação de prisioneiros mortos no campo de concentração de Auschwitz I

breve, os filhos, netos e bisnetos terão que manter, sozinhos, vivas as lembranças e garantir que tais atrocidades não voltem a acontecer.

É imprescindível que se conheça a verdadeira história, tanto dos perdedores quanto dos vencedores. É preciso saber quem somos e também o que os outros são. É preciso aprender com a história e manter a memória viva para que atrocidades como as que aconteceram na Segunda Guerra Mundial e nos anos que se seguiram a ela jamais se repitam. E, tal garantia só é possível pela vontade das pessoas, não há, no mundo, lei capaz de garantir que isso não se repetirá.

REFERÊNCIA

DW. HOLOCAUSTO. Disponível em: https://www.dw.com/ pt-br/dez-fatos-sobre-o-campo-de-concentra%C3%A7%-C3%A3o-de-auschwitz/a-52141454. Acesso em 4 out. 2020.

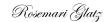
DW. Auschwitz sintetiza horror do Holocausto em uma palavra. Disponível em: < https://www.dw.com/pt-br/auschwitz-sintetiza-horror-do-holocausto-em-uma-palavra/a-18217169). Acesso em 8 out. 2020.











Tradições pascais na Polônia

Em 2018, tive a oportunidade de estar na Polônia durante o período da Páscoa e algumas coisas me chamaram a atenção. A minha impressão foi de que lá a Páscoa é menos comercial, e que ainda se preservam alguns dos costumes que fizeram parte da minha infância no interior de Santa Catarina.

Também observei que os poloneses têm grande respeito às tradições religiosas e levam muito a sério as tradições passadas de geração em geração. E, como a Páscoa é uma festa religiosa, é uma comemoração muito especial para os poloneses.

No Sábado Santo (Sábado de Aleluia), tive a oportunidade de presenciar várias famílias se dirigindo à igreja, em Cracóvia, com uma cestinha lindamente decorada e cheia de alimentos para a bênção das cestas de Páscoa, que os poloneses chamam de Święconka. Vi jovens, crianças, adultos, idosos, todos muito bem vestidos e arrumados (o que, antigamente aqui em Santa Catarina possivelmente denominaríamos como a "roupa de missa", pois era a nossa melhor roupa). Mas esse ritual começa alguns dias antes, logo após o Domingo de Ramos.





Domingo de Ramos ou Domingo da Paixão

A Páscoa na Polônia (assim como no Brasil) começa no Domingo de Ramos, com a bênção dos ramos, dando início à Semana Santa. A bênção dos ramos é uma tradição bonita que remete ao tempo em que Jesus viveu quando, em Jerusalém, as pessoas pegavam os ramos e faziam uma saudação para que Jesus passasse.

Nas famílias polonesas as palmas e os ramos são feitos de flores e de plantas silvestres. O ramo tradicional é feito de salgueiro que, de acordo com a tradição cristã, é símbolo de uma alma imortal. Mas também é costume as famílias produzirem ramos pascoalinos exclusivos, que, muitas vezes, são bem coloridos, decorados com flores secas, ervas e até penas de aves de várias cores. Na região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, até hoje os católicos costumam levar ramos da palmeira Cica para benzer no Domingo de Ramos – a palmeira Cica é um arbusto muito usado na decoração de jardins em residências -, embora também se usem outras variedades de folhas de palmeiras, de acordo com a região. Pela fé católica, uma vez abençoados pelo padre, esses ramos protegem as famílias dos raios, das trovoadas e das tragédias, protegem a casa contra o azar e trazem proteção e prosperidade até o Domingo de Ramos do ano seguinte.







Święconka: bênção das cestas de Páscoa

A tradição da bênção alimentar na Páscoa - a bênção das cestas de Páscoa (em polonês: Święconka) é uma das mais duradouras e queridas tradições polonesas no Sábado Santo. Suas raízes remontam ao início da história do Polônia e envolve toda a família.

Na Sexta-feira Santa, os poloneses dão início aos preparativos para o Domingo de Páscoa. Um preparativo que considero interessante é a decoração dos ovos, assim como já foi tradição no interior de Santa Catarina. A família se reúne para pintar os ovos, que costumeiramente são ovos naturais, já cozidos. Atualmente, na Polônia também iá são utilizados ovos de madeira e até mesmo ovos de plástico que são usados para a mesma finalidade. De toda a forma, os ovos decorados ficam lindos e farão parte da cesta de Páscoa que será levada pela família para a Igreja, no Sábado Santo, para ser abençoada pelo padre.

No sábado, as famílias montam uma cesta que será levada à igreja para que o padre abençoe os alimentos que estão dentro dela. Os ovos fazem parte.

Na Polônia, antes de receber os alimentos para serem benzidos, a cesta de Páscoa é forrada com um lenço de linho branco que, ocasionalmente, é bordado à mão especialmente para a cesta de Páscoa. A alça às vezes é envolvida com uma fita de tecido branco, e decorada com raminhos do arbusto bukszpan (semelhante ao arbusto que no Brasil conhecemos como buxo ou buxinho de jardim - um arbusto perene muito utilizado na decoração de jardins). Os poloneses têm especial orgulho em preparar uma cesta decorada com bom gosto para a Páscoa.

Os alimentos nas cestas de Páscoa têm um significado simbólico. A cesta deve conter: um cordeiro (normalmente um bolo em forma de cordeiro) que simboliza o Jesus Cristo ressuscitado; os



ovos pintados, simbolizando a vida de Cristo e a nova vida (ressurreição); o pão, que simboliza o corpo de Jesus Cristo, prosperidade e sorte; a raiz forte, que é o símbolo da Paixão (sacrifício) de Jesus; o sal, que simboliza a essência da verdade e a purificação; o queijo, que simboliza a reconciliação do homem com a natureza; o bolo Babka, um bolo tradicional da Páscoa na Polônia que celebra o retorno de ovo e da manteiga à dieta após o jejum da Quaresma; e as carnes frias, simbolizando a grande alegria e a abundância do final da quaresma.

De acordo com as tradições locais, a comida abençoada na igreja deve permanecer intocada até a tarde de sábado ou, de preferência, até o domingo de manhã (Domingo de Páscoa). No domingo, as famílias se juntam e celebram, comendo tudo que faltou durante a quaresma, representado pelo que foi levado à igreja no sábado para o padre benzer.

A bênção de Páscoa polonesa sobrevive a gerações e se adapta à cultura local. É uma tradição que celebra a vida e marca a partilha em família. Na Polônia, a segunda-feira de Páscoa é feriado e todo o comércio fica fechado. É um dia dedicado à família.







Na Polônia, além da Páscoa, o Natal é considerado a festa religiosa mais importante. Significa fraternidade para com o próximo e costuma ser celebrado em família e com amigos mais próximos, observando as tradições ancestrais. Dentro da tradição cristã, o Natal é precedido do Advento e, na Polônia, muitas missas neste período são dedicadas à Virgem Maria.

Dia de São Nicolau

Na Polônia, no dia 6 de de-

zembro se comemora o dia de São Nicolau (em polonês chamado de Mikołaj), e celebrada a Festa de São Nicolau (Dzień Świętego Mikołaja). É neste dia que as crianças que se comportaram bem durante o ano esperam ser presenteadas pelo Mikołaj e é na manhã desse dia que as crianças costumam encontrar doces e presentinhos sob seus travesseiros, nas meias penduradas na lareira ou nos sapatinhos. Também é no dia 6 de dezembro que acontecem as trocas de presentes entre amigos ou colegas de trabalho. Embora na Polônia também possa haver troca de presentes na véspera de Natal, são duas coisas bem distintas. O dia de São Nicolau é bem mais tradicional no que se refere a troca de presentes, pois lá a real tradição cristã do nascimento de Cristo ainda é muito preservada e a celebração de Natal não é tão comercial.

Eventos antes do Natal

Os preparativos de Natal começam dias antes, quando as casas são limpas, acredi-

tando-se que um lar sujo na véspera do Natal fará com que no ano seguinte a sujeira permaneca. Pães de mel natalinos são produzidos artesanalmente pelas famílias, e o envio de cartões postais com votos de boas festas aos parentes e amigos ainda são tradições conservadas pelos poloneses. Nas regiões rurais é comum a bênção das terras com água benta ou a colocação de cruzes feitas de palha para proteger e garantir abundância.

Presépios

Os presépios de Natal são elementos indissociáveis da cultura polonesa, mas são os presépios de Cracóvia que gozam de importância especial, com destaque mundial. São verdadeiras obras-primas de artesanato relacionadas com o Natal, que provém da tradição de presépios estáticos e móveis apresentados originariamente em igrejas no período natalino.

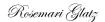
Em Cracóvia, desde 1937, todos os anos, na primeira quinta-feira de dezembro, é realizada a mostra de presépios nos degraus do monumento a Adam Mickiewicz (ponto de encontro dos cra-



covianos) na Praça do Comércio, e um concurso para a escolha do mais belo presépio de Natal da Cracóvia atrai centenas de artistas de todas as idades há gerações. Trata-se de uma tradição dos tempos do Advento e que se tornou um dos símbolos da antiga capital real da Polônia.

Confeccionados à mão, em madeira, papelão ou até em papel de alumínio de todas as cores, esses presépios são verdadeiras obras de arte que exigem um trabalho minucioso e precisão de engenheiro.

Alguns presépios, mais raros, são confeccionados em renda; outros, ecológicos, são feitos de folhas de louro, palhas, e de frutas secas, remetendo a um cenário mais rural. Simples ou mais elaborados, todos os presépios trazem, em si, um encanto mágico, capaz de nos maravilhar. Cada um tem seu próprio coração, sua alma e beleza. Para quem viajar para à Polônia, uma rica coleção dos presépios de Cracóvia encontra-se exposta no Museu Histórico da Cidade de Cracóvia.



Véspera de Natal

A noite mais solene e emocionante para a maioria dos poloneses é a véspera de Natal. A árvore de Natal é decorada neste dia (24 de dezembro), considerado um grande evento para as crianças. Mas decorar a árvore de Natal é uma tradicão natalina recente na Polônia. Antes de aparecerem as bolas de Natal como conhecemos hoje, os enfeites mais populares eram nozes, maçãs, enfeites de ervas ou enfeites feitos à mão durante o Advento com papéis coloridos, penas, cascas de ovos, palha, espigas de cereais, etc. E, durante a ceia, acendiam-se velas que eram colocadas nos ramos da árvore de Natal.

A Polônia é famosa pela produção de bolas natalinas pintadas à mão, são bolas lindas e exclusivas, uma verdadeira imagem da cultura e tradição polonesa. Por isso, presentear alguém com uma bola decorada à mão certamente é um presente inesquecível e será guardado na memória da pessoa que a receber por muito tempo.







Opłatek

O dia 24 é conhecido como o dia da Vigília, sendo que a vigília começa somente quando a primeira estrela é visualizada no céu, uma referência simbólica à Estrela de Belém, que anunciou o nascimento de Jesus. É nesse momento que se faz uma oração e acontece a distribuição do Opłatek, símbolo da fraternidade (O Opłatek é uma pequena hóstia branca retangular, com representações da Natividade, que, depois de abençoada, é distribuída antes da ceia de Natal).

O costume da divisão do Opłatek guarda relação com a Última Ceia, quando Cristo dividiu o pão com seus discípulos, e provém de um antigo costume europeu que consistia na troca de pão não sacrificial entre crentes e sacerdotes e que na Polônia se consolidou como uma tradição singular e única. Por isso, a divisão do Opłatek é o momento mais importante da ceia de Natal e recorda às famílias o pão eucarístico, fazendo uma conexão adicional entre o Natal e a Eucaristia, que é Presença de Deus entre nós. É tradição que a primeira divisão seja feita pelo pai da família ou, na sua ausência, pelo filho mais velho. Logo após o Opłatek é distribuído em pedaços para as demais pessoas, que, por sua vez, compartilham os pedaços entre si, desejando coisas boas uns aos outros. Se houver troca de presentes, a troca acontece após o ritual do Opłatek e, em seguida, todos sentam-se ao redor da mesa e inicia-se o jantar, que é farto e sem carnes.



A ceia de Natal

Na Polônia, é costume que a mesa onde é servida a ceia de Natal seja coberta por uma toalha branca, debaixo da qual se coloca uma pequena quantidade de feno. É comum deixar um lugar adicional à mesa, destinado a um convidado inesperado ou a um parente ou amigo ausente, porque ninguém deve ser deixado sozinho na noite de Natal, fazendo lembrar que Maria e José também estavam procurando abrigo na véspera de Natal. O costume de colocar o feno debaixo da toalha remonta aos tempos pagãos e está relacionado a uma antiga festa agrária.

Na ceia de Natal é tradição servir 12 pratos, simbolizando os 12 apóstolos de Cristo. Deve-se provar cada um deles para garantir a felicidade no próximo ano. Como manda a tradição polonesa, os pratos da ceia de Natal não devem conter carne, que podem ser consumidas só no dia seguinte (25).

Os pratos mais tradicionais para a ceia de Natal na Polônia são: sopa de beterraba com bolinhos recheados com couve e cogumelos; peixe carpa frita e em geleia; couve com feijão; couve com cogumelos; pierogi; massa com sementes de papoula, açúcar e mel; e uma bebida feita a partir de frutos secos. Em algumas regiões, também é tradição servir alguns pratos típicos da região. Os poloneses costumam colocar na carteira as escamas da carpa comida durante a ceia de Natal como símbolo de prosperidade financeira no ano que se aproxima.



Missa do Galo

A véspera de Natal acaba com uma missa solene celebrada à meia-noite nas igrejas. É uma missa especial, conhecida como a missa do Galo, na qual as famílias e a comunidade em geral comemoram a chegada dos pastores a Belém, os primeiros a prestar homenagem a Cristo recém-nascido. Na Polônia, além do dia 25, o dia 26 também é feriado, conhecido como o segundo dia do Natal. São dois dias destinados ao descanso e a reuniões familiares, muitas vezes alegrados com cantos ligados à comemoração do Natal.

REFERÊNCIAS

NATAL NA POLÔNIA. Disponível em: https://www.brasileiraspelomundo.com/natal-na-polonia-03103425>. Acesso em 15 nov. 2020

SÃO NICOLAU NA POLÔNIA. Disponível em: https://www.brasileiraspelomundo.com/dia-de-sao-nicolau-na-polo-nia-451646857>. Acesso em 15 nov. 2020.

TRADIÇÕES NATALINAS NA POLÔNIA. Disponível em:

https://www.polonia.travel/br/sobre-a-polonia/tradic%-C3%B5es-na-polonia/tradic%-C3%B5es-natalinas-na-polonia. Acesso em 15 nov. 2020.



Szopki Krakowskie - Presépios de Cracóvia

Texto reproduzido do Facebook da Embaixada da Polônia em Brasília:

"Szopki Krakowskie (os presépios de Cracóvia) são construções, ricamente enfeitadas, que remetem aos monumentos arquitetônicos da cidade de Cracóvia, e que representam o mistério do Natal.

O costume de representação dos acontecimentos relacionados com o nascimento de Cristo, vem do culto do presépio de Belém que surgiu no início da Idade Média e foi difundido em toda a Europa no século XIII graças a São Francisco que, em 1223, usando animais vivos e um cenário natural, mostrou em "quadros vivos" a história do nascimento de Cristo.

Estas representações – chamadas na Polônia de "jasełka" – eram organizadas nas igrejas e mosteiros. Num cenário de rochas e grutas era colocada a manjedoura e figuras de madeira representando Jesus, Maria, José, os pastores, os animais, os três Reis Magos e outros.

As diversas ordens eclesiásticas rivalizavam entre si, tentando deixar mais atraente o mistério apresentado, enriquecendo a decoração, dando movimentos às figuras, aumentando o seu número, e, até, introduzindo figuras não relacionadas com a tradição dos evangelhos, surgindo assim toda uma coleção de personagens exóticos como persas, árabes, negros, caravanas, camelos, etc. A decoração eram ruínas de arquiteturas orientais e vegetação tropical.

Na Polônia, no século XVI apareceu a forma itinerante de apresentações de "jasełka" (com bonecos ou atores), e no século seguinte, começaram a ser introduzidos nas apresentações, até então universais, elementos tipicamente poloneses, de significado patriótico. Surgiram as figuras de heróis nacionais como o rei Jan III Sobieski, o hetman Czarniecki e os hussardos.

Em 1736, o bispo Teodor Czartoryski proibiu as apresentações dos presépios nas igrejas, devido ao seu caráter divertido que não condizia com o local e, também, devido aos tumultos que elas provocavam. Permitiu-se somente a colocação da decoração com os presépios imóveis. As apresentações, proibidas nas igrejas, não só não desapareceram, como se desenvolveram mais ainda nas ruas, organizadas pelos funcionários das igrejas, jovens artesãos e estudantes.

Na virada dos séculos XVIII e XIX, popularizou-se uma forma portátil de apresentações, feitas em um cenário que era uma construção de madeira com um largo palco na frente. A construção, na sua arquitetura, remetia aos palácios, prefeituras e mansões e, com o passar do tempo, ia ficando cada vez mais rica. Assim, na revista "Tygodnik Ilustrowany" (Semanário Ilustrado) de 1862 aparece um desenho de um presépio em forma de um prédio coberto com uma cúpula com duas torres com relógios nas laterais. Na frente há um palco, parcialmente fechado, com os bonecos.

A popularidade dos grupos que levavam os presépios pelas casas não dependia só da riqueza da construção ou a arte dos bonecos, mas também a atração dos textos, que, apesar de baseados no drama litúrgico, eram complementados com enredos e personagens dos eventos atuais.

Na segunda metade do século XIX formaram-se as características arquitetônicas que diferenciavam os presépios de Cracóvia de todos os outros. Devia-se isso aos modelos dos monumentos da cidade, principalmente suas igrejas, cuja diversidade dava aos criadores uma rica fonte de inspiração.

Surgiu então o presépio em forma de uma estrutura alta com torres. Os seus criadores foram os pedreiros e trabalhadores das construções dos subúrbios de Cracóvia. A sazonalidade da

sua profissão, os levava a procurar outras fontes de renda adicionais no período de outono e inverno quando não eram realizadas obras em alvenaria. As mais famosas foram as feitas pelo pedreiro Michał Ezenekier. A idade dourada dos presépios de Cracóvia encerrou-se com a I Guerra Mundial, quando as autoridades austríacas proibiram essa atividade.

O seu ressurgimento no período entre guerras não era mais do mesmo nível artístico. Para não deixar essa tradição morrer, um grande admirador das tradições de Cracóvia, Jerzy Dobrzycki, organizou em 1937 um concurso aos pés do monumento a Adam Mickiewicz, para escolher o presépio mais belo. No ano seguinte o concurso foi repetido. Em 1945, após a fim da II Guerra Mundial, os presépios apareceram novamente junto às ruínas do monumento. A partir de 1946, o concurso é organizado pelo Museu Histórico da Cidade de Cracóvia. Este concurso formou um novo tipo de presépio, chamado de presépio para o concurso (szopka konkursowa) que não tem mais a função antiga de ser palco de apresentações, mas tão somente a função decorativa. Por isso que o esforço dos seus criadores se concentra no aperfeiçoamento dos seus valores arquitetônicos e decorativos. Os bonecos foram substituídos por figuras imóveis ou com mecanismos elétricos de movimento.

O material principal do esqueleto da construção é madeira. As torres e outros elementos menores são feitos de papelão. Estes são forrados com papel alumínio. Alguns artistas usam também chapinhas de metal colorido. Os vitrais antigamente eram feitos com celofane, depois com vidro e agora com materiais sintéticos. A partir dos anos sessenta, os presépios têm iluminação elétrica.

Como os presépios não são modelos de um monumento arquitetônico, mas composições de elementos de diversas construções, normalmente contém formas de diversas épocas e estilos. Os elementos mais característicos são as torres góticas, arcadas renascentistas e cúpulas barrocas. Um presépio típico é simétrico com um número ímpar de torres (normalmente três ou cinco) e dois ou três andares. As torres têm nas pontas ou uma águia do emblema nacional, ou bandeiras em cores nacionais ou da cidade de Cracóvia (branco e azul). A parte do térreo normalmente remete às fortificações da cidade – os muros, o portão Brama Floriańska ou o Barbakan. A parte central desse andar é um nicho com figuras laicas. No meio do primeiro andar, que geralmente remete ao mercado Sukiennice, encontra-se o nicho com a cena do nascimento de Jesus.

As figuras são feitas de madeira, ou de tecido e arame e dá para dividi-las nas seguintes categorias:

- O tema clássico de "jasełka" a Sagrada Família, os três Reis Magos, anjos, pastores (bois, burros, ovelhas), por vezes acompanhados da morte, do diabo, do judeu, do anjo e Herodes com seus soldados;
- Os pertencentes aos chamados grupos de "kolędy" (cantos natalinos) máscaras de animais, o cossaco, o velho mendigo, a bruxa, os "estranhos" (ciganos e judeus);
 - Figuras em trajes tradicionais habitantes da região de Cracóvia, montanheses;
- Personagens de lendas da Cracóvia o senhor Twardowski, Lajkonik, o Dragão de Wawel, o to-cador de trombeta da torre "wieża mariacka";
- Personagens históricos Jan Długosz, Mikołaj Kopernik, o padre Piotr Skarga, Tadeusz Kościuszko, Bartosz Głowacki, Józef Piłsudski, João Paulo II;
 - Personagens políticos Lech Wałęsa, Aleksander Kwaśniewski;
 - Outros como músicos, soldados, vendedoras de flores, etc.

Fonte: https://www.facebook.com/PLnoBrasil/posts/d41d8cd9/317946218395001/. Acesso em 15 nov. 2020.







Fermento natural de pão sobrevive por mais de 100 anos na Polônia

Em outro livro, intitulado "História, Cultura e Gostosura: receitas de família como expressão de patrimônio cultural regional", escrevi que pela receita culinária temos a possibilidade de descobrir um pouco da história e da cultura de uma sociedade, uma vez que a memória familiar pode ser uma de nossas maiores heranças.

Através da análise das receitas, se identifica a memória gustativa de uma época e, de certa forma, cada família traz em si um sabor único, indescritível, que traz o cheirinho de amor, o aroma de comida da casa da avó, da tia ou do tempero da casa da mãe.

E o que dizer, então, quando um determinado ingrediente de uma receita é transmitido de geração a geração por mais de 100 anos? Para ser sincera, antes de viajar para à Polônia pela primeira vez, eu sequer cogitaria como sendo algo possível. Mas é. E explico.



Os pães na Polônia são muito gostosos

Na primeira viagem que fiz à Polônia, em 2018, constatei que os pães lá são muito gostosos. Tive a oportunidade de experimentar uma grande variedade de pães, desde os confeccionados com farinhas integrais, mais pesados, mais densos, o pão integral à base de mel, o branco com miolo mole e casca crocante, o pão de centeio, enfim: pães cheios de sabor.

E eu, que nem sou de comer muito pão no dia a dia, adorei os pães poloneses e me perguntei: o que os torna diferentes?

Mais tarde fiquei sabendo que um dos diferenciais é o fermento natural, um dos ingredientes mais antigos da humanidade, presente em todas as culturas. E mais: que na Polônia existem famílias que passam o fermento natural de pão de geração para geração há mais de 100 anos e já existem redes de amigos e familiares que "cuidam" do fermento natural do outro quando necessário. Isso realmente foi algo muito novo para mim e me intrigou.

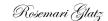
Na minha família, cresci vendo a minha mãe, tias, avós e vizinhas produzindo pão artesanal. Eventualmente,



eu mesma os faço, mas sempre produzidos a partir de fermento biológico seco ou fresco, daqueles comprados em mercados. Ou seja, descobrir que um fermento pode estar "vivo" há tanto tempo realmente era algo inusitado. Como poderia um povo man-

ter um fermento natural vivo por mais de 100 anos?

Refleti a respeito e passei a pesquisar sobre o tema. E descobri que, embora produza a mesmo efeito – fazer a massa de pão crescer -, o fermento natural é diferente do biológico em sua essência.



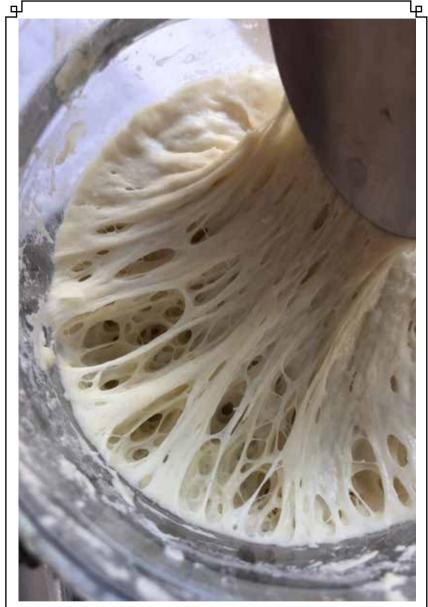
Fermento natural

O fermento natural é feito a partir de uma mistura simples de farinha de trigo (ou outro cereal) com água e tempo, pois a natureza precisa de tempo para fazer o seu trabalho de reprodução dos microrganismos.

A massa é fermentada através de lactobacilos e leveduras presentes naturalmente no ambiente e nos grãos do cereal do qual a farinha foi feita, e o resultado é um fermento natural que possui leveduras e bactérias importantíssimas para o bom funcionamento e manutenção da nossa flora intestinal.

Agui no Brasil, esse fermento é conhecido como Levain, mas também pode ser conhecido por outros nomes como: sourdough, starter, lievito, massa madre, massa lêveda ou massa azeda, e seu uso está "crescendo". E em Brusque, encontrei o jovem Bruno Burigo (2020) que tem como hobby produzir pães exclusivamente com o fermento natural que ele mesmo produziu a partir da mistura de suco de maçã, água, trigo e tempo.

Um pão produzido com Levain leva mais tempo para



Levain, fermento de pão natural produzido por Bruno Burigo (2020), de Brusque, a partir da mistura de suco de maçã, água, trigo e tempo

ser feito, e, depois de assado, possui um aspecto rústico, uma casca crocante, um miolo cheio de alvéolos irregulares, um sabor levemente azedo, aroma e textura incomparáveis. Esse azedume suave não se manifesta na maioria dos pães feitos com fermento de padeiro (biológico).



Fermento natural preservado por mais de 100 anos

A minha dúvida ainda persistia: como um fermento natural pode durar mais de cem anos? Precisei pesquisar um pouco mais. Do ponto de vista físico, encontrei a resposta em minhas pesquisas: depois do processo inicial de fermentação da mistura de água e farinha de cereal, é necessário que o fermento natural seja "refrescado" periodicamente, adicionando-lhe água e farinha de trigo com certa frequência, para que as leveduras se mantenham fortes e ativas para a próxima fornada. E, quando for usar o Levain numa receita, é necessário separar pelo menos 50 g para a próxima fornada

No Brasil, o Levain deve ser guardado na geladeira, num pote hermético, pois quanto mais alta a temperatura ambiente, mais o fermento cresce. Cuidar do fermento natural exige paciência e dedicação, mas o resultado virá em forma de pães macios e saborosos.

Mas só o físico não basta. E essa é minha conclusão: a preservação do fermento natural por mais de 100 anos, geração após geração, sobrevivendo às guerras, invasões, e a todos os tipos de provações pelas quais os poloneses já passaram, certamente mostra uma conexão muito profunda.

Prova que o fio que une o

povo polonês é forte, tão forte que, apesar das adversidades, tem conseguido perpetuar os saberes, as crenças, os sabores, os valores e os amores, e capaz de preservar a memória familiar e manter a cultura dos seus antepassados.



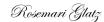
No Brasil, o Levain deve ser guardado na geladeira, num pote fechado, pois quanto mais alta a temperatura ambiente, mais o fermento cresce. Crédito da foto: Jardim do Mundo

Curiosidades sobre o fermento natural na Polônia

- a) Existem famílias que passam o fermento natural de pão de geração a geração há mais de 100 anos;
- b) Em muitas casas, tem renascido a tradição de fazer pão caseiro;
- c) Existem bancos de fermento natural para troca de fermento;
- d) A partilha do fermento natural para a preparação do pão é considerada um símbolo de amizade;
- e) Existem redes de amigos que "cuidam" do fermento natural do outro quando necessário, como durante uma viagem mais longa, por exemplo, pois, afinal, é um "fermento vivo".





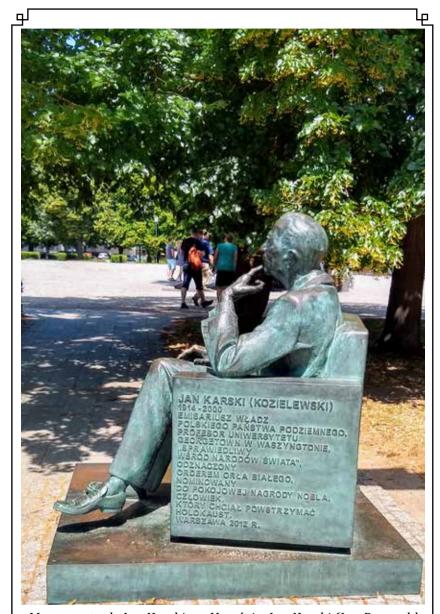


Como se comunicar

O idioma oficial da Polônia é o polonês, que é, reconhecidamente, uma das línguas mais difíceis do mundo. Os poloneses apreciam muito qualquer esforço de um estrangeiro para falar sua língua, pois eles sabem que não é uma tarefa fácil, e demonstra simpatia pelo povo e pela cultura.

Para nós, brasileiros, a língua é um limitador na Polônia. mas, se você puder pagar, é possível contratar guias de turismo que falam português ou espanhol fluente. Pouquíssima gente fala inglês. Também não consegui me comunicar em alemão. Andar com um mapa da cidade e com o endereço do hotel ou do lugar onde você está hospedado é vital. Na falta da comunicação oral, aponte no mapa para onde você quer ir. E a mímica costuma funcionar também.

Em nossas viagens, eu costumo planejar cada detalhe e isso facilita bastante. Ainda no Brasil, pela internet, é possível contratar hotel, alugar carro. Ainda assim, a língua é um dos maiores limitadores nas viagens para a Polônia. Então, fica a dica: aprenda, no mínimo, algumas palavras em polonês.



Monumento de Jan Karski em Varsóvia. Jan Karski (Jan Romuald Kozielewski). Nasceu em Łódź em 1914 e faleceu em Washington, nos Estados Unidos da América, em 2000, aos 86 anos de idade. Foi jurista e diplomata, historiador, professor da Universidade de Georgetown. Mensageiro da resistência polonesa e testemunha do Holocausto. Por seu trabalho foi premiado com as mais altas condecorações estatais: em 1982 recebeu o título "Justo entre as Nações", atribuído pelo Estado de Israel, do qual se tornou cidadão honorário. Recebeu igualmente a mais alta condecoração no seu país de origem, a Polônia: a "Ordem da Águia Branca".



Nota de 200 Złoty (PLN) que estampa o Rei Zygmunt (O Velho)

Moeda: Złoty (PLN)

Embora faça parte da União Europeia, a Polônia não integra a zona do euro. A moeda local é o Złoty (PLN).

Na Polônia, as casas de câmbio chamam-se Kantor e existem muitas delas espalhadas pelas cidades maiores, mas você vai encontrar um Kantor mesmo em cidades pequenas. E o melhor é que você consegue trocar os Euros por Złoty nas casas de câmbio mesmo sem saber uma palavra em polonês (foi o meu caso). Basta apresentar o Euro e, por mímica, é bem fácil de conseguir fazer a conversão.

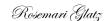
Fazer turismo na Polônia é barato, pois a conversão da

moeda brasileira - o Real -, para o Złoty é muito vantajosa. Por exemplo: em 2 de ou-



tubro de 2020, 1 Złoty polonês equivalia a R\$ 1,48. Neste mesmo dia, 1 Euro equivalia a R\$ 6,66. Ou seja, é muito mais barato viajar para a Polônia do que para outro país da Europa que tenha o Euro como moeda.

Minha sugestão é comprar Euro no Brasil e vender na Polônia. A nossa moeda, o Real, é uma moeda "exótica" para casas de câmbio polonesas (e vice-versa), fazendo com que elas normalmente não ofereçam taxas atraentes na troca direta. No Polônia, pouquíssimos lugares aceitam moedas estrangeiras, nem o Euro, portanto, é melhor não contar com essa possibilidade.



Religiosidade

Os poloneses são mundialmente conhecidos por sua religiosidade. A fé católica romana foi aceita na Polônia no ano de 966 - data considerada como a fundação da Polônia e desde então os poloneses passaram a se dedicar à prática do catolicismo. Certamente uma consequência natural foi a construção de capelas, igrejas, catedrais, basílicas e outros edifícios com usos religiosos.

A Igreja Católica Romana predomina até a atualidade, tem grande prestígio social e influência política, sendo amplamente respeitada e considerada um símbolo do patrimônio e da cultura da Polônia. Em 1978, o polonês Karol Wojtyła tornou-se o Papa João Paulo II, o que impulsionou ainda mais o catolicismo no país.

As festas religiosas integram a tradição nacional e são levadas muito a sério no país, a exemplo das procissões e peregrinações a santuários famosos. Batizados, casamento na igreja, dias de santos e primeira comunhão também são ocasiões muito primorosas. Quando estivemos na Polônia, tivemos a oportunidade de prestigiar uma procissão de Corpus Christi e, na frente de várias casas por onde a procissão passou, havia pequenos altares preparados especialmente para a procissão. Tudo muito lindo e cheio de simbolismo.



Oração a Nossa Senhora de Czestochowa, Rainha da Polônia

"Virgem Santíssima Mãe de Deus, amada e venerada em Vosso Glorioso Templo de Jasna Gora, onde através dos séculos foste a dispensadora de graças a Vosso povo fiel, vinde em nosso auxílio, salvai-nos, nós Vos suplicamos, como livraste de tantos perigos os nossos antepassados, oh bendita Rainha da Polônia".







Catedral de Wawel, localizada no monte Wawel em Cracóvia, guarda os restos mortais de importantes religiosos e antigos monarcas polacos. O Papa João Paulo II celebrou sua primeira missa nessa catedral

A Polônia é repleta de igrejas

Na Polônia há muito para conhecer e quem visita o país observa que ele é repleto de lindas igrejas. São tantas, que é praticamente impossível conhecer todas. Santuários com séculos de história, arquitetura surpreendente e belos jardins atraem até mesmo os não católicos, religião que predomina entre a população local.

As igrejas, aliás, são muito importantes na história polonesa, e só em Cracóvia existem mais de 140. Principal destino religioso do país, Cracóvia conta mais de mil anos de história, e é considerada a capital cultural da Polônia. Um local que recomendo na Cracóvia é a Catedral de Wawel, considerada uma das catedrais mais bonitas de toda a

Europa. É a mais importante igreja católica da Polônia e guarda os restos mortais de importantes religiosos e antigos monarcas polacos. Em 2 de novembro de 1946, o Papa João Paulo II celebrou sua primeira missa como sacerdote nessa catedral. Localizada no monte Wawel, a Catedral de Wawel foi fundada em 1020 (há mil anos!) e ao lon-

go dos séculos sofreu várias reformas e acréscimos sob influência de vários estilos arquitetônicos como o gótico, o renascentista, o barroco e o classicista.

Outra igreja que recomendo conhecer é a Basílica de Santa Maria, localizada na praça principal do centro histórico de Cracóvia, a praça do Mercado. Foi construída no século XII e recebeu várias adições ao longo dos séculos. A Basílica tem 80 metros de altura e fachada em tijolos com duas torres assimétricas e, olhado apenas do lado de fora pode não chamar muito a atenção, mas por dentro ela é deslumbrante. A nave é um festival de sensações, com dezenas de capelas, altares, púlpitos e colunas encimadas por um teto estrelado. Esta joia do gótico polonês foi concluída no século XIV, substituindo o templo original, destruído pelos tártaros no século anterior.

Saindo de Cracóvia, passamos a uma breve descrição das igrejas de Varsóvia, capital da Polônia. Fundada por volta de 1300, Varsóvia sempre assumiu seu papel central como grande centro de comércio e ponto de encontro entre vários povos da Europa Central. A variedade na ar-



da Santa Cruz, em Varsóvia, onde está o coração de Frédéric Chopin.
Chopin se tornou
conhecido como um
dos maiores compositores para piano e um
dos pianistas mais importantes da história.
O corpo foi sepultado
na França.

quitetura e no desenho das ruas, com diferenças marcadas de bairro para bairro, é um sinal visível de um passado multicultural, com uma população composta por poloneses, alemães e russos e onde se cruzavam as religiões católica, protestante e judaica. Em Varsóvia, a religiosidade dos poloneses está patente em edifícios religiosos de vários períodos históricos, como a Catedral de São João, em estilo gótico, a vizinha Igreja Jesuíta, do período barroco, ou a Igreja de Santo Alexandre, construída durante o período de domínio russo. De grande interesse é também a Igreja da Santa Cruz, datada do século XVIII: aqui encontra-se guardado o coração de Frédéric Chopin, mítico pianista e compositor franco-polonês que marcou a música romântica do século XIX.

Se você for viajar à Polônia, vale a pena incluir no roteiro a visita a algumas igrejas, pois elas contam muito da história e da cultura do país. Em Cracóvia é possível encontrar uma igreja ao lado da outra. Em nossa viagem, visitamos muitas o que, por si só, já renderia um livro.





Construída em 1847, a pequena igreja é o templo religioso de madeira mais antigo de Zakopane. É bem simples, mas impressiona pelo trabalho feito em madeira e, entre ela e o Cemitério das Estrelas existe uma minicapela edificada com pedras, chamada St. Kaplica Gasieniców

Rota Aberta da Arquitetura de Madeira

Além das tradicionais igrejas, edificadas com pedras e tijolos, na região chamada Małopolska, sul da Polônia, encontra-se um riquíssimo patrimônio histórico ligado às igrejas construídas em madeira. A maioria delas é católica, mas também existem

as ortodoxas e gregas. Tanto que, em 2001, foi estabelecida a Rota da Arquitetura de Madeira que reúne mais de 250 construções em madeira. Além das igrejas, a Rota inclui magníficas casas de campo, torres de sino, mansões, museus ao ar livre, elegantes vi-

las e os simples, mas também lindos, chalés... tudo feito de madeira. Quatro destas edificações em madeira estão presentes na lista do Patrimônio Mundial da Humanidade da UNESCO: a Igreja Paroquial de São Miguel Arcanjo, em Binarowa; a Igreja Paroquial

de São Miguel Arcanjo, em Dębno; a Igreja de São Leonardo, em Lipnica Murowana; e a Igreja Filial de São Filipe e São Jacob, em Sękowa.

Como parte do projeto "Rota Aberta da Arquitetura de Madeira", de maio a setembro algumas igrejas são abertas à visitação. É uma oportunidade única de contemplar o que normalmente é inacessível.

Por que esse projeto foi chamado "aberto"? Porque o seu principal objetivo é facilitar a entrada nos lugares que geralmente estão fechados. A cada ano, de maio a setembro, em determinados dias e horários, dezenas de igrejas e mansões de madeira abrem seus portões e exibem a seus visitantes um mundo que eles ainda não conheceram. Anualmente, durante 12 semanas seguidas, acontece uma série de concertos cha-"Muzyka Zaklęta w mados Drewnie" (Música Encantada na Madeira). Os concertos acontecem nas igrejas que figuram na lista UNESCO e em outros edifícios selecionados na Rota Aberta da Arquitetura de Madeira. O programa oferece uma vasta variedade musical e além de música antiga, também são apresentados jazz, espetáculos de



dança e peças de teatro. Para saber mais, pesquise sobre a Rota de Arquitetura de Madeira em Małopolska.

E, por falar em Rota da Arquitetura de Madeira, durante nossa visita a Zakopane, tive a oportunidade de conhecer uma antiga igreja edificada em madeira. Construída em 1847, a pequena igreja é o templo religioso de madeira mais antigo da cidade. Fica ao lado do Cemitério Nacional

Pęksowy Brzyzek (Cemitério das Estrelas). É bem simples, mas impressiona pelo trabalho feito em madeira, estilo Zakopane, e pelas peças encaixadas. Entre ela e o Cemitério das Estrelas existe uma minicapela edificada com pedras, a St. Kaplica Gąsieniców. Para saber mais sobre o cemitério, consulte o capítulo 6 deste livro: Arte Cemiterial e representações culturais polonesas em cemitérios.

Frédéric Chopin

Não dá para falar da Polônia sem mencionar o polaco Frédéric Chopin. Considerado um dos melhores e mais reconhecido pianista da história da música, o compositor e artista deixou sua marca em Varsóvia, sua cidade natal. O nome Chopin está inevitavelmente ligado à história de Varsóvia e a devoção que os varsovianos sentem pelo seu músico mais famoso é tanta que deram seu nome a um aeroporto - o Aeroporto Internacional Varsóvia-Chopin, e até mesmo a uma marca de vodca, que é bebida nacional da Polônia.

Frédéric Chopin nasceu em 1810, foi uma criança frágil e doente, e morreu em Paris,

aos 39 anos. Contam que ele temia ser enterrado vivo e pediu que o abrissem antes que o enterrassem. Por vontade do compositor, o coração de Frédéric Chopin encontra-se guardado na Igreja da Santa Cruz, em Varsóvia.

O melhor lugar para conhecer a vida e obra do melhor músico da Polônia é o Museu de Chopin em Varsóvia. Mas, passeando pela cidade, você também vai encontrar muitas salas de concerto onde ele costumava se apresentar para um público bastante reduzido. Atualmente, você ainda pode escutar as melodias características de Chopin em muitas destas salas.

Durante nossa viagem à

Polônia, tive a oportunidade de conhecer, em Varsóvia, o Parque Łazienki. Localizado na região central, é considerado uma das principais atrações da cidade.

O Parque Łazienki é o maior de todos os parques, com 80 hectares de verde, nele se encontra o Museu Real Łazienki e, também, uma estátua de Chopin.

O monumento em homenagem a Chopin impressiona, especialmente pelo fundo arborizado num parque, com um laguinho em frente. A imagem é linda e impressiona e, periodicamente, são realizados concertos de piano próximo ao monumento a Frédéric Chopin.





Vodca - bebida nacional da Polônia

Na minha opinião, a vodca na Polônia é quase como o cafezinho preto no Brasil. A vodca é tão importante na Polônia que, em Varsóvia, existe um museu só sobre a bebida, que considero um bom lugar para conhecer o processo de fabricação da bebida nacional da Polônia, inventada há cerca de 600 anos. No Museu da Vodca você pode encontrar respostas a questionamentos do tipo: quem inventou a vodca? Como a bebida é fabricada?

Como os polacos brindam?

A bebida faz parte da cultura local e, oficialmente, as marcas mais famosas da vodca polaca são Wyborowa e Luksusowa, mas gostei bastante da vodca Żubrówka, uma vodca muito popular. As vodcas polonesas são feitas à base de cereais (trigo e centeio) e batatas e a longa tradição da produção é uma garantia da alta qualidade. A vodca Żubrówka é feita à base de centeio, e em todas as garra-

fas se encontra uma folha de erva de bisonte – daí o nome desta vodca e, graças a esse aditivo, a Żubrówka adquire um aroma particular.

E como os polacos brindam? E com o que?

O brinde na Polônia pode ser com vodca ou até com água, que é servida em jarras, à vontade, e a custo zero em todos os restaurantes.

Mas sempre com um bom "Na zdrowie", um brinde à saúde!

Agradecimentos

Foram muitas as mãos que "colocaram a mão na massa" para tornar esta obra possível. A elas, cabe agradecer:

Agradeço:

A Deus, gratidão que não cabe em palavras.

Aos amigos e companheiros de caminhada na vida acadêmica, de modo especial à professora Edineia Pereira da Silva, aos professores Sidnei Gripa, Sergio Rubens Fantini e Ricardo José Engel, e a Gisele Buss Alberton, pelo estímulo e orientações.

À jovem Marcele Catherine Frainer e aos jovens Bruno Burigo e Arthur Timm, pelas fotografias.

À Sarah Beatriz Frainer, pela revisão ortográfica e leitura crítica da obra.

À Luciana Tomasi, por sua ajuda nas pesquisas na Casa de Brusque.

Ao Francisco Daniel Imhof, nosso famoso "Chico", pela caprichosa revisão geral da obra e por suas considerações críticas.

Ao padre Eder Claudio Celva, por disponibilizar seu texto sobre o Cemitério dos Polacos.

À tatuadora e ilustradora Francine Cavalheiro Carbonera que, com sua veia artística, conseguiu dar um colorido especial às gravuras que ilustram este livro, especialmente enriquecer a imagem do Barão Maximilian von Schneeburg.

Ao Jorge Paulo Krieger Filho, pelas contribuições referentes ao selo comemorativo dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil, em Brusque.

Ao Celso Dorvalino Deucher, pelo esmero no design, tratamento das imagens e editoração gráfica.

Ao Sr. Maximiliano Casimiro Milak, por me conceder entrevista e disponibilizar materiais e fotografias para que eu pudesse escrever sobre os poloneses de Linha Batista, em Criciúma.

Ao padre Wladislaw Milak, brasileiro de Criciúma radicado em Cracóvia, que nos recebeu e orientou nas duas viagens de pesquisa que fizemos à Polônia durante a escrita deste livro.

Ao Nilton Jair Proença, por autorizar a publicação do texto de sua autoria, intitulado Gratidão. Pura Gratidão.

À Família Walendowsky, especialmente ao Sr. Ivan José Walendowsky e sua esposa, Sra. Célia Maria Loyola Walendowsky, grandes guerreiros e estimuladores para a manutenção da história e da cultura polonesa em Brusque e em Santa Catarina.

A todos os que cooperaram com esta obra, ainda que não nominados expressamente.

Aos pesquisadores e escritores que me antecederam e, mesmo sem saber, contribuíram com subsídios para a escrita desta obra. Sem eles, este livro não existiria.

Cabe também agradecer às seguintes instituições:

À Sociedade Amigos de Brusque e de Apoio ao Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim — SAB/Casa de Brusque, por ceder as fotografias de época que ilustram este livro.

À Fundação Cultural de Brusque.

À Prefeitura do Município de Brusque.

À Fundação Educacional de Brusque, mantenedora do Centro Universitário de Brusque — UNIFEBE e do Colégio UNIFEBE:

- a) Pela cessão de fotos do Arquivo Histórico da Indústria Têxtil Catarinense, disponibilizadas graças à parceria da UNIFEBE com a Villa Renaux, na pessoa de Vitor Renaux Hering.
- b) Pelo espetáculo Teares que Cantam e Encantam; por participar do Desfile de Natal de Guabiruba com a temática "Polônia"; pela decoração do Natal Solidário e pela Cantata de Natal Unifebe, com a temática "150 anos de imigração polonesa no Brasil".
 - c) Por autorizar que este livro fosse publicado pela Editora da UNIFEBE.

À BRASPOL do Brasil e aos diversos Núcleos da BRASPOL.

Ao Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba.

À Casa da Cultura Polônia Brasil.

À Embaixada da República da Polônia.

À Fundação José Walendowsky, organizadora e promotora dos festejos dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil, por me franquearem acesso amplo e irrestrito a todos os eventos, e autorizarem o uso das fotografias que cobriram o evento. Agradecimentos especiais ao seu Presidente de Honra, Ivan José Walendowsky; ao Presidente João Paulo Loyola Walendowsky; ao Vice-Presidente Valdir Rubens Walendowsky e ao Secretário Executivo Nilton Jair Proença.

Agradecimentos especiais:

Aos meus pais, meus avós, meu irmão e às minhas madrinhas Anna Klein Rutzen e Wally Glatz Laube (todos em memória), pela vida e estímulo ao estudo e à leitura, pois sem essa base as palavras não sairiam da minha cabeça para se transformar em livro.

Ao meu sogro Geraldo Renato Meyer, o "Alter Meyer" (em memória) e à minha sogra Elfrida Falk Meyer (Dona Elfi), pela confiança e orgulho.

Às minhas queridas irmãs Edda, Isolde e Zusana, e demais familiares: vocês são mais do que especiais!

Ao meu esposo Carlos, aos meus filhos Ariel, Luan, Anna Luíza, Marcele, Sarah e à minha neta Helena Gabriela.

Estou mais agradecida do que sou capaz de expressar. O apoio incondicional de vocês, abdicando de minha companhia durante estes longos anos de pesquisa e de escrita, foi indispensável para que este sonho se transformasse em realidade.

Amo muito, muito, todos vocês!

Currículo da Autora

Rosemari Glatz é escritora, pesquisadora, funcionária pública federal aposentada, professora universitária e reitora. Nasceu em Taió, Alto Vale do Itajaí (SC), é neta e filha de comerciantes. Brusquense de coração, em 2020 recebeu o título de Cidadã Honorária de Brusque. Tem se destacado por suas publicações em livros e jornais.

Funcionária pública aposentada pela Receita Federal do Brasil, também trabalhou na Prefeitura Municipal de Taió e na Exatoria Estadual de Santa Catarina. Foi Chefe da Agência da Receita Federal em Brusque entre abril de 2009 e fevereiro de 2018, quando se aposentou no serviço público.

É professora universitária desde 1997 no Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE (SC), onde atuou em cursos de graduação e pós-graduação e foi assessora da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Coordenou o Grupo de Pesquisa, História, Memória e Patrimônio Cultural (CNPq). Presidiu o Conselho Editorial da Editora da UNIFEBE. Desde abril de 2019, é Reitora, Presidente dos Conselhos Universitário e Administrativo do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), e Presidente da Fundação Educacional de Brusque (FEBE).

Mestre em Administração, há alguns anos descobriu sua grande paixão pela história e desde então vem se dedicando à pesquisa e à escrita, principalmente aos temas relacionados à educação, turismo regional e imigração alemã, polonesa e italiana para os vales do Itajaí e Itajaí-Mirim. Foi diplomada com o título Ad Immortalitatem, como titular da Cadeira Perpétua número 02, da Academia de Letras do Brasil do Estado de Santa Catarina – Seccional Guabiruba (ALEG).

A autora possui várias publicações em livros, jornais e revistas, onde se destacam:

- 1. Organizadora do livro Histórias de Natal: UNIFEBE, lançado pela Editora da Unifebe em 2020 (Brusque/SC).
- 2. Capítulo 11 do livro A Medicina em Brusque e os 50 anos da ABM, intitulado UNIFEBE: Escrevendo um novo capítulo da Medicina em Brusque, publicado pela Editora da Unifebe em 2020 (Brusque/SC).
- 3. Autora do livro Brusque Os 60 e O 160: Elementos da nossa história, lançado em 08/12/2018 pela Editora da Unifebe (Brusque/SC).
- 4. Organizadora do livro História, Cultura e Gostosura: Receitas Culinárias de Família como Expressão de Patrimônio Cultural Regional, publicado na modalidade e-Book pela Editora da Unifebe em 2018 (Brusque/SC).
- 5. Coautora do livro: Famílias de Origem Alemã no Estado de Santa Catarina, lançado em maio de 2017.
- 6. Publica desde 2017 no Anuário Notícias de Vicente Só (Sociedade Amigos de Brusque e de Apoio ao Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim /CASA DE BRUSQUE (Brusque/SC).
- 7. Participou dos Concursos e teve seus textos publicados nos livros: Histórias de Trabalho da Receita Federal do Brasil nas edições dos anos de 2014, 2015 e 2016.
- 8. Desde junho de 2015, publica no Jornal O Município, de Brusque. Conheça as publicações acessando o link: https://omunicipio.com.br/author/rosemari-glatz/.
- 9. Publica eventualmente nos jornais Guabiruba Zeitung, de Guabiruba (SC) e no Correio Catarinense, de São João Batista (SC).



Conta, para teus filhos e netos,
a tua história e dos teus antepassados.
E também a história do teu povo e da tua nação.
E eles serão melhores que tu.



No centro da foto (1) Daniel Julius Wilhelm Glatz e (2) Bertha Ottilia Ulrica Anderson, avós da autora, com seus filhos (as), genros, noras e netos (as), em sua casa no bairro Rio da Luz, Jaraguá do Sul (SC), no ano de 1956. Daniel é filho dos imigrantes Katarzyna Hoffmann e de Carl Wilhelm Glatz. Sua mãe (Katarzyna) nasceu em Gęsin, Zakrzewo, Aleksandrów Kujawski e emigrou por volta de 1890. Seu pai (Carl) nasceu em Luboszyce (em alemão: Liebesitz), Gubin e emigrou no final de 1864. Bertha é descendente da família Reinke, que emigrou de Konarzewo (em alemão: Kneiphof), Pomerânia, na década de 1870. Ao chegar no Brasil, todas as famílias fixaram residência em Pomerode (SC) e, desde 1945, as suas localidades de origem integram o território da Polônia.



Nossa Senhora de Częstochowa, padroeira da Polônia

Com narrativa didática e fidedignidade histórica, O VOO DA ÁGUIA apresenta a síntese histórica dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil, que começou por Brusque em 1869, concedendo à cidade o título de "Berço da Imigração Polonesa no Brasil", e ainda brinda o leitor com as experiências pessoais da autora na Polônia.

Ricamente ilustrada com gravuras, fotografias de época e atuais, a obra está estruturada em quatro partes que conciliam arte, cultura, história e contemporaneidades. Começa pela síntese cronológica da história da Polônia, explica o movimento emigratório da Polônia para o Brasil, e se aprofunda na colonização polaça em Santa Catarina onde, a título amostral, a autora destaca algumas cidades catarinenses que receberam influência de imigrantes poloneses e seus legados.

Uma parte especial é dedicada a Brusque e aos "tecelões de Łódź", que chegaram à região no final do século XIX, e contribuíram decisivamente para que a economia da cidade deixasse de ser calcada na agricultura para ser baseada na indústria. A síntese dos festejos brusquenses dos 150 anos de imigração polonesa no Brasil, comemorados em Brusque em agosto de 2019, recebeu um capítulo próprio.

Na última parte do livro, intitulada "Relatos e Retratos" a autora presenteia o leitor com as suas impressões pessoais sobre a Polônia. Merece destaque o capítulo em que, mesclando informações históricas e experiências da sua própria família, a autora compartilha suas percepções sobre o campo de concentração de Auschwitz, conduzindo à necessária reflexão sobre o tema. O VOO DA ÁGUIA finaliza de forma leve e bastante ilustrada, com dicas sobre como se comunicar, moeda, atrativos turísticos, e com informações atuais sobre as tradições da Páscoa e do Natal, religiosidade e arquitetura da Polônia.



Patrocinio















Projeto viabilizado por meio da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc (Lei nº 14.017/2020) no município de Brusque

